UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

CARMEN STARLING BERGAMINI GRIJÓ

RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO GRÁFICO:
uma análise à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST)

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2018

CARMEN STARLING BERGAMINI GRIJÓ

RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO GRÁFICO:
uma análise à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso

Linha de Pesquisa: Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Beatriz Nascimento Decat

BELO HORIZONTE

FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

2018

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

B493r

Bergamini, Carmen Starling.
Retextualização do gênero gráfico [manuscrito] : uma análise à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST) / Carmen Starling Bergamini Grijó. – 2018.
253 f., enc. : il., maps., grafs., tabs., p&b., color.

Orientadora: Maria Beatriz Nascimento Decat.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 228-235.

Inclui CD-ROM com anexos de textos utilizados na pesquisa.

1. Linguística textual – Teses. 2. Gêneros textuais – Teses. 3. Produção de textos – Teses . 4. Narrativa (Retórica) – Teses. 5. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 6. Multimodalidade – Teses. I. Decat, Maria Beatriz Nascimento. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

PosLin

FOLHA DE APROVAÇÃO

RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO GRÁFICO: uma análise à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST)

CARMEN STARLING BERGAMINI GRIJÓ

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Aprovada em 30 de novembro de 2018, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Beatriz Nascimento Decat - Orientadora
UFMG

Prof(a). Regina Lúcia Péret Dell'Isola Donardi
UFMG

Prof(a). Geovane Fernandes Caixeta
Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM

Prof(a). Jairo Venício Carvalhaes Oliveira
UniBH

Prof(a). Maria Rosalina de Fátima Ribeiro Correia
Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2018.

Dedicatória

Aos meus filhos, Jeder, Artur e Vitor, razão maior de minha existência, que impulsionam a minha trajetória estudantil.

Agradecimentos

A Deus, por me permitir superar tantos obstáculos e conseguir alcançar este tão sonhado objetivo.

À minha orientadora, Maria Beatriz Nascimento Decat, pela paciência, pelas sábias palavras e por fazer parte de minha vida. É uma honra tê-la como orientadora e tenho a convicção de que seus conselhos e ensinamentos me tornaram uma pessoa bem melhor.

Ao amado Joaquin Pereira Bergamini *(in memoriam),* meu mestre de todos os tempos.

Ao meu marido Jeder e aos meus filhos por entenderem minha ausência em vários momentos.

Agradeço também a todos os amigos que fiz durante esta jornada: Cláudia Barbosa Siqueira, Rosane Campos, Evane Betônico, Jairo Carvalhais, Ana Clara Gonçalves, Gustavo Ximenes, Danúbia Silva e Geovane Caixeta que muito contribuíram para a minha formação acadêmica e me proporcionaram vários momentos felizes. Um agradecimento especial para minha amiga Risolina Ribeiro pelo companheirismo e carinho.

Aos meus colegas de trabalho, Dilson Mauro Flourêncio Nunes, Paulo Roberto de Almeida e Patrícia Bueno, pelo apoio.

À minha mãe e família pelo apoio, à minha linda sobrinha Pâmela que me acompanhou desde o mestrado.

Manifesto, ainda, a minha gratidão a Eliana Amarante de Mendonça e a Regina Lúcia Péret Dell'Isola pelas valiosas contribuições durante o Exame de Qualificação.

Aos funcionários do POSLIN, pelo atendimento prestativo às minhas solicitações.

Resumo

Esta tese apresenta um estudo com o objetivo de investigar a ocorrência de relações retóricas que emergem entre as porções textuais, a fim de identificar a prototipicidade do gênero gráfico. A fundamentação teórica foi sustentada por correntes diversificadas. Primeiramente, pelos estudos funcionalistas, especificamente, pela Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory – RST*), proposta por Mann e Thompson (1988). Salienta-se que a RST, com foco na coerência, busca descrever a organização do texto, mediante a identificação das relações retóricas que emergem entre as porções textuais (*text spans*). O analista identifica as relações retóricas por meio do critério da plausibilidade, atribuindo uma função a cada porção de texto, de acordo com o que ele julgar ser mais plausível. A Linguística Textual também norteia este trabalho, especificamente no que se refere ao processo de textualidade e retextualização, de acordo com Dell'Isola (2007) e Marcuschi (1998). Vale ressaltar que o processo de retextualização foi aqui privilegiado como subsídio para a identificação da recorrência das relações retóricas, tanto no gráfico como na retextualização e das ocorrências das operações de Marcuschi (2007). Dada a complexidade de organização de um gráfico, foram selecionados, ainda, dentro da multimodalidade, os recursos semióticos defendidos por Kress e van Leeuwen (1998), buscando uma interface com a Teoria da Estrutura Retórica. Entretanto, foi priorizada a informação semântica contida no texto, identificada pela estrutura Dado/Novo, cuja disposição interfere na construção de sentido. O presente trabalho foi balizado pela hipótese de que o processo de retextualização favorece o entendimento do gênero gráfico, pois possibilita ao aluno a compreensão do gênero e a produção de um texto coerente. Além disso, conforme análises preliminares, percebe-se que o gráfico favorece a emergência das relações retóricas de elaboração, lista e sequência, o que caracteriza a prototipicidade do gênero. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi definido um *corpus* formado por 09 gráficos, denominados texto-base, com diferentes formas de representação, isto é, gráfico de barras, de linhas e de pirâmides, selecionados em coleções de livros didáticos de diferentes áreas do conhecimento, em avaliações escolares e ENEM, com imagens diversificadas, abordando temáticas variadas, como demografia e leitura. Fazem parte da constituição do *corpus* mais 23 textos retextualizados considerados, nesta tese, como texto-alvo. Constatou-se, nas análises dos gráficos e das retextualizações, que o gráfico apresenta uma recorrência de relações retóricas específicas, configurando-se, pois, na organização prototípica desse gênero textual.

Palavras-chave: Teoria da Estrutura Retórica; Relações Retóricas; Retextualização de Gráficos; Multimodalidade; Linguística Textual.

Abstract

This thesis presents a study which investigates the occurrence of rhetorical relations emerging among text spans, in order to identify the prototypicality of the charts genre. The theoretical framework is supported by diverse currents. First of all, by functionalist studies, specifically, the Rhetorical Structure Theory (*RST*), proposed by Mann and Thompson (1988). The RST focuses on coherence and aims at describing text organization, through the identification of the rhetorical relations which emerge among text spans. The analyst identifies the rhetorical relations guided by the criterion of plausibility, so that a function is attributed to each text span, according to what he or she judges to be most plausible. Text Linguistics also guides this work, specifically regarding the process of textuality and retextualization, according to Dell'Isola (2007) and Marcuschi (1998). The retextualization process was privileged in this research as an aid to identify the recurrence of rhetorical relations, both in the charts as in the retextualizations, and the occurrence of operations, as per Marcuschi (2007). Due to the complex organization of charts, we have selected, within Multimodality, the semiotic resources proposed by Kress and van Leeuwen (1998), seeking an interface with the Rhetorical Structure Theory. However, the semantic information contained in the text was prioritized. It was identified through the Given/New structure, whose distribution interferes with the construction of meaning. The present work is based on the hypothesis that the process of retextualization favors the understanding of the charts genre, since it enables student's understanding of the genre and production of a coherent text. Besides that, according to preliminary analysis, it was noted that charts favor the emergence of rhetorical relations of eleboration, list and sequence, which characterize the prototypicality of the genre. For this research, a *corpus* composed of nine charts, denominated source-text, was compiled. It included different forms of representation, that is, bar, line, and pyramid charts, selected from collections of textbooks from different areas of knowledge, school tests and the Brazilian national standardized test (*ENEM*), with diverse images, covering a variety of topics, such as demographics and reading. The *corpus* also included 23 retextualized texts considered, in this thesis, as target-text. It was found, in the analysis of the charts and retextualizations, that the charts present a recurrence of specific rhetorical relations, which characterize the prototypical organization of this text genre.

Key-words: Rhetorical Structure Theory; Rhetorical Relations; Retextualization of Charts; Multimodality; Text Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema da relação núcleo-satélite 28
Figura 2: Esquema da relação multinuclear 28
Figura 3: Um dos primeiros gráficos de barra (William Playfair) 38
Figura 4: Modelo de gráfico de barras simples, representando informações descontínuas 39
Figura 5: Modelo de gráfico de linha simples, representando informações contínuas..... 39
Figura 6: Modelo de gráfico de barras agrupadas, representando diferença de vendas entre lojas 40
Figura 7: Modelo de gráfico de barras empilhadas, representando o faturamento total 40
Figura 8: Modelo de gráfico representando os tipos de gêneros textuais utilizados em sala de aula 44
Figura 9: Modelo de gráfico representando o percentual de empréstimos para compra e construção de imóveis, em agosto (Unidades financiadas em milhares e em bilhões de reais 45
Figura 10: Modelo de gráfico representando a desigualdade salarial de gênero..... 45
Figura 11: As dimensões do espaço visual em formato de cruz..... 51
Figura 12: O que os brasileiros estão lendo..... 53
Figura 13: O que os brasileiros estão lendo..... 56
Figura 14: Segmentação do texto 68
Figura 15: Porções do texto..... 69
Figura 16: Definição das relações retóricas..... 70
Figura 17: Diagrama da relação retórica de condição 71
Figura 18: Diagrama arbóreo da estrutura retórica do Gráfico 2 77
Figura 19: Diagrama arbóreo da estrutura retórica da Produção R1 FAP - GPD 80
Figura 20: Diagrama arbóreo da estrutura retórica do Gráfico 9 84
Figura 21: Diagrama arbóreo da estrutura retórica da Produção R1 FAP - GTDC..... 88
Figura 22: Diagrama arbóreo da estrutura retórica do Gráfico 8 96
Figura 23: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R1 F1 - GTDC..... 100
Figura 24: Diagrama da estrutura retórica de R2 M2 - GTDC..... 107
Figura 25: Diagrama da estrutura retórica de R3 M3 - GTDC..... 112
Figura 26: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R4 F4 - GTDC..... 117
Figura 27: Diagrama da estrutura retórica do gráfico 6..... 125
Figura 28: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R1 M1- GPD 127
Figura 29: Diagrama da estrutura retórica de R2 M1 - GTDC..... 130

Figura 30: Diagrama arbóreo da estrutura retórica do Gráfico 7 135
Figura 31: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R3 M1 - GPD 138
Figura 32: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R4 M1 - GTDC 141
Figura 33: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R5 M1 - GPD 143
Figura 34: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R6 M1 - GTDC 146
Figura 35: Estrutura retórica do Gráfico 6 - R7 F2 - GPD 148
Figura 36: Diagrama da estrutura retórica de R8 F2 - GTDC 151
Figura 37: Diagrama da estrutura retórica de R9F2 - GPD 153
Figura 38: Diagrama da estrutura retórica de R10 F2 - GTDC 157
Figura 39: Diagrama da estrutura retórica de R11 F2 - GPD 160
Figura 40: Diagrama da estrutura retórica do R12 F2 - GTDC 164
Figura 41: Diagrama da estrutura retórica de R13 M3 - GPD 167
Figura 42: Diagrama da estrutura retórica de R14 M3 - GTDC 171
Figura 43: Diagrama da estrutura retórica de R15 M3 - GPD 174
Figura 44: Diagrama da estrutura retórica de R16 M3 - GTDC 178
Figura 45: Diagrama da estrutura retórica de R17 M3- GPD 182
Figura 46: Diagrama da estrutura retórica de R18 M3- GTDC 185

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Países mais populosos do mundo 62
Gráfico 2: Desempenho em matemática 62
Gráfico 2: Desempenho em matemática 76
Gráfico 3: Empréstimos para aquisição de imóvel 63
Gráfico 4: Climograma de Macau 63
Gráfico 5: Precipitação no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte 64
Gráfico 6: Principais causas de sucesso de uma empresa 64
Gráfico 6: Principais causas de sucesso de uma empresa 123
Gráfico 7: Pirâmides Etárias Absolutas 65
Gráfico 7: Pirâmides Etárias Absolutas 133
Gráfico 8: O que os brasileiros estão lendo 65
Gráfico 9: O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre 66
Gráfico 9: O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre 82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ocorrência das relações retóricas no Gráfico 2 78
Tabela 2: Ocorrência das relações retóricas na produção R1FAP - GPD 81
Tabela 3: Ocorrência das relações retóricas no Gráfico 9 85
Tabela 4: Ocorrência das relações retóricas na Produção R1F-AP - GTDC 89
Tabela 5: Ocorrência das relações retóricas no Gráfico 8 98
Tabela 6: Ocorrência das relações retóricas em R1 F1 - GTDC 101
Tabela 7: Ocorrência das relações retóricas em R2 M2 - GTDC 109
Tabela 8: Ocorrência das relações retóricas em R3 M3 - GTDC 113
Tabela 9: Ocorrência das relações retóricas em R4 F4 - GTDC 118
Tabela 10: Ocorrência das relações retóricas no Gráfico 6 126
Tabela 11: Ocorrência das relações retóricas em R1 M1- GPD 128
Tabela 12: Ocorrência das relações retóricas em R2 M1 - GTDC 132
Tabela 13: Ocorrência das relações retóricas no Gráfico 7 137
Tabela 14: Ocorrência das relações retóricas em R3 M1 - GPD 138
Tabela 15: Emergência das relações retóricas em R4 M1 - GTDC 142
Tabela 16: Ocorrência das relações retóricas em R5 M1 - GPD 144
Tabela 17: Ocorrência das relações retóricas em R6 M1 - GTDC 148
Tabela 18: Ocorrência das relações retóricas em R7 F2 - GPD 149
Tabela 19: Ocorrência das relações retóricas em R8 F2 - GTDC 152
Tabela 20: Ocorrência das relações retóricas em R9 F2 - GPD 153
Tabela 21: Ocorrência das relações retóricas em R10 F2 - GTDC 159
Tabela 22: Ocorrência das relações retóricas em R11 F2 - GPD 161
Tabela 23: Ocorrência das relações retóricas em R12 F2 - GTDC 166
Tabela 24: Ocorrência das relações retóricas em R13 M3 - GPD 168
Tabela 25: Ocorrência das relações retóricas em R14 M3 - GTDC 173
Tabela 26: Ocorrência das relações retóricas em R15 M3 - GPD 174
Tabela 27: Ocorrência das relações retóricas em R16 M3 - GTDC 181
Tabela 28: Ocorrência das relações retóricas em R17 M3 - GPD 182
Tabela 29: Ocorrência das relações retóricas em R18 M3 - GTDC 187
Tabela 30: Ocorrência das relações retóricas no *corpus* 187
Tabela 31: Ocorrência das operações de retextualização no *corpus* 216

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Modelo das operações textuais discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito 21
Quadro 2: Descrição da relação núcleo-satélite 29
Quadro 3: Descrição da relação multinuclear..... 29
Quadro 4: As relações retóricas: definição..... 30
Quadro 5: Mecanismos para leitura do gênero gráfico..... 46
Quadro 6: Procedimentos teórico-metodológicos – Resumo 60
Quadro 7: Gráficos (texto-base)..... 61
Quadro 8: Relações retóricas e operações de retextualização: convergências 218

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Análise Piloto
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBC	Conteúdos Básicos Comuns
EF	EF: Ensino Fundamental
EM	EM: Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GPD	Gênero Parágrafo Descritivo
GTDC	Gênero Texto de Divulgação Científica
LD	Livro Didático
OPM	Operações de Marcuschi
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
R	Retextualização
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
RST	Teoria da Estrutura Retórica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I **REFERENCIAL TEÓRICO** 13

1.1 Pressupostos básicos para a concepção de texto, textualidade e gênero 13

1.2 Retextualização: Atividade facilitadora do processo de sistematização do gênero textual 18

1.3 A construção de alguns critérios de identificação e conceituação do gênero textual 23

1.4 A Teoria da Estrutura Retórica 25

1.4.1 Unidades de informação: conceito e função 34

CAPÍTULO II **GÊNEROS ABORDADOS NESTE ESTUDO: UMA CLASSIFICAÇÃO SUCINTA DE SUAS ESPECIFICIDADES** 37

2.1 Considerações sobre o gênero gráfico 37

2.1.1 Abordagem do gráfico em diferentes meios de comunicação 42

2.1.2 Elementos mobilizadores essenciais para a compreensão do gráfico 46

2.2 O gênero parágrafo descritivo e gênero texto de divulgação científica: caracterização 47

2.3 Gênero gráfico e recursos multimodais: conceitos básicos implicados na noção de multimodalidade 50

CAPÍTULO III **METODOLOGIA** 58

3.1 Os procedimentos teórico-metodológicos 58

3.2 A constituição do corpus 61

3.3 A ferramenta RSTTOOL 67

CAPÍTULO IV **ANÁLISE DO *CORPUS*** 72

4.1 Primeira etapa: análise-piloto 76

4.1.1 Análise das atividades sem mediação do professor 76

4.1.1.1 Análise da produção R1 FAP - GPD 80

4.1.1.1.1 Análise pela RST 80

4.1.1.1.2 Análise das operações de retextualização 81

4.1.2 Análise das atividades com mediação do professor 86

4.1.2.1 Análise da produção R1 FAP - GTDC 86

4.1.2.1.1 Análise pela RST 87

4.1.2.1.2 Análise das operações de retextualização 89

4.2 Segunda etapa: análise propriamente dita 93
4.2.1 Primeiro momento: análise do Gráfico 8: O que os brasileiros estão lendo 93
4.2.1.1 Análise pela RST 94
4.2.1.2 Análise das retextualizações 98
4.2.1.2.1 Análise de R1 F1 – GTDC 98
4.2.1.2.1.1 Análise pela RST 99
4.2.1.2.1.2 Análise das retextualizações 101
4.2.1.2.2 Análise de R2 M2 – GTDC 105
4.2.1.2.2.1 Análise pela RST 105
4.2.1.2.2.2 Análise das operações de retextualizações 109
4.2.1.2.3 Análise de R3 M3 – GTDC 110
4.2.1.2.3.1 Análise pela RST 111
4.2.1.2.3.2 Análise das operações de retextualizações 113
4.2.1.2.4 Análise de R4 M4 – GTDC 116
4.2.1.2.4.1 Análise pela RST 116
4.2.1.2.4.2 Análise das operações de retextualizações..... 119
4.2.2 Segundo momento: análise do Gráfico 6,7, 8 e das produções dos alunos 123
4.2.2.1 Análise do gráfico 6 123
4.2.2.1.1 Análise de R1 M1 - GPD 126
4.2.2.1.2 Análise de R2 M2 - GTDC 128
4.2.2.2 Análise do gráfico 7 133
4.2.2.2.1 Análise de R3 M3 – GPD 137
4.2.2.2.2 Análise de R4 M1 – GTDC 139
4.2.2.3 Ainda as análise das retextualizações 142
4.2.2.3.1 Análise de R5 M1 – GPD 142
4.2.2.3.2 Análise de R6 M1 – GTDC 144
4.2.2.3.3 Análise de R7 F2 – GPD 148
4.2.2.3.4 Análise de R8 F2 – GTDC 149
4.2.2.3.5 Análise de R9 F2 – GPD 152
4.2.2.3.6 Análise de R10 F2 – GTDC 154
4.2.2.3.7 Análise de R11 F2 – GPD 159
4.2.2.3.8 Análise de R12 F2 – GTDC 161
4.2.2.3.9 Análise de R13 M3 – GPD 166

4.2.2.3.10 Análise de R14 M3 – GTDC 168
4.2.2.3.11 Análise de R15 M3 – GPD 173
4.2.2.3.12 Análise de R16 M3 – GTDC 175
4.2.2.3.13 Análise de R17 M3 – GPD 181
4.2.2.3.14 Análise de R18 M3 – GTDC 183
4.2.2.4 Síntese da análise pela RST 187
4.2.2.5 Análise das operações de retextualizações, em texto de GPD e GTDC produzidos pelos alunos 188
4.2.2.5.1 Análise de R1 M1 - GPD 188
4.2.2.5.2 Análise de R2 M1 - GTDC 189
4.2.2.5.3 Análise de R3 M1 - GPD 191
4.2.2.5.4 Análise de R4 M1 - GTDC 192
4.2.2.5.5 Análise de R5 M1 - GPD 194
4.2.2.5.6 Análise de R6 M2 – GTDC 194
4.2.2.5.7 Análise de R7 F2 – GPD 197
4.2.2.5.8 Análise de R8 F2 – GTDC 198
4.2.2.5.9 Análise de R9 F2 – GPD 200
4.2.2.5.10 Análise de R10 F2 – GTDC 200
4.2.2.5.11 Análise de R11 F2 – GPD 203
4.2.2.5.12 Análise de R12 F2 – GTDC 203
4.2.2.5.13 Análise de R13 M3 – GPD 205
4.2.2.5.14 Análise de R14 M3 – GTDC 206
4.2.2.5.15 Análise de R15 M3 – GPD 209
4.2.2.5.16 Análise de R16 M3 – GTDC 209
4.2.2.5.17 Análise de R17 M3 – GPD 213
4.2.2.5.18 Análise de R18 M3 – GTDC 213
4.2.2.6 Síntese da análise das operações de retextualização 216
4.3 Uma proposta de interface da Teoria da Estrutura Retórica com o processo de Retextualização 217
CONSIDERAÇÕES FINAIS 220
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 228
ANEXOS (CD) 236

INTRODUÇÃO

Esta tese propõe um estudo que visa a identificação da prototipicidade do gênero gráfico através da emergência das relações retóricas entre as porções textuais contribuindo, assim, para o estabelecimento da coerência textual e para a melhoria da interpretação desse gênero. Nesse sentido, o processo de retextualização e os recursos semióticos foram utilizados como instrumentos essenciais para a produção e interpretação de texto no âmbito escolar e consequentemente fora dele, propondo-se alternativas ou diretrizes que conduzam à eliminação de alguns problemas apresentados em avaliações feitas pelos alunos. Tornou-se comum a lamentação sobre as deficiências que os alunos manifestam na compreensão oral e escrita da língua portuguesa, por parte dos pesquisadores, professores e até mesmo dos alunos. Nesse contexto, situa-se o elevado insucesso nas avaliações que envolvem gráficos apontando, dessa forma, para dificuldades dos alunos na sua interpretação e análise.

Primeiramente, foi desenvolvida uma análise-piloto com alunos e professores para a identificação de relações retóricas que emergiram entre as porções que constituíram dois gráficos diferentes, bem como nas descrições deles.

Numa tentativa de contribuir para a identificação da recorrência das relações retóricas, após a análise piloto, implementamos, durante 06 semanas (perfazendo um total de 18h/a), uma sequência metodológica, descrita no Capítulo 1, composta de atividades que envolveram análise e interpretação de gráficos no âmbito escolar, e norteada pelos princípios da Teoria da Estrutura Retórica (RST), da Multimodalidade e da Linguística textual, mais especificamente, ao que se refere ao conceito de texto, gênero textual e retextualização. O desenvolvimento deste trabalho envolveu 10 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e 16 alunos do 1º ano do Ensino Médio. Tal proposta colocou o aluno como protagonista do processo de análise e produção de texto e o professor como mediador, assumindo um papel de facilitador do processo de conhecimento.

Essa investigação foi realizada em duas escolas, localizadas no interior de Minas Gerais, uma da rede pública, localizada no município de João Monlevade- MG, e outra da rede particular de ensino, localizada no município de Nova Era, a 38 Km de João Monlevade. O objetivo da seleção dessas escolas se deu pelo fato de ser o ambiente de trabalho dos professores envolvidos nesta pesquisa. As atividades para composição do *corpus* foram desenvolvidas em sala de aula, compostas por gráficos, modelos do gênero texto de divulgação científica, *power point*, e material xerografado para a elaboração dos textos. Assim sendo, as atividades abordadas foram exploradas e orientadas através de questões elencadas e

discutidas em sala de aula que envolviam a identificação do gênero, o propósito comunicativo, elementos que o constituem, público-alvo.

Vale ressaltar que o propósito primordial desta tese foi a investigação da prototipicidade do gênero gráfico, utilizando para isso os postulados da RST, concatenados à Linguística Textual que sustentaram as análises para atingirmos nosso objetivo.

Destacamos que há trabalhos voltados para a interpretação de gráficos focando outros objetivos como, por exemplo, a interpretação de gráficos para estudos estatísticos, constatados em pesquisas realizadas por Campus, Carvalho e Monteiro (2010). Eles evidenciam a necessidade de abordagens pedagógicas mais efetivas para o ensino e aprendizagem de gráficos, uma vez que o reconhecimento da importância deste tópico, nos currículos escolares de vários níveis de ensino, pressupõe e exige um melhor aprofundamento dos diversos processos envolvidos na interpretação desse gênero. Interessa-nos, portanto, abordar as concepções atribuídas ao gráfico como um gênero textual muito utilizado no processo de ensino-aprendizagem, na sociedade contemporânea com objetivos diversos, sendo utilizado para destacar as mais variadas informações, atingindo uma parcela significativa da mídia, do ambiente escolar, tornando assim, um importante recurso para apresentar, realçar, resumir ou disfarçar uma informação.

Este trabalho norteia-se pelos enfoques teóricos da Linguística Textual, especificamente no que se refere ao processo de textualidade e retextualização, de acordo com Dell'Isola (2007) e Marcuschi (1998), por princípios da Multimodalidade no que diz respeito aos recursos semióticos, baseados nos pressupostos de Kress e van Leeuwen (1998), buscando uma interface com a Teoria da Estrutura Retórica (RST), tal como desenvolvida por Mann & Thompson (1988).

A partir de pressupostos advindos da Linguística Textual e da Teoria da Estrutura Retórica (RST), investigamos o (re) conhecimento das relações retóricas emergidas entre as porções textuais, utilizando o gênero gráfico (texto-base), tendo como parâmetro uma investigação realizada por meio do processo de retextualização (texto-alvo), e de que forma essas relações estabelecem sentido ao texto, verificando se a situação em uso, ou seja, se as relações materializadas no texto-base são prototípicas do gênero.

Para alcançar esse objetivo, considerou-se necessário relacionar o estudo das atividades de textualização e retextualização à investigação do processo de atualização dos gêneros textuais como forma de aprimorar a qualidade da escrita dos alunos, bem como o domínio e conhecimento dos gêneros.

Por percebermos a insuficiência de estudos sobre o gráfico como gênero multimodal nos conteúdos escolares, despertou-nos o interesse por utilizá-lo como objeto de estudo ou ponto de partida para este trabalho. Nota-se a presença constante de imagens do gênero em questão na mídia televisiva, computacional, impressa, nas avaliações escolares e nos livros didáticos. Dessa forma, observamos a pertinência de analisar a prototipicidade do gênero gráfico, dada a sua complexidade de estruturação e por apresentar vários recursos semióticos. Além dos aspectos multimodais do gênero gráfico, a ocorrência das relações retóricas é um recurso extremamente importante para a evidência de informações contidas no texto, contribuindo, assim, para o estabelecimento da coerência textual.

A nova realidade social, consequência do processo de industrialização e da universalização da educação básica, no Brasil, é responsável pela necessidade de mudanças no ensino da língua portuguesa. Nas últimas décadas, vimos a expansão dos meios midiáticos, a ampliação da utilização da escrita e o ingresso de um número crescente de alunos de classes populares no ensino regular. Tudo isso corrobora para o surgimento de novas demandas e necessidades no ensino da língua, tornando limitado o modelo tradicional que privilegia aspectos gramaticais em detrimento da construção de sentidos.

Hoje, o grande problema, nas aulas de Língua Portuguesa, ainda é a escassez de atividades que contribuam para que o aluno faça o uso crítico da língua, tornando-o mais participativo e atuante na sociedade. Acreditamos que a forma mais expressiva dessa participação ocorrer é pela comunicação, que se dá essencialmente através de atividades que focalizam a interlocução, seja ela oral ou escrita. As atividades desenvolvidas, na escola, necessitam contribuir para ampliar as capacidades de compreensão e comunicação, desenvolvendo a competência discursiva do aluno.

Desse modo, urge um ensino pautado no pensar, que ofereça condições ao aluno de expressar com desenvoltura, clareza, coerência, criatividade, adequação e, sobretudo, criticidade nas diversas situações sociais em que se faz uso da língua. Nesse sentido, a BNCC (2011, p. 65) sinaliza que o ensino de Língua Portuguesa "centraliza o **texto** como unidade de trabalho...", o que nos remete aos dizeres de GRIJÓ (2011, p. 24), ao elucidar que

> A escolha do texto como unidade fundamental para o ensino de língua Portuguesa, tendo em vista uma concepção de linguagem como lugar de interação, deve utilizar-se do texto não como um simples instrumento de comunicação, mas uma oportunidade para que o aluno se aproprie dos diferentes tipos de discurso, gêneros e tipos de textos, levando-o à ampliação de sua competência leitora e escritora, podendo interagir mais nas práticas sociais, sendo capaz de realizar suas próprias escolhas de acordo com as situações exigidas.

Na mesma direção a BNCC (2011, p. 65) reitera que as

> ... práticas de linguagem, discurso e gêneros discursivos/gêneros textuais, esferas/campos de circulação dos discursos –, considera as práticas contemporâneas de linguagem (...). Na esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/ uso da linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas. (BNCC, 2011, p. 65).

Nessa perspectiva, torna-se fundamental o trabalho com os gêneros textuais, que devem constituir o objeto de ensino da língua.

Assim, neste estudo, pretendeu-se refletir sobre a língua, linguagem e gêneros textuais, vinculados ao processo da retextualização. Entende-se que, para um ensino efetivo de gêneros textuais, é insuficiente o mero reconhecimento de suas características composicionais, comprovando-as num e noutros textos. Eles devem ser considerados como atividades de produção, recepção e circulação do discurso, portanto como um fenômeno social, existindo em determinada situação comunicativa e sócio-histórica.

As questões instigadoras que me conduziram à realização desta pesquisa estão diretamente relacionadas à minha prática pedagógica e foram definidas como:

a) É suficiente dizer aos alunos que o sucesso da escrita depende exclusivamente da sua prática leitora?
b) Como orientá-los na busca de soluções para os problemas apresentados na escrita e interpretação de textos?
c) Conhecer as estruturas textuais já garante uma boa produção?
d) O instrumento de retextualização possibilitará uma interpretação do gênero gráfico?
e) As relações retóricas emergidas no gênero gráfico se mantêm no processo de retextualização?
f) Seriam essas relações prototípicas do gênero gráfico?
g) A identificação dos aspectos multimodais favorece a compreensão do gênero gráfico?

Como já mencionado, este trabalho estabelece uma interface entre o enfoque teórico da Linguística Textual (gêneros textuais, textualidade e retextualização) e a Teoria da

Estrutura Retórica (RST). Embora essas teorias tenham raízes distintas, elas se complementam, pois ambas nos permitem analisar os textos considerando aspectos pragmáticos. Ademais, a pragmática relaciona-se às nossas ações linguísticas cotidianas, orientadas por um conjunto de fatores que atuam no contexto situacional, levando em consideração o produtor, o interlocutor, bem como o propósito do texto e qual gênero utilizar para que atinja o objetivo da produção.

De acordo com nossas necessidades de interação verbal, fazemos usos dos gêneros textuais que nos foram transmitidos sócio-historicamente e também os transformamos, criamos outros, dependendo de nossas necessidades comunicativas e das interações do momento da construção de saberes, ou seja, observando como os enunciados comunicam significados num contexto em que foram usados.

A intenção foi associar teoria e prática, valorizando o trabalho com os gêneros textuais no contexto escolar e, dessa forma, romper com o hiato existente entre a pesquisa científica e a sala de aula. Por essa razão, propõe-se o estudo da retextualização como escolha metodológica bastante adequada para o ensino do gênero textual gráfico na escola.

Este trabalho visa a interação com as disciplinas Português, Geografia e Matemática, ou seja, a interdisciplinaridade, no sentido de oferecer subsídios para a compreensão de gráficos - gênero de suma importância na visualização e análise de informações - reconhecendo as suas especificidades e intencionalidades. O estudo desse gênero nas escolas pode auxiliar os estudantes a se ascenderem socialmente, pois a sociedade, hoje, exige do indivíduo o conhecimento de uma vasta quantidade de gêneros discursivos.

Os dados apresentados em pesquisas como as realizadas por Araújo e Luzio (2005), Silva (2011), apontam um baixo rendimento em matemática por parte dos alunos brasileiros. Os relatórios do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) — *Programme for International Student Assessment* — (PISA), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e das avaliações do ENEM dos anos de 2009 a 2016, apontaram que estudantes brasileiros atingiram melhor desempenho com textos representativos de situação pessoal (e-mails, mensagens instantâneas, *blogues*, cartas pessoais, textos literários e textos informativos) e desempenho inferior ao lidar com textos de situação pública (textos e documentos oficiais, notas públicas e notícias).

Itens com textos contínuos foram mais fáceis para os estudantes brasileiros. Esses textos são definidos por sua organização em orações e parágrafos, típicos de textos

argumentativos, contos e romance, por exemplo. Na sequência das análises realizadas pelos órgãos governamentais são retratados os Itens com textos em formato combinado, que foram considerados mais difíceis para os estudantes. O formato de texto combinado caracteriza-se pela junção de parágrafos em prosa e listas, gráficos, tabelas ou diagramas. Itens que envolveram localização e recuperação de informação foram mais fáceis para os estudantes brasileiros, enquanto aqueles que envolveram integração e interpretação foram mais difíceis.

A análise das questões constantes nas avaliações do PISA, SAEB e ENEM comprovam que os alunos apresentam muitas dificuldades na interpretação e análise de gráficos. A leitura que fazem, em muitos casos, é parcial, uma vez que vários focam apenas num ou noutro aspecto, não conseguindo desenvolver habilidades mais complexas, como comparar dados ou fazer uma leitura global do texto.

Além de abordar o panorama da educação brasileira sob o foco do PISA, o relatório descreve as principais diferenças metodológicas e estruturantes entre esse programa e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Propõe uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças entre seus marcos referenciais e apresenta, ainda, um estudo da correlação entre os resultados recentes das duas avaliações. Entender as particularidades de cada uma delas, seus fundamentos, métodos e resultados é fundamental para melhor uso das informações pelos atores educacionais, bem como pelos gestores e pesquisadores da educação. E como boa parte da pesquisa feita pelo PISA parte do ensino médio (quase 80%), significa que um número considerável de jovens foi avaliado e que, claramente, o desempenho do ensino médio em matemática, ciências e leitura foi muito baixo.

Os instrumentos do PISA (testes e questionários) propiciaram três principais tipos de resultados: um perfil básico de conhecimentos e habilidades dos estudantes, como tais habilidades são relacionadas a variáveis demográficas, sociais, econômicas e educacionais, além das tendências que acompanham o desempenho dos estudantes e monitoram os sistemas educacionais ao longo do tempo.

Em termos reais, o desempenho em língua portuguesa teve um determinado avanço, mas em outras disciplinas até retrocedeu, como é o caso específico de matemática. A apresentação desses dados nos permite observar que a realidade educacional que nos cerca exige cada vez mais um conhecimento amplo dos usos que se fazem das linguagens nas diversas práticas sociais. Dessa forma, o domínio da escrita e compreensão de textos que circulam em variadas esferas comunicativas é essencial para o indivíduo se estabelecer socialmente, evitando assim que sua participação numa sociedade que requer dele tantas informações atualizadas não seja limitada. Além disso, conhecer esses instrumentos

avaliativos do processo educacional de um país, nos leva a aquisição de novas informações e a perceber a emergência de políticas públicas que direcionem a melhoria do quadro atual e, consequentemente, refletir sobre a nossa prática educacional.

Esses dados são representados também por meio de gráficos, o que podemos perceber abaixo é a recorrente utilização desse gênero nos mais diversificados meios de comunicação. Os gráficos[1] mostram os desempenhos dos alunos brasileiros em matemática, leitura e ciências em três critérios: série história, comparação entre Estados e entre as redes públicas e privadas. Ressaltamos que só foram numerados os gráficos selecionados para a análise trazida no Capítulo IV desta tese.

A)



Nível de aprendizagem por Estado

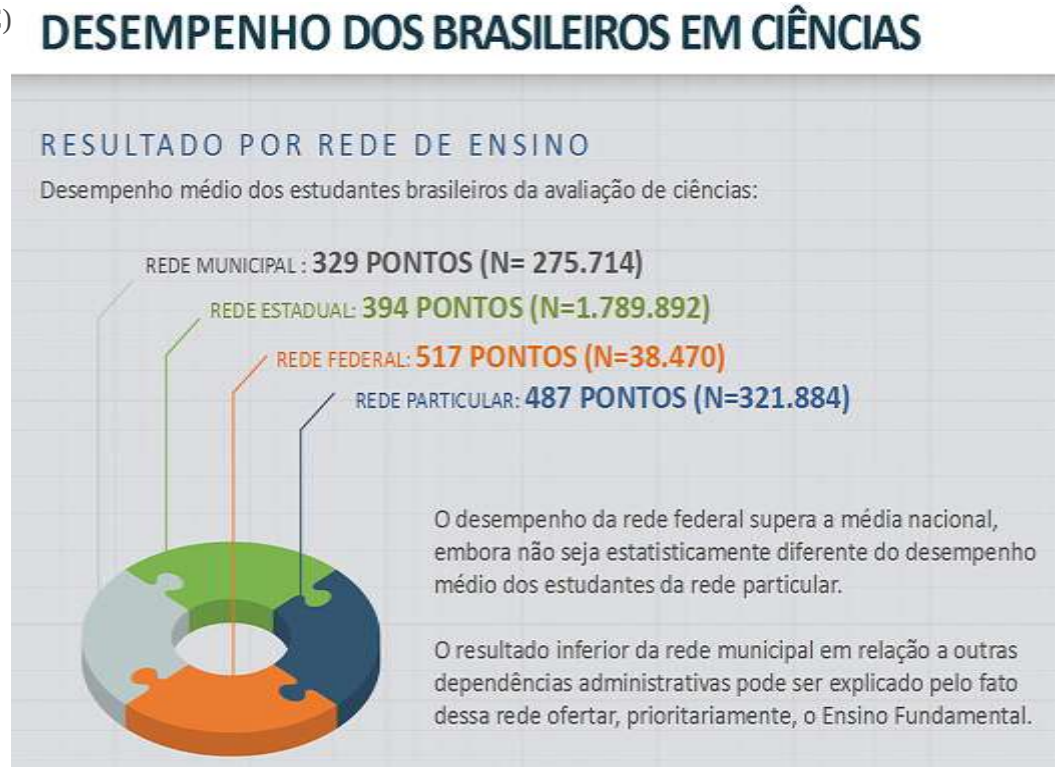
[1]Nos gráficos é possível ver os dados detalhados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) de 2015, divulgado em 6 de dezembro, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

B)



Histórico de Matemática

C)



Comparação entre as redes públicas e privadas

De qualquer maneira, é consensual a necessidade de desenvolver as competências necessárias para a aquisição de habilidades para melhorar o desempenho dos alunos em análises desse gênero, muito utilizado nas disciplinas de Geografia, Matemática, dentre outras. Porém, a prática pedagógica desenvolvida pelos professores dessas áreas não apresenta uma percepção do gráfico como um gênero textual, ainda não percebem a necessidade de ensinar aos alunos, através de atividades eficazes, a fazer uma

melhor leitura dos gráficos, através da qual sejam considerados primeiramente os aspectos globais para que, a partir deles, parta-se para a análise das particularidades, considerando-se, então, assunto, título, legendas, cores, fonte, conhecimento prévio a respeito do assunto, dentre outras.

Antunes (2010, p.29) é categórica ao dizer que

> o primeiro interesse, na análise de textos, deve estar orientado para a apresentação de seus aspectos globais, ou seja, para o entendimento do texto como um todo, daquilo que o perpassa por inteiro e que confere sentido às suas partes e a seus segmentos constitutivos.

Portanto, é necessário considerar o texto como produto estratégico, uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação Koch (2002). Nesse aspecto, dizer que o processamento textual é estratégico significa que os leitores e produtores de texto, diante de um texto, realizam simultaneamente várias etapas interpretativas, com fins orientados, efetivados, eficientes para construção de hipóteses de interpretação.

Koch (2002) afirma que, para o processamento textual, recorremos a três grandes sistemas de conhecimento: linguístico, enciclopédico e interacional. As atividades desenvolvidas com o texto visam a diferentes objetivos, entre eles a exploração interdisciplinar do gênero, no nível temático ou interdiscursivo, a comparação de diferentes tratamentos atribuídos a um mesmo gênero em disciplinas diferentes, a identificação de diferentes propósitos comunicativos e a comparação entre aspectos intimamente relacionados nos conteúdos ministrados nas disciplinas em questão. Partimos do princípio de que ensinar os conteúdos isolados não representam uma atual concepção de aquisição de conhecimentos. Para isso, as atividades envolveram a participação dos professores de Língua Portuguesa, Geografia, Matemática e seus respectivos conteúdos.

O ponto de partida foram os gráficos mais simples e, gradativamente, utilizamos uns mais complexos. O trabalho do professor de Língua Portuguesa, aliado ao dos professores de Geografia e Matemática, visa, através dos conhecimentos linguísticos mais elaborados, possibilitar aos alunos desenvolverem habilidades que garantirão maior compreensão do gênero gráfico, uma vez que esse está presente em várias atividades acadêmicas, midiáticas e profissionais.

Numa perspectiva de contextualizar o papel que a linguagem exerce na sociedade contemporânea, é preciso que a escola trabalhe uma linguagem viva, atuante, que é essencialmente textual. Bronckart (1994) entende a apropriação dos gêneros como um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas

humanas. Nessa perspectiva, o autor aponta para o fato de que não faz mais sentido a prática, nas escolas, de forma simplificada do estudo da língua “à palavra solta” e “à frase isolada”.

Os PCN (1988, p. 18) também criticam essa fragmentação do ensino da língua ao afirmarem que “o ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos linguísticos em frases soltas” constitui uma prática de ensino tradicional.

Nesse sentido, os Conteúdos Básicos Comuns - (CBC) apontam o texto como objeto de estudo da disciplina:

> A seleção dos conteúdos da disciplina Língua Portuguesa se traduz em critérios de seleção de textos, de práticas pedagógicas de leitura e produção de textos, e de recursos linguísticos que deverão ser objeto de reflexão e estudo sistemático, a cada etapa de ensino.

Em relação ao texto, ainda se ensina muito pouco. É comum ouvir, em conversas com colegas de área, comentários a respeito de o trabalho com gêneros ser muito complicado, que os alunos têm dificuldades porque não dominam bem, que estas dificuldades estão relacionadas à falta de leitura, que ensinar gramática é mais fácil. Muitos professores não conseguem criar situações/dinâmicas que aprofundem a análise de gêneros com seus alunos. Por isso, as análises de texto são feitas superficialmente.

Os professores devem criar situações em sala de aula que possibilitem aos alunos a apropriação dessa diversidade, logo, o trabalho não pode estar limitado ao que os livros didáticos trazem, nem ao que oferecem como atividades. Devem-se promover atividades em que os alunos leiam textos nos respectivos suportes em que foram publicados.

Observa-se que os alunos, ao lidarem com diversos gêneros, fazem esse uso, mecanicamente, para cumprir tarefa, sem se preocuparem realmente com a diversidade da linguagem utilizada, sem se darem conta do propósito comunicativo, das relações intertextuais, do contexto de produção e de muitos outros fatores de suma importância na busca da construção de sentido. Portanto, são incapazes de compreender por que fazem tais atividades. Além disso, não estabelecem relações entre leitura de diversos gêneros textuais com a vida cotidiana.

A habilidade de interpretar gráficos não é adquirida pela maioria dos alunos, visto que não é feito um estudo sistemático e organizado do gênero na escola. Por isso, os alunos fazem a leitura focada em pontos isolados, não conseguem comparar dados, não observam a legenda, não fazem conversões e apresentam maiores dificuldades quando o assunto não lhes é familiar.

Não tivemos, naturalmente, pretensão de resolver os problemas complexos que a

intervenção educativa apresenta no dia a dia, no tocante à interpretação de gráficos, mas sim, apontar um caminho possível para entender o processo de construção de um gênero diferenciado. O desenvolvimento dessa habilidade levará o aluno a entender os gêneros propostos, os enunciados das questões de provas e as leituras de textos midiáticos.

O *corpus* foi constituído de 09 gráficos, sendo 04 de questões de livros didáticos e 05 de questões de prova a que os alunos dessa pesquisa se submeteram nas respectivas escolas citadas e 23 retextualizações desses gráficos em textos de divulgação científica.

Assim sendo, as atividades abordadas foram exploradas e orientadas através de questões surgidas e discutidas em sala de aula que envolviam a identificação do gênero, o propósito comunicativo, elementos que o constituem, público-alvo.

Pretendemos mostrar, neste trabalho, além da identificação da prototipiciade do gênero gráfico, que os alunos podem melhorar o desempenho na leitura de gráficos através do processo de retextualização. Essa escolha justifica-se por entender que se trata de um gênero de ampla circulação, tanto a nível escolar quanto fora dele.

Atualmente, inúmeros autores têm pesquisado sobre a retextualização e são categóricos ao afirmar que ela constitui um ótimo recurso didático/linguístico para se trabalhar com gêneros textuais.

A tarefa de retextualizar, portanto, constitui oportunidade de revisar e aplicar conhecimentos adquiridos ao longo da experiência linguística do estudante. Dessa forma, prepara o indivíduo para "ler como escritor" e, assim, torna-o capaz de fazer a autocorreção e a consequente refacção de seu texto. Mas não se pode confundir retextualização com transcrição, visto que a primeira exige operações bem complexas, tais como: reflexão sobre a língua, conhecimento sobre as características próprias do texto a ser produzido, adequação linguística, prática da "gramática do texto" e pertinência à proposta inicial. Conforme orientam os PCN:

> um dos aspectos fundamentais da prática de análise linguística é a refacção dos textos produzidos pelos alunos. Tomando como ponto de partida o texto produzido pelo aluno, o professor pode trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos textuais como também os aspectos gramaticais que possam instrumentalizar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua (BRASIL, 1998, p. 78-79).

O presente trabalho foi balizado por duas hipóteses. Primeiramente aponta para o fato de que o gênero gráfico favorece a emergência das relações retóricas de elaboração, lista, sequência. A emergência dessas relações retóricas se justifica pelo fato de a relação de elaboração se caracterizar pela apresentação de dados adicionados sobre o elemento do

núcleo, de forma que essa ação se processa mediante relações de lista e de sequência. Segundo, estabelece que o processo de retextualização favorece o entendimento do gênero gráfico, pois possibilita ao aluno a compreensão do gênero e a produção de um texto coerente.

O objetivo geral que nos orientou foi identificar a organização textual do gênero gráfico, à luz da Teoria da Estrutura Retórica, com foco na macroestrutura.

Quanto aos objetivos específicos, este trabalho aspirou a:

a) Identificar a estrutura retórica do gênero gráfico e a das retextualizações dos alunos para fins de verificação das relações retóricas que nelas emergem;

a) Investigar os processos envolvidos na retextualização dos gráficos, como as operações de Marcuschi e as relações da RST;
b) Averiguar em que grau é mantido, a partir do texto-base, o conteúdo nos gêneros retextualizados;
c) Identificar e analisar as diferentes marcas linguísticas usadas no estabelecimento da coerência pragmática, isto é, da coerência entre o texto-base e o gênero retextualizado;
d) Verificar a compreensão dos gráficos por parte dos alunos, tomando como ponto de partida a retextualização dos mesmos;
e) Identificar, nos gráficos, aspectos da multimodalidade que contribuem para a compreensão do gênero gráfico.

A presente tese é constituída de 04 capítulos: O Capítulo I, além desta Introdução, apresenta o referencial teórico no qual se baseia esta pesquisa; o Capítulo II aborda os gêneros elencados para o estudo; o Capítulo III procedimentos teórico-metodológicos, da Constituição do *corpus* e apresenta uma abordagem sobre os aspectos que envolveram o processo de apresentação do trabalho ao Comitê de Ética e Pesquisa – COEP/UFMG e da Ferramenta RST Tool; o Capítulo 4 contempla a análise dos dados, com resultados obtidos e a interface entre as teorias referenciais instituídas nesta tese. Após os capítulos, encontram-se as Considerações Finais e os Anexos.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo discutimos o referencial teórico que orientou a nossa pesquisa. Dessa forma, tecemos considerações sobre o texto, a textualidade e o gênero.

1.1 Pressupostos básicos para a concepção de texto, textualidade e gênero

O conhecimento e o domínio de diferentes tipos de textos e gêneros textuais, na contemporaneidade, deixou de ser uma necessidade meramente linguística e passou a ser essencial para que o cidadão amplie sua capacidade de compreender a realidade em que está inserido, apontando-lhe, cada vez mais, caminhos consistentes de atuação social.

No plano do ensino-aprendizagem torna-se importante ressaltar que a compreensão do que seja gênero textual e sua função na sociedade é fundamental para que o aluno tenha uma progressão na escrita. Entretanto, faz-se necessária, primeiramente, uma abordagem sobre o conceito de texto.

Adotando a concepção de Koch (2006), a interação pela linguagem materializa-se em textos orais ou escritos. Por isso, um ensino de Língua Portuguesa que vise ao aperfeiçoamento da prática social da interação linguística, através do desenvolvimento das habilidades do aluno (falar, ouvir, escrever e ler) em diferentes situações discursivas, apresenta como unidade básica o texto.

Dessa forma, as atividades de interpretação e produção de textual devem contemplar momentos de reflexão nos quais os usos dos recursos linguísticos, na construção de textos, estejam relacionados aos efeitos de sentido, provocados por esse uso, assim como as regularidades gramaticais presentes neles. Uma condição primordial para possibilitar ao aluno a reflexão acerca da interpretação e produção textual é levá-lo a analisar os aspectos da linguagem em sua materialização linguística, ou seja, nos textos.

Segundo as orientações apresentadas pela BNCC (2011), todo professor, independentemente da sua área de formação, deve ter o texto como instrumento de trabalho, de forma que ele ocupe lugar de destaque no ambiente escolar, levando o aluno à aquisição de uma melhor autonomia no processo de aprendizado da língua oral e escrita.

Nessa perspectiva, cabe a nós oportunizarmos ao aluno um conhecimento adequado da concepção do texto como produto da interação para que ele possa sentir-se sujeito na construção da aprendizagem. Mas, para isso, o texto deve ser o foco do ensino, como cita Geraldi (1996, p. 71), “centrar o ensino no texto é ocupar-se e preocupar-se com o uso da

língua".

Contudo, como aponta Marcuschi (1998), é essencial ter presente, na construção de qualquer texto, o princípio da interatividade, a relação clara entre um eu e um tu. Esclarece o autor que nem todos os gêneros textuais apresentam marcas de interatividade na mesma intensidade e com evidências tão claras.

Isso significa que o texto se constrói relacionando e estabelecendo significados de acordo com determinados contextos, ligados, ainda, ao conhecimento de mundo que possuímos. É pelo entendimento do que é um texto e nossa prática de produção de textos que é possível aperfeiçoar nosso desempenho linguístico e desenvolver essa habilidade nos nossos alunos.

Os conceitos de texto, textualidade e gêneros textuais enfocados nessa pesquisa devem ser entendidos como classificações que por si só não se sustentam, mas, se analisadas juntas, nos esclarecem sobre a relação dos mecanismos textuais e que todas elas se correlacionam.

Nesse sentido, para produzir e compreender textos não basta dominar o código (a língua) e sim relacionar a condição de produção, reconhecendo e desenvolvendo a nossa competência sociocomunicativa, como cita Koch (2001, p. 9):

> ... se você pensar o texto como lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como um evento, portanto, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (Beaugrande, 1997), ações por meio das quais se constroem interativamente os objetos-de-discurso e as múltiplas propostas de sentidos, como função de escolhas operadas pelos coenunciadores entre as inumeráveis possibilidades de organização textual que cada língua lhes oferece... Então você compreenderá que o texto é um construto histórico e social.

É de suma importância refletir sobre o uso da língua, tendo como base os estudos linguísticos e, por outro lado, direcionar as atividades propostas, permitindo ao aluno construir conceitos em relação aos elementos formadores e estruturais da língua, partindo sempre de um texto.

Concomitantemente à noção de texto, encontra-se o gênero textual favorecendo a percepção de que, no uso das linguagens, a produção de sentidos é sempre contextualizada e relacionada a situações especificas, levando o sujeito a perceber a dimensão social da linguagem e dos textos produzidos.

Além disso, é importante que o professor reconheça e leve o aluno a perceber que há, num mesmo gênero textual, aspectos variáveis. Gênero textual é aqui entendido como uma unidade sociodiscursiva, profundamente vinculado à vida cultural e social.

A terminologia utilizada na conceituação de gêneros apresenta algumas variações, tais como: “gêneros discursivos”, “gêneros do discurso”, “gêneros textuais”, “gêneros de texto”. Assim, para efeito deste estudo, há de se considerar, como muitos autores, indistintamente, os termos gênero textual e gênero discursivo, ambos se referindo a tipos de enunciados relativamente estáveis, que estão vinculados a situações de comunicação social. Nesse sentido, a célebre definição de Bakhtin (1997 [1979]) para gêneros discursivos é também válida para gêneros textuais. Os gêneros e as produções de linguagens são diversos e definidos como relativamente estáveis. Nessa perspectiva cabe destacar os dizeres de Bakhtin (1997, p.207), ao propor que

> Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...) A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Em outras palavras, os gêneros textuais são formas verbais de ação social, relativamente estáveis, realizados em textos situados em comunidades de práticas sociais típicas e em domínios discursivos específicos.

Com frequência, o gênero é altamente estruturado e convencionalizado com restrições acerca das contribuições permitidas em termos de seus propósitos, conteúdos, formas e valor funcional.

Bazerman, em seus diversos trabalhos, focaliza a organização social e as relações de poder que os gêneros encapsulam e define gêneros como “fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades organizadas” (BAZERMAN, 2005, p. 32). Além disso, Bazerman (2005, p. 23) defende que os gêneros “não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modo de ser. São *frames* para a ação social”. Sua reflexão, portanto, aponta que o gênero é um componente da ação social da relação estabelecida entre indivíduos situados em dada cultura e instituições. O autor postula que “nós criamos os nossos textos a partir do oceano de textos anteriores que estão à nossa volta e do oceano de linguagem em que vivemos. E compreendemos os textos dos outros dentro desse nosso oceano”. (BAZERMAN, 2005, p.23)

Para ele, os gêneros são reconhecidos socialmente através de textos/discurso. Nesse sentido, é importante que o professor reconheça e leve o aluno perceber que há, num

mesmo gênero textual, aspectos variáveis. Gênero textual é aqui entendido como uma unidade sociodiscursiva, profundamente vinculado à vida cultural e social.

Segundo Bronckart (1994, p. 12), "os gêneros constituem ações de linguagem que requerem do agente produtor uma série de decisões". Dessa forma, entende-se que a escolha deve ser feita a partir de vários gêneros existentes, ou seja, devemos escolher aquele que nos parece adequado ao contexto, à intenção comunicativa, à decisão e à aplicação que poderá acrescentar algo à forma que se quer destacar ou recriar, como afirma Dell'Isola (2007, p. 18).

Muito mais numerosos do que as modalidades retóricas, os gêneros textuais representam situações sociais convencionais em que são usados. Dessa forma, atenta-se, na pesquisa realizada, para o uso da língua e da linguagem, ao tratar da importância dos gêneros no reconhecimento das práticas discursivas.

Os profissionais de linguagem precisam levar os alunos a compreender e a procurar explicar como se manifestam os diferentes gêneros textuais. A identidade, os relacionamentos e o conhecimento dos seres humanos são determinados pelos gêneros textuais a que estão expostos, que produzem e consomem. Acredita-se que o estudo dos gêneros possibilita a exploração de algumas regularidades nos meios sociais em que eles são utilizados. Para isso, qualquer profissional da área de ensino de língua deveria levar em conta esses aspectos no trabalho com o aprendiz.

Torna-se essencial saber qual gênero textual será usado para atingir o seu propósito comunicativo e como os diversos gêneros se relacionam com a situação de produção. Essas situações mostram nitidamente que os alunos devem reconhecer os gêneros para desenvolverem competências sociocomunicativas em quaisquer situações que a sociedade atual lhes exija.

Nessa perspectiva, sempre que possível, em sala de aula, deve-se ressaltar a situação de produção e de circulação dos textos, para que o aluno possa construir, aos poucos, o seu próprio conceito de gênero textual, e que perceba a função social desse conhecimento, possibilitando, assim, que o aluno entenda que os recursos linguísticos funcionam como uma ferramenta que o levará a fazer escolhas mais conscientes de linguagem de acordo com seus propósitos comunicativos.

O estudo dos gêneros, do texto e da textualidade deve funcionar como instrumento que possibilite uma integração maior entre aluno-professor, para que juntos possam analisar criticamente a aprendizagem educativa, conforme Schneuwly e Dolz (2007, p. 179-180):

> Quando um gênero textual entra na escola, produz-se um desdobramento: ele passa a ser, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação e um objeto de aprendizagem. [...]Desse ponto de vista, os gêneros escolares podem ser considerados variantes dos gêneros de referência, que visam ser acessíveis aos alunos.

Para tanto, a escolha dos gêneros presentes neste estudo vai ao encontro da afirmação de Costa Val (2003, p. 129): "produzir um texto escrito implica escolher um determinado gênero discursivo e essa escolha se faz em função de para quê se escreve, para quem se escreve, em que esfera e sobre que suporte deverá circular o texto produzido".

Seguindo essa linha teórica, não podemos conceber o processo de produção meramente como uma atividade de sala de aula. Produzir não significa escrever para o professor corrigir, mas, acima de tudo, significa ser lido socialmente. Para efetuar um trabalho significativo de produção textual fundado no gênero, é preciso pensar nesse processo de forma diferenciada.

Nesse panorama, não cabe mais um ensino de português, por exemplo, voltado para a análise de palavras e frases soltas, afastadas de sua concentração nos textos que estão no entorno social. O foco principal do ensino deve ser o texto, aqui entendido como lugar em que os fatos reais de uso da linguagem se efetivam, adquirem significados. Pensamos que só dessa maneira o aluno poderá se tornar verdadeiro sujeito de seu discurso. Com efeito, o texto circula recorrentemente em nossas vidas diárias, pois ele é a "unidade básica da comunicação humana" (SILVEIRA, 2005, p. 28).

A concepção do que constitui um texto não é a mesma em diversas investigações teóricas. A noção de texto, nas últimas décadas, configurou-se atingindo um *status* teórico em vários domínios de abordagem linguística, o que podemos conceber como um dos fatores que levaram o texto a se tornar elementar objeto de análise. Alguns linguistas não separam diferenças ente texto e discurso, para outros o texto é um processo de construção de sentidos da fala ou escrita. Há aqueles que determinam que um texto se constitui a partir de elementos identificáveis, ou estruturais, como por exemplo características que o definem dentre os tipos textuais existentes e que assumem propósitos comunicativos diferentes.

Segundo Vilela & Koch (2001, p.454) o texto é uma manifestação constituída de elementos verbais e/ou não verbais intencionalmente selecionados e organizados que ocorre durante uma atividade sociointerativa, de modo a permitir aos parceiros, na interação – (1) a depreensão de sentido, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, e (2) a atuação (ação) de acordo com práticas socioculturais.

É importante destacar que, em um contexto atual, o conceito de texto adquiriu novos elementos que o caracteriza como um processo interativo, socialmente construído e reconhecível nas práticas socioculturais. Tendo em vista as diversas manifestações da linguagem, adotamos o conceito de texto de Dell'Isola (2018) por entendermos que nele se concentra uma amplitude mais significativa do que concebemos ser um texto. Nos dizeres da autora o texto é uma produção de natureza específica e diversificada, socialmente reconhecível, que se manifesta verbalmente (tanto na forma oral quanto na forma escrita) e/ou não-verbalmente, e que se caracteriza por funções peculiares mais ou menos típicas.

Nesse processo de construção do sentido do texto percebe-se a necessidade de o leitor impulsionar uma série de estratégias que perpassam a compreensão linguística e transcendem o cognitivo-discursivo para atingir o objetivo instaurado na interação comunicativa entre produtor-texto-leitor.

1.2 Retextualização: atividade facilitadora do processo de sistematização do gênero textual

Evidencia-se, neste tópico, a importância da atividade de retextualização para construir, além de momentos de sistematização e de reflexão sobre domínio dos gêneros, momentos de avaliação das condições de usos, adequações e de manejo da língua, quer seja falada, registrada por imagens ou escrita pelo aluno. Conforme Marcuschi (1998, p. 73), essas atividades podem ser representadas por reordenação ou reelaboração de linguagem dos textos lidos, com propósitos específicos, como parodiar, parafrasear, transpor da língua falada para a língua escrita ou vice-versa, alterar propósitos de comunicação empregando a alteração do gênero textual.

Pode-se perceber ou imaginar vários eventos linguísticos, até mesmo corriqueiros em que atividades de retextualização, reformulação, reescrita e transformação de textos estão presentes, como por exemplo: um delegado ditando para o escrevente um depoimento, uma pessoa contando um filme, um capítulo de novela, uma ata de reunião (a secretária passando para a escrita o que foi relatado anteriormente), um aluno escrevendo as explicações orais do professor, assim por diante. Na realidade, nossa produção linguística diária, de acordo com Marcuschi (2007, p. 46-49), se analisada com cuidado, pode ser tida como um encadeamento de reformulações, tal o imbricamento dos jogos linguísticos praticados nessa interdiscursividade e intertextualidade.

Com um enfoque diferente de Marcuschi (2005) e Dell'Isola (2007), Matencio (2003)

aponta que reescrita é diferente de retextualização. A autora explicita que a retextualização é a "produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base", dando ênfase à condição derivada do segundo texto, produto executado a partir de outros que são utilizados como fontes ou como macros. Partindo de uma operação mais autoral a uma derivada, Matencio (2003, p. 3-4) explica que:

> Textualizar é agenciar recursos linguageiros e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base, para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto, um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade.

A opção por esse conceito justifica-se em razão de a autora contrastar a noção de "textualização" com a de "re-textualização", o que parece bastante produtivo. Analogamente, é possível conjeturar que se "refazer" é "fazer novamente" e se "rever" é "tornar a ver", existe algum traço semântico neste prefixo – "re" – que nos leva a pensar que "retextualizar" acarreta necessariamente uma volta ao que já foi textualizado, ou seja, é preciso "textualizar novamente" ou "tornar a textualizar".

Nesse sentido, "textualizar" implica produzir textos, materializar linguisticamente algo que se quer dizer (por escrito ou oralmente), por meio de operações linguísticas (recursos lexicais e fraseológicos), textuais (estratégias de articulação, paráfrase, resumo, referenciação, modalização, dentre outros) e discursivas (condições de produção, dito, não dito, intencionalidade, situacionalidade, papéis sociais ocupados pelos interactantes, relações de força e de restrições impostas pelo gênero, função discursiva do suporte, formas de circulação do gênero).

Por outro lado, "retextualizar" supõe a produção de um novo texto a partir de texto(s) já existente(s). Assim sendo, o fenômeno da retextualização configura-se como uma ação linguageira orientada por outras condições de produção diferentes daquelas do(s) texto(s)-base. Esse, possivelmente, é o cerne da ação de retextualizar, pois daí advém a possibilidade de haver mudança de modalidade linguística, mudança de gênero e implicações no plano da intertextualidade e da interdiscursividade. Nessa linha de raciocínio, sustentamos que atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas, que se apresentam como ações aparentemente não problemáticas, já que lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intricada variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos. Toda vez que repetimos ou relatamos

o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra, conforme propõe Marcuschi, 2010b, p. 48.

Essa afirmação do autor mostra-se bastante pertinente por apresentar a retextualização como uma atividade de "reformulação" textual rotineira e automatizada, pois o falante da língua sequer se dá conta de que está redizendo o dizer do outro. Efetivamente, podemos pensar que isso se dá pelo próprio fenômeno da enunciação, que aponta para a irrepetibilidade de todo e qualquer dizer. Nesse sentido, Nunes (2017) aponta que se a retextualização é tão presente nas nossas práticas linguageiras e se tudo que dizemos o fazemos retomando o que já foi dito por outros, podemos sustentar que a retextualização é um fenômeno constitutivo dos usos da linguagem.

O conceito de retextualização pode ser, então, associado a uma mudança entre modalidades de veiculação e entre gêneros textuais, aqui entendidos como "formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais típicas e de domínios discursivos específicos" (DELL'ISOLA, 2007, p. 17).

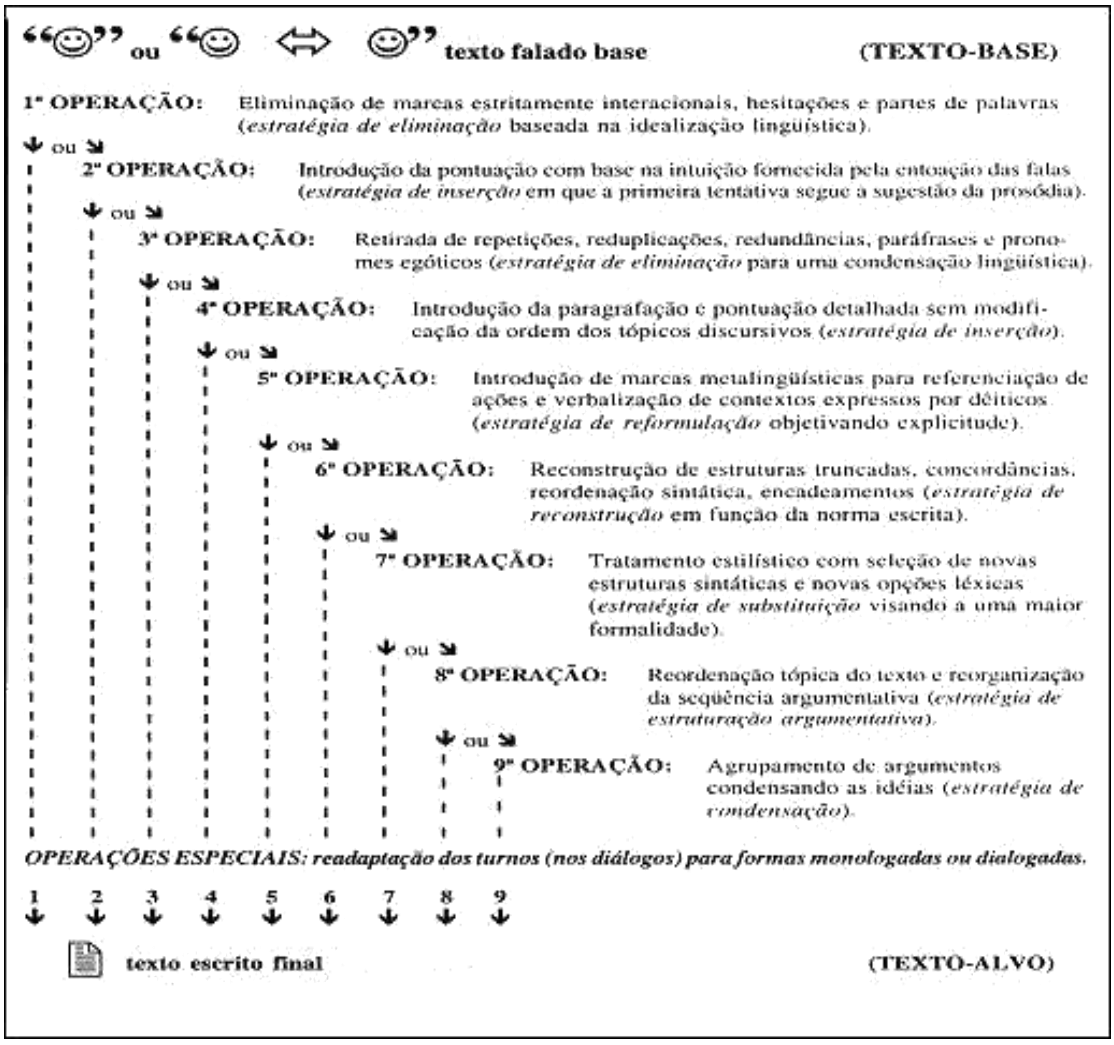
A esse respeito, Marcuschi (2007, p. 54) aponta quatro variáveis fundamentais nos estudos dos processos de retextualização:

a) o propósito ou objetivo da retextualização;
b) a relação entre o produtor do texto original e o transformador;
c) a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização;
d) os processos de formulação típicos de cada modalidade.

Esses processos indicam que a retextualização é um tipo de alteração marcada pela intervenção estrutural sobre um texto "original" que assume características diferentes de acordo com os propósitos da produção textual. Esses processos dependem, ainda, dos sujeitos neles envolvidos.

No processo de retextualização e sua funcionalidade, Marcuschi[2] (2005) agrupa os aspectos envolvidos na atividade em dois grandes blocos: a) Operações que seguem as regras de regularização e idealização (operações de 1-4); b) Operações que seguem as regras de transformação (operações de 5-9).

[2] Segundo nota do próprio autor (Marcuschi, 2007), a expressão retextualização foi empregada pela primeira vez por Neusa Travaglia (1993), sobre a tradução de uma língua para outra. Igualmente podem ser empregadas as expressões refacção ou reescrita, como fazem Raquel S. Fiad e Maria Laura Mayrink Sabinson (1991) e Maria Bernadete Abaurre et al. (1995) ao se referirem às mudanças de um texto no seu interior, ou seja, a passagem de uma escrita para outra, reescrevendo o mesmo texto.



Quadro 1: Modelo das operações textuais discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito
Fonte: Marcuschi, 2007, p.7

Nessa atividade, a intervenção do retextualizador não é feita de maneira inocente, mas de forma intencional, visando à adaptação do texto à interpretação das ideias contidas nele. Neste trabalho, é importante frisar que se analisam as operações que se referem aos aspectos que correspondem à retextualização de um texto de imagem (ora não-verbal, ora misto) para outro texto escrito. Consideramos, dessa forma, a retextualização como um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, de um gênero textual para outro, envolvendo operações próprias, de escolhas linguísticas, textuais e discursivas, relacionadas ao funcionamento da linguagem que se manifesta de modo expressivo, no determinado contexto de uso. A retextualização é um processo que implica a passagem de um texto-base, através de uma nova situação de interação, para um outro considerado texto-alvo, transformando esse processo num instrumento facilitador para o domínio de diversos gêneros textuais.

De acordo com Marcuschi (2001), há quatro possibilidades de retextualização:

1. Da fala para a escrita

   Por exemplo: de uma entrevista oral para uma entrevista impressa.

2. Da fala para a fala

   Por exemplo: de uma conferência para a tradução simultânea

3. Da escrita para a escrita

   Por exemplo: de um livro para uma resenha escrita.

4. Da escrita para a oralidade

   Por exemplo: de um esquema escrito para uma exposição oral.

Direcionamos este trabalho para a retextualização de um gênero multifuncional-modal (gráfico) em outros gêneros escritos (parágrafo descritivo e texto de divulgação científica), acrescentando novas possibilidades de reformulações dos textos tendo como base a concepção Marcuschiana de retextualização (2001) e de Dell'Isola (2007).

Para tanto, elencamos algumas possibilidades descritas nos tópicos enumerados de 5 a 8. Embora pareçam comuns, podem contemplar oportunidades de reflexão e de visualização dos complementos dos gêneros selecionados para análise, contribuindo para agregar sentidos às expressões de ideias para que esses não se tornem algo descolado das necessidades do leitor e do produtor de textos. Como afirma Marcuschi (2001) antes de qualquer atividade de transformação textual ocorre uma atividade cognitiva denominada compreensão. Esta atividade, que em geral se ignora ou se dá por satisfeita e não problemática, pode ser a fonte de muitos problemas no plano da coerência no processo de retextualização. (MARCUSCHI, 2001:47) (Grifo do autor)

5. IMAGEM X ESCRITA

   Por exemplo: um quadro ou uma paisagem para um conto, uma fotografia para um relato pessoal, um gráfico para um parágrafo.

6. ESCRITA X IMAGEM

   Por exemplo: uma fábula para um desenho, autobiografia para um auto-retrato

7. LINGUAGEM MISTA X ESCRITA

   Por exemplo: um gráfico para reportagem, para notícia, para texto de divulgação científica, uma história em quadrinhos, para um conto, um infográfico para um texto de divulgação científica.

8. ESCRITA X LINGUAGEM MISTA

   Por exemplo: um texto de divulgação científica para um gráfico, para um infográfico.

Segundo Dell'Isola (2007), embora não sejam mecânicas, as atividades de retextualização são rotinas usuais com as quais lidamos o tempo todo nas sucessivas reformulações dos textos, numa variação de modalidades, níveis linguísticos, gêneros textuais e estilos. A autora caracteriza, de maneira bastante substancial, a retextualização como um instrumento sociointerativo, pois se vincula às condições de produção do gênero enfocado, à abordagem da construção da linguagem, à reflexão linguística desenvolvida, aos elementos verbais e não-verbais, ao contexto de circulação do gênero e ao conhecimento de mundo.

1.3 A construção de alguns critérios de identificação e conceituação do gênero textual

Inúmeras são as discussões, através de dissertações, teses e outras produções científicas, sobre a questão da conceituação de gênero textual. Também a BNCC (2011) de Língua Portuguesa privilegia, sobremaneira, os gêneros textuais na preocupação com o ensino/aprendizagem da língua. Nesse sentido, Matencio (2003) explicita ser natural que uma produção tão diversificada apresente o fenômeno de forma também bastante variada. O fato é analisar diferentes gêneros textuais e entender a linguagem como um processo de circulação social evitando estereótipos linguísticos que os analisam seguindo formas estanques, ou focando apenas em suas estruturas, ou até mesmo numa simples descrição e caracterização como, por exemplo, questões encontradas nos livros didáticos direcionando o aluno para simplesmente responder qual é o gênero abordado.

É importante, portanto, saber como se relacionam os diversos elementos estruturais, mas também perceber e ressaltar as estratégias de produção e circulação dos gêneros, compreender o seu funcionamento para melhor nos apropriarmos dessa forma discursiva podendo utilizá-los nos mais diversos contextos.

De acordo com Schneuwly e Dolz (1999), seria impossível sistematizar os gêneros devido à sua diversidade. Portanto, enfocaremos o agrupamento de gêneros, respeitando três critérios essenciais:

1) que correspondam às grandes finalidades sociais legadas ao ensino, respondendo às necessidades de linguagem em expressão escrita e oral, em domínios essenciais da comunicação em nossa sociedade;

2) que retomem, de modo flexível, certas distinções tipológicas que já figurem em numerosos manuais e guias curriculares;

3) que sejam relativamente homogêneos quanto às capacidades de linguagem dominantes implicadas na mestria dos gêneros agrupados.

A visão de gêneros adotada neste trabalho está relacionada a uma concepção sociointeracional da língua, em que ela é tomada em seus usos sociais, para além da estrutura formal. Assim sendo, tomamos os gêneros como "entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa" (MARCUSCHI, 2010 p. 19). De fato, os gêneros são padrões discursivos intrinsecamente ligados ao agir social, pois a linguagem não é usada de maneira fortuita, mas sempre inter-relacionada às práticas humanas na vida em sociedade.

Entretanto, a noção de gênero como padrão discursivo não quer dizer que os gêneros sejam entidades estanques e enrijecidas. Ao contrário, eles são maleáveis, dinâmicos e heterogêneos.

A propósito, convém destacar que uma das particularidades dos gêneros discutidos neste trabalho é a sua natureza multimodal, ou seja, a coexistência de mais de uma modalidade de linguagem. Com efeito, podemos afirmar que a multimodalidade é constitutiva da própria linguagem, pois,

> Se as ações sociais são fenômenos multimodais, consequentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc. (DIONISIO, 2011, p. 139).

Embora saibamos que a noção de gênero seja fundamental para compreendermos e refletirmos sobre as nossas práticas discursivas em contextos de interação situada, não podemos nos esquecer de que a unidade material de análise é o texto. Muitas vezes, ele é o nosso ponto de partida para estabelecermos uma compreensão até mesmo do contexto, já que todo texto carrega consigo marcas sócio-históricas do processo que o engendrou. Assim sendo, adota-se, nesta tese, uma concepção ampla de texto como "o próprio *lugar* da interação" (KOCH, 2009, p. 17), (grifo no original), pois os sentidos não estão apenas nele, mas são construídos na interação autor-texto-leitor.

1.4 A Teoria da Estrutura Retórica

A Teoria da Estrutura Retórica - (*Rhetorical Structure Theory* - RST) - é uma teoria funcionalista resultante de estudos desenvolvidos por pesquisadores da costa-oeste norte-americana, como Mann & Thompson (1983), Mann (1984) e Mann & Thompson (1988), com o objetivo de pesquisar a geração automática de textos. No entanto, integrantes da equipe formada por Willian Mann, Sandra Thompson e Christian Matthiessen perceberam que não havia uma teoria adequada para gerar textos bem estruturados e coerentes. Diante disso, os linguistas avaliaram que a RST se tratava de um excelente recurso para analisar textos, pois permite verificar as relações entre partes que os compõem. Atualmente, essa teoria continua atraindo pesquisadores da linguística, principalmente no que se refere à organização textual e ao estabelecimento da coerência do texto.

Nesta tese, é apresentada uma proposta de análise embasada na Teoria da Estrutura Retórica e tem como campo de pesquisa o estudo das relações entre gramática e discurso, com o propósito de utilização de uma teoria que não se limite ao nível da frase nas análises dos textos apresentados. A aplicação dessa teoria permite que a estrutura textual seja descrita, bem como as relações retóricas entre as partes que o tornam coerente. Vale ressaltar que as relações retóricas podem ser estabelecidas entre as orações ou entre porções maiores do texto.

Segundo a RST, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, existem também as proposições implícitas, nomeadas proposições relacionais, que se originam das relações estabelecidas entre porções do texto, conforme Mann & Thompson (1983). Elas podem emergir entre as orações que formam a microestrutura ou entre porções maiores, caracterizada como macroestrutura. As proposições relacionais surgem de cada relação estabelecida na estrutura do texto e, nos dizeres de Taboada (2006), elas são fundamentais para estabelecer a coerência textual. Assim, não precisam, necessariamente, ser identificadas por algum marcador formal, como, por exemplo, marcador discursivo ou conectivo. A linguista salienta outro aspecto, chamando a atenção para a questão do gênero do texto, pois, dependendo deste, os leitores poderão criar expectativas com relação a sua leitura.

Conforme propõem Mann e Thompson (1983), as proposições relacionais são inferências que denunciam entre falante/escritor os objetivos comunicativos e constituem uma lista não fechada de relações semânticas (retóricas). A identificação dessas relações é processada pelo analista mediante critérios funcionais e semânticos, que buscam identificar a função de cada porção de texto, verificando de que maneira o texto produziu o efeito desejado em seu leitor. Ressalta-se que *porção de texto* é um termo utilizado, originalmente, por Mann

& Thompson (1987, p. 82) como *text span* para designar cada porção da estrutura retórica de um texto.

Ancorado nos dizeres de Mann & Thompson (1983), Antônio (2004) ressalta que os julgamentos sobre o tipo de relação que emerge entre as partes do texto são de plausibilidade, pois o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido e das convenções culturais do produtor do texto e de seus possíveis receptores, mas não tem acesso direto ao produtor do texto ou aos seus possíveis receptores, de forma que não se pode afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode-se sugerir uma análise plausível.

Sobre o critério da plausibilidade, vale ressaltar os dizeres de Correia e Jamal (2014, p. 1290), ao proporem que:

> as questões implicadas no estabelecimento da plausibilidade ultrapassam (...) o conhecimento das categorias de análise. Orientam-se, sim, para capacidades de compreensão textual do analista, que incluem, entre outras, a sua capacidade de fazer inferências, uma das noções centrais numa teoria de compreensão.

Zanini, Nilsson e Giering (2004, p.4) salientam que um conjunto de textos analisados por diferentes analistas "apresentaram, na maioria das vezes, coincidências no que diz respeito à possível escolha das relações feitas pelo produtor, não havendo, então, discrepâncias". Em suma, é evidente que uma análise à luz da Teoria da Estrutura Retórica, pautada no critério da plausibilidade, exige que o analista procure ampliar sua capacidade de compreensão textual.

Sobre as proposições relacionais cabem ser feitas duas observações importantes: elas são combinacionais e são definidas textualmente, ou seja, surgem da combinação das porções de texto; elas são implícitas, isto é, além do conteúdo explícito expresso pelas partes de texto que se combinam, há também o conteúdo implícito, a proposição relacional. São essenciais para a coerência do texto porque uma proposição relacional surge de cada relação estabelecida dentro da estrutura do texto, de tal forma que um texto pode se tornar incoerente ou ser interpretado de outra maneira se faltar uma relação.

Alicerçados nos estudos de Matthiessen & Thompson (1988), apontamos os principais pressupostos da RST como sendo os seguintes: organização, unidade e coerência surgida de uma função hierárquica, composição relacional, assimetria das relações, natureza das relações e o número das relações.

Ao estabelecer relações entre as unidades – observar qual a função que uma unidade desempenha em relação à outra – leva-se em conta a definição dessas relações, baseando-se em quatro condições, a saber:

a) restrições sobre o núcleo;

b) restrições sobre o satélite;

c) restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite;

d) o efeito.

Mann & Thompson (1983, p. 1-3), ao tecerem considerações a respeito das proposições relacionais, descrevem as propriedades expostas a seguir:

a. As proposições relacionais são relativamente "básicas", mas podem estar vinculadas a inferências que o leitor faz na compreensão textual.

b. As proposições relacionais emergem entre as porções do texto, independente de marcas linguísticas, isto é, elas não dependem da presença de sinais gráficos para serem sinalizadas.

c. As proposições relacionais se materializam em atos comunicativos, isto é, em situações reais de interação linguística.

d. As proposições relacionas não se limitam aos aspectos organizacionais dos textos.

e. As proposições relacionais são essenciais para o funcionamento eficaz de um texto.

Após analisar um número significativo de textos pertencentes a gêneros diversificados, Mann & Thompson (1983) apresentam, inicialmente, uma lista de aproximadamente 25 relações retóricas. Entretanto, eles sinalizam que esta não é uma lista fechada e que outras relações podem ser propostas, como realmente se pode ver pelo quadro disponível em <http://www.sfu.ca/rst/>. Análise de textos ao longo das pesquisas justificou a inclusão, pelos precursores da RST, de outras, e a lista passou a contar com um número de aproximadamente 30 relações retóricas.

No que se refere às relações, os pesquisadores apontam que elas apresentam funções globais que podem ser divididas em dois grupos distintos: as que se referem à apresentação da relação, com o objetivo de aumentar a inclinação do enunciatário a agir, concordar, acreditar ou aceitar o conteúdo do núcleo; e as que se referem ao conteúdo, com a função de levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão, como descrito a seguir:

a. apresentação: motivação, antítese, background, capacitação, evidência, justificativa, concessão, preparação.

b. conteúdo: elaboração, circunstância, solução, causa volitiva, resultado volitivo causa não volitiva, resultado não volitivo, propósito, condição, senão, interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo.

Quanto à organização, as relações retóricas se dividem em dois grupos: relações multinucleares, em que uma porção não é ancilar à outra e as relações núcleo-satélite, em que uma porção é ancilar à outra, ou seja, subsidia a outra porção. Compõem as relações

multinucleares as do tipo: conjunção, contraste, disjunção, joint, lista, reformulação multinuclear e sequência. As relações núcleo-satélite foram listadas nos itens (a) apresentação e (b) conteúdo.

Mann (1985) explica que a Teoria da Estrutura Retórica analisa as partes que se relacionam em um texto formando, geralmente, relações do tipo núcleo-satélite. Pode ocorrer que uma parte se caracterize por representar objetivos centrais – o núcleo - e outra por representar a parte do texto que contribuiria para que os objetivos fossem alcançados, neste caso, consideradas mais periféricas – o satélite. Podem ocorrer também as relações multinucleares, em que cada porção se caracteriza como um núcleo distinto. Apresentamos, a seguir, as figuras 1 e 2 que representam a organização das relações núcleo-satélite e multinucleares.

a) Relações núcleo-satélite

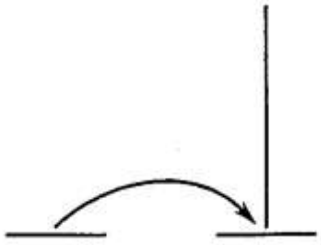


Figura 1: Esquema da relação núcleo-satélite
Fonte: Mann, 1985

b) Relações multinucleares

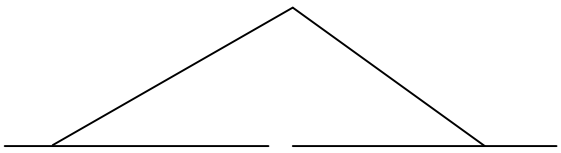


Figura 2: Esquema da relação multinuclear
Fonte: Mann, 1985

A título de exemplificação, apresentamos, neste momento, dois tipos de relação: uma para exemplificar a relação do tipo núcleo-satélite, e outra para exemplificar a relação multinuclear.

A relação de evidência é do tipo núcleo-satélite. Essa relação, segundo Antonio (2001), mostra que a porção de texto que funciona como satélite acrescenta informações adicionais a respeito do conteúdo, da porção de texto que funciona como núcleo, ou seja, no satélite explica-se o “plano” mencionado no núcleo.

Quadro 2: Descrição da relação núcleo-satélite

Nome da relação	Condição em S ou N, individualmente	Condição em N + S	Intenção do A
Elaboração	Em N: apresenta uma ação de L (incluindo uma aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N.	A compreensão de S por L aumenta a capacidade potencial de L para executar a ação de N.	A potencial capacidade de L para executar a ação em N aumenta.

* N, significa Núcleo; S, Satélite: L, Leitor; A, Autor
Fonte: Mann (2009), disponível: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>

A relação de lista é um exemplo do tipo de relação multinuclear. Essa relação apresenta elementos comparáveis aos outros, dispostas linearmente, sem que um se contraponha, ou seja, sucessor de outro.

Quadro 3: Descrição da relação multinuclear

Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista.	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados.

Fonte: Mann (2009), disponível: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>

Os esquemas, estipulados em termos de relações, especificam como as porções textuais podem ocorrer de forma conjunta e podem determinar, principalmente, as possíveis estruturas de organização de um texto. Eles são construídos por linhas retas e curvas, de forma que a linhas retas indicam o núcleo, enquanto as curvas (arcos) indicam os satélites que subsidiam os núcleos.

Para Mann & Thompson (1988), uma análise da estrutura de um texto é um conjunto de aplicações de esquemas, de modo que as seguintes restrições sejam asseguradas:

- Completude: a análise apresenta um conjunto de esquemas aplicados nas porções que formam o texto por inteiro.
- Conexão: com exceção de uma análise completa de um texto, cada porção textual é considerada uma unidade mínima ou um componente em uma outra aplicação do esquema em outra análise.
- Unicidade: cada esquema é aplicado em um conjunto diferente de porções de texto, e, em um esquema de relação múltipla, cada relação se aplica a um conjunto diferente de porções textuais.
- Adjacência: as porções textuais de cada aplicação de esquema constituem uma porção textual, isto é, são consideradas as porções textuais adjacentes para a aplicação de cada esquema.

- Esses pesquisadores salientam que a aplicação dos esquemas não segue uma ordem pré-definida, entretanto, existem três convenções que podem demarcar as possíveis aplicações deles, como descrito a seguir:
- Não existe uma ordem fixa da coerência de núcleo ou de satélite;
- Para esquemas de múltiplas relações, todas as relações individuais são opcionais, mas pelo menos uma delas deve ser mantida;
- A relação, parte de um esquema, pode ser aplicada quantas vezes forem necessárias na análise.

Enfim, os esquemas são compreendidos como blocos organizacionais básicos da RST.

Apresentamos, no quadro 4, as relações retóricas de acordo com Mann & Thompson (1988).

Quadro 4: As relações retóricas: definição

Definições das relações de apresentação			
Nome da relação	**Condições em S ou N, individualmente**	**Condições em N + S**	**Intenção do A**
Antítese	em N: A tem atitude positiva face a N	N e S estão em contraste. Devido à incompatibilidade suscitada pelo contraste, não é possível ter uma atitude positiva perante ambas as situações; a inclusão de S e da incompatibilidade entre as situações aumenta a atitude positiva de L por N	A atitude positiva do L face a N aumenta
Concessão	em N: A possui atitude positiva face a N em S: A não afirma que S não está certo	A reconhece uma potencial ou aparente incompatibilidade entre N e S; reconhecer a compatibilidade entre N e S aumenta a atitude positiva de L face a N	A atitude positiva de L face a N aumenta
Capacitação[3]	em N: apresenta uma ação de L (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S por L aumenta a capacidade potencial de L para executar a ação em N	A potencial capacidade de L para executar a ação em N aumenta
Evidência	em N: L pode não acreditar em N a um nível considerado por A como sendo satisfatório em S: L acredita em S ou considera-o credível	A compreensão de S por L aumenta a crença de L em N	A crença de L em N aumenta
Fundo	em N: L não compreende integralmente N antes	S aumenta a capacidade de L compreender um elemento em N	A capacidade de L para compreender

[3] Na tradução portuguesa encontrada no site <http://www.sfu.ca/rst.html> está escrito, equivocadamente, "Elaboração", que está definida mais adiante no mesmo quadro.

	de ler o texto de S		N aumenta
Justificativa	nenhuma	A compreensão de S por L aumenta a sua tendência para aceitar que A apresente N	A tendência de L para aceitar o direito de A a apresentar N aumenta
Motivação	em N: N é uma ação em que L é o ator (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S aumenta a vontade de L para executar a ação em N	A vontade de L para executar a ação em N aumenta
Preparação	nenhuma	S precede N no texto; S tende a fazer com que L esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler N	L está mais preparado, interessado ou orientado para ler N
Reformulação	nenhuma	em N + S: S reformula N, onde S e N possuem um peso semelhante; N é mais central para alcançar os objetivos de A do que S	L reconhece S como reformulação
Resumo	em N: N deve ser mais do que uma unidade	S apresenta uma reformulação do conteúdo de N, com um peso inferior	L reconhece S como uma reformulação mais abreviada de N

Definições das relações de conteúdo			
Nome da relação	**Condições em S ou N, individualmente**	**Condições em N + S**	**Intenção do A**
Alternativa (anti-condicional)	em N: N representa uma situação não realizada em S: S representa uma situação não realizada	A realização de N impede a realização de S	L reconhece a relação de dependência de impedimento que se estabelece entre a realização de N e a realização de S
Avaliação	nenhuma	em N + S: S relaciona N com um grau de atitude positiva de A face a N	L reconhece que S confirma N e reconhece o valor que lhe foi atribuído
Causa involuntária	em N: N não representa uma ação voluntária	S, por outras razões que não uma ação voluntária, deu origem a N; sem a apresentação de S, L poderia não conseguir determinar a causa específica da situação; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece S como causa de N

Causa voluntária	em N: N constitui uma ação voluntária ou mesmo uma situação possivelmente resultante de uma ação voluntária	S poderia ter levado o agente da ação voluntária em N a realizar essa ação; sem a apresentação de S, L poderia não perceber que a ação fui suscitada por razões específicas ou mesmo quais foram essas razões; N é mais importante do que S para cumprir os objetivos de A, na criação da combinação N-S	L reconhece S como a causa da ação voluntária em N
Circunstância	em S: S não se encontra não realizado	S define um contexto no assunto, no âmbito do qual se pressupõe que L interprete N	L reconhece que S fornece o contexto para interpretar N
Condição	em S: S apresenta uma situação hipotética, futura, ou não realizada (relativamente ao contexto situacional de S)	Realização de N depende da realização de S	L reconhece de que forma a realização de N depende da realização de S
Condição inversa	nenhuma	S afeta a realização de N; N realiza-se desde que S não se realize	L reconhece que N se realiza desde que S não se realize
Elaboração	nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto: membro abstração: exemplo todo: parte processo: passo objeto: atributo generalização: especificação	L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornece pormenores
Incondicional	em S: S poderia afetar a realização de N	N não depende de S	L reconhece que N não depende de S
Interpretação	nenhum	em N + S: S relaciona N com várias ideias que não se encontram diretamente relacionadas com N, e que não estão relacionadas com a atitude positiva de A	L reconhece que S relaciona N com várias ideias que não se encontram relacionadas com o conhecimento apresentado em N
Método	em N: uma atividade	S apresenta um método ou instrumento que tende a aumentar as probabilidades	L reconhece que o método ou instrumento de S tende a aumentar

		de realização de N	as probabilidades de realização de N
Propósito	em N: N é uma atividade; em S: S é uma situação que não se encontra realizada	S será realizado através da atividade de N	L reconhece que a atividade em N se inicia para realizar S
Resultado involuntário	em S: S não representa uma ação voluntária	N causou S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, que a apresentação de S	L reconhece que N poderia ter causado a situação em S
Resultado voluntário	em S: S constitui uma situação ou ação voluntária possivelmente resultante de uma ação voluntária	N pode ter causado S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A do que a apresentação de S	L reconhece que N pode ser uma causa da acção ou situação em S
Solução	em S: S apresenta um problema	N constitui uma solução para o problema apresentado em S	L reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S

Definições das relações multinucleares		
Nome da relação	**Condições em cada par de N**	**Intenção de A**
Conjunção	Os elementos unem-se para formar uma unidade onde cada um dos elementos desempenha um papel semelhante	L reconhece que os elementos inter-relacionados se encontram em conjunto
Contraste	Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças	L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada
Disjunção	Um dos elementos apresenta uma alternativa (não necessariamente exclusiva) à(s) outra(s)	L reconhece que os elementos inter-relacionados constituem alternativas
Junção	Nenhuma	nenhuma
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados
Reformulação multinuclear	Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objetivos de A	L reconhece a repetição através dos elementos relacionados
Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos	

Fonte: <http://www.sfu.ca/rst/>. Acesso em 10 de agosto de 2017

1.4.1 Unidades de informação: conceito e função

Conforme Mann & Thompson (1985), o primeiro passo para uma análise baseada na RST é a divisão do texto em unidades, determinadas pelo analista. Apresenta-se para este trabalho uma breve discussão sobre a noção de "unidade de informação".

Chafe (1985, 1992) e também Decat (1993, 1999), em investigações sobre integração e envolvimento na escrita, focalizam duas diferenças entre os processos da fala e da escrita: (i) a fala é mais rápida que a escrita e (ii) os falantes interagem com os ouvintes diretamente, enquanto os escritores não o fazem. As observações da fala têm conduzido a comprovações de que ela é produzida em jatos, denominados "unidades de informação", com um comprimento de sentido (incluindo hesitações) de aproximadamente dois segundos ou seis ou sete palavras (Chafe, 1980) e apresentam um pequeno conjunto de estruturas sintáticas. Trata-se de uma propriedade notável e, provavelmente, universal da linguagem.

Cada unidade de informação representa um único foco de consciência, ou uma única "ideia", ou seja, cada unidade contém toda a informação que o falante consegue armazenar em sua memória de curto prazo. Assim, pode-se dizer que há o hábito de mover-se de uma unidade de informação para a seguinte, com bastante rapidez.

As unidades de informação (UIs) são "jatos de linguagem" que, segundo Decat (1993, p.114), foram inicialmente chamados *information units* por Halliday (1967); posteriormente, Grice (1975) chamou-os de *information blocks* e o termo *idea units* foi primeiramente usado por Kroll (1977) e adotado por Chafe (1980, 1982, 1985).

Segundo Chafe (1992, p.65-66), muitas unidades de informação têm a forma gramatical de orações e muitas outras são partes de orações.

Uma unidade de informação pode declarar a ideia de um evento ou de um estado. Em geral, um evento, tipicamente, envolve uma mudança durante um perceptível intervalo de tempo e pode-se pensar um evento como algo que acontece, no caso uma ação. Um estado envolve uma situação ou propriedade que existe por certo período sem mudança significante e, mais que acontecer, simplesmente existe por um maior ou menor período de tempo.

Como já mencionado, uma típica unidade de informação pode ter a forma de uma oração, e como a oração verbaliza a ideia de um evento ou estado, pode-se concluir que cada ideia é ativa ou ocupa um foco de consciência por um breve período de tempo, cada um sendo substituído, dinamicamente, por outra ideia em um segundo ou dois. Ideias de eventos e estados são altamente transitórias na "*consciousness*" ativa e estão, constantemente, sendo substituídas por outras ideias de evento ou estado. De acordo com Chafe (1985, p.106), trata-

se de um jato de linguagem que contém toda a informação que pode ser manipulada pelo falante num único foco de "consciousness" (ou memória de curto termo) não havendo um limite quanto à quantidade de informação que a atenção do falante pode focalizar de uma única vez. Retomado em Decat (1993), Chafe afirma que as unidades ou blocos de informação possuem cerca de sete palavras e podem ser identificadas pela entonação (contorno entonacional de final de frase), pela pausa (ou hesitação), mesmo que seja breve, separando-as de outra unidade. Ainda, as unidades informacionais podem se caracterizar como constituindo uma única oração. Estes três fatores não precisam, necessariamente, estar todos presentes na identificação de uma unidade informacional, sendo a entonação (contorno entonacional) o sinal mais consistente para esta identificação e a estruturação sintática é o critério menos necessário.

Tratando-se este estudo da investigação da estruturação sintática das retextualizações produzidas, com enfoque especial, mas não único, naquelas operações que envolvem reestruturação sintática, seja condensando, seja acrescentando ideias e relações sintático-semânticas materializadas na articulação de orações, através da retextualização, torna-se necessário fazer-se, aqui, uma breve discussão sobre o assunto.

Para a verificação da "articulação de orações", alguns pressupostos serão imprescindíveis, dentre os quais os de Chafe (1985 apud DECAT, 1993), Halliday e Hasan (1985), Mann e Thompson (1985) e Decat (1993; 1999). Na visão dos autores acima citados, as abordagens se mostram ineficazes para explicarem alguns fenômenos sintáticos, por exemplo, aqueles que envolvem a noção de dependência das orações.

Na visão tradicional, a noção de dependência é definida adotando-se os critérios formais, que determinam como independentes as orações coordenadas e dependentes as subordinadas. Já a abordagem funcionalista leva em conta a função comunicativo-interacional da linguagem, oferecendo assim maior consistência à noção de dependência das orações.

Chafe (1985) adota a noção de "Idea unit" considerando-a "um jato de linguagem" no qual está contida toda informação que o falante consegue armazenar de uma só vez. Essas "unidades de informação" – tradução de Decat (1999) para "*Idea unit*" – aparecem em blocos e tendem a se caracterizar como constituindo uma única cláusula, como já discutido acima. A partir dessa ideia de Chafe, pode-se dizer que há correlação entre "dependência" e "unidade de informação".

Acredita-se, também, que uma oração é independente quando, por si só, pode constituir uma única e distinta unidade de informação. Conforme postula Chafe (1985) – retomado por Decat (1993) - o que caracteriza a unidade informacional é a propriedade de

expansão, que pode acontecer como cláusula-complemento ou como cláusula relativa restritiva.

CAPÍTULO II - GÊNEROS ABORDADOS NESTE ESTUDO: UMA CLASSIFICAÇÃO SUCINTA DE SUAS ESPECIFICIDADES

Neste capítulo são traçadas considerações sobre o gênero gráfico e o gênero texto de divulgação científica.

2.1 Considerações sobre o gênero gráfico

Na tentativa de explicar a escolha do gráfico como gênero textual e texto-base para as nossas investigações, construímos um panorama histórico de algumas diferentes perspectivas de abordagem desse gênero refletindo sobre conceitos basilares. Etmologicamente[4] a palavra gráfico provém do grego *grapho*, corresponde a fazer marcas, desenhar, marcar uma pedra, um pedaço de madeira ou uma folha de papel. Pode-se traduzir *graphein* também por escrever. Dessa classificação os historiadores afirmaram que nossa civilização foi ágrafa (que não escrevia). Em Wikipédia, Michaelis, Aurélio e Houais sua designação é baseada em alguns sinônimos por exemplo: traçado linear da marcha de um fenômeno ou de uma máquina, da variação de uma função matemática, mesmo que diagrama, traçado descrito por um aparelho registrador, desenho aplicado às ciências, sinais gráficos de uma língua: os caracteres, a escrita dessa língua, relativo à grafia, diz-se de tudo o que se refere à arte de representar os objetos por linhas ou figuras, relativo à arte de reproduzir pela tipografia, gravura, estereotipia, dentre outros. Observa-se, nesse sentido a complexidade de conceituação para o gráfico e a importância de sua aplicabilidade em diversas áreas do conhecimento – códigos, ciências, matemática, linguagem, tecnologia.

Durante as investigações realizadas sobre o gráfico como gênero, encontramos pesquisas que abordam o gráfico como meio estático que atualmente recebe um tratamento de segunda classe, mas, durante centenas de anos em que as pessoas escrevem e fazem impressões, conquistaram uma incrível riqueza de conhecimento e de práticas para representar dados em uma página através de recursos gráficos. Ao mesmo tempo que gráficos interativos, visualizações de dados e infográficos são a última tendência, eles abandonam muitas das melhores práticas que aprendemos e é por meio da história de mapas e gráficos, podemos

[4] Sobre Política de Privacidade Contatos Populares Recentes RSS Dicionário Etimológico: etimologia e origem das palavras. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27. Disponível em: ‹https://dicionariodoaurelio.com/grafico›. Acesso em: 17 abr. 2017.

entender a busca por conhecimento que se utilizam de imagens e trazê-lo para os novos meios comunicativos.

É sabido que através dos gráficos podemos contar e registrar histórias diferentes, sendo assim, alguns dos mais famosos mapas e gráficos surgiram da necessidade de explicar melhor tabelas densas de dados. William Playfair foi um poliglota escocês que viveu entre o final dos anos 1700 até o início dos anos 1800. Ele apresentou ao mundo muitos dos mesmos mapas e gráficos que nós ainda usamos atualmente. No seu livro de 1786, Commercial and Political Atlas (Atlas Comercial e Político), Playfair apresentou o gráfico de barra para mostrar, de uma forma nova e visual, as importações e exportações da Escócia.

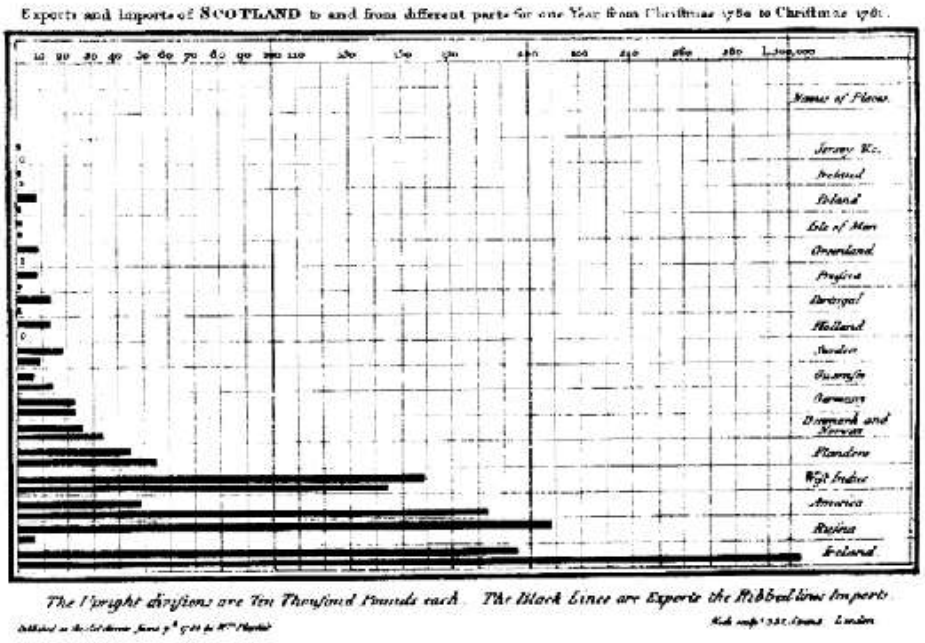


Figura 3: Um dos primeiros gráficos de barra (William Playfair)
Fonte: Ele demorou uns 10 min para fazer e, pelo menos, não cobrou.>. Acesso em mai, 2017.

Na contemporaneidade, vemos mapas e gráficos sendo usados para mostrar quem votou em quem, se a moeda do país teve aumento ou queda, distribuição de riqueza e outras muitas variáveis relacionadas a diversas áreas e conteúdos. A ideia parece simples, mas, mesmo nos dias atuais, é difícil dominá-la e entendê-la caso não seja abordada com clareza, instigada a compreensão de leitura, ensino e funcionamento da linguagem.

Assim sendo, ter excelentes conhecimentos de base sobre gráficos é importante para entender ações cotidianas. Na caracterização mais comum do gráfico encontram-se os de barra ou coluna e o de linha. Ao mesmo tempo em que têm usos muito similares, diferenciam-se imensamente por seus significados. Observando o gráfico abaixo, apresentam-se 11 informações distintas representando o índice de violência e homicídios em Nova York.

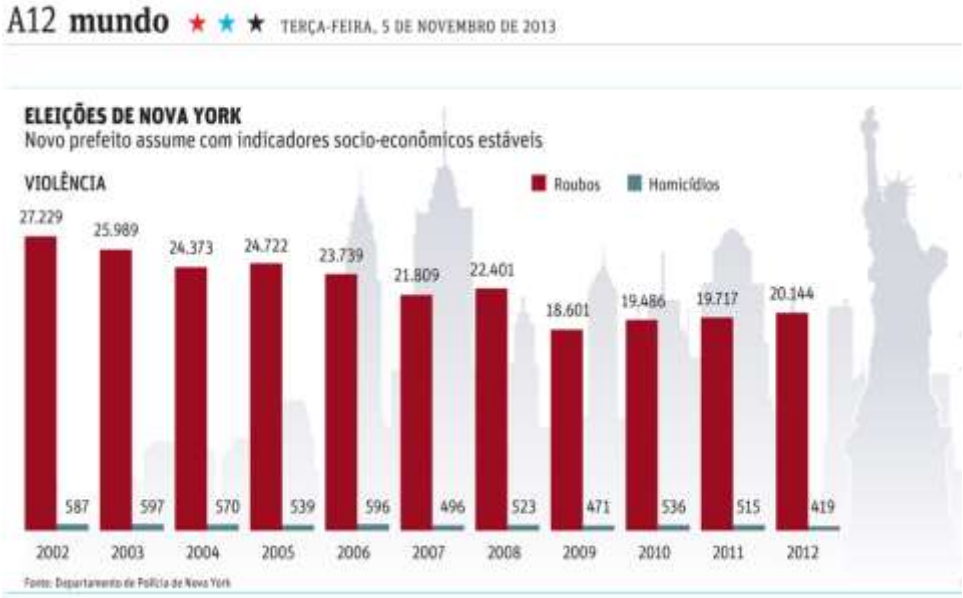


Figura 4: Modelo de gráfico de barras simples, representando informações descontínuas
Fonte; <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/matematica/tipos-graficos-1.htm>

Podemos perceber que existe uma multiplicidade de critérios que podem ser utilizados para classificar ou agrupar o gênero gráfico. Por exemplo, a escolha do tipo de gráfico está relacionada ao contexto de uso como podemos constatar na opção feita pelo produtor do texto em construir um gráfico de barras para expor suas ideias, em vez de um gráfico de linha e que essa opção está diretamente relacionada ao foco que ele quer dar ao assunto abordado. Torna-se possível entender que há várias formas de representação gráfica, mas cada uma tem as suas particularidades comunicativas. Considerando essas especificidades, os gráficos de barra são ideais para dados descontínuos, sendo assim, números do índice de violência, tem-se a representação em dados, não contínuo, enquanto linhas são usadas quando se tem um valor contínuo, tal como a temperatura.

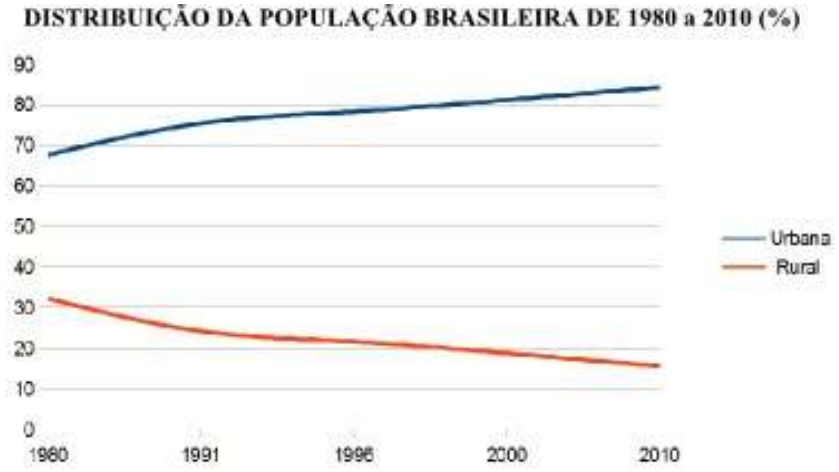


Figura 5: Modelo de gráfico de linha simples, representando informações contínuas
Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/matematica/tipos-graficos-1.htm>

Tanto os gráficos de barra quanto os de linha possuem uma variação onde se empilham as variáveis. Essa é uma excelente ferramenta para contar histórias e pode funcionar de diferentes formas. Observa-se que o gráfico de linhas foi utilizado para demonstrar uma sequência representada por números de um determinado dado que se relaciona com a informação ocorrida ao longo do tempo. Dessa forma, pode ser utilizado para demonstrar evoluções ou digressões que acontecem, mas obedecendo uma sequência para que o comportamento dos fenômenos e suas variações seja identificado.

As informações contidas ou direcionadas em um gráfico específico, como por exemplo o de barras, nem sempre apresentam o mesmo foco de interpretação. Nesse sentido, o produtor do gráfico direciona a representação de imagens para atingir o seu propósito comunicativo.

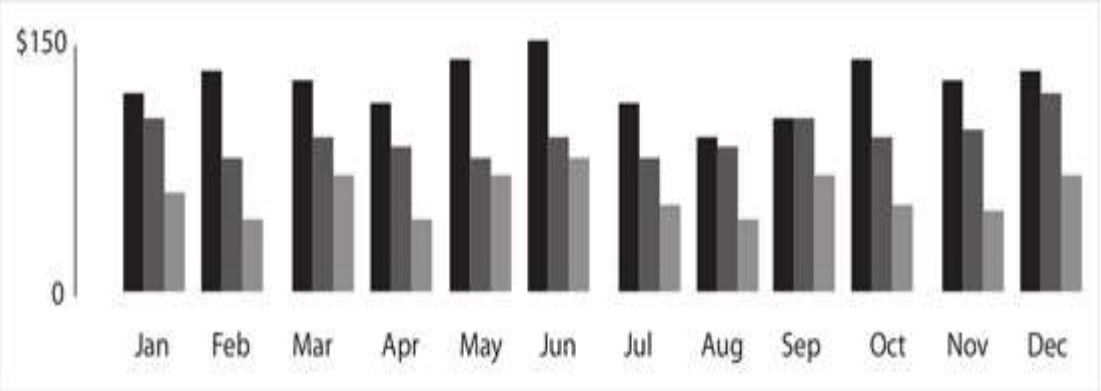


Figura 6: Modelo de gráfico de barras agrupadas, representando diferença de vendas entre lojas
Fonte: <https://docs.microsoft.com/pt-br/sql/reporting.../bar-charts-report-builder-and-ssrs.htm>

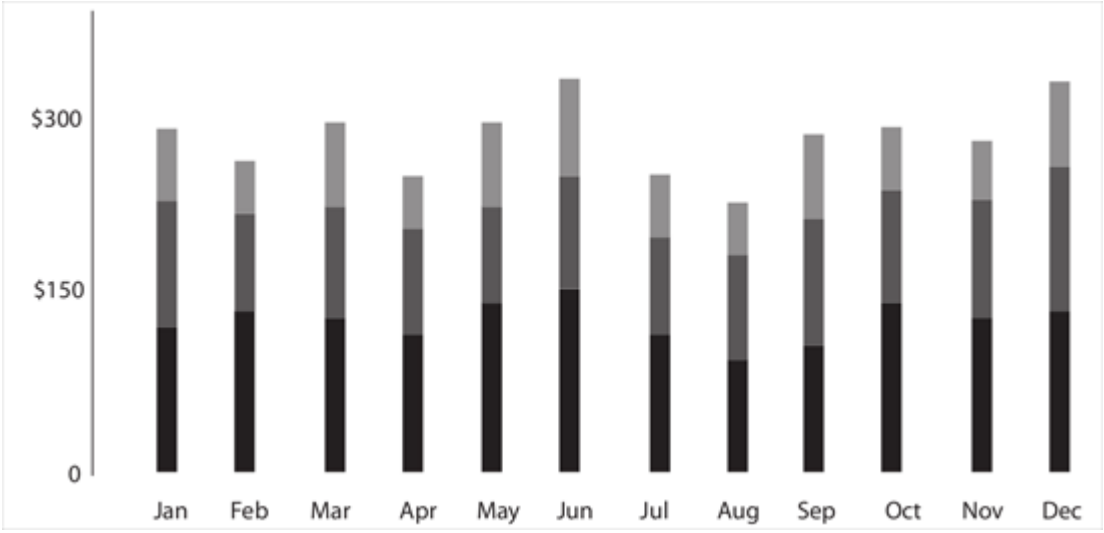


Figura 7: Modelo de gráfico de barras empilhadas, representando o faturamento total
Fonte: <https://docs.microsoft.com/pt-br/sql/reporting /bar-charts-report-builder-and-ssrs htm>

Ambos são exibições válidas da mesma informação, mas contam duas histórias diferentes. O aspecto mais importante é a escolha do assunto que deseja abordar. Especificamente nos gráficos apresentados podemos perceber dois direcionamentos, a princípio: o gráfico estipula o melhor mês para os negócios, ou qual loja é a principal em índice de vendas? Este é um simples exemplo, mas mostra, na verdade, todo o foco informacional de dados — fazer a interpretação adequada observando a representação e direcionamentos estipulados pelo produtor do gráfico. Podemos perceber que não é apenas a história apresentada que vai guiar a escolha de visualização. Essa escolha exige de o leitor identificar as peculiaridades que o próprio gênero nos apresenta.

O gráfico de barras e o gráfico de linhas são realmente recorrentes nos dados jornalísticos e em várias instâncias comunicativas do cotidiano. Todos eles têm características comuns e são apropriados para situações um pouco diferentes entre si — que mudam de acordo com a quantidade de elementos, fontes, dados, a localização do gráfico, o suporte, o tema e o direcionamento do assunto.

A análise do gráfico facilmente responde à pergunta “onde” das cinco questões básicas de alguns elementos constitutivos de um texto que podemos citar, típico do jornalismo ("quem?", "o que?", "quando?", "onde?" e "por quê?"). Uma vez dominado o tipo básico de gráfico, pode-se construir a visualizações de dados mais elaboradas.

Notam-se, nos estudos abordados sobre esse gênero, poucos trabalhos relacionados à sua aplicabilidade ao ensino. Os enfoques são mais estudados no jornalismo, nas áreas de exatas, geografia e da psicologia cognitiva.

Um estudo relevante sobre a habilidade de leitura do gênero gráfico foi apontado por Duarte (2008), que constatou a escassez de estudos sobre a leitura de textos multimodais, dos quais o gráfico faz parte. É importante salientar esse trabalho com a leitura do gênero objeto deste estudo, pois a abordagem da nossa pesquisa perpassa pela competência leitora até chegar ao produto que resulta na produção escrita proposta pela retextualização. Nesse aspecto, o trabalho com o gênero textual deve ser algo contínuo e sistemático. Portanto, tendo em vista a necessidade de apropriação do gênero gráfico para a formação do leitor/escritor, pretendeu-se desenvolver uma pesquisa com a intenção de buscar estratégias que facilitem essa apropriação.

A questão é tentar aprofundar a discussão sobre o gráfico como gênero textual, e não apenas como um enfeite de texto, acréscimo de dados, um resumo de texto, mas sim, um gênero que além dessas funções apresenta particularidades, como por exemplo, não precisar necessariamente de estar atrelado a um texto verbal para estabelecer a comunicação. Por isso,

o identificamos como um texto multifuncional-modal.

Ao mesmo tempo, implica em garantir aos alunos a aprendizagem, os saberes sistematizados na sociedade e que são fundamentais para ações cotidianas, como ler jornais, relacionar ideias, entender a lógica da interpretação de um gráfico.

É importante ressaltar a existência de outros trabalhos de análise de gráficos, tais como Monteiro & Ainley (2004), Gitirana (2005) e Patrocínio (2007). As análises desses autores fundamentam-se em outras teorias que não a Retextualização e a Teoria da Estrutura Retórica (RST). Conforme Patrocínio, Silva e Guimarães (2007), a compreensão em leitura/interpretação de gráficos independe do nível de escolarização, considerando anos de estudos, mas depende de uma reflexão sistemática. Algumas perspectivas estão surgindo e novas abordagens incluem a interpretação do gráfico, mas o seu reconhecimento como gênero textual ainda não é tratado de forma sistemática.

Gitirana, Guerra e Selva (2005) realizaram uma pesquisa sobre a interpretação de gráficos com professores da Rede Pública de Ensino de Recife, indicando que a dificuldade de interpretação está ligada à falta de informações necessárias à compreensão do gênero como: falta de títulos, pouca nomeação de eixos, legendas e, até mesmo, situações falhas na construção da escala de gráficos. Esses estudos muito contribuem para as questões relacionadas aos estudos matemáticos e são relevantes para a análise da pesquisa proposta.

Conforme Monteiro (2004), leitores de gráficos evocam conhecimentos prévios e experiências que estão ligadas aos significados relacionados aos dados interpretados. A noção do senso crítico em interpretação de gráficos da mídia é vista como importante mecanismo que nos auxilia a pensar a respeito de situações de ensino/aprendizagem relacionadas ao gráfico. Já a pesquisa realizada por Monteiro (2010) contribuiu para a reflexão acerca do planejamento de situações didáticas relacionadas a interpretação de gráficos. Dessa forma, o estudo do autor investigou como os professores interpretam os gráficos, ou melhor, aqueles que em tese seriam responsáveis pelos processos de ensino deste conteúdo conceitual, contribuindo para poder fundamentar outras investigações que incidam mais especificamente nas situações didáticas para ensino de gráficos (construção e interpretação).

2.1.1 Abordagem do gráfico em diferentes meios de comunicação

As experiências e vivências pessoais diárias que temos com os mais diversificados meios de comunicação podem ser influenciadas por inúmeras informações que temos contato, às quais podem moldar nossas atitudes, decisões e pontos de vista. Os meios de comunicação

desempenham um papel importante na sociedade brasileira e podem nortear indivíduos a partir da divulgação de notícias. Entretanto, no Brasil, atualmente, sabemos que elas estão de acordo com conceitos editoriais da empresa e não apresentando visões diferentes para o mesmo aspecto analisado. Ou seja, nem sempre refletem as opiniões de grupos que possuem diferentes pontos de vista e, com isso, podem influenciar as decisões das pessoas.

Por outro lado, Monteiro e Selva (2001) apontam que essa interpretação não é imediata, ou seja, não há garantias de que as pessoas serão manipuladas a partir do contato com a informação. Um cuidado que se deve ter é destacado por Monteiro (2006 apud GUIMARÃES; CAVALCANTI, 2011), no sentido de que os gráficos apresentados nos meios de comunicação de massa estão diretamente relacionados com a intenção de quem estruturou a matéria, no sentido de enfatizar, omitir ou modificar determinados aspectos da notícia.

Considerando-se o contexto escolar, destacamos que, de acordo com Monteiro (2006), na maioria das escolas, os gráficos apresentados são abordados de forma mecânica visando a construção e leitura deles, mas não havendo espaços para discussões no sentido de interpretar e se posicionar criticamente, assim como, a realização de debates com os alunos sobre os diferentes tipos de gráficos e sobre informações que se queira evidenciar, ou seja, destacando a discussão dos temas da realidade presentes nos gráficos. Acrescentamos a essa ideia, a abordagem do gráfico enfatizando todos os seus elementos constitutivos, inclusive tipos de representações gráficas, títulos, cores, fonte, assunto, dentre outros.

Atualmente, muito se tem abordado sobre educação estatística, assunto importante para os cidadãos, pois, essa área objetiva estudar e principalmente compreender como as pessoas aprendem e ensinam estatística, visando o desenvolvimento delas.

Chamamos este desenvolvimento, segundo Garfield (1999, apud RUMSEY (2002), de letramento estatístico, que é o entendimento da linguagem estatística, isto é, palavras, símbolos, termos, para adquirir a habilidade de interpretar tabelas e gráficos, de ler e compreender a estática presente nos meios de comunicação.

Agora, especificamente sobre a leitura e interpretação de gráficos estatísticos, há pesquisas que abordam esta temática, e apresentam três níveis de compreensão de gráficos estatísticos. No primeiro nível, ao ler os dados, os alunos acessam informações que já estão presentes nos gráficos, como, por exemplo, o valor de uma variável. No segundo nível, ler entre os dados, é quando os alunos utilizam informações presentes nos gráficos e os interpretam num nível inicial, por exemplo, identificando o menor valor de uma variável. No último nível, que é ler além dos dados, os estudantes resgatam conhecimentos prévios para responder a questão.

As pesquisas sobre estatísticas se referem a aspectos técnicos da interpretação de gráficos estatísticos, que tradicionalmente estão presentes nos livros didáticos. Mas outros fatores também podem interferir na interpretação, como o fato dos alunos vivenciarem o tema do cotidiano que é discutido juntamente com o gráfico estatístico. Outro aspecto que poderia contribuir para a interpretação do gráfico seria uma abordagem mais sistematizada de alguns aspectos multimodais.

A título de exemplificação, apresentamos alguns exemplos de diferentes gráficos, tanto no que diz respeito a sua estrutura, quanto em relação ao conteúdo abordado.

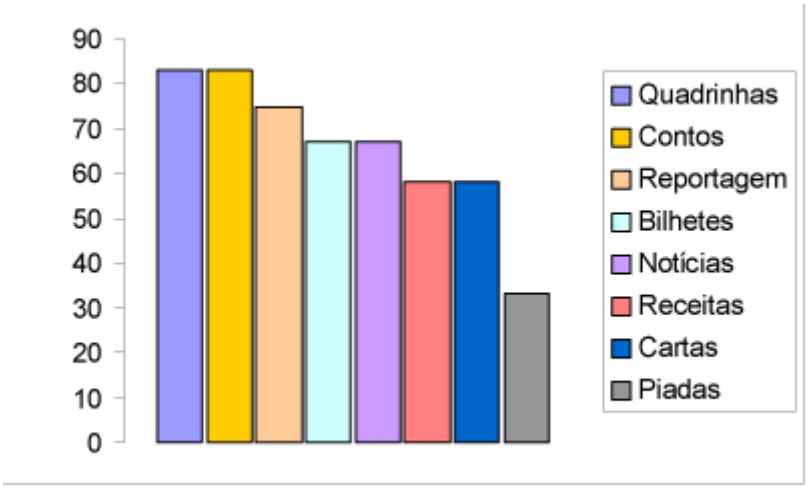


Figura 8: Modelo de gráfico representando os tipos de gêneros textuais utilizados em sala de aula
Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/matematica/graficos.htm>

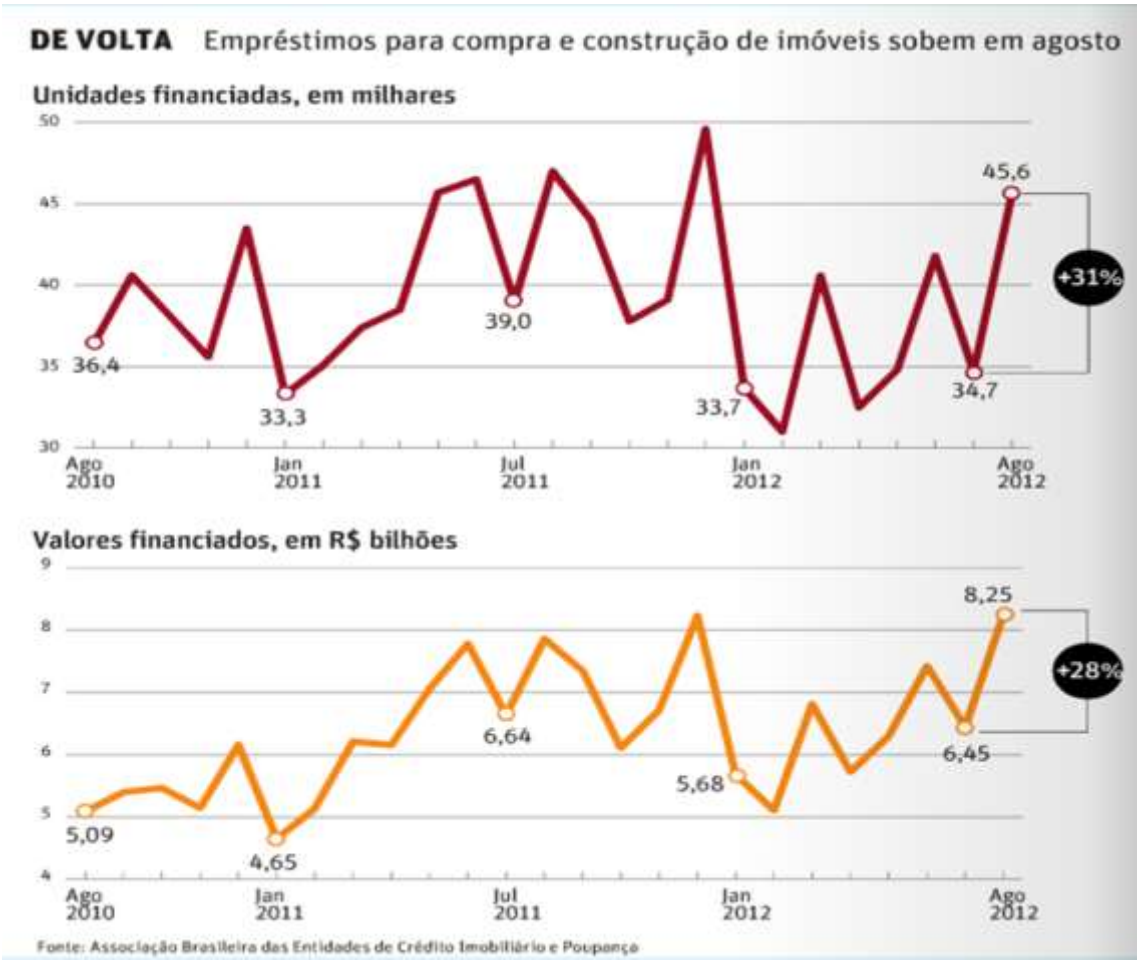


Figura 9: Modelo de gráfico representando o percentual de empréstimos para compra e construção de imóveis, em agosto (Unidades financiadas em milhares e em bilhões de reais)
Fonte: <https:// blog.enem.com.br/analise-de-graficos-e-tabelas-no-enem.htm>

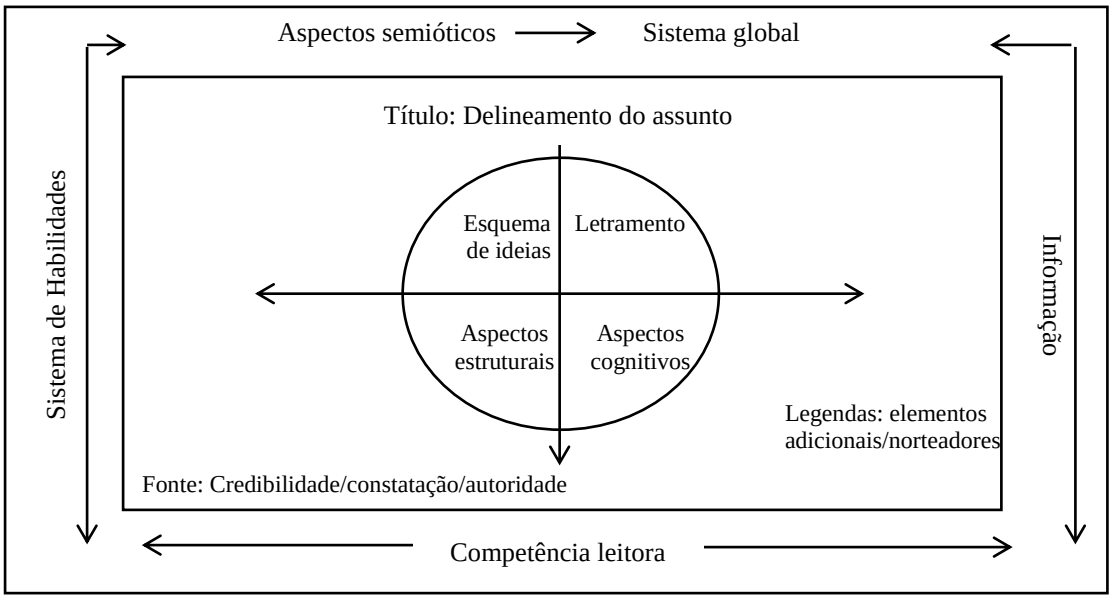


Figura 10: Modelo de gráfico representando a desigualdade salarial de gênero
Fonte: OCDE, 2012. Disponível: <https://www.mercadopopular.org.htm>

2.1.2 Elementos mobilizadores essenciais para a compreensão do gráfico

Direcionamos uma abordagem de leitura tendo em vista os elementos que consideramos constitutivos do gráfico. Consideramos esses elementos instigadores para que o leitor construa, no processo de interação com o texto, o significado atribuído ao texto.

Quadro 5: Mecanismos para leitura do gênero gráfico



Procuramos representar, por meio da visualização do quadro acima, a nossa assimilação, baseada nas teorias abordadas, de como se daria o processo de leitura de um gráfico. Para isso, compreendemos que, para ser um leitor competente do gênero gráfico, requer a apropriação dos elementos que o constituem para atribuir-lhe sentido. É ser capaz de articular as habilidades cognitivas às possibilidades de informações que o texto apresenta, tanto na esfera estrutural quanto nos aspectos linguísticos. Ademais, para atingir essa competência, o leitor precisa associar um sistema de habilidades e informações, relacioná-las ao conhecimento de mundo, processá-las e materializá-las, procedimento que também ocorre na leitura de outros gêneros, porém, por se tratar de um gênero multifuncional-modal, os aspectos semióticos têm como uma de suas funções o direcionamento dos eventos comunicativos.

Portanto, não há motivos para afirmar que a leitura de gráficos requer novos esquemas e habilidades a ponto de gerarem dificuldades de entendimento. A dificuldade é apresentada se o leitor tiver pouca experiência com os eventos comunicativos; mas se ele participar do processo de construção dessas habilidades, se for apresentado a ele como esse processo se

constrói na interação leitor/texto/produtor terá oportunidade de aprender a fazê-lo, de adquirir capacidade para retomar informações pré-concebidas, reestruturá-las, articulá-las e contextualizá-las. Essa concepção vem ao encontro da proposta de relação do sujeito leitor com o objeto de leitura (o texto), apresentada por Dell'Isola (2005), ao afirmar que

> a leitura compreende um processo em que o leitor seleciona informações, elimina outras, cria novas relações, adiciona elementos e, finalmente, reconstrói o sentido do texto (...) um indivíduo, diante da página impressa, vê o que está escrito, atribui significado às palavras ou frases e aciona um processo ativo de interação com o texto que lê. (DELL'ISOLA, 2005, p.63).

2.2 O gênero parágrafo descritivo e gênero texto de divulgação científica: caracterização

Nesta tese corroboramos o estudo de Longacre (1979, p. 115) ao definir o parágrafo como uma unidade estrutural do discurso e não como uma unidade ortográfica (tradução nossa).[5]

Segundo Garcia (1983, p.203), "o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela". Concebemos, nesse sentido, que um parágrafo apresenta um tópico-frasal, em geral, no início do parágrafo e que apresenta a ideia central a ser discutida neste. É também chamada de "frase nuclear". Ao tópico frasal agregam-se as ideias secundárias formuladas em outras frases. Como unidade do texto, para sua produção devem ser observados os mesmos procedimentos para a elaboração do texto como um todo. Ele pressupõe formulação e delimitação do assunto, planejamento das ideias e objetivo a ser atingido. (ANDRADE & MEDEIROS, 2006, p. 209).

Um parágrafo, assim como um texto, apresentará em geral um começo (introdução), meio (desenvolvimento) e fim (conclusão). Consideramos o parágrafo descritivo como um gênero textual. A este respeito Bakhtin (1997, p. 284) diz que

> Cada esfera conhece seus Gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

O autor ainda aborda a "transmutação" dos gêneros e a assimilação de um gênero por outro gerando novos. Há muitas outras concepções de análise e abordagens teóricas sobre a

[5] "Paragraph" is taken here to designate as structural rather than an orthographic unit.

definição de gênero, mas a intenção apresentada nesta pesquisa tem a finalidade de adotar uma redefinição de alguns aspectos relevantes que definem o parágrafo descritivo como “tipo textual” ou “gênero textual”. Consideramos gênero textual o parágrafo descritivo por perceber, além de ser apresentado como uma unidade estrutural do discurso, que a sua materialização escrita potencializa o uso das características do elemento descrito cuja descrição não se restringe aos aspectos sensoriais, uma vez que envolve uma observação fidedigna dos componentes, enumerando situações que facilitam o entendimento ou a visualização do elemento descrito. Essa visualização ocorre por meio de dados e acréscimo de detalhes.

Adotamos a concepção de Gênero Parágrafo Descritivo (GPD) uma vez que a definição apresentada direciona para as formas comunicativas próprias e heterogêneas, caracterizadas pela relação que se instaura no uso da linguagem e no propósito comunicativo. Baseamos, também, no caráter didático de abordar essa questão, no momento de produção da escrita, levando em conta as necessidades comunicativas e o objetivo do produtor de texto.

O GPD, considerado texto-alvo para esta pesquisa, foi produzido pelos participantes no primeiro momento das retextualizações. A intenção foi a descrição das características predominantes no gráfico. Foi, portanto, uma maneira de retratar como a apresentação ou disposição do assunto do gráfico ocorreu de forma a permitir o leitor que produzisse um parágrafo baseado no cenário da imagem gráfica, criando assim, uma cadeia de ideias absorvidas por ele. Nesse momento, a descrição se atentou para uma mera observação, não se preocupando com as minúcias dos detalhes.

A respeito do texto de divulgação científica, considerado nesta pesquisa como texto-alvo, procuramos sintetizar alguns aspectos que o evidenciam como gênero muito utilizado no âmbito escolar e por adquirir, muitas vezes, um caráter didático, ou seja, o fato de sua circulação ocorrer com frequência em livros adotados nas escolas. Convém destacar que se trata de um gênero bastante presente em revistas de divulgação científica, no jornalismo (impresso, telejornalismo, radiojornalismo, webjornalismo, etc.), visto que tem como propósito central informar o leitor, a partir de fatos e acontecimentos, situando-o em relação às novidades do que vem acontecendo na região, no país ou no mundo.

Desse ponto de vista, as marcas centrais do texto em questão fazem com que possa ser considerado um texto de divulgação científica, já que podemos destacar a objetividade e a veracidade dos dados apresentados. De acordo com a proposta de Silva; Almeida, 2005; Abreu et al., 2007; Queiroz et al., 2012, “os textos de divulgação científica (TDC) têm sido sugeridos em pesquisas da área de educação, das ciências como capazes de complementar o

uso de materiais educativos tradicionais, como os livros didáticos". Tais pesquisas têm seu alicerce na importância que deve ser dada a práticas em sala de aula que, além de facilitarem a incorporação do saber científico, da investigação, da divulgação de dados, possam contribuir para a formação de hábitos e atitudes nos estudantes que permaneçam após a saída da escola e da universidade.

Nesse contexto, destacamos as considerações de Martins et al. (2010). Esses autores sugerem que estratégias didáticas que valorizam o contato dos alunos com diferentes tipos de textos científicos e expressam uma variedade de formas de argumentação e pontos de vista podem trazer certos benefícios, dentre os quais estão: acesso a uma maior diversidade de informações; desenvolvimento de habilidades de leitura e domínio de formas e argumentação e elementos de terminologia científica. Assim, passar a conhecer uma variedade de tipos de textos científicos, desde reportagens de mídia até originais de cientistas, é condição para tornar-se um participante da cultura científica.

Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a refletir sobre a leitura de TDC, aqui entendidos como textos direcionados a um público não-científico, ou seja, "não estritamente especializado naquele tópico específico daquela subárea de um determinado campo de investigação ou de uma disciplina" (ZAMBONI, 2001, p. 96). Trata-se de textos que resultam de uma atividade discursiva que se desenvolve em condições de produção distintas daquelas em que os cientistas produzem o conhecimento científico (MAINGUENEAU, 1997).

Ainda falando acerca dos traços estruturais, apesar de tal modalidade não obedecer a uma norma rígida, o que normalmente se atesta é a predominância de um parágrafo introdutório, revelando a ideia principal a ser abordada, seguido pelo desenvolvimento, sendo esse manifestado por meio de exemplos, comparações, dados estatísticos, relações de causa e efeito, resultado, objetivos de experiências, e culminando nas conclusões acerca do que foi anteriormente abordado.

> Carvalhais (2012, p.15) esclarece que o gênero "artigo de divulgação científica" pode também ser classificado como "texto de divulgação científica", o que ocorre, por exemplo, em alguns manuais didáticos de língua portuguesa. O autor explica o uso diferenciado da terminologia "artigo de divulgação científica" e "texto de divulgação científica". A partir de estudos desenvolvidos por Grillo (2006) e Giering (2010), Carvalhais (2012, p. 15) discute que a terminologia "artigo de divulgação científica" se justifica

> Primeiro, porque os textos desse gênero são assinados e produzidos por jornalistas especializados nessa área. Segundo, porque a terminologia "texto de divulgação científica" pareceu-nos muito ampla, podendo abarcar vários outros gêneros, como uma entrevista ou uma reportagem de divulgação científica, por exemplo." Por ora, pode-se afirmar que tal expressão diz respeito à utilização de recursos, técnicas e processos, por parte da mídia em geral (seja ela impressa, radiofônica, televisa ou digital), para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público não especializado em ciências.

Dessa forma, o critério adotado para identificação do gênero texto de divulgação científica, nesta tese, refere-se ao fato de ser um texto que apresenta resultados de pesquisas desenvolvidas por estudiosos e profissionais das mais variadas áreas do saber, tornando as investigações realizadas fundamentais para o conhecimento do leitor sobre os assuntos abordados, o que reforça a ideia da palavra divulgação. Esse gênero circula em variados suportes textuais - revistas, jornais, livros didáticos, internet, documentários - e tem como uma das finalidades se tornar acessível aos leitores.

2.3 Gênero gráfico e recursos multimodais: conceitos básicos implicados na noção de multimodalidade

A motivação para o estudo, mesmo que inicial, dos aspectos multimodais do gênero gráfico, surgiu após cursar a disciplina ministrada pela professora doutora Sônia Pimenta, na Faculdade de letras da UFMG, no 2º semestre de 2015. No decorrer das aulas, a professora apresentou-nos a Teoria da Gramática Sistêmico-funcional, a multimodalidade e a importância da relação escrita/imagem. O fato de perceber a relevância desses aspectos aguçou em nós, a vontade de levar ao conhecimento do aluno tal teoria. Mesmo sendo de maneira elementar tínhamos um propósito pré-estabelecido: instigar o aluno a ler de forma mais detalhada, mais abrangente, o gênero gráfico.

Atualmente, constata-se o surgimento de textos utilizados por uma sociedade que faz uso de diversas formas da linguagem, o que torna necessário analisar os aspectos multimodais que esses textos apresentam. Sendo assim, os estudos de Kress e van Leeuwen (2001) apontam que os elementos multimodais exercem um papel relevante para entender o significado e a construção textual. Portanto, é viável a formação de leitores e produtores de textos cuja língua não se limita a determinada forma ou função.

Conforme Bezerra (2003, p.209) "se as sociedades e culturas e suas atividades são medidas pela linguagem, os modos de utilização dessa linguagem são tão variados quanto variadas forem as atividades humanas". Nos textos da mídia impressa, como em vários outros,

surgem variados gêneros apresentando modos semióticos cada vez mais diferenciados. Dessa forma, é essencial relacionar às atividades de entendimento desses gêneros os recursos semióticos e multimodais.

O enfoque da multimodalidade deste trabalho está relacionado ao proposto na Gramática do Design Visual (GVD), mais especificamente à metafunção ideacional que trata da relação entre o observador, nesse caso o leitor, da imagem e a imagem em si. A figura em formato de cruz, baseada em Kress e van Leeuwen (2000, p.208), foi utilizada para proporcionar melhor visibilidade dos elementos constitutivos do gráfico analisado.

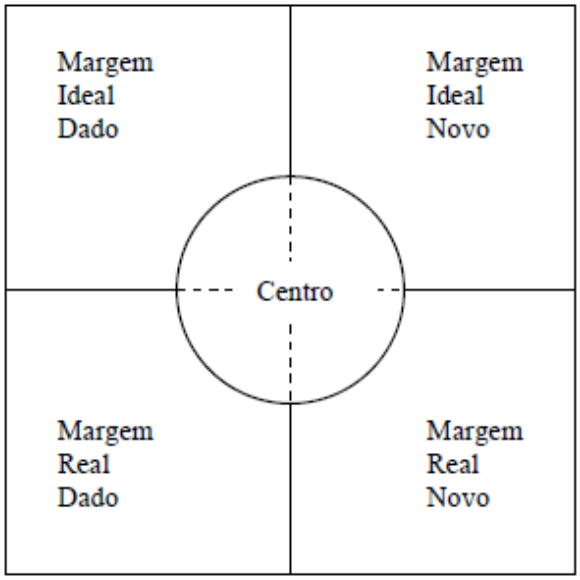


Figura 11: As dimensões do espaço visual em formato de cruz
Fonte: Baseada em Kress e van Leeuwen (2000, p.208)

Com os textos apresentando-se cada vez mais multimodais Kress e van Leeuwen (2001, p.11) apontam para a necessidade de entender como as imagens se relacionam ao texto. O conceito de imagem é abordado pelos autores como “um sistema complexo cuja a atenção é voltada para o contexto específico em que é produzido”. As imagens manifestadas no gênero gráfico foram analisadas observando as possíveis integrações constituintes entre os elementos que o compõe, que perpassam o visual, a estrutura e o formato e que se interrelacionam na construção de diferentes funções sociais exercidas pelo gênero gráfico, atribuindo assim, suas finalidades e propósitos comunicativos.

Para sustentar a análise realizada com os gráficos, adotamos o pressuposto de que a linguagem é um tipo de comportamento social, ou seja, ela tem uma função que é construída a partir das interações humanas e está organizada em “sistemas” contextualmente produzidos.

Segundo Pimenta,

> [...] a função principal da semiótica é dar conta de troca de mensagens, quaisquer que sejam essas mensagens, ou seja, a comunicação. Uma mensagem pode ser um signo, ou uma cadeia de signos transmitidos por um produtor para um receptor de signos ou destinatário cujo cérebro produz transformações mentais a partir de experiências corporais e as codifica em forma de signos. Nessa comunicação através de signos, o ser humano se distingue das outras espécies, dada sua característica única de possuir dois repertórios separados de signos à sua disposição: o verbal e o não-verbal. (PIMENTA, 2001, p. 186)

Na perspectiva das autoras Natividade e Pimenta (2006), a multimodalidade explora a forma como o significado pode ser expresso por diferentes modos semióticos. Por esta razão, enfatizam que "o processo de construção de significado, mais do que o significado enquanto núcleo em si mesmo, torna-se foco de nossas análises". Concomitante a ideia apresentada por essas autoras o nosso interesse foi investigar "o quê", "com qual modo" e "como" o significado foi processado, pois todos estes níveis contribuem para a articulação e interpretação de todo e qualquer gênero textual.

A semiótica Social e a Multimodalidade baseiam-se nos postulados apresentados na Gramática Sistêmico-Funcional Hallidayana que considera a Teoria Sistêmica uma teoria do significado como escolha, através da qual a linguagem ou qualquer outro sistema semiótico é interpretado como redes de opções interligadas. Ademais, para qualificar a linguagem como funcional em sua interpretação, Halliday (1994) apresenta três razões: do texto, do sistema linguístico, dos elementos de estruturas linguísticas. Embora todas essas razões sejam necessárias para o entendimento do texto, na subdivisão – a textual, a interpessoal e a ideacional - proposta na qualificação do sistema linguístico, enfatizamos a função textual, mais especificamente, no valor da informação apresentado no gráfico.

A função textual da Gramática Sistêmico-Funcional equivale à metafunção composicional postulada por Kress e van Leeuwen (2006). Nessa perspectiva, os elementos visuais interligam-se na composição do todo imagético, elas se associam, se interagem para que a imagem apresente coerência entre as partes e o todo, tendo cada elemento sua especificidade. Esta coerência interna da imagem está ligada aos seguintes sistemas presentes na metafunção composicional: valor de informação; saliência; e moldura. Kress e van Leeuwen (1998) destacam que as posições ocupadas das informações contidas no texto refletem diferentes níveis de saliência e moldura, por isso, reúnem valores específicos. Ademais, esses posicionamentos constroem relações entre diferentes eventos apresentados, podendo ocorrer no campo do Ideal e outros no campo do Real, no campo do Dado e outros no campo do Novo.



Figura 12: O que os brasileiros estão lendo
Fonte: Instituto Pró-Livro, Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 2008

A prática de leitura de imagens, seja em livros didáticos, mídia, revistas e jornais, ainda não adquiriu valor representativo como o dado para o texto verbal. Para essa afirmação, analisamos a ocorrência de gráficos em livros didáticos de língua portuguesa e se eles abordavam o gráfico como gênero textual. Constatamos que o gráfico, quando utilizado, servia de referência para situar uma informação ou responder um questionamento do tipo: Todos os resultados obtidos com a pesquisa foram apresentados? O gráfico produzido é de coluna ou de barras? O gráfico apresenta título? O título resume ou dá uma ideia sobre o que se trata? O trabalho com a leitura de imagens, muitas vezes, fundamenta-se na observação de alguns elementos em detrimento de outros, ou seja, o texto verbal adquire um "status" de maior valor em relação à imagem, atribuindo assim, uma interpretação aparentemente subjetiva.

Nesse sentido, sob a perspectiva de signo motivado da Semiótica Social os dois níveis – verbal e não-verbal – deveriam apresentar o mesmo status para a produção de sentido e significado na construção textual, como muito bem descreve Paiva (2009) "o signo - visual ou verbal – pode ser analisado dividindo-se em unidades e seguem uma motivação ao serem organizados pelo autor do texto ao construir seu discurso. De acordo com a Gramática do Design Visual, os signos visuais são organizados pela motivação do autor, como se este os estivesse organizando em uma sintaxe, como o modo verbal.

Desta maneira, apresentamos o gráfico para os alunos envolvidos neste trabalho mostrando os aspectos de valor informacional atribuídos a cada elemento contido na imagem, a relação de um elemento com o outro e observando a posição que ocupavam no texto analisado. Estes valores foram elencados considerando-se a leitura ocidental, cuja orientação se faz da esquerda para a direita e de baixo para cima, utilizando as informações verbais e não-verbais. Consideramos os elementos colocados à esquerda, seguindo uma linha horizontal, representativos da informação dada, e os elementos da direita representando o novo (DADO/NOVO). Constatamos, nos gráficos analisados, a tendência da informação verbal (palavras, frases, fonte) manifestar-se mais do lado esquerdo do gráfico, sendo esta a informação dada comum para o leitor, mas direcionando-o para novas informações disponibilizadas na imagem, servindo assim, como vetores para direcionar o leitor. Segundo Kress e van Leeuwen (1998), as estruturas representacionais são ideológicas, pois as informações são apresentadas com um "pensamento" dotado de status e valor diante do leitor. Apesar de considerarmos de extrema relevância os aspectos multimodais, nos atemos a essas noções (DADO/NOVO), pois o intuito foi apresentar alguns recursos multimodais desconhecidos pelo público-alvo desta pesquisa e tão necessários para o estabelecimento da coerência na interpretação de texto.

Parte-se do pressuposto de que os gráficos constituem um gênero textual que apresenta em sua formação características específicas e uma certa prototipicidade exigidas para a sua composição. A teoria da multimodalidade desenvolvida por Kress e van Leuween (2006), nos termos da Gramática do Design Visual, considera o texto partindo da premissa de que o visual e outros modos semióticos não são apresentados eventualmente, ou seja, a formação do texto segue determinados propósitos comunicativos averiguados em sua formação. Sendo assim, podemos afirmar que o recurso da multimodalidade proporciona uma análise mais minuciosa, atentando-se aos detalhes do texto, direciona o leitor/produtor a reconhecer o potencial comunicativo estabelecido entre o visual e o verbal, entre a correlação da parte/todo.

Na apresentação do gráfico, que divulga dados sobre "a preferência de leitura dos brasileiros", vários elementos multimodais são materializados no texto. A análise do foi considerada sob o ponto de vista das três metafunções de Hallliday, sendo dividas da seguinte maneira:

1. Metafunção ideacional: a representação das barras no gráfico, os traços marcadores de níveis de localização da informação dada;
2. Metafunção interpessoal: as relações de ideias do leitor se concretizam através dos elementos numéricos expostos;

3. Metafunção textual: a coerência estabelecida entre o título, os números representativos de porcentagem, as imagens, legenda, fonte, cores, a disposição desses elementos na imagem do gráfico.

A significação adquirida na leitura do gráfico encontra-se articulada à motivação de quem o produz e ao propósito comunicativo atribuído ao texto. Percebe-se, nesse sentido, que as escolhas textuais e multimodais são organizadas intencionalmente e que não dissociam do objetivo proposto na construção de sentido. As porcentagens numéricas são representativas para associar a imagem ao contexto sócio-cultural, apresentando informações que enfatizam a pesquisa realizada sobre o assunto exposto – leitura – e ainda tem a função de conferir maior credibilidade ao texto. Essa estratégia direciona o leitor a aceitar a informação dada como verdade inquestionável. É nesse momento que a intenção comunicativa se estabelece, a interação entre informação dada e conhecimento de mundo se correlacionam.

Torna-se fundamental observar que as competências leitoras são contempladas, de acordo com a BNCC (2011), no Eixo Leitura, pelas práticas de leitura presentes dentro da sala de aula, com a finalidade de formar leitores e produtores de textos aptos para o manejo claro e definitivo de diversos gêneros textuais. Nessa direção, a BNCC (2011, p. 69 -70) orienta que

> Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação (...). Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. O tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão (...) (BNCC, p. 69-70)

As práticas leitoras são essenciais para aquisição da competência, mas elas só são efetivadas na interação do leitor/texto, no caso do gênero gráfico é entre leitor/texto-verbal/imagem que se cria a intenção enunciativa. Tomemos como exemplo dessas representações as cores utilizadas no gráfico “O que os brasileiros estão lendo” em que atribuiu-se sentido levando em conta a ideia que se quer destacar, considerando para isso os aspectos mais evidentes associados às cores mais forte (o título e a quantidade em milhões representadas no gráfico). Dessa forma, a utilização de tons diferentes desperta no leitor uma atenção maior para as informações contidas nessas partes.

Segundo Kress e van Leeuwen (2001), as cores funcionam como um dispositivo semiótico formal capaz de representar ideias, atitudes, ressaltar informações e estabelecer coerência e coesão nos textos, ou seja, carregam significados ideacionais, interpessoais e textuais. Para Kress e van Leeuwen (2002), qualquer instância específica de uma cor pode ser

analisada como uma combinação de valores específicos dentro de uma cadeia de escalas que vão desde os tons claros aos tons escuros, escala de saturação, modulação, diferenciação, luminosidade etc., convergindo para um complexo de composição de significados potenciais. Podemos observar essa ocorrência no gráfico a seguir:



Figura 13: O que os brasileiros estão lendo
Fonte: Instituto Pró-Livro, Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 2008

Nota-se que os elementos analisados são distribuídos de forma organizada. Logo no início, o título foi utilizado em posição central e destacado com a cor vermelha, considerada cor de destaque para chamar a atenção do leitor para o assunto abordado. Na linha horizontal, podemos destacar que a informação dada adquire um status de maior relevância para atingir a intenção comunicativa: informar ao leitor os suportes textuais mais procurados pelo leitor entrevistado.

Observa-se que os estudos dos aspectos multimodais são fundamentais para que os elementos constitutivos do gráfico sejam evidenciados e explorados para que a construção de sentidos se efetive. Esses elementos se manifestam de forma intencional, tornando assim, essenciais para o estabelecimento da comunicação. É importante ressaltar que o conceito de texto é ampliado a partir das análises realizadas nas mais diversas situações comunicativas e nos mais diversos gêneros emergentes no dia a dia.

As referências teóricas relacionadas à multimodalidade corroboraram para a premissa de esclarecermos o gráfico como gênero típico multifuncional-modal apresentando

peculiaridades próprias que a sua composição requer. Além do gráfico ser constituído de vários recursos multimodais, o leitor/produtor desse gênero, para atingir a competência leitora-comunicativa, precisa associar um sistema de habilidades e informações, relacioná-lo ao conhecimento de mundo, processá-lo e materializá-lo. E ainda, relacionar essa associação às várias funções que esse gênero se dispõe: apresentar uma informação, resumir um assunto, destacar um assunto em detrimento de outros, reforçar um assunto exposto, ilustrar o texto, dentre outros.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

Observa-se que este trabalho pode ser qualificado como um tipo de pesquisa-ação por considerar o professor um mediador da proposta a ser desenvolvida, efetivamente envolvido no processo de produção do conhecimento na sua própria sala de aula, conforme propõem Moita Lopes e Freire (1998).

O Capítulo III se ocupa da descrição dos procedimentos teórico-metodológicos, da constituição do *corpus* e da descrição da ferramenta RST TOOL, selecionada para a elaboração dos diagramas, demonstrando a estrutura retórica dos textos.

Neste momento, apresentamos os sujeitos envolvidos na pesquisa (professor pesquisador, professor colaborador, alunos do ensino fundamental e médio), descrevemos os procedimentos formais estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) para utilização do *corpus,* recobramos as indagações e reafirmamos nossos objetivos.

3.1 Os procedimentos teórico-metodológicos

Para o desenvolvimento deste estudo e para que fossem garantidos os objetivos enumerados na Introdução, foram estabelecidas etapas associadas à metodologia de pesquisa que melhor atendesse aos propósitos apontados. Dessa forma, foi definida a base teórica que balizou a tese e que conduziu as análises para a teoria funcionalista (RST), considerando os pressupostos de Mann e Thompson (1983; 1988), Mann (1984), Mann; Matthiessen e Thompson (1989), Taboada (2006; 2009), Carlson e Marcu (2001), Chafe (1985), Decat (1999, 2010, 2012, 2014, 2017) Antonio (2004), Campos (2012), Caixeta (2015), Fuchs e Giering (2009), Correia e Jamal (2014). Foram considerados aspectos multimodais, a partir da proposta de Kress e van Leeuwen (1998), Halliday (2004), além de uma produção acadêmica voltada para o conceito de gênero, texto, textualidade, retextualização, na perspectiva da Linguística Textual, à luz de Marcuschi (2007), Dell'Isola (2007), Matencio (2003), Dionísio (2011), Koch (2002), Antunes (2010), Bazerman (2005), Schneuwly e Dolz (2007).

No segundo momento, foram selecionados os gráficos que compuseram o *corpus*, para que, após a análise, a partir do referencial teórico selecionado, fosse verificada a comprovação da hipótese levantada e registrada na Introdução, definida como aquela que aponta para o fato de que o gênero gráfico favorece a emergência das relações retóricas de elaboração, lista e sequência.

A emergência dessas relações retóricas se justifica pelo fato de a relação de elaboração se caracterizar pela apresentação de dados adicionados sobre o elemento do núcleo, de forma que essa ação se processa mediante as relações de lista e de sequência e que o processo de retextualização favorece o entendimento do gênero gráfico, pois possibilita ao aluno a compreensão do gênero e a produção de um texto coerente.

O desenvolvimento da pesquisa foi norteado por procedimentos metodológicos específicos que, a nosso ver, melhor possibilitariam o alcance dos objetivos por nós definidos. Essas estratégias são discutidas a partir deste ponto.

O desenrolar do trabalho se deu em duas etapas. Na primeira etapa, foi realizada uma análise-piloto, envolvendo o Gráfico 2 – "Desempenho em Matemática" - e o Gráfico 9 – "O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre".

Após a aprovação do COEP/UFMG, realizou-se a segunda etapa, quando, em sala de aula, foram propostas aos alunos atividades de produção de textos, a partir dos gráficos (texto-base), originando os textos-alvo. Para esta etapa foram selecionados: Gráfico 6: "Sucesso das empresas", Gráfico 7: Pirâmides etárias absolutas e Gráfico 8: "O que os brasileiros estão lendo".

Para melhor esclarecimento, apresentamos o resumo da metodologia adotada nesta pesquisa, no Quadro 6, a seguir:

Quadro 6: Procedimentos teórico-metodológicos – Resumo

1ª etapa	2ª etapa
Análise-piloto	**1º momento**
Seleção dos gráficos 2 e 9 Envolvido: pesquisadora **Análise dos gráficos 2 e 9, à luz da RST** Envolvido: pesquisadora **Realização das atividades de retextualização** Envolvidos: professor colaborador e um aluno de 18 anos **Análise das retextualizações, à luz da RST** Envolvido: pesquisadora **Análise das retextualizações, à luz da RST** Envolvido: pesquisadora **Análise das OPM** Envolvido: pesquisadora	**Seleção do gráfico 8** Envolvido: pesquisadora **Análise do gráfico 8, à luz da RST** Envolvido: pesquisadora **Análise dos recursos multimodais do gráfico 8** Envolvido: pesquisadora e alunos do EF e EM **Realização da atividade de retextualização** Envolvidos: alunos do EF e EM **Seleção de 4 retextualizações** Envolvido: pesquisadora **Análise das 4 retextualizações, à luz da RST** Envolvido: pesquisadora **Análise das 4 retextualizações, à luz da RST** Envolvido: pesquisadora
	2º momento
	Seleção dos gráficos 6, 7 e 8 Envolvido: pesquisadora **Análise dos gráficos 6, 7 e 8, à luz da RST** Envolvido: pesquisadora **Análise dos recursos multimodais dos gráficos 6, 7 e 8 à luz da RST** Envolvidos: pesquisadora e alunos **Retextualização dos gráficos 6, 7 e 8 em GPD e em GTDC** Envolvidos: alunos do EF e EM **Análise dos GPD e dos GTDC, à luz da RST** Envolvido: pesquisadora **Análise das OPM** Envolvido: pesquisadora

Legenda:
GPD: gênero parágrafo descritivo
GTDC: gênero texto de divulgação científica
OPM: Operações de Marcuschi
RST: Estrutura Retórica do texto
EF: Ensino Fundamental
EM: Ensino Médio

3.2 A Constituição do corpus

O *corpus* desta pesquisa, inicialmente, foi constituído de 09 gráficos (texto-base), apresentando diferentes formas de representação (gráfico de pizza, linhas, barras, pirâmides), além de contemplar assuntos e temáticas diversificadas.

Com o propósito de apresentar os 9 gráficos (texto-base) selecionados, elaboramos o Quadro 7 (a seguir), indicando a temática e a fonte deles.

Quadro 7: Gráficos (texto-base)

Número do gráfico	Temática	Fonte
1	Países mais populosos do mundo	http://colegiopmcampinas.wixsite.com/construca o-graficos/sobre-graficos
2	Desempenho em Matemática	https://brasilescola.uol.com.br/matematica/graficos.htm
3	Empréstimos para compra construção de imóveis	http://www.atireiopaunografico.com.br/2012/10/analise-de-series-com-graficos-de.html
4	SEMI-ÁRIDO	http://ewertongeomacau.blogspot.com.br/2013/09/climograma-de-macau-rn.html
5	Precipitação (mm) Rio de Janeiro e Belo Horizonte no período de 1961-1990	https://exercicios.mundoeducacao.bol.uol.com.br/exercicios-geografia-brasil/exercicios-sobreclimas-brasil.htm
6	Sucesso das empresas	http://wiki.ued.ipleiria.pt/wikiEducacao/index.php/Gr%C3%A1fico_de_Barras
7	Pirâmides etárias absolutas	https://www.uninorte.com.br/oficina-de-teoriasdemograficas-e-piramides-etarias/
8	O que os brasileiros estão lendo.	http://prolivro.org.br/home/
9	O que os brasileiros gostam de fazer em tempo livre.	http://prolivro.org.br/home / livro didático/sistema pitágoras

Para uma melhor visualização, apresentamos os gráficos selecionados para esta pesquisa, apresentados no quadro 7:

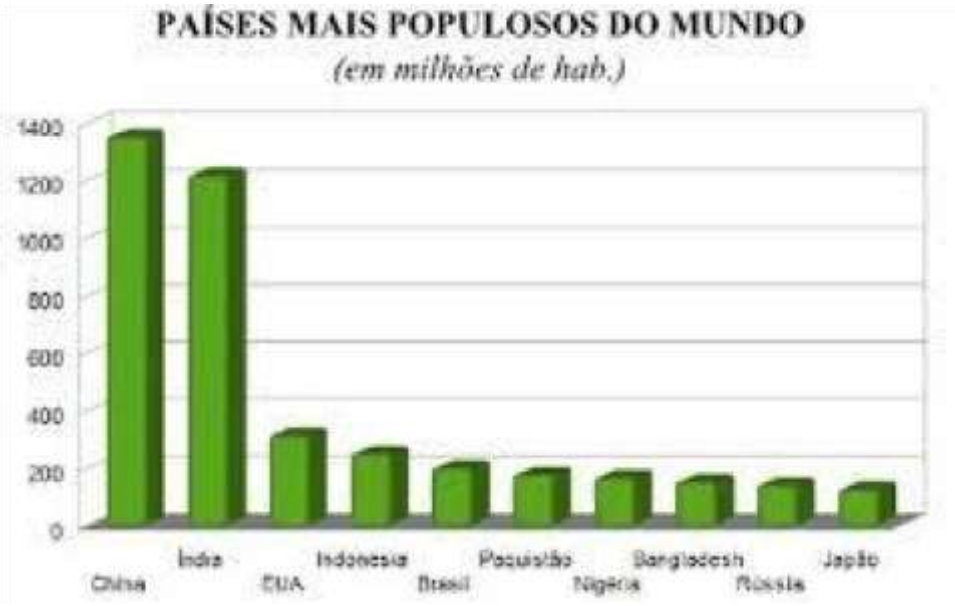


Gráfico 1: Países mais populosos do mundo
Fonte: http://colegiopmcampinas.wixsite.com/construcao-graficos/sobre-grficos

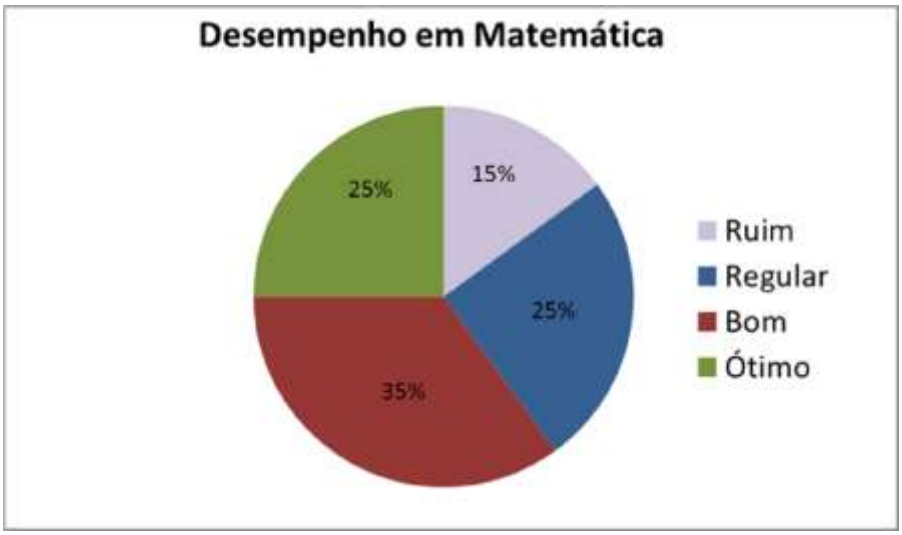


Gráfico 2: Desempenho em matemática
Fonte: https://brasilescola.uol.com.br/matematica/graficos.htm

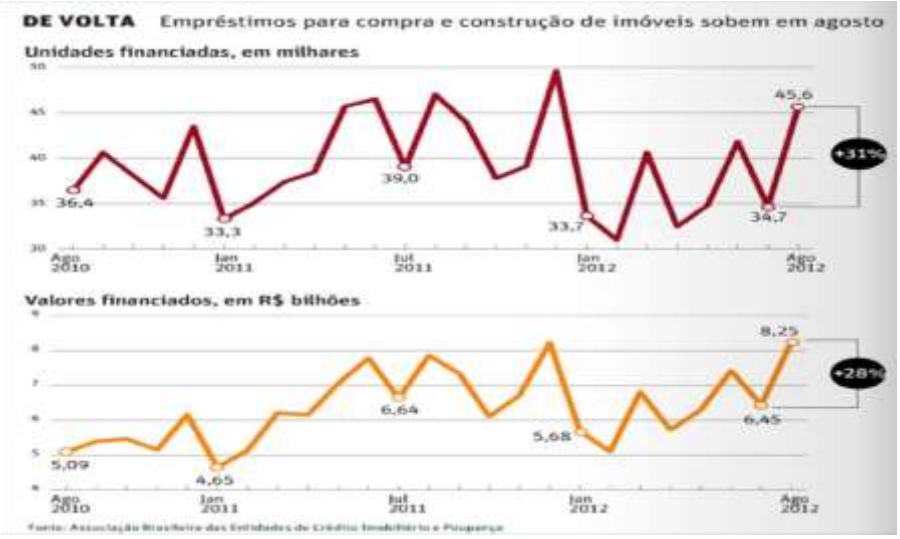


Gráfico 3: Empréstimos para aquisição de imóvel
Fonte: http://www.atireiopaunografico.com.br/2012/10/analise-de-series-com-graficos-de.html

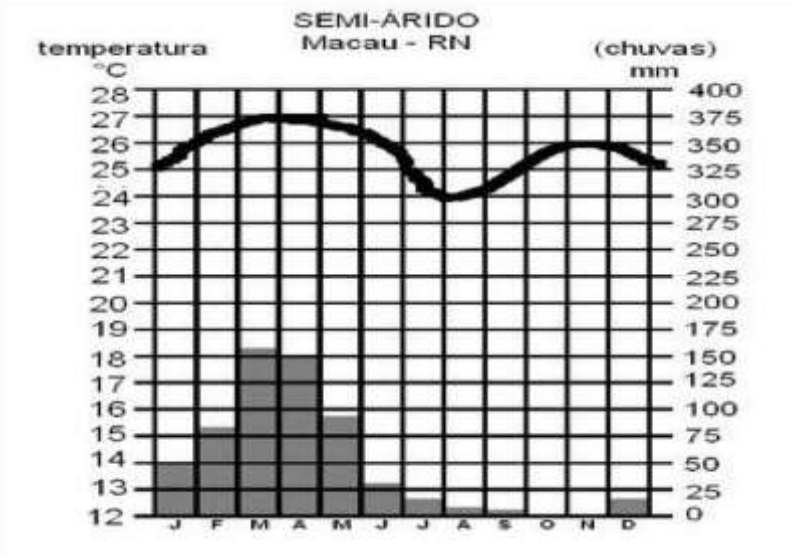


Gráfico 4: Climograma de Macau
Fonte: http://ewertongeomacau.blogspot.com.br/2013/09/climograma-de-macau-rn.html

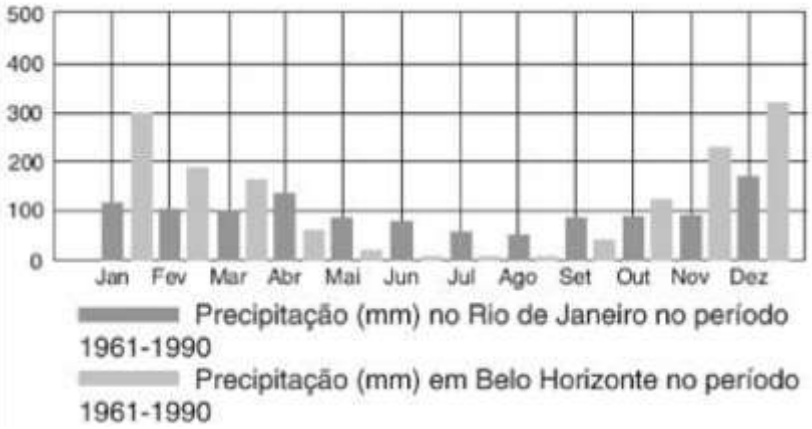


Gráfico 5: Precipitação no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte
Fonte:https://exercicios.mundoeducacao.bol.uol.com.br/exercicios-geografibrasil/exercicios-sobre-climasbrasil.htm



Gráfico 6: Principais causas de sucesso de uma empresa
Fonte: http://wiki.ued.ipleiria.pt/wikiEducacao/index.php/Gr%C3%A1fico_de_Barras

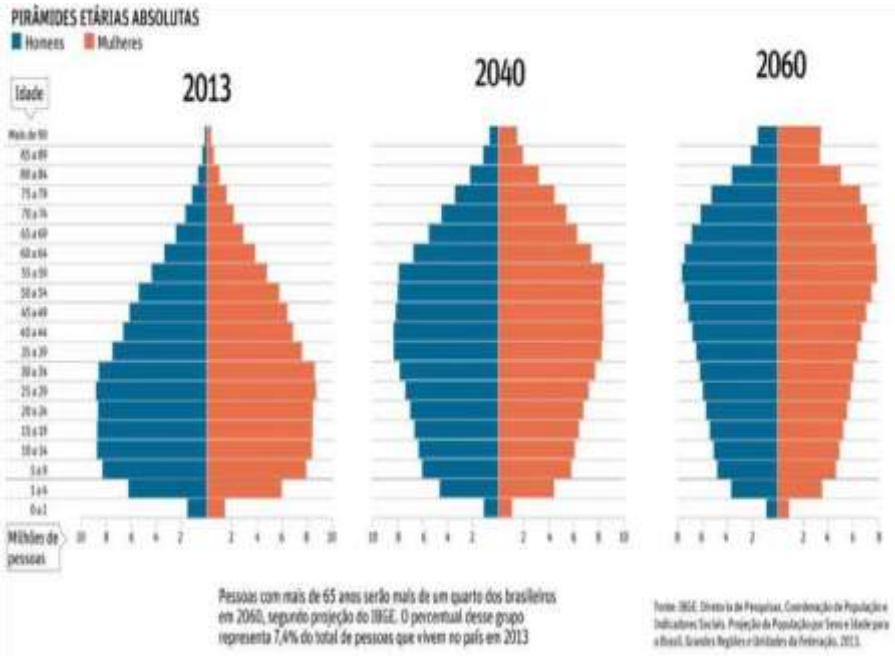


Gráfico 7: Pirâmides Etárias Absolutas
Fonte:https://www.uninorte.com.br/oficina-de-teorias-demograficas-e-piramides-etarias/

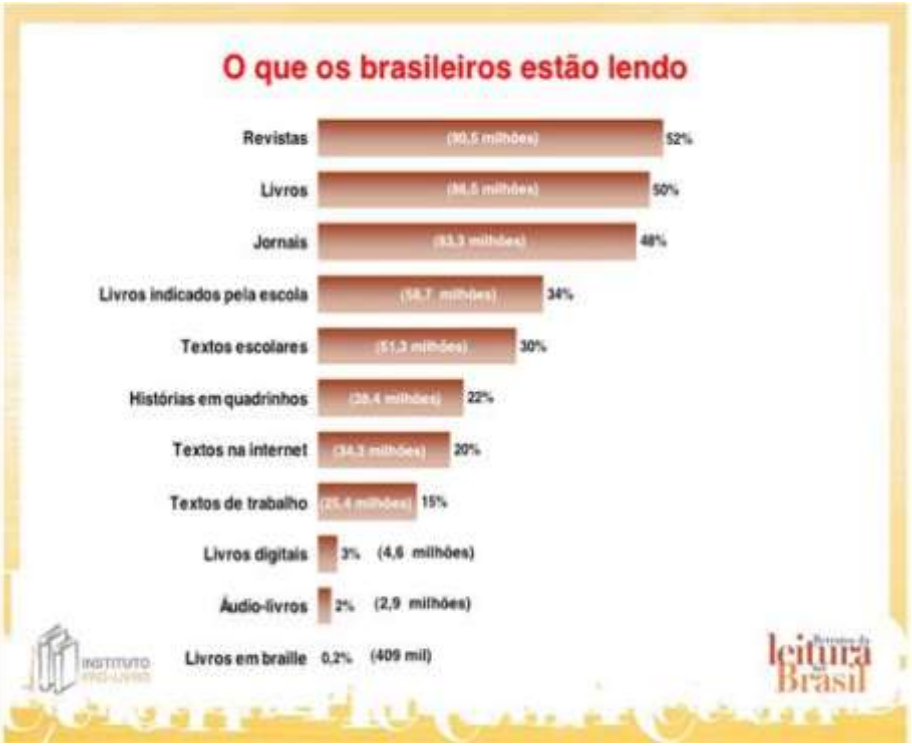


Gráfico 8: O que os brasileiros estão lendo
Fonte: Instituto Pró-Livro, Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 2008



Gráfico 9: O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre
Fonte: http://prolivro.org.br/home/livro didático/sistemapitágorasdeensino

Para definir o *corpus* foram elencados alguns critérios que, a nosso ver, facultariam alcançar os objetivos geral e específicos traçados para esta tese. Os critérios selecionados são descritos a seguir:

- **O gênero gráfico**: foi selecionado como objeto de pesquisa porque, além de abordar temáticas diversificadas, é detectado com frequência em avaliações escolares e em exames de proficiência, como SAEB, ENEM, dentre outros.
- **Especificação do gênero gráfico**: como verificado em acompanhamento de práticas pedagógicas, é um gênero pouco explorado e pouco evidenciado pelos professores em aulas, por exemplo, de Português, Matemática e Geografia.
- **Abrangência**: seleção de gráficos, contemplando diferentes áreas do conhecimento (Língua Portuguesa, História, Geografia), além de apresentarem diferentes imagens, bem como formatos diversos (gráfico de pizza, linhas, barras, pirâmides).
- **Suporte**: livro didático, questões de avaliações feitas pelos alunos e Internet. O primeiro, por ser material adotado pelos professores; o segundo, por fazer parte do universo educacional do aluno; e a Internet, por ser importante na veiculação de informação e por ser acessível aos professores e alunos.
- **Período**: como foram priorizadas temáticas diversas, não foi demarcado um período específico para a escolha dos gráficos, sendo, portanto, assistemática a seleção.

Avaliamos que os critérios aqui elencados se justificam pelo fato de esta pesquisa ter o objetivo de identificar a organização prototípica do gênero gráfico, a partir do aporte teórico por nós definido, ou seja, a Teoria da Estrutura Retórica, aliada à Linguística Textual, especificamente o processo de retextualização e recursos multimodais. Assim sendo, ao longo do estudo, procuramos observar recorrência de dados que proporcionasse uma interface entre as duas teorias.

Cabe ressaltar que os nove gráficos que compuseram o *corpus* desta tese foram identificados em LD e em avaliações de diferentes conteúdos curriculares a que os alunos se submeteram, inclusive o ENEM. Todos os gráficos foram explorados no início dos trabalhos com o objetivo de conceituar detalhadamente esse gênero. Entretanto, somente os gráficos 2, 6, 7, 8 e 9 foram assistematicamente selecionados para as análises. Dessa forma, esses gráficos passaram a ser por nós entendidos como *texto-base*.

Salientamos que, além dos gráficos (texto-base), as retextualizações produzidas pelos participantes da pesquisa – professores e alunos – fizeram parte do *corpus*. Dos gráficos analisados, originaram-se 235 retextualizações do gênero parágrafo descritivo (GPD) e 78 retextualizações em gênero texto de divulgação científica (GTDC) das quais selecionamos, de forma assistemática, 18 produções para a constituição das análises finais.

3.3 A ferramenta RSTTOOL

Os diagramas apresentados nesta tese foram elaborados por meio da ferramenta RSTTool, versão 3.45, criado por Mick O'Donnell e disponível no site <www.wagsoft.com>. Esta ferramenta funciona nos sistemas de operação Windows, Macintosh, UNIX e LINUX e é constituída de quatro interfaces:

a) a segmentação do texto para marcar o limite de cada porção de texto;

b) a estruturação do texto para marcar as relações retóricas entre as porções textuais;

c) a edição das relações a fim de manter o diagrama elaborado. Ressalta-se que a ferramenta permite adicionar, excluir ou renomear relações retóricas;

d) a estatística de análise, pois a ferramenta viabiliza contabilizar as relações retóricas identificadas na análise.

A RSTTool permite determinar o tipo de relação retórica: núcleo-satélite ou multinuclear, para elaborar os diagramas da estrutura retórica de textos analisados. Neste programa, se encontram as relações retóricas citadas no texto clássico de Mann & Thompson (1988) – *Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization*.

Com o objetivo de orientar o leitor sobre o funcionamento do programa RSTTool, apresentamos, de forma breve, algumas telas que mostram o passo a passo do uso da ferramenta. Consideramos um exemplo proposto por Mann & Thompson (1983, p. 4) e traduzido por nós.

O primeiro passo para utilizar o programa é salvar o texto no formato *texto sem formatação* (txt). Depois, deve-se abrir o RSTTool e importar o texto para o programa, clicando em "*Import*". Em seguida, o texto deverá ser segmentado, clicando no item *Segment*. O texto ficará como demonstrado na Figura 14.

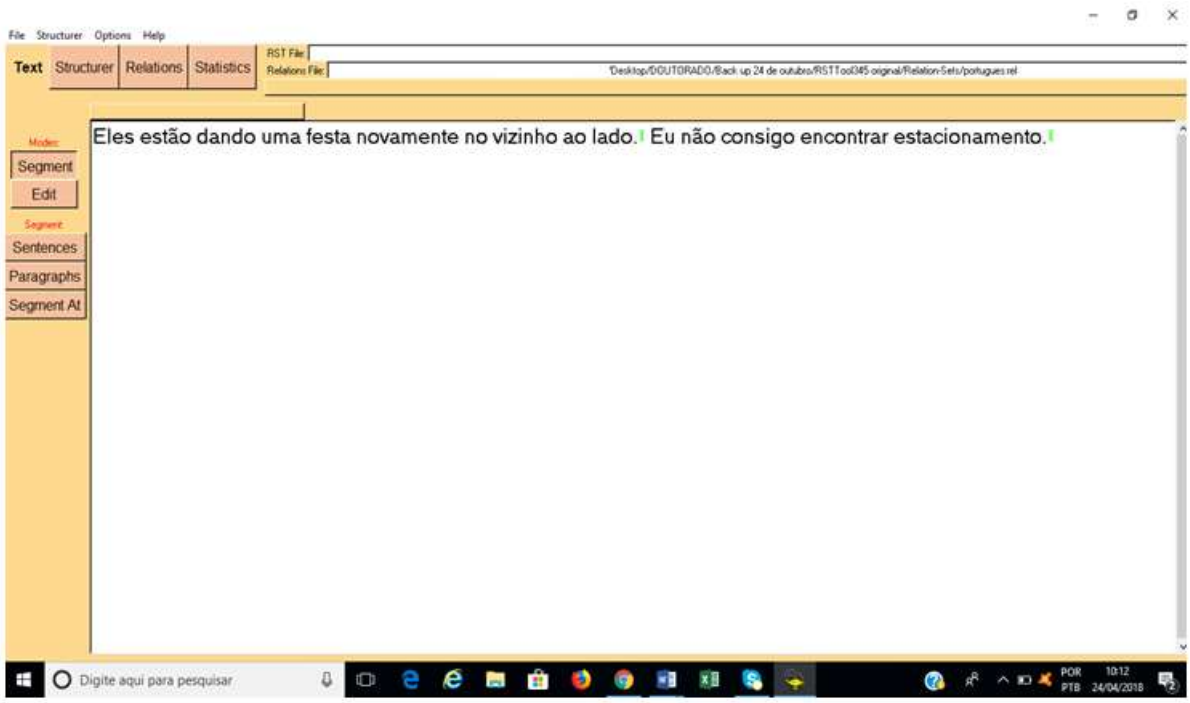


Figura 14: Segmentação do texto

Como pode ser observado na Figura 14, cada parte do texto foi segmentada pela barra. Assim, o texto foi segmentado em 2 partes: [*Eles estão dando uma festa novamente no vizinho ao lado*.] [*Eu não consigo encontrar estacionamento*.]

Depois de segmentar, o próximo passo é clicar em *Structurer* para separar as porções textuais, conforme demonstrado na Figura 15, que se segue:

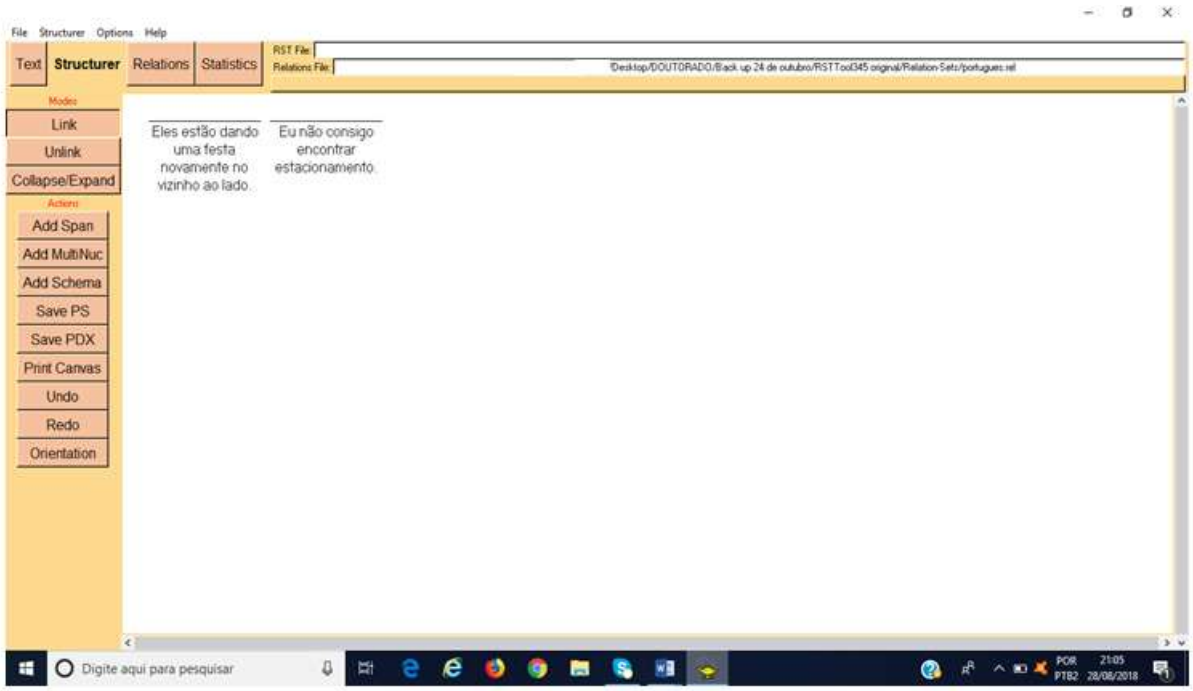


Figura 15: Porções do texto

Após estruturar o texto, as porções textuais aparecem em linhas horizontais.

O próximo passo é a identificação das relações retóricas, que podem ser núcleo-satélite ou multinucleares. No texto-exemplo aparece uma relação retórica do tipo núcleo-satélite de evidência. Assim, o diagrama, mostrado na Figura 15, adquire a seguinte forma:

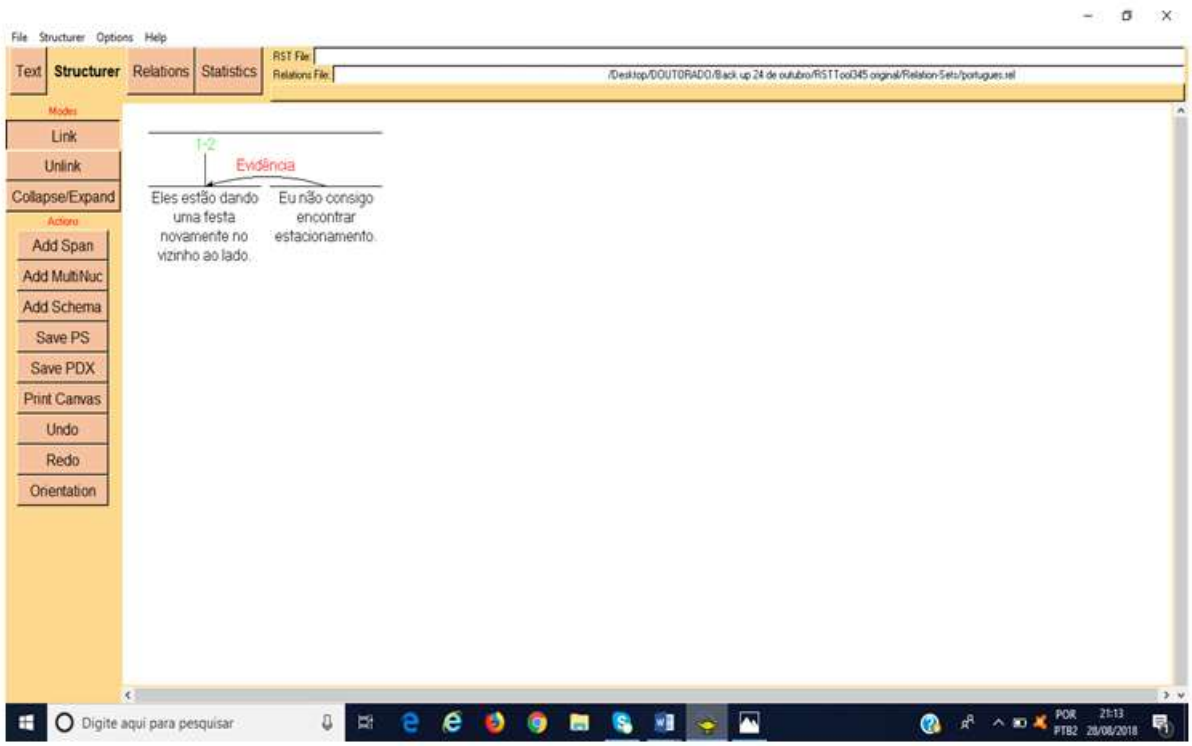


Figura 16: Definição das relações retóricas

Para realizar essa ação, é necessário, com o botão direito do *mouse*, arrastar a porção que designa o satélite em direção ao núcleo. Depois, seleciona, na lista, a relação retórica e, por último, clica-se em *Add Span* para identificar e definir a porção textual nuclear, que é demarcada por uma linha vertical. No diagrama apresentado, a linha vertical se encontra na porção textual (1), exercendo, portanto, a função de núcleo.

Depois de finalizado, o diagrama apresenta, na parte superior os números (1-2), que representam as duas porções textuais, de forma que o número (1) representa a primeira parte e o número (2), a segunda. Identifica-se também uma curva partindo do satélite [*Eu não consigo estacionar*] para o núcleo *[Eles estão dando uma festa novamente no vizinho ao lado*].

O programa possibilita salvar os diagramas de duas maneiras:

a) Clicar em *Structurer – Capture Diagram to Clipboard* e colá-lo em processador de texto. Vale ressaltar que essa estratégia pode causar problemas quanto à configuração e o diagrama poderá não ter uma boa resolução.

b) Salvar em um formato específico, clicando em *Save PS*, e enviar o diagrama para o programa *Corel Draw*, para salvá-lo no formato foto/figura (jpg). Nesse formato, a imagem do diagrama sempre terá uma boa configuração. Ao salvar o diagrama no *Corel Draw*, a imagem do diagrama ficará como na Figura 4.

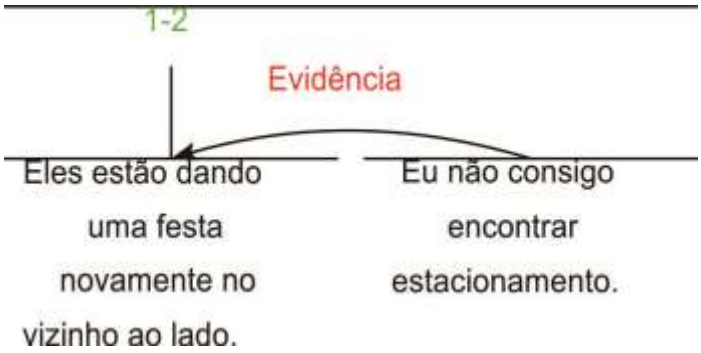


Figura 17: Diagrama da relação retórica de condição

Em suma, e ainda ancorados nos dizeres de O'Donnel (2000), observamos que a *RSTTool* pode ser uma ferramenta eficaz para a viabilizar a análise da estrutura retórica de um texto, considerando três pontos importantes: facilitar a compreensão da estrutura do discurso, bem como a análise de textos; preparação do diagrama da estrutura retórica de um texto e a possibilidade de ser utilizada como ferramenta de ensino.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE DO *CORPUS*

Neste capítulo, apresentamos e discutimos a análise do *corpus,* levando em consideração os objetivos propostos. Vale lembrar que a análise se desenvolveu em duas etapas, conforme explicitado na metodologia, resumida no Quadro 6, páginas 57-58.

Primeiramente, na análise à luz da RST, identificamos as relações retóricas e verificamos as que apresentaram maior recorrência. Logo após, analisamos as operações de Marcuschi (2007), tendo como parâmetro a macroestrutura do texto. Em seguida, comparamos os gráficos às produções retextualizadas[6] a fim de verificarmos os pontos convergentes de conexão entre os textos. No final, buscamos identificar quais relações emergiram entre as porções com maior frequência nos textos analisados e se essas relações poderiam constituir uma prototipicidade do gênero gráfico.

Com o objetivo de obter um parâmetro para as análises dos textos produzidos pelos participantes desta pesquisa, foi por nós realizada uma divisão do gênero gráfico em unidades informacionais, seguida da análise da macroestrutura do texto considerado como texto-base, levando em conta as relações retóricas identificadas.

A primeira etapa apresentou o seguinte percurso:

a) seleção do Gráfico 2 - "Desempenho em Matemática" - e do Gráfico 9 - "O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre" - procedentes de suportes diversificados como Livro Didático (LD), internet e avaliações, apresentando temas variados;

b) análise da parte textual que compõe o gênero gráfico, tais como legendas, barras, títulos e fonte, realizada, conjuntamente, pelo pesquisador, professor colaborador e aluno. A análise envolveu a observação da relação das imagens e ideias centrais do gráfico com as demais que se encontraram ao redor destas, por meio dos recursos da multimodalidade, enfatizando os aspectos DADO/NOVO;

c) segmentação dos elementos constituintes do gráfico (pesquisador) em unidades de informação (UI), à luz do que Chafe (1985) propôs para textos verbais.

d) identificação das relações retóricas (pesquisador) emergentes nos Gráficos 2 e 9, à luz da RST;

e) elaboração de diagramas arbóreos (pesquisador), retratando a estrutura retórica dos gráficos 2 e 9, à luz da RST;

[6] As retextualizações foram apresentadas tal como produzidas pelos alunos.

f) retextualização do Gráfico 2, de acordo com Dell'Isola (2007), em GPD por um professor de Geografia (professor colaborador);
g) segmentação da retextualização em blocos de informação ou unidades de informação – UIs) pelo professor de Geografia;
h) retextualização do Gráfico 2, por um aluno maior de 18 anos, em GPD;
i) retextualização do Gráfico 9 em GTDC pelo mesmo aluno maior de 18 anos;
j) análise das retextualizações (pesquisador), à luz da RST, produzidas pelo professor de Geografia e pelo aluno, com a finalidade de verificar a ocorrência das relações retóricas emergentes entre as porções que compõem os textos;
k) comparação da estrutura retórica identificada nos gráficos e nas retextualizações (pesquisador) para que fosse verificada a recorrência, ou não, das relações retóricas, tanto no gráfico quanto nas retextualizações;
l) apresentação o GTDC, abordando assuntos diversificados com o objetivo de discutir o conteúdo e a caracterização deste gênero. Para tanto, foram aplicadas algumas perguntas sugeridas por Dell'Isola (2009), do tipo: o que é esse gênero, qual é o propósito comunicativo, em quais esferas comunicativas ele circula, a quem se dirige, o que motivou ler o texto, qual a possível influência causada pela leitura. Após essas explicações, foi discutida com os alunos a questão de "certa instabilidade dos gêneros";
m) análise dos textos (pesquisadora) a partir das operações de retextualização de Marcuschi (2007), com o intuito de identificar se as relações retóricas emergidas na descrição do gráfico se mantiveram no processo de retextualização e quais operações foram recorrentes.

Após esta fase, iniciamos a elaboração das etapas exigidas pelo COEP, uma vez que esse projeto foi submetido àquele comitê, no início de 2016. Na oportunidade, foram apresentados os itens exigidos e que demonstravam o processo da pesquisa, tais como: as atividades a serem desenvolvidas pelos alunos; o cronograma do processo; o Termo de Anuência dos diretores das escolas parceiras nesta pesquisa; o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos pais ou responsáveis pelos alunos envolvidos; o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do professor colaborador desta pesquisa (Anexo ---). Em meados de novembro do mesmo ano, foi-nos dada a permissão para a pesquisa.

Conforme apresentado anteriormente, após autorização do COEP, realizamos a segunda etapa, que foi constituída de textos produzidos pelos alunos em sala de aula. A princípio, pedimos aos alunos que retextualizassem o Gráfico 8 (GTDC) e realizamos todo o processo de análise descrito no desenvolvimento desta etapa. Constatamos, nesse processo, a

necessidade de obtenção de dados mais consistentes, o que nos incentivou a abordar os 03 gráficos contidos na lista dos 09 selecionados no Quadro 7.

O desenvolvimento da segunda etapa da pesquisa teve o seguinte percurso:

I- Procedimentos realizados pelo pesquisador

a) seleção dos 3 gráficos: Gráfico 6 – "Principais causas do sucesso de uma empresa segundo pequenos empresários"; Gráfico 7- "Pirâmides etárias absolutas"; Gráfico 8 – "O que os brasileiros estão lendo";
b) análise da parte textual que compõe o gênero gráfico, utilizando para isso os recursos da multimodalidade;
c) segmentação dos elementos constituintes do gráfico em unidades de informação (UIs), conforme Chafe (1985) e Decat (2010);
d) identificação das relações retóricas emergentes nos Gráficos 6, 7 e 8, à luz da RST;
e) elaboração de diagramas arbóreos, retratando a estrutura retórica dos Gráficos 6, 7 e 8, à luz da RST.

II - Procedimentos realizados pelo pesquisador, envolvendo os alunos

a) caracterização do gênero objeto de estudo (GTDC), a partir das seguintes perguntas:
Este gênero apresenta estruturas estanques?

- Qual é o propósito comunicativo deste gênero?
- Onde circula?
- Quais mecanismos linguísticos foram utilizados na sua construção?

b) sistematização dos procedimentos relativos à atividade de retextualização, tais como:

- momentos de leituras realizados pelo professor e pelos alunos;
- esclarecimento ao aluno do contexto de produção (escrever o quê, para quê e para quem);
- Discussão a respeito dos conhecimentos prévios sobre o gênero gráfico (características, linguagem, suportes, intencionalidade);
- Apresentação de gráficos, pelo pesquisador, relacionados aos conteúdos abordados nas aulas de Língua Portuguesa, Geografia e Matemática;
- Pesquisa (em revistas, livros, internet) relacionada ao assunto abordado no gráfico;
- Discussão a respeito do GPD;
- Discussão a respeito dos conhecimentos prévios sobre o GTDC;

c) retextualização do gráfico para um GPD (aluno);

d) retextualização do gráfico para GTDC (aluno);

e) análise dos aspectos relacionados à ideia geral do gráfico e das estratégias utilizadas para a retextualização;

f) seleção assistemática de 18 retextualizações originadas dos 03 gráficos (6, 7, 8) realizadas por 03 alunos (GPD e GTDC de cada gráfico);

g) identificação (pelo pesquisador) das relações retóricas que emergem entre as porções textuais (pesquisador), bem como a elaboração de diagramas arbóreos da estrutura retórica das retextualizações, à luz da RST;

h) análise dos dados das retextualizações (pesquisador) segundo as operações de Marcuschi (2007);

i) configuração realizada pelo pesquisador, a partir das regularidades apresentadas pelo *corpus*, de um panorama das operações envolvidas na retextualização (seja condensando ou acrescentando ideias);

j) utilização dessas análises (pesquisador) para informar aos colegas de curso e de trabalho quais são os elementos relevantes para a compreensão e produção do gênero gráfico pelos alunos, bem como a viabilidade de se utilizar o processo de retextualização como um instrumento pedagógico.

4.1 Primeira etapa: análise-piloto

Para a verificação da plausibilidade, foi realizada uma análise-piloto, denominada primeira etapa, envolvendo os gráficos 2 e 9. Essa análise foi realizada de acordo com os pressupostos teóricos da RST.

4.1.1 Análise das atividades sem mediação do professor

A) Gráfico 2: Desempenho em Matemática



Gráfico 2[7]: Desempenho em matemática
Fonte: https://brasilescola.uol.com.br/matematica/graficos.htm

A seguir, descrevemos o processo de análise do gráfico 2: "Desempenho em Matemática".

As partes que compõem o Gráfico 2 foram segmentadas em 9 unidades de informação:

1. Desempenho em Matemática
2. 15%
3. 25%
4. 35%
5. 25%
6. Ruim
7. Regular
8. Bom
9. Ótimo

[7] A demonstração dos gráficos foi direcionada pelos seus próprios títulos e a enumeração segue a ordem em que aparecem no Quadro 7.

Conforme demonstrado, o gráfico 2 foi segmentado em nove unidades de informação, que, por sua vez, foram divididas em três porções textuais, a saber:

1. UI (1): título
2. UIs (2 – 5): o gráfico
3. UIs (6 – 9): legenda

Entre o título, UI (1), na função de S, e a porção textual (2 - 9), na função de N, emerge a relação de *preparação*, pois deixa o leitor mais interessado ou orientado para ler N.

A porção (2 – 9) foi segmentada em (2 – 5) e (6 – 9), de forma que emerge, entre elas, uma relação de *elaboração*, porque S (6 – 9) acrescenta informações adicionais a N (2 – 5). Foi identificada uma relação de *lista* na porção formada pelas UIs (2), (3), (4) e (5), justificada pelo fato de um elemento ser comparável a outro e porque o leitor pode reconhecer a possibilidade de comparação dos elementos relacionados.

A análise a partir da RST nos orientou à elaboração do diagrama arbóreo da estrutura retórica do gráfico 2, demonstrado na Figura 18:

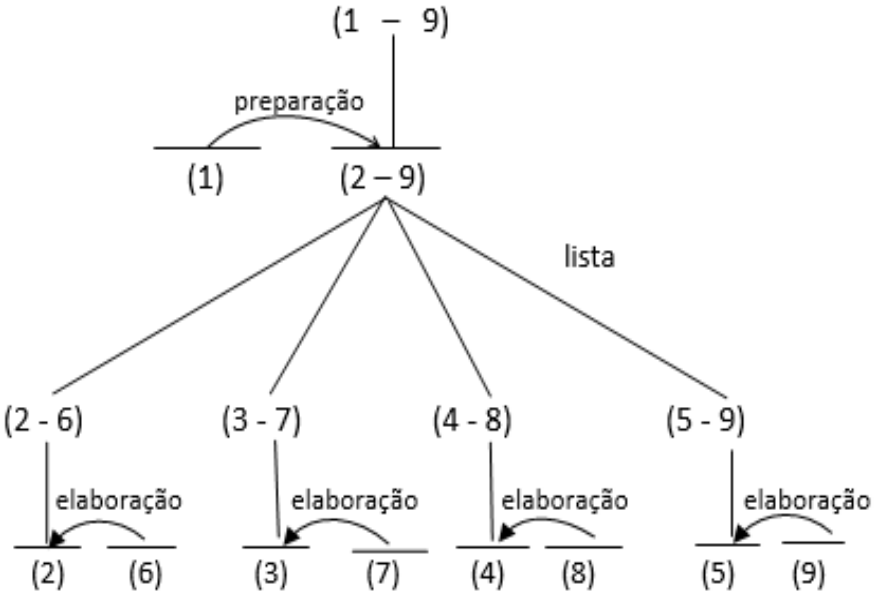


Figura 18: Diagrama arbóreo da estrutura retórica do Gráfico 2

A título de resumo da análise, apresentamos as relações retóricas identificadas no Gráfico 2, na Tabela 1:

Tabela 1: Ocorrência das relações retóricas no Gráfico 2

Tipo da relação	Nome da relação	Ocorrência
núcleo-satélite	elaboração	4
	preparação	1
multinuclear	lista	1
Total	**3**	**6**

Depois de identificada a macroestrutura do texto-base, observamos quais relações foram mantidas na análise feita por um professor colaborador, conforme citado anteriormente, utilizando o mesmo texto-base. Para a realização dessa análise, não fornecemos nenhum elemento ou termo que serviria de "norteador" para possíveis relações. Solicitamos ao professor colaborador que observasse o gráfico e depois classificasse as informações contidas nele e dissesse quais seriam as relações emergidas entre as partes que constituem o texto. Em nenhum momento comentamos sobre a RST, pois, para o professor colaborador da análise, essa ainda era uma teoria desconhecida. A atitude tomada foi proposital para que não houvesse nenhuma interferência nos dados apresentados.

O professor colaborador segmentou o gráfico em três porções textuais:

1ª - Desempenho em matemática

2ª -15% – 25% – 35% – 25%

3ª - Ruim – Regular – Bom – Ótimo

Primeiramente, podemos observar que o professor colaborador identificou as porções textuais, considerando blocos de informações, dando às partes a seguinte classificação:

1º - título – unidade (1) – resumo dos acontecimentos

2º- unidades – (2 – 3 – 4 – 5) – sequência de dados ou explicação

3º - unidades (6 – 7 – 8 – 9) – adição

Observamos que no 2º bloco emergiram duas relações e optamos por deixar as duas (sequência ou explicação). A delimitação precisa ou não de uma relação ocorre porque, das porções de texto, emergem proposições relacionais que estão ligadas a situações discursivas do propósito comunicativo, conforme Mann e Thompson (1983), ou seja, as proposições relacionais que emergem entre as orações se articulam no discurso, não são um sistema fechado: dependendo da intenção do autor, da situação comunicativa, dos conhecimentos do leitor, pode-se encontrar mais de uma proposição relacional.

Percebemos na análise do professor colaborador que a divisão feita demonstrou dado convergente com a nossa análise, por exemplo, o título identificado como uma unidade de informação.

Depois desta etapa, passamos para as produções da retextualização do gráfico "Desempenho em Matemática" realizada por um aluno. Convém ressaltar que, nesta fase da pesquisa, ainda não tínhamos autorização do COEP, por isso, convidamos um aluno maior de 18 anos para a realização das atividades. A seguir, demonstraremos cada etapa do processo de leitura e produção de texto desenvolvida pelo aluno, na seguinte ordem:

1º momento: produção do gênero parágrafo descritivo (GPD) feita pelo aluno sem interferência do professor;

2º momento: análise à luz da RST, realizada pelo pesquisador, do gênero parágrafo descritivo produzido pelo aluno, com base nas informações contidas no gráfico 2 "Desempenho em Matemática". Para identificação do aluno, utilizamos o seguinte código: R1 FAP[8]

3º momento: apresentação do gráfico "O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre*"* ao aluno, pelo pesquisador, para abordagem oral sobre os aspectos da multimodalidade (DADO/NOVO);

4º momento: apresentação, realizada pelo pesquisador aos alunos, de textos de divulgação científica (GTDC) de assuntos diversos para fins de conhecimento das características, discussão da certa instabilidade do gênero segundo Dell'Isola (2012) e comparação com as características apresentadas no gênero gráfico;

5º momento: retextualização, realizada pelo aluno, do gráfico (texto-base) "O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre" para o gênero texto de divulgação científica (texto-alvo).

As análises foram apresentadas na seguinte ordem:

1. Apresentação do gráfico
2. Divisão do gráfico em Unidades de Informação (UIs)
3. Diagrama arbóreo, a partir da RST
4. Comentários e análise à luz da RST

Evidenciamos que a retextualização foi realizada sem a participação do professor, mediando informações acerca do gênero textual abordado. Em seguida, apresentamos a retextualização do gênero parágrafo descritivo (GPD), o diagrama da macroestrutura do texto, bem como a análise, a partir da RST e das operações descritas por Marcuschi (2007).

Apresentamos, a partir deste ponto, as figuras contendo os diagramas arbóreos e os respectivos comentários, bem como o processo de retextualização do Gráfico 2: "Desempenho em Matemática*"*.

[8] Retextualização 1- feminino – análise-piloto – gênero parágrafo descritivo (GPD)

De acordo com o estabelecido e sem a intervenção do professor, o aluno produziu o GPD, a seguir:

4.1.1.1 – Análise da produção R1 FAP – GPD

> Desempenho de uma turma em matemática, em que a maioria das pessoas tem um rendimento bom, cerca de 35% da turma, e que a minoria, cerca de 15%, não obtiveram um bom desempenho.

4.1.1.1.1 – Análise pela RST

A partir do aporte teórico da RST, o presente texto foi segmentado em 3 unidades de informação (UIs):

1- Desempenho de uma turma em matemática,

2- Em que a maioria das pessoas tem um rendimento bom, cerca de 35% da turma,

3- E que a minoria, cerca de 15%, não obtiveram um bom desempenho.

Nessa perspectiva, foi elaborado o diagrama da estrutura retórica da retextualização (GPD), retratada na Figura 6:

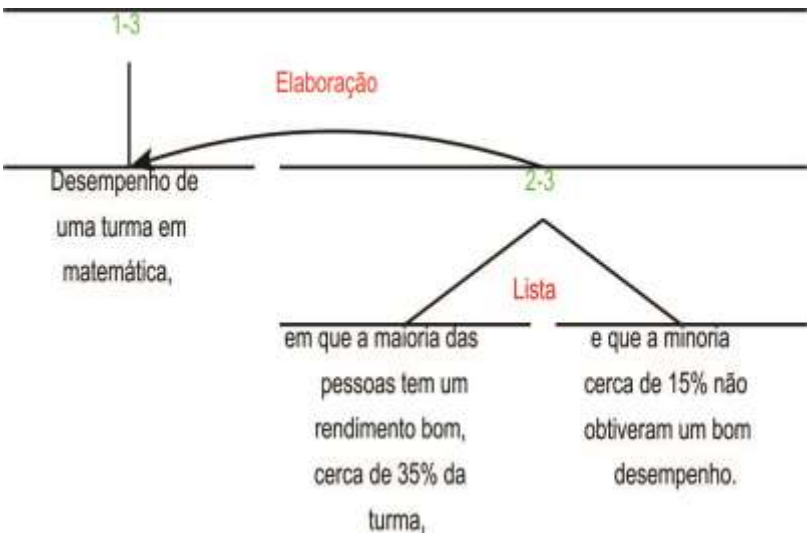


Figura 19: Diagrama arbóreo da estrutura retórica da Produção R1 FAP - GPD

Conforme demonstrado, o texto foi segmentado em três unidades de informação que apresentaram duas porções textuais:

1. UI (1)
2. UIs (2 – 3).

Como pode ser observado na Figura 19, na análise de acordo com a RST, o GPD do Gráfico “Desempenho em Matemática” apresentou três unidades de informação. A UI (1), que fala sobre o “Desempenho de uma turma em Matemática”, assume o papel de núcleo em relação à porção (2 - 3), satélite, e é plausível informar que, entre elas, emerge a relação retórica do tipo núcleo-satélite de *elaboração*, justificada pelo fato de serem acrescentados, nas UIs (3 - 4), dados sobre o desempenho das pessoas.

A UI (3) discorre sobre o bom rendimento das pessoas, cerca de 35% da turma e a UI (4) trata da minoria dos alunos, visto que, cerca de 35%, não obtiveram bom rendimento. Esses dados nos possibilitam informar que emerge, entre a UI (3) e a UI (4), a relação retórica do tipo multinuclear de *lista.*

A título de melhor visualização da emergência das relações retóricas no parágrafo descritivo, apresentamos a Tabela 2.

Tabela 2: Ocorrência das relações retóricas na produção R1 FAP – GPD

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	elaboração	1
multinuclear	lista	1
Total	**2**	**2**

4.1.1.1.2 – Análise das operações de retextualização

Quanto às operações de retextualização, pode ser observado que o aluno inicia o texto com uma frase nominal reelaborando a informação do título, mas ele a transforma criando uma nova estrutura textual, “Desempenho de uma turma em matemática...” que podemos classificar como uma relação de *substituição* com tratamento estilístico e com a seleção de uma nova estrutura sintática. Em seguida, ele dá sequência ao texto apoiando-se em informações contidas no gráfico, “... em que a maioria das pessoas tem um rendimento bom, cerca de 35% da turma, e que a minoria, cerca de 15%, não obtiveram um bom desempenho”. Na sequência, o aluno faz uma leitura do gráfico, mostrando o domínio da interpretação desse gênero e utilizou a operação de *reformulação* como estratégia de explicitude, ao explicar que a maioria se refere a 35% da turma e, também, com a explicação da minoria de 15%. Ainda utilizou um verbo típico de leitura de gráfico, “obtiver”.

B) Análise do gráfico 9 - O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre

Segue a apresentação da proposta centralizada no gráfico 9: “O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre”.



Gráfico 9: O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre
Fonte: http://prolivro.org.br/home/livro didático/sistemapitágorasdeensino

Cabe ressaltar que as porcentagens localizadas no lado direito das barras do Gráfico 9 não foram consideradas na identificação de unidades de informação porque a análise, a partir da RST, encontrava-se em fase inicial. Assim, o Gráfico 9 foi segmentado em 30 unidades de informação, como exposto a seguir:

1. O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre
2. Assistir à televisão.
3. Ouvir música.
4. Descansar.
5. Ouvir rádio.
6. Ler.
7. Sair com os amigos.
8. Se reunir com os amigos ou a família.
9. Assistir vídeos.

10. Fazer compras.
11. Praticar esportes.
12. Escrever.
13. Passear em parques e praças.
14. Ir ao campo/à praia.
15. Navegar na internet.
16. Ir à cidade.
17. Assistir a eventos esportivos.
18. Ir a bares ou cantinas/jogar bilhar.
19. Fazer artesanato/trabalhos de casa.
20. Ir a feiras ou festas populares.
21. Jogar videogame/jogos de mesa.
22. Ir ao cinema.
23. Ir ao teatro/dança/concertos.
24. Ir a museus/exposições.
25. Nenhuma destas.
26. 60 milhões (35%) declaram gostar de ler em seu tempo livre. 38 milhões dizem fazer isso com frequência.
27. A preferência cresce com a renda e a escolaridade (48% no Ensino Médio e 64% no Superior). Entre quem ganha mais de 10 SM, vai 67%.
28. Nas famílias onde há um professor, este índice sobe de 32% para 46% (mostra a importância da valorização da leitura na formação de leitores).
29. Instituto Retratos da Leitura no Brasil.
30. Retratos da leitura no Brasil.

A análise da macroestrutura do gráfico e a da retextualização foram feitas a partir da RST, considerando os componentes textuais que os constituem. Esclarece-se que não foi considerada a citação sobre o asterisco (*) que se encontra no título, por entender que ela não faz parte do conteúdo do gráfico. Os dois gêneros selecionados apresentaram relações retóricas do tipo núcleo-satélite e de relações multinucleares, descritas a seguir. Cabe ressaltar que as porcentagens localizadas no lado direito das barras do Gráfico 9 não foram consideradas na identificação de unidades de informação porque a análise, a partir da RST, encontrava-se em fase inicial. Assim, o Gráfico 9 foi segmentado em 30 unidades de informação, como exposto a seguir.

Antes da descrição das relações, segue o diagrama arbóreo da estrutura retórica do Gráfico 9, na Figura 20:

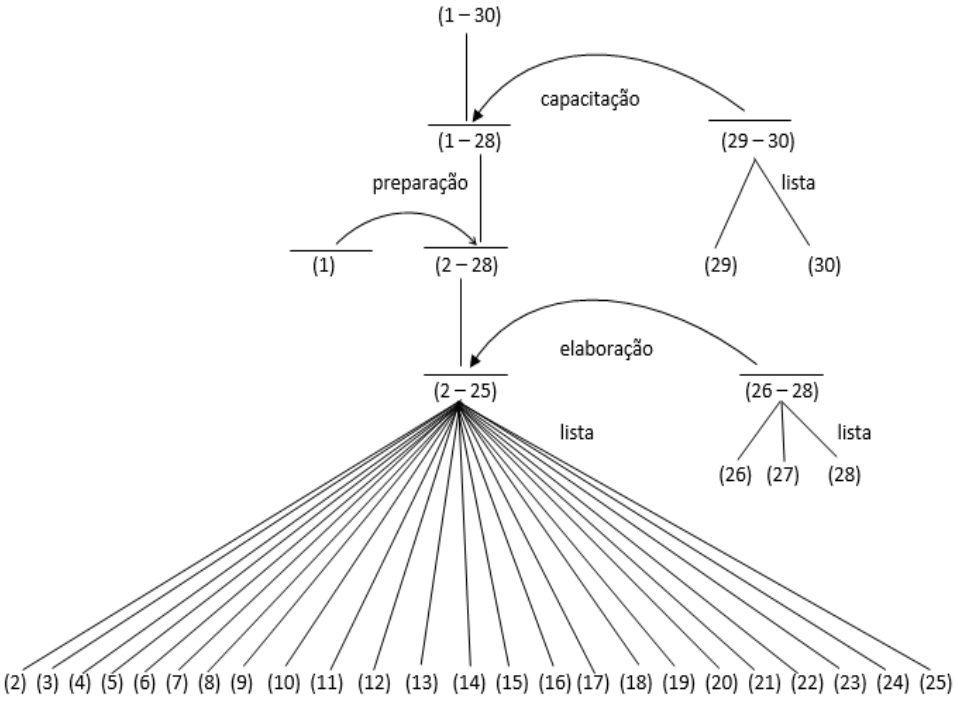


Figura 20: Diagrama arbóreo da estrutura retórica do Gráfico 9

A Figura 20 mostra que o Gráfico 9 apresentou trinta unidades de informação, distribuídas em blocos, da seguinte forma: entre as UIs (1 - 28) e (29 - 30) emerge a relação retórica de núcleo-satélite, denominada *capacitação*, uma vez que as UIs (29 - 30) capacitam/habilitam o leitor para executar a ação em N, pois é identificada a fonte em que se encontra o gráfico. O outro bloco é formado pelas UIs (1), núcleo, e (2 - 28), satélite, em que emerge a relação de *preparação* pelo fato de (1), que é o título, deixar o leitor mais preparado, interessado ou orientado para ler o núcleo, formado pelo conteúdo do gráfico.

O bloco de informação constituído pelas UIs (2 - 28) foi segmentado em duas porções menores formadas pelas UIs (2 - 25) e (26 - 28), e é plausível sugerir uma relação de *elaboração* entre elas, uma vez que a primeira porção, identificada como N (2 - 25), é subsidiada pelo S (26-28), acrescentando detalhes sobre o conteúdo apresentado em N. Já a UI (2 - 25) é constituída por uma relação multinuclear de *lista* porque apresenta um elemento comparável a outros e ligado a outros pela relação de *lista*, ao descrever as atividades que os brasileiros gostam de realizar em seu tempo livre. A porção formada pelas UIs (26 - 28) acrescenta dados à porção (2 - 25) também numa relação de *lista*, pois, em cada uma, há um detalhamento das informações localizadas na parte esquerda do gráfico. Em (26) há a informação do número e a porcentagem de brasileiros que optam por ler em seu tempo livre,

bem como a ênfase de que mais da metade dos 60 milhões – 38 milhões – fazem isso com frequência. A UI (27) explicita o crescimento do número de brasileiros com renda e escolaridade mais altas e, finalmente, na UI (28), é ressaltada a importância da existência de um professor nas famílias, fato que faz subir o índice de 32% para 46% de leitores, mostrando a importância da valorização da leitura na formação de leitores.

Pode-se registrar a predominância da relação de lista no gráfico e que essa relação está a serviço do acréscimo de dados importantes que constituem o conteúdo apresentado no gênero analisado, conforme demonstrado na tabela 3:

Tabela 3: Ocorrência das relações retóricas no Gráfico 9

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	capacitação	1
	preparação	1
multinuclear	lista	2
Total	**3**	**4**

Inicialmente, observamos que o Gráfico 9, localizado no Livro Didático, apresentou alguns elementos constitutivos que poderiam interferir na análise e produção dos textos dos alunos, como, por exemplo, o uso de uma seta direcionada para a porcentagem do ato de ler. Na verdade, é um recurso semiótico que influencia o texto como um todo, incidindo sobre os diferentes níveis de análise. A composição do texto nos permite observar que as partes que o integram, tanto na linguagem quanto nos visuais, se relacionam. Kress e van Leeuwen (1988, p.181) argumentam que a posição ocupada pelos elementos no visual lhes confere “valores informativos”, fazendo com que esses elementos se relacionem.

O posicionamento dos elementos da imagem faz com que eles adquiram certos valores de informação, pois se interagem, afetam e são afetados em seus valores pelos outros elementos da composição geral. Sendo assim, concluímos que o gráfico “O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre” já apresentava um processo de retextualização na sua composição.

Na sequência, apresentamos as análises das retextualizações.

4.1.2 Análise das atividades com mediação do professor

A partir deste ponto, apresentamos as etapas realizadas em sala de aula, após mediações do professor, a respeito do gênero abordado.

1. Análise oral do gráfico, salientando os aspectos multimodais (DADO/NOVO);
2. Retextualização do gráfico (aluno) em gênero texto de divulgação científica[9];
3. Divisão do texto retextualizado em UIs (pesquisador);
4. Diagrama arbóreo das retextualizações (pesquisador);
5. Análise das operações de retextualização propostas por Marcuschi (2007) – pesquisador.

A seguir a retextualização do Gráfico 9, realizada por R1F-AP.

4.1.2.1 Análise da produção R1 FAP - GTDC

> *Leitura no Brasil*
>
> *Pesquisa aponta bom índice de leitura*
>
> *Imagine por um momento quando foi seu último tempo dedicado à leitura. Pois bem, um estudo produzido pelo Instituto Retratos da Leitura no Brasil aponta que 35% das pessoas no Brasil gostam de ler, sendo considerado significativo este número.*
>
> *Essa porcentagem representa 60 milhões de brasileiros que praticam o ato de ler, usando para isso o seu tempo livre. Para os pesquisadores, esse cenário não é comum, uma vez que, há anos atrás, estimava-se que o gosto pela leitura ia reduzir, principalmente com o advento da tecnologia.*
>
> *Eles descobriram, ainda, que a frequência pela leitura está diretamente relacionada à renda familiar e à escolaridade, atingindo nada mais, nada menos que 67% para os que ganham acima de 10 salários mínimos e também àqueles que estudaram mais.*
>
> *Neste contexto, esse aumento produziu um efeito motivador para as futuras gerações, pois se o número continuar crescendo, segundo pesquisadores, pode atingir um índice ainda mais satisfatório. Um fator determinante deste quadro é a influência do meio em que o indivíduo está inserido. Nas famílias onde há um professor, o número pode chegar a 46%. Apontam, inclusive, para a aplicação prática da pesquisa voltada para a formação de leitores.*
>
> *No entanto, um dado alarmante é a televisão apresentar-se como sendo a preferência dos brasileiros, atingindo uma média de 77%. Alarmante no sentido da baixa qualidade dos programas apresentados nos últimos tempos.*
>
> *Outros fatores tiveram índices relevantes, como: ouvir música (57%), descansar (50%), ouvir rádio (39%), sair com os amigos (33%), se reunir com os amigos e família (31%), entre outros. Um diferencial desses dados é o fato da internet ser preferência de apenas 18% dos brasileiros.*

[9] DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. "Texto de divulgação científica"; **Brasil Escola.** Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/redacao/texto-divulgacao-cientifica.htm>. Acesso em 25 de novembro de 2016.

4.1.2.1.1 Análise pela RST

Na sequência, a Produção R1 FAP – GTDC segmentada em unidades de informação:

1. Leitura no Brasil
2. Pesquisa aponta bom índice de leitura
3. Imagine por um momento quando foi seu último tempo dedicado à leitura. Pois bem, um estudo produzido pelo Instituto Retratos da Leitura no Brasil aponta que 35% das pessoas no Brasil gostam de ler, sendo considerado significativo este número.
4. Essa porcentagem representa 60 milhões de brasileiros que praticam o ato de ler, usando para isso o seu tempo livre. Para os pesquisadores, esse cenário não é comum, uma vez que, há anos atrás, estimava-se que o gosto pela leitura ia reduzir, principalmente com o advento da tecnologia.
5. Eles descobriram, ainda, que a frequência pela leitura está diretamente relacionada à renda familiar e à escolaridade, atingindo nada mais, nada menos que 67% para os que ganham acima de 10 salários mínimos e também àqueles que estudaram mais.
6. Neste contexto, esse aumento produziu um efeito motivador para as futuras gerações, pois se o número continuar crescendo, segundo pesquisadores, pode atingir um índice ainda mais satisfatório. Um fator determinante deste quadro é a influência do meio em que o indivíduo está inserido. Nas famílias onde há um professor, o número pode chegar a 46%. Apontam, inclusive, para a aplicação prática da pesquisa voltada para a formação de leitores.
7. No entanto, um dado alarmante é a televisão apresentar-se como sendo a preferência dos brasileiros, atingindo uma média de 77%. Alarmante no sentido da baixa qualidade dos programas apresentados nos últimos tempos.
8. Outros fatores tiveram índices relevantes, como: ouvir música (57%), descansar (50%), ouvir rádio (39%), sair com os amigos (33%), se reunir com os amigos e família (31%), entre outros. Um diferencial desses dados é o fato da internet ser preferência de apenas 18% dos brasileiros.

Antes de dar início à análise, demonstramos a estrutura retórica do texto, na Figura 21, em que se encontra o diagrama arbóreo da organização retórica do Gráfico 9.

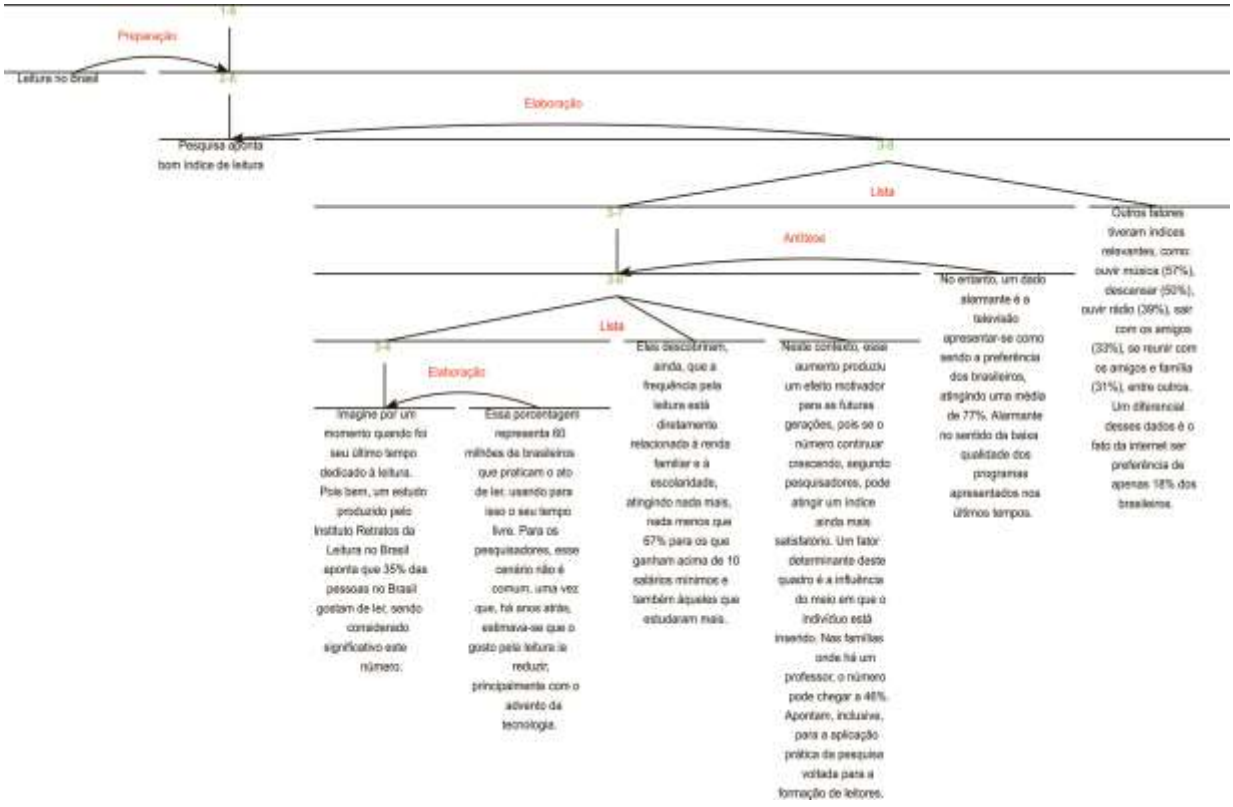


Figura 21: Diagrama arbóreo da estrutura retórica da Produção R1 FAP – GTDC

A retextualização de R1 FAP - GTDC foi segmentada em oito unidades de informação, assim descritas: entre a UI (1), constituída pelo título Leitura no Brasil e a UI (2 - 8), emerge a relação de *preparação*, que, como já mencionado, deixa o leitor mais orientado ou preparado para ler o conteúdo de N. O bloco (2 - 8) foi segmentado em N (2) e o satélite (3 - 8) em uma relação de *elaboração*, ao acrescentar a N (2) detalhes que justificam essa afirmação. Esse acréscimo se materializa em uma relação de *lista* através das porções (3 - 7) e (8). Por sua vez, a porção (3 - 7) foi segmentada em (3 - 6) e (7) em uma relação de *antítese*, pois S (7) faz com que a atitude positiva do leitor diante de N aumente, no momento em que argumenta em S a existência do dado alarmante ao apresentar a televisão como sendo a preferência dos brasileiros, face à baixa qualidade dos programas apresentados nos últimos tempos.

A porção (3 - 6) foi materializada em uma relação de lista representada pelas UIs (3 - 4), (5) e (6), pois apresenta dados referentes aos índices da leitura no Brasil. Contudo, a UI (3 - 4) ainda foi segmentada em duas unidades, em que a UI (3) assume a função de N e a UI (4) o papel de satélite, emergindo entre elas a relação de *elaboração*, já que esta acrescenta detalhes sobre o fato de que os 35% registrados em N representam 60 milhões de brasileiros leitores.

A seguir, a Tabela 4, que mostra a ocorrências das relações retóricas em Produção R1 FAP – GTDC.

Tabela 4 - Ocorrência das relações retóricas na Produção R1 FAP – GTDC

Tipo da relação	Nome da relação	Ocorrências
núcleo-satélite	antítese	1
	preparação	1
	elaboração	2
multinuclear	lista	2
Total	**4**	**6**

4.1.2.1.2 Análise das operações de retextualização

Apresentamos, nos quadros seguintes, observações que envolvem algumas operações descritas por Marcuschi (2007)[10] que permearam o processo de retextualização realizado pelos alunos participantes desta pesquisa. A análise das operações consideradas neste estudo envolve a passagem de um texto considerado nesta tese como multifuncional-modal - gênero gráfico - para um outro gênero - texto de divulgação científica. Procurou-se averiguar a ocorrência das operações de transformação: estratégia de reformulação, reconstrução, substituição, estruturação argumentativa e condensação.

A análise da retextualização seguiu a divisão do texto apresentada pelo aluno, e classificada em porções textuais (macroestrutura), nomeadas como tópicos, considerando título (1), subtítulo (2) quando ocorrer e parágrafos subsequentes.

A retextualização foi dividida em tópicos, o que sugere uma leitura segmentada. Em seguida, o aluno deduz através de um subtítulo que a pesquisa realizada mostra que o Brasil possui um bom índice de leitura.

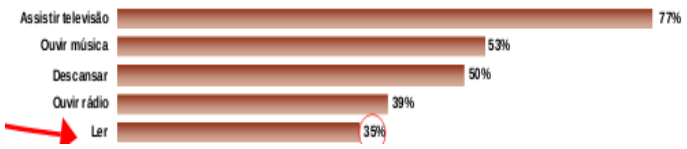
Observa-se, a princípio, que o produtor retextualizou o título do texto-base mantendo a ideia central estabelecida, utilizando para isso a *estratégia de condensação* e agrupamento de informações. De início, ele coloca o tema do gráfico como se fosse um título*: "Leitura no Brasil"*, como poderá ser observado a seguir.

[10] Embora o quadro das operações propostas por Marcuschi (2007) objetivou destacar as transformações que ocorrem na passagem de um texto oral para um texto escrito, o próprio autor propõe diferentes possibilidades de retextualização.

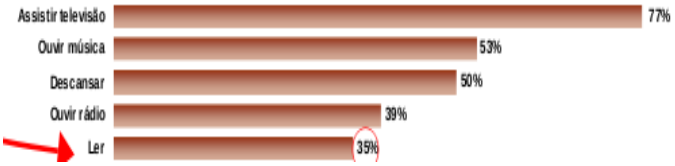
Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre	(1) Leitura no Brasil (2) Pesquisa aponta bom índice de leitura.

No tópico (3), o aluno não faz uso, inicialmente, de substantivos, como faz nos dois primeiros tópicos, e inicia a frase com um verbo que denota uma reflexão para o leitor, mas sem transformar a estrutura em uma pergunta. Nota-se, nesta porção, a necessidade de enfatizar a porcentagem direcionada pela seta que aparece em destaque no gráfico. Nesse trecho (3) o aluno realiza uma *reformulação* das expressões convocando o locutor para interagir com o texto através do verbo *"imagine".*

Na verdade, houve a mudança sintática da frase, o que não é padrão quando se faz um texto dividido em tópicos. Na sequência, através de uma informação iniciada pela expressão "pois bem", ele aponta a fonte da pesquisa e cita dados estatísticos para concluir a ideia *"... sendo considerado significativo este número".* É preciso ressaltar, no entanto, que, visando a interação, o aluno esforça-se por alcançar seu objetivo comunicativo.

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
	3. Imagine por um momento quando foi seu último tempo dedicado à leitura. Pois bem, um estudo produzido pelo Instituto Retratos da Leitura no Brasil aponta que 35% das pessoas no Brasil gostam de ler, sendo considerado significativo este número.

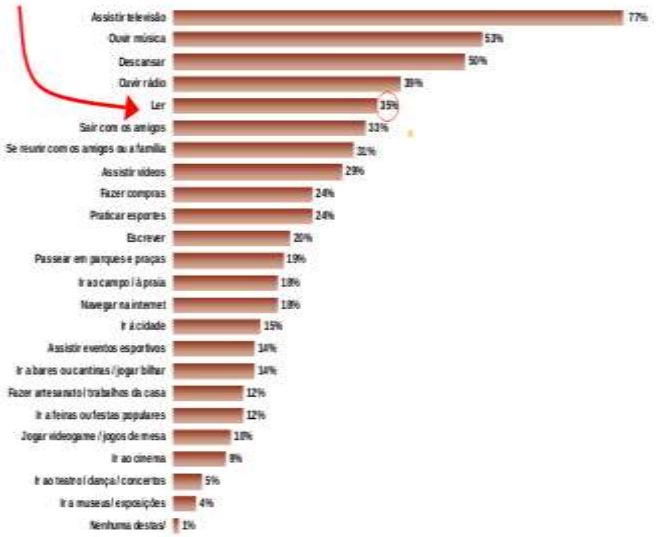
No tópico (4), ele retorna o que foi citado em duas frases: a primeira relacionada aos dados estatísticos iniciada por um pronome demonstrativo, fazendo um processo de referência aos números citados acima, e usa a voz da autoridade dos pesquisadores para apresentar as informações colhidas por ele no gráfico. Aplicou-se, no entanto, a *operação de reformulação*, introduzindo marcas metalinguísticas para a referenciação de ações e verbalização de contextos expressos no pronome demonstrativo "essa*"* em *"*essa porcentagem" direcionando o leitor para a informação acrescida ao gráfico em forma de esquema.

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
 60 milhões (35%) declaram gostar de ler em seu tempo livre. 38 milhões dizem fazer isso com freqüência.	4. Essa porcentagem representa 60 milhões de brasileiros que praticam o ato de ler, usando para isso o seu tempo livre. Para os pesquisadores, esse cenário não é comum, uma vez que, há anos atrás, estimava-se que o gosto pela leitura ia reduzir, principalmente com o advento da tecnologia.

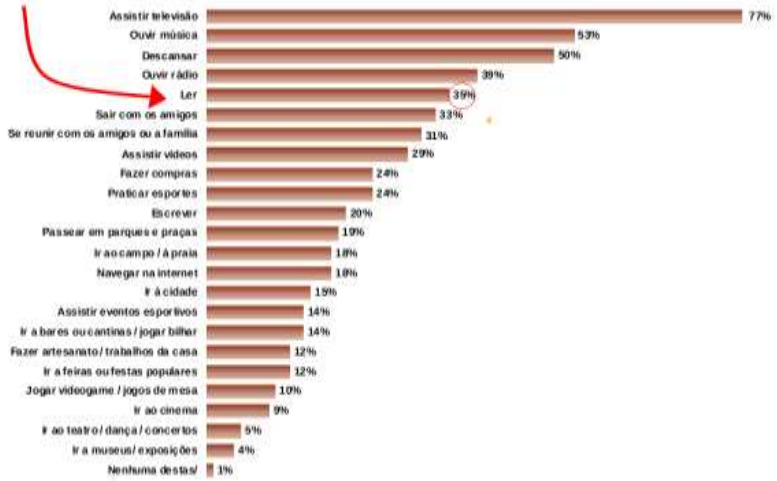
No tópico (5), o parágrafo é iniciado com o pronome pessoal “eles” referente aos pesquisadores e, através do advérbio “ainda”, adiciona mais um dado sobre a frequência de leitura dos brasileiros, além do “também” para reforçar a ideia de adição. Identifica-se, nesse caso, a *estratégia de reconstrução*, reordenação sintática e encadeamento das ideias.

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
A preferência cresce com a renda e a escolaridade (48% no Ensino Médio e 64% no Superior). Entre quem ganha mais de 10 SM, vai a 67%.	5. Eles descobriram, ainda, que a frequência pela leitura está diretamente relacionada à renda familiar e à escolaridade, atingindo nada mais, nada menos que 67% para os que ganham acima de 10 salários mínimos e também àqueles que estudaram mais.

A expressão “neste contexto” foi utilizada para iniciar o tópico (6) compondo a rede semântica textual, pois refere-se aos dados e às conclusões apresentadas nos outros tópicos. A substituição dos vocábulos e acréscimo de informações tem o propósito de realçar a veracidade da pesquisa. O aluno realiza a *operação de substituição* visando a uma maior formalidade. A seleção de novas estruturas sintáticas e opções lexicais conferiram credibilidade à pesquisa: “neste contexto”, “segundo pesquisadores”, “um fator determinante” “inclusive”.

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
 Nas famílias onde há um professor, este índice sobe de 32% para 46% (mostra a importância da valorização da leitura na formação de leitores).	6. Neste contexto, esse aumento produziu um efeito motivador para as futuras gerações, pois se o número continuar crescendo, segundo pesquisadores, pode atingir um índice ainda mais satisfatório. Um fator determinante deste quadro é a influência do meio em que o indivíduo está inserido. Nas famílias onde há um professor, o número pode chegar a 46%. Apontam, inclusive, para a aplicação prática da pesquisa voltada para a formação de leitores.

Já no tópico (7), o aluno emprega a expressão “No entanto”, iniciando a ideia de uma informação de oposição, ao refletir que a televisão é a preferida entre 77% dos brasileiros, o que não ocorre na leitura. Para estabelecer a certeza dos dados como situação inaceitável, o aluno agrupa os argumentos, condensando as ideias, além de manter grande parte do sentido do texto-base. Essa estratégia é denominada *operação de condensação*.

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
	7. No entanto, um dado alarmante é a televisão apresentar-se como sendo a preferência dos brasileiros, atingindo uma média de 97%. Alarmante no sentido da baixa qualidade dos programas apresentados nos últimos tempos.

O último tópico, 8, apresenta dados que, embora sejam secundários da pesquisa, também tiveram relevância. Faz uma observação que considera "diferencial" – o fato de a internet ser a preferência de apenas 18% dos brasileiros. Neste trecho recai, pois, um esforço do produtor para que o leitor perceba seu objetivo comunicativo. O uso da expressão "um diferencial" reforça a *operação estratégia de estruturação argumentativa.*

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
	8. Outros fatores tiveram índices relevantes, como: ouvir música (57%), descansar (50%), ouvir rádio (39%), sair com os amigos (33%), se reunir com os amigos e família (31%), entre outros. Um diferencial desses dados é o fato da internet ser preferência de apenas 18% dos brasileiros.

Destacamos nossa opção por apresentar o gráfico 8 "O que os brasileiros estão lendo" que seria a fonte das informações contidas no gráfico 9 "O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre" para termos mais elementos de comparação entre os tipos de relações retóricas emergidas entre as porções textuais de cada gráfico.

4. 2 Segunda etapa: análise propriamente dita

4.2.1 Primeiro momento: análise do Gráfico 8 - O que os brasileiros estão lendo

Depois da realização da análise-piloto e da autorização concedida pelo COEP, iniciamos um novo processo de análise, ou seja, a retextualização do Gráfico 8, realizada pelos alunos em sala de aula. Dessas retextualizações, selecionamos assistematicamente 03 produções. Para identificação dos alunos envolvidos nesta etapa, adotamos o seguinte código: R- retextualização, F- Ensino Fundamental, M- Ensino Médio. A enumeração (1, 2, 3)

relaciona-se à quantidade de retextualizações selecionadas dos alunos participantes do processo.

4.2.1.1 Análise pela RST

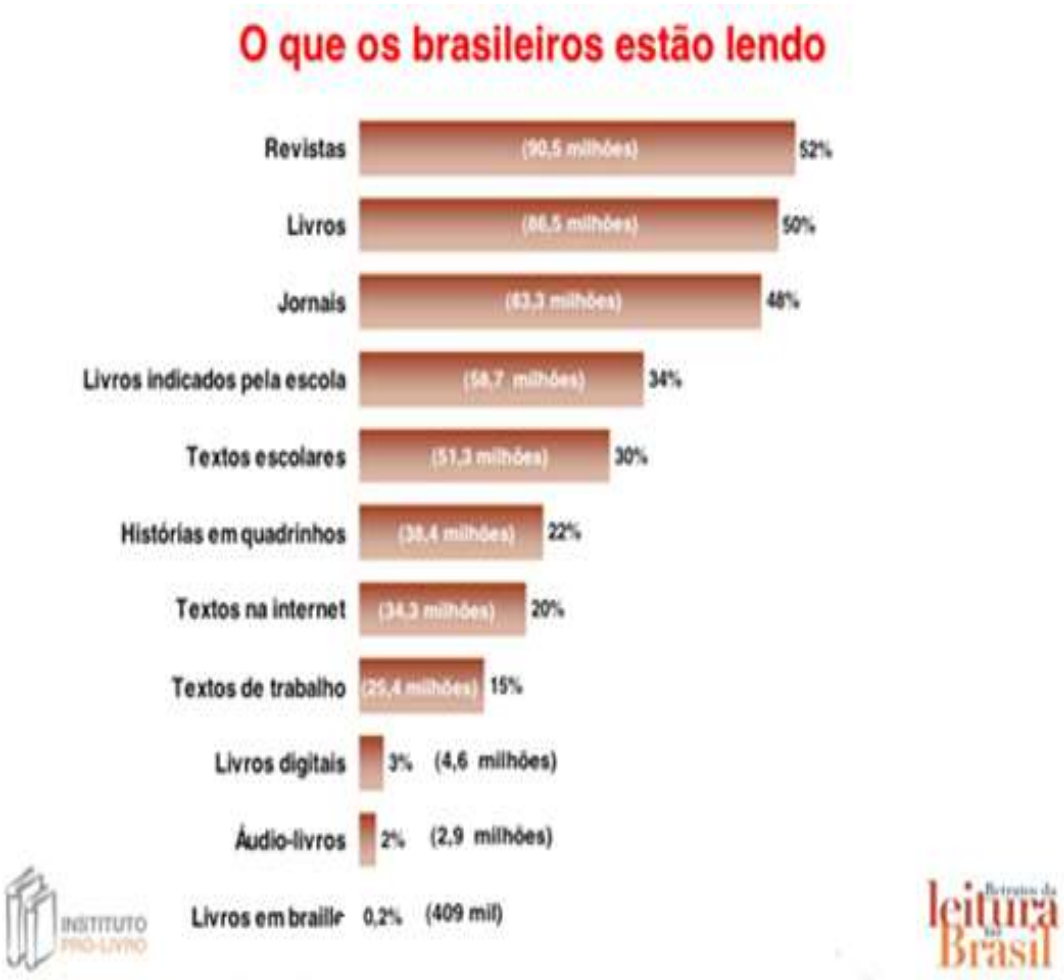


Gráfico 8 do quadro 01: Modelo de Pesquisa: O que os brasileiros estão lendo
Fonte: Instituto Pró-Livro, Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 2008

Divisão do gráfico em unidades de informação (UIs).

1. O que os brasileiros estão lendo
2. Revistas
3. 90,5 milhões
4. 52%
5. Livros
6. 86,5 milhões
7. 50%
8. Jornais

9. 83,3 milhões
10. 48%
11. Livros indicados pela escola
12. 58,7 milhões
13. 34%
14. Textos escolares
15. 51,3 milhões
16. 30%
17. Histórias em quadrinhos
18. 38,4 milhões
19. 22%
20. Textos na Internet
21. 34,3 milhões
22. 20%
23. Textos de trabalho
24. 25,4% milhões
25. 15%
26. Livros digitais
27. 3%
28. 4,6 milhões
29. Áudio-livros
30. 2%
31. 2,8 milhões
32. Livros em Braille
33. 0,2%
34. 409 mil
35. Instituto Pró-Livro
36. Retratos da Leitura do Brasil

Reiteramos que, para as análises do *corpus* desta pesquisa, conforme citado na seção referente à Fundamentação Teórica, foram consideradas como unidades de análise todas as informações veiculadas pelo gráfico em questão. Para melhor visualização e compreensão da análise por nós proposta, na Figura 22, demonstramos a estrutura retórica do Gráfico 8: **"***O que os brasileiros estão lendo".*

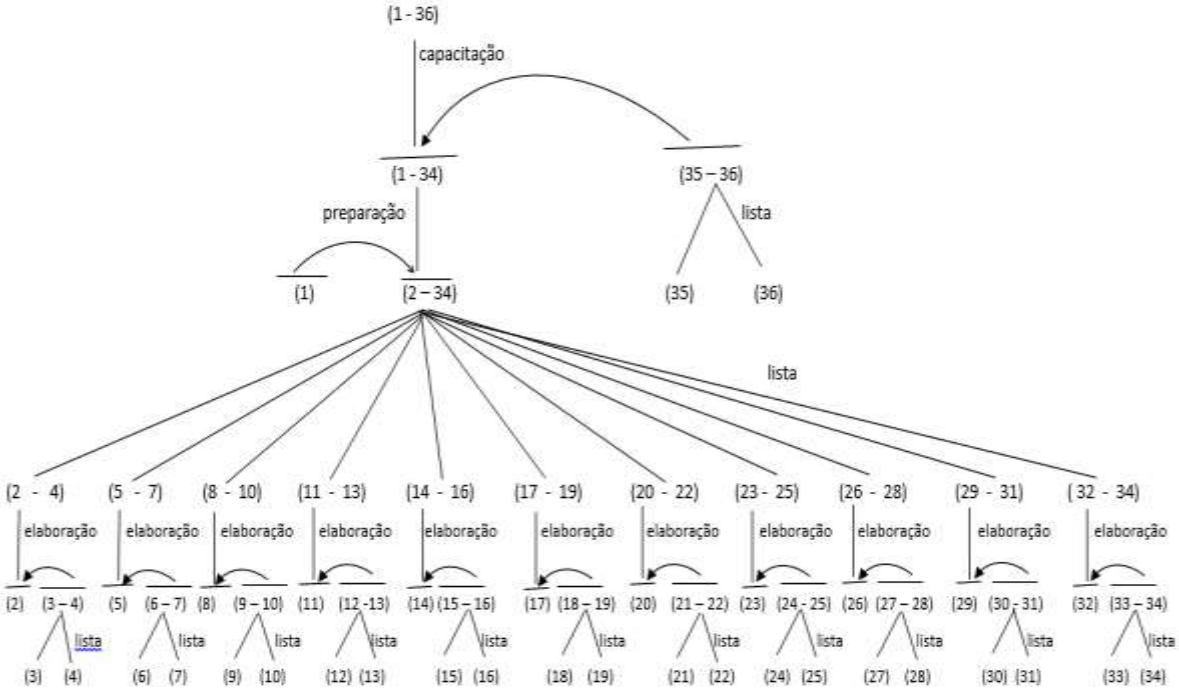


Figura 22: Diagrama arbóreo da estrutura retórica do Gráfico 8

Conforme demonstrado na Figura 9, o Gráfico 8 “O que os brasileiros estão lendo”, analisado a partir da Teoria da Estrutura Retórica (RST), apresentou 36 unidades de informação que foram segmentadas em porções menores. Foram identificadas a porção (1 - 34), na função de núcleo, constituída pelo título e todo o gráfico, e a fonte, UI (35 - 36), no papel de satélite, sendo plausível afirmar que emerge entre elas a relação núcleo-satélite de *capacitação*, visto que esta possibilita o leitor realizar a ação indicada no núcleo, identificando a fonte. A porção (35 - 36) foi segmentada em duas unidades de informação, em uma relação multinuclear de *lista*, caracterizada por Mann & Thompson (1984) como aquela que apresenta um elemento comparável a outros. Assim a UI (35) é materializada pelo “Instituto Pró-Livro” e a UI (36) por “Retratos do Brasil”.

Prosseguindo a discussão, propomos a análise da porção constituída pelas UIs (1 - 34) que foi segmentada em duas outras porções menores, ou seja, na UI (1), título, no papel de satélite, e o núcleo, formado pelas UIs (2 - 34), de forma que emerge, entre elas a relação de *preparação*, justificada pelo fato de o satélite deixar o leitor mais preparado ou convidado a ler o núcleo. Por outro lado, a porção constituída pelas UIs (2 - 34), foi dividida em onze unidades de informação, em uma relação multinuclear de *lista*, formada pelos núcleos (2 - 4), (5 - 7), (8 - 10), (11 - 13), (14 - 16), (17 - 19), (20 - 22), (23 - 25), (26 - 28), (29 - 31) e (32 - 34), enumerando os itens que foram considerados para se obter os dados.

Conforme demonstrado na Figura 9, cada uma dessas UIs foi, ainda, segmentada em uma relação núcleo-satélite, de forma que a primeira unidade de informação, ou seja, a da esquerda de cada porção, exerce a função de núcleo e as duas outras juntas, a função de satélite, sendo plausível identificar entre elas a relação retórica de *elaboração,* uma vez que as mesmas acrescentam dados ao núcleo. Esses dados são materializados em uma relação de *lista* em todas as porções que compõem o gráfico. Dessa forma, a UI (2 - 4) apresenta o item "Revista", sendo (2) como núcleo e as UIs (3 - 4) na função de satélite, trazendo dados complementares, sendo 90,5 milhões de leitores, representando 52% do total de brasileiros entrevistados.

Nessa mesma direção, são analisados os outros dados, conforme demonstrado a seguir. A UI (5 - 7), segmentada em (5) como núcleo e o satélite (6 - 7), representa o segundo item avaliado: "Livros". Assim, o satélite acrescenta dados ao núcleo, ao informar, em (6), que 86,5 milhões de pessoas leem livros, equivalendo a 50% de leitores, situados na UI(7). A porção (8 - 10) cita a preferência para os "Jornais" e informa que 83,3 milhões de leitores apresentam essa preferência, correspondendo à porcentagem de 48%.

O quarto item pesquisado, equivalendo à porção (11 - 13), são os "Livros indicados pela escola" no papel de N, explicitado pelos satélites (9 - 10), e cita o total de 58,7 milhões de leitores, equivalendo a 34%. A porção (14 - 16) prioriza a indicação dos "Textos escolares", ao apresentar o núcleo (14) e (15 - 16) na condição de satélite, informando, na UI (15), que 51, 3 milhões de pessoas têm esta preferência, o que equivale a 30% dos leitores, indicados na UI (16). A porção (17 - 19) trata do item "História em quadrinhos", sendo (17) o núcleo, elaborado pelos satélites (18) e (19), e indica uma porcentagem de 38,4 milhões, equivalente a 22% de pessoas. Já a porção (20 - 21) trata dos "Textos na internet", na qual o núcleo na UI (20), acrescido dos satélites (21) e (22), informam que 34,3 milhões de leitores têm essa preferência, o que equivale a 20% do total.

A porção seguinte, (23 - 25), refere-se aos "Textos de trabalho", formada pelo núcleo (23), e pelos satélites (24) e (25), relatam que 25,4 milhões de leitores priorizam textos de trabalho, equivalendo a 15% do total. Prosseguindo a análise, é identificada a porção (26 - 28) referente aos "Livros digitais", formada pelo núcleo (26), detalhado pelos satélites (27) e (28), esclarecem que 3% de leitores têm o hábito de ler livros digitais, o que representa 4,6 milhões de pessoas. A porção (29 - 31) demonstra a preferência dos leitores por "Áudio-livros" e é formada pelo núcleo (29), detalhado pelos satélites (30) e (31), representando 2% dos entrevistados, equivalendo a 2,9 milhões de pessoas.

Na conclusão da análise do Gráfico 8, é identificada a porção (32 - 34), cujo item pesquisado se refere aos “Livros em braile”. Nesta unidade de informação, a UI (32) indica o núcleo - Livros em braile - e os satélites (33) e (34) acrescentam dados complementares a N, sendo 0,2% de leitores, equivalendo a 409 pessoas do total de leitores ouvidos na pesquisa.

Para finalizar a análise do Gráfico 8, à luz da RST, apresentamos a Tabela 5:

Tabela 5: Ocorrência das relações retóricas no Gráfico 8

Tipo da relação	Nome da relação	Ocorrência
núcleo-satélite	capacitação	1
	elaboração	11
	preparação	1
multinuclear	lista	13
Total	3	4

4.2.1.2 Análise das retextualizações

Prosseguimos com as análises centradas nas retextualizações dos alunos, tendo, como texto-base, o Gráfico 8, e texto-alvo, o gênero texto R1 F1 - GTDC.

4.2.1.2.1 Análise de R1 F1 - GTDC

Leitores no Brasil

O ato de ler hoje em dia tem diminuído entre as pessoas, principalmente entre as camadas mais baixas. No entanto, muitos brasileiros continuam lendo, mesmo que não mantenham isto como hábito. Sendo assim, o que realmente os brasileiros estão lendo?

Isso pode ser respondido através de dados apresentados por uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, a qual constatou que tipo de leitura tem interessado mais aos brasileiros e um fator relevante de o livro ter sido uma das escolhas preferidas.

Segundo esse instituto, as revistas de modo geral, são as principais buscas para leitura, sendo lidas por 52% da população entrevistada. Os livros vêm logo em seguida, totalizando 50% dos leitores pesquisados. Os jornais aparecem em terceiro lugar, perfazendo os 48%.

Pelos dados da pesquisa, pode-se perceber que a maior parte dos brasileiros procuram categorias de leituras mais rápidas e dinâmicas, visto que revistas e jornais possuem um volume de textos menor do que os tradicionais livros. Além disso, as revistas possuem, em sua maioria, assuntos do cotidiano, diversificados e abordam o uso de imagens, um fator que pode ser contribuinte para tornar a leitura mais atraente e prazerosa, podendo assim, atingir um público diferenciado.

4.2.1.2.1.1 Análise pela RST

O texto R1 F1 - GTDC, foi dividido em unidades de informação, demonstradas a seguir:

1. Leitores no Brasil
2. O ato de ler hoje em dia tem diminuído entre as pessoas, principalmente entre as camadas mais baixas. No entanto, muitos brasileiros continuam lendo, mesmo que não mantenham isto como hábito. Sendo assim, o que realmente os brasileiros estão lendo?
3. Isso pode ser respondido através de dados apresentados por uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, a qual constatou que tipo de leitura tem interessado mais aos brasileiros e um fator relevante de o livro ter sido uma das escolhas preferidas.
4. Segundo esse instituto, as revistas de modo geral, são as principais buscas para leitura, sendo lidas por 52% da população entrevistada. Os livros vêm logo em seguida, totalizando 50% dos leitores pesquisados. Os jornais aparecem em terceiro lugar, perfazendo os 48%.
5. Pelos dados da pesquisa, pode-se perceber que a maior parte dos brasileiros procuram categorias de leituras mais rápidas e dinâmicas, visto que revistas e jornais possuem um volume de textos menor do que os tradicionais livros. Além disso, as revistas possuem, em sua maioria, assuntos do cotidiano, diversificados e abordam o uso de imagens, um fator que pode ser contribuinte para tornar a leitura mais atraente e prazerosa, podendo assim, atingir um público diferenciado.

Como realizado anteriormente, em um primeiro momento, a análise dos dados contou com norte a Teoria da Estrutura Retórica (RST) e, depois, o processo de retextualização, à luz das operações de retextualização defendidas por Marcuschi (2007).

Antes de iniciar a descrição textual, à luz da RST, demonstramos, na Figura 23, o diagrama arbóreo da estrutura retórica de R1 F1 - GTDC.

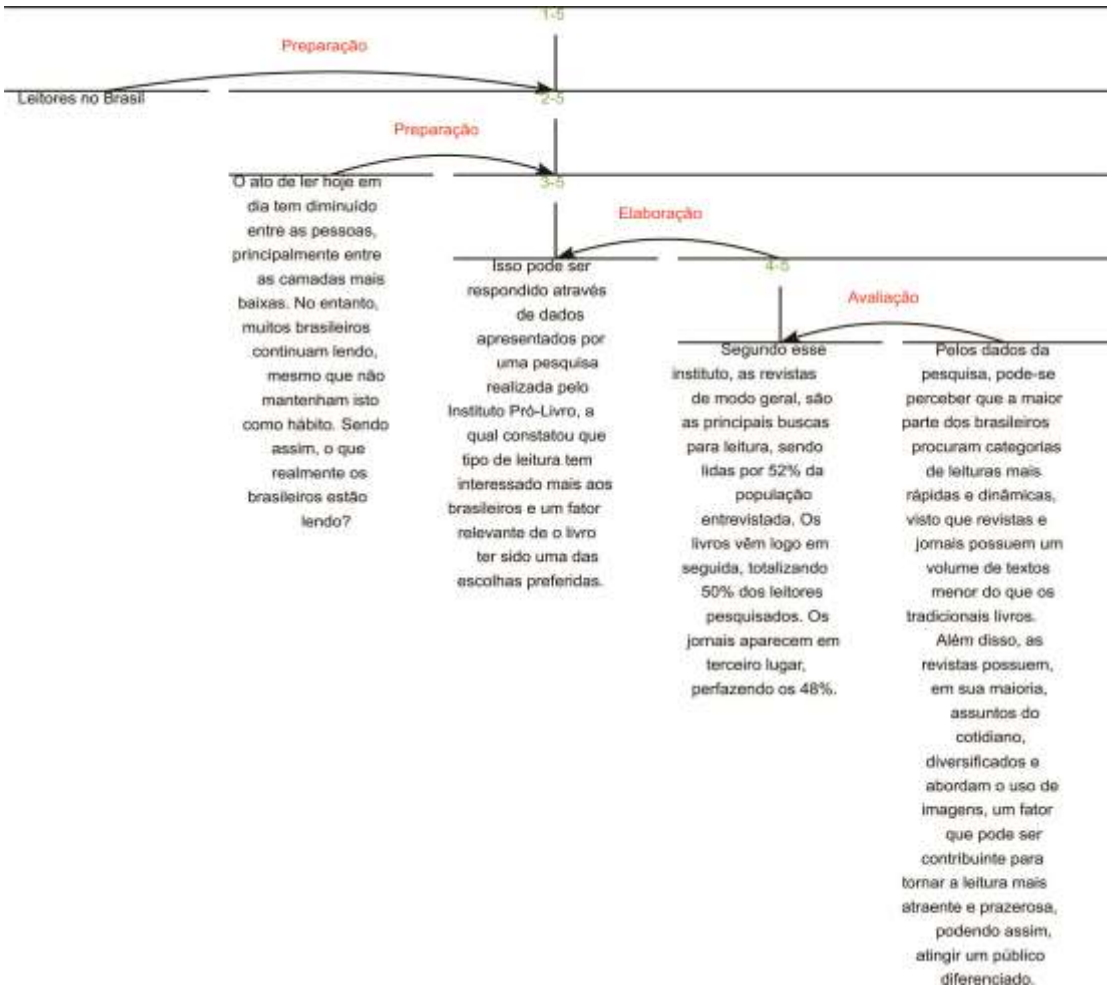


Figura 23: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R1 F1 – GTDC

A análise de R1 F1 – GTDC, à luz da RST, nos aponta cinco unidades de informação. A UI (1), título, é satélite das UIs (2 – 5), núcleo, e emerge, entre elas, como em outras análises, a relação retórica de *preparação*, pois o leitor é convidado a ter conhecimento do assunto referente aos leitores no Brasil.

O bloco (2 – 5) foi segmentado em UI (2), satélite, e UIs (3 – 5), núcleo, e é plausível anunciar a emergência da relação núcleo-satélite de *preparação*, justificada pelo fato de, na UI (1), serem apontadas duas informações: a primeira aborda a diminuição do hábito de leitura entre as pessoas e, na segunda, pode-se verificar um contraste a esta questão, no momento em que se verifica a existência de muitos brasileiros praticantes da leitura, embora não seja um hábito. Essas duas informações são seguidas de uma interrogação: “Sendo assim, o que realmente os brasileiros estão lendo?”, o que justifica a relação de *preparação*, pois o leitor se sente motivado a se inteirar da resposta.

A resposta à questão levantada na UI (2) é materializada na porção (3 – 5), que foi segmenta nas UIs (3) e (4 - 5). Assim, a UI (3), núcleo, se encarrega e expor a resposta

mediante a voz de autoridade, fundamentada numa pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro. Os dados que confirmariam a asserção relatada na UI (3) são edificados no satélite (4 – 5), o que justifica a emergência da relação de *elaboração* entre elas. Dessa forma as UIs (4 – 5) foram segmentadas nas UIs (4) e (5), e é plausível indicar a emergência da relação de *avaliação* entre elas, já que, na UI (4), núcleo, são relatas as preferências com as referidas porcentagens da leitura de revistas, livros e jornais. No satélite, UI (5), ao voltar para o leitor, o produtor do texto aponta argumentos que buscam retratar o seu posicionamento, ou seja, um julgamento, a partir dos dados advindos da pesquisa do Instituto Pró-Livro, para justificar a preferência por leituras mais rápidas e dinâmicas, tornando-a mais prazerosa e, ao mesmo tempo, amplia o número de leitores.

A título de melhor visualizar a ocorrência das relações retóricas em R1 F1 – GTDC, segue a Tabela 6.

Tabela 6: Ocorrência das relações retóricas em R1 F1 - GTDC

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	avaliação	1
	elaboração	1
	preparação	2
Total	3	4

4.2.1.2.1.2 Análise das retextualização

A seguir, a análise da retextualização do aluno, considerando o Gráfico 8 (texto-base) e o texto de divulgação científica como texto-alvo. Os gráficos são recursos utilizados para representar um fenômeno que possa ser mensurado, quantificado ou ilustrado de forma mais ou menos lógica. Assim como os mapas indicam uma representação espacial de um determinado acontecimento ou lugar, os gráficos apontam uma dimensão estatística sobre um determinado fato.

Por esse motivo, interpretar corretamente os gráficos disponibilizados em textos, notícias, entre outras situações, é de suma importância para compreender determinados fenômenos. Eles, geralmente, comparam informações qualitativas e quantitativas, podendo envolver também o tempo e o espaço. No caso deste trabalho o que se observa é como o aluno realizou a retextualização do gráfico para texto de divulgação científica.

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
O que os brasileiros estão lendo	Leitores do Brasil

Observando o início do texto, podemos verificar que o aluno coloca título, o que pode ser interpretado como indicativo de que, nas práticas escolares, os textos escritos devem ser encabeçados por um título; ou pode demonstrar que conhece a função semântica desse componente, que indica a temática a ser abordada. Através de uma nova opção na estrutura sintática, ele realiza a estratégia de reconstrução em função da escrita. Na retextualização a expressão "Leitores do Brasil" surge com uma força mais expressiva do que no texto-base. Essa operação apresenta uma certa neutralização na transformação dos enunciados. Há uma reordenação de elementos de um enunciado que passam para o próximo; também houve a operação de *eliminação* (de conteúdo e de forma).

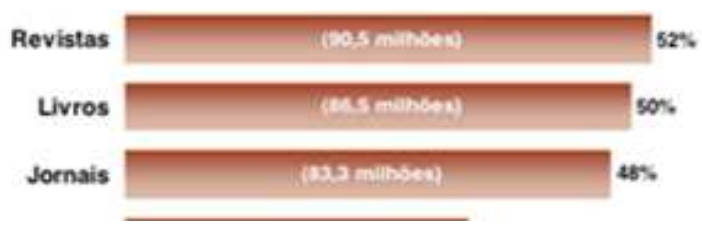
Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
	O ato de ler hoje em dia tem diminuído entre as pessoas, principalmente entre as camadas mais baixas. No entanto, muitos brasileiros continuam lendo, mesmo que não mantenham isto como hábito. Sendo assim, o que realmente os brasileiros estão lendo?

Nesse trecho, o aluno retextualiza o título, emitindo sua opinião ao observar o gráfico em sua totalidade: "O ato de ler hoje em dia tem diminuído entre as pessoas, principalmente entre as camadas mais baixas", sugerindo uma operação de *apresentação*. Em seguida, ele realiza uma operação de *oposição* ao que foi falado anteriormente mostrando que muitos brasileiros continuam lendo e apresenta a conclusão de que essa prática não é um hábito. "No entanto, muitos brasileiros continuam lendo, mesmo que não mantenham isto como hábito." Logo após, ele faz uma pergunta de caráter conclusivo, mas que não está relacionada ao que

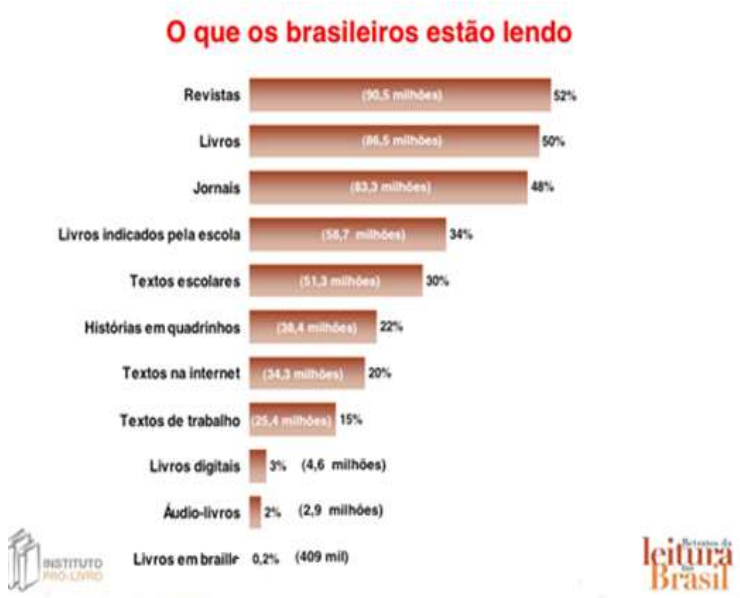
foi dito anteriormente, ao iniciar com a expressão “Sendo assim ...”. Neste momento, ele levanta uma outra questão: “Sendo assim, o que realmente os brasileiros estão lendo?”, pois especifica, através de mecanismos de expansão, o que está contido na primeira parte textual.

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
	Isso pode ser respondido através de dados apresentados por uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, a qual constatou que tipo de leitura tem interessado mais aos brasileiros e um fator relevante de o livro ter sido uma das escolhas preferidas.

A partir deste questionamento, o aluno mantém a coerência do texto ao observar que essa resposta está nos dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró- Livro, o que demonstra que o aluno se apoia, quase que exclusivamente, no texto-fonte para explicar os dados que apresenta. Ele cita a fonte e faz a sua constatação (*conclusão*) de que o livro é uma das escolhas que mais têm interessado aos brasileiros. Ao dar continuidade ao texto, o estudante mantém como referência o texto-base do qual ele está buscando os dados e cita o fato de que as revistas são as mais procuradas pelos leitores, apresentando um grau de informatividade ao seu texto, que é um dos fatos mais relevantes do gráfico, além de mostrar os dados estatísticos que provam a relevância da informação dada, emergindo aqui, a relação de reformulação objetivando explicitude.

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
	Segundo esse instituto, as revistas de modo geral, são as principais buscas para leitura, sendo lidas por 52% da população entrevistada. Os livros vêm logo em seguida, totalizando 50% dos leitores pesquisados. Os jornais aparecem em terceiro lugar, perfazendo os 48%.

Em seguida, sem perder o eixo temático do texto, o aluno cita os livros que aparecem em segundo lugar na pesquisa e os jornais que estão em terceiro, emergindo assim, uma relação de sequência, linear aos fatos e sua ordenação. Ao apresentar essas informações, ele dá prosseguimento ao texto.

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
	Pelos dados da pesquisa, pode-se perceber que a maior parte dos brasileiros procuram categorias de leituras mais rápidas e dinâmicas, visto que revistas e jornais possuem um volume de textos menor do que os tradicionais livros. Além disso, as revistas possuem, em sua maioria, assuntos do cotidiano, diversificados e abordam o uso de imagens, um fator que pode ser contribuinte para tornar a leitura mais atraente e prazerosa, podendo assim, atingir um público diferenciado.

Na sequência, o aluno, de maneira coerente, realiza uma outra conclusão, ao dizer: “Pelos dados da pesquisa, pode-se perceber que a maior parte dos brasileiros procuram categorias de leituras mais rápidas e dinâmicas, visto que revistas e jornais possuem um volume de textos menor do que os tradicionais livros.” – fazendo uso de uma expressão que revela a relação conclusiva: “visto que”. Em seguida, adiciona mais um dado conclusivo ao seu texto, ao iniciar a frase com uma expressão que dá a ideia de adição: “Além disso”, surgindo a relação de elaboração. Nesta frase, a fim de finalizar o seu texto, o estudante retoma o dado de que as revistas são as mais lidas concluindo que essa escolha é devido ao fato das revistas constarem assuntos do cotidiano e por possuírem imagens: “Além disso, as revistas possuem, em sua maioria, assuntos do cotidiano, diversificados e abordam o uso de imagens, um fator que pode ser contribuinte para tornar a leitura mais atraente e prazerosa, podendo assim, atingir um público diferenciado”. Logo após, o aluno complementa a ideia com uma opinião pessoal ao fazer uso dos adjetivos *atraente e prazerosa* como uma justificativa para as revistas serem as mais lidas entre os brasileiros; mais uma vez a relação de elaboração aparece como uma estratégia de explicitude.

Em seguida, apresentam-se as análises obedecendo a ordem estabelecida nas anteriores. Esse procedimento foi necessário para evitar a repetição da imagem do gráfico em todas as retextualizações:

1. retextualização do gráfico;
2. divisão do texto retextualizado em unidades de informação;
3. diagrama arbóreo da estrutura retórica;
4. análise das relações emergidas entre as porções textuais;
5. análise das operações de Marcuschi;

4.2.1.2.2 Análise de R2 M2 – GTDC

> *Não leitores estão na base da pirâmide social*
>
> *Dados informam que os não leitores predominam nas classes C e D.*
> *De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto de Pró-livro, a classe social dos não leitores está entre os que recebem de 01 a 05 salários mínimos, totalizando um percentual de 63% dos entrevistados. Já os não leitores da classe A, representam somente 1%. Dados mostram que a classe social interfere no hábito de leitura da população, tornando-a mais aprimorada intelectualmente e apropriada para ingressarem no mercado de trabalho.*
> *A pesquisa, realizada em 2008, apresenta que 52%, ou seja, cerca de 80,5 milhões leem revistas. Essa porcentagem está diretamente relacionada à facilidade de encontrarem revistas para leitura em locais de espera ou em bancos. Diferentemente dos livros digitais, tendo apenas 3% pelo fato de que não é toda população que tem acesso ao mundo digital.*
> *Dessa forma, os leitores que se mantêm mais informados com revistas, livros, jornais entre outros meios, estão presentes nas classes A e B, pois o hábito de leitura esta relacionado aos estudos e conhecimento necessários para uma boa formação e atuação no trabalho. Porém, grande parte dos entrevistados, predominantes das classes mais baixas, não leem, por diversos fatores como cultural, baixo índice de escolaridade, baixo nível financeiro ou até mesmo a falta de tempo para uma leitura mais profunda e aprimorada devido ao cansaço por executarem trabalhos mais pesados (braçais, domésticos, etc.).*

4.2.1.2.2.1 Análise pela RST

Unidades de informação:

1. Não leitores estão na base da pirâmide social
2. Dados informam que os não leitores predominam nas classes C e D
3. De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto de Pró-livro, a classe social dos não leitores está entre os que recebem de 01 a 05 salários mínimos, totalizando um percentual de 63% dos entrevistados. Já os não leitores da classe A, representam somente 1%. Dados

mostram que a classe social interfere no hábito de leitura da população, tornando-a mais aprimorada intelectualmente e apropriada para ingressarem no mercado de trabalho

4. A pesquisa, realizada em 2008, apresenta que 52%, ou seja, cerca de 80,5 milhões leem revistas. Essa porcentagem está diretamente relacionada à facilidade de encontrarem revistas para leitura em locais de espera ou em bancos. Diferentemente dos livros digitais, tendo apenas 3% pelo fato de que não é toda população que tem acesso ao mundo digital.

5. Dessa forma, os leitores que se mantêm mais informados com revistas, livros, jornais entre outros meios, estão presentes nas classes A e B, pois o hábito de leitura esta relacionado aos estudos e conhecimento necessários para uma boa formação e atuação no trabalho. Porém, grande parte dos entrevistados, predominantes das classes mais baixas, não leem, por diversos fatores como cultural, baixo índice de escolaridade, baixo nível financeiro ou até mesmo a falta de tempo para uma leitura mais profunda e aprimorada devido ao cansaço por executarem trabalhos mais pesados (braçais, domésticos, etc.).

A segmentação da retextualização “Não leitores estão na base da pirâmide social”, a partir da Teoria da Estrutura Retórica, considerando a macroestrutura, apontou 5 porções textuais. Assim, foi possível identificar a estrutura retórica deste texto de R2 M2, conforme diagrama demonstrado na Figura 24 a seguir.



Figura 24: Diagrama da estrutura retórica de R2 M2 - GTDC

O diagrama da estrutura retórica da retextualização de “Não leitores estão na base da pirâmide social*”* nos possibilita verificar as cinco unidades de informação (1 - 5) que foram segmentadas em duas outras porções menores: as UIs (1 - 2) e UIs (3 - 5). Entre essas duas porções emerge a relação retórica de *preparação*, visto que a porção (1 - 2), satélite, constituídas pelo título e subtítulo, deixam o leitor mais preparado para ler o conteúdo do núcleo (3 - 5). Entre as UI (1), na função de núcleo e a UI (2), satélite, emerge a relação retórica de *justificativa*. Entendemos que essa análise é plausível, porque, nos dizeres de Mann & Thompson (1988), a relação de *justificativa* se caracteriza por aquela em que o satélite - UI (2) - faz com que a tendência do leitor em aceitar o direito do autor de apresentar o conteúdo no núcleo - UI (1) - aumente. Assim, os dados indicando as classes C e D, nas quais se encontram os não leitores, citados na UI (2), justificam a informação contida na UI (1), ao apontar que os não leitores estão na base da pirâmide social.

A porção (3 - 5) foi segmentada nas UIs (3 - 4) e UI (5). Iniciamos a análise pela porção (3 - 4) e sinalizamos que, entre a UI (3) e a UI (4) emerge a relação multinuclear de *lista*. Para detalhar nossa proposta de análise, verificamos que, na UI (3), são identificados, pela pesquisa realizada pelo Instituto Pro-Livro, os não leitores pertencentes ao grupo dos que recebem de 01 a 03 salários mínimos, totalizando 63% e os da classe A representam apenas 1%. Outra informação diz respeito ao fato de mostrar que a classe social interfere no hábito de leitura, tornando-a mais preparada intelectualmente e apta a ingressar no mercado de trabalho.

O segundo núcleo da relação de *lista* concretiza-se na UI (4) e informa outros dados da pesquisa, realizada em 2008, ao apresentar que 52%, ou seja, cerca de 80,5 milhões leem revistas, visto que elas são facilmente encontradas pelos leitores em locais de espera ou em bancos. Por outro lado, os livros digitais são menos lidos pelo fato de que não é toda população que tem acesso ao mundo digital.

Para concluir a análise desta retextualização, passamos à descrição da UI (5). A partir de dados identificados na porção (3 - 5), é plausível propor que emerge entre a porção formada pelas UIs (3 - 4) e a UI (5), a relação retórica do tipo núcleo-satélite de *evidência*, uma vez que, de acordo com Mann & Thompson (1988), esta relação se caracteriza pelo fato de o conteúdo do satélite - UI (5) - levar o leitor a ter mais crença no conteúdo veiculado nas UIs (3- 4), núcleo. Explicando por meio dos dados do texto, a UI (5) veicula as seguintes informações que corroboram o conteúdo das UIs (3 - 4): os leitores de revistas, livros, jornais entre outros meios, estão presentes nas classes A e B, “pois o hábito de leitura está relacionado aos estudos e conhecimento necessários para uma boa formação e atuação no trabalho”. Por outro lado, grande parte dos entrevistados, predominantes das classes mais

baixas, não leem, “por diversos fatores como cultural, baixo índice de escolaridade, baixo nível financeiro ou até mesmo a falta de tempo para uma leitura mais profunda e aprimorada devido ao cansaço por executarem trabalhos mais pesados (braçais, domésticos, etc.).”

Podemos resumir as relações retóricas identificadas no texto R2 M2 – GTDC, na Tabela 7 a seguir:

Tabela 7: Ocorrência das relações retóricas em R2 M2 – GTDC

Tipo da relação	Nome da relação	Ocorrência
núcleo-satélite	preparação	1
	justificativa	1
	evidência	1
multinuclear	lista	1
Total	**4**	**4**

Como pode ser verificado na Tabela 7, foram identificadas as relações retóricas do tipo núcleo-satélite de *preparação*, *justificativa* e de *evidência*, com uma ocorrência cada uma. Já a relação do tipo multinuclear se fez presente com uma ocorrência da relação de *lista*.

4.2.1.2.2.2 Análise das operações de retextualização

Continuamos a análise, norteados pelas operações de retextualização descritas por Marcuschi (2007).

O aluno, em interação com o texto, constrói-lhe o sentido, considerando não só as informações explicitamente apresentadas, como também o que é implicitamente sugerido. No título “Não leitores estão na base da pirâmide social”, podemos observar que as escolhas realizadas por ele se tratam de um processo no qual se utiliza as experiências e o conhecimento de mundo. Esse recurso foi utilizado para chamar a atenção do leitor e orientá-lo para conhecer as ideias apresentadas no texto, sendo identificado como uma estratégia de *reformulação.* Focalizando ainda o título, atentamos para a expressão “base da pirâmide social “e a relação que ela estabelece com o subtítulo “Dados informam que os não leitores predominam nas classes C e D”. Nessa relação o aluno resgatou em sua memória a informação com a qual o título e o subtítulo dialogam, utilizando para isso a estratégia de *condensação de ideias* que julgamos tratar-se da ideia principal, uma vez que é citada no título e retomada no subtítulo, aparecendo em situação de destaque no texto.

Ao construir o fragmento “*De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto de Pró-livro, a classe social dos não leitores está entre os que recebem de 01 a 05 salários mínimos,*

totalizando um percentual de 63% dos entrevistados. Já os não leitores da classe A, representam somente 1%. Dados mostram que a classe social interfere no hábito de leitura da população, tornando-a mais aprimorada intelectualmente e apropriada para ingressarem no mercado de trabalho" o aluno aponta para uma oposição marcante entre as classes sociais e o hábito de ler, em que há uma caracterização composta por *conceituação* no que concerne à sua formulação de elementos constitutivos do conceito de classe social pré-estabelecido. A leitura do trecho ainda nos propõe uma aceitação da caracterização motivada pela *afirmação* imposta pelo tempo verbal presente "estão na base ..." está entre..." mostram". Observa-se ainda que o aluno reformula as ideias fazendo escolhas lexicais sem comprometer a ideia expressa no texto-fonte.

Introduziu-se o parágrafo, considerando que o objetivo do texto é apresentar uma análise dos dados pesquisados referindo-se a acontecimentos passados "A pesquisa, realizada em 2008". Ao demonstrar a veracidade da informação se utiliza de vocábulos e porcentagens pertencentes ao texto-fonte que dá ideia de *explicação* "*apresenta que 52%, ou seja, cerca de 80,5 milhões leem revistas*. Essa porcentagem está diretamente relacionada à facilidade de encontrarem revistas para leitura em locais de espera ou em bancos. Diferentemente dos livros digitais, tendo apenas 3% pelo fato de que não é toda população que tem acesso ao mundo digital.

4.2.1.2.3 Análise de R3 M3 - GTDC

> *Pesquisa aponta leitura de revistas como preferência dos brasileiros*
>
> *Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2008, o Brasil tinha mais de 207 milhões de habitantes e dentre esses constatou-se uma média de 90,5 milhões de pessoas que preferem ler revistas a livros indicados pela escola. Esse fato pode ser comprovado em dados da pesquisa apresentados em um gráfico elaborado pelo Instituto Pró-Livro, divulgado em "Retratos de leitura no Brasil". Outro aspecto interessante de se observar é que a leitura de livros ultrapassou os 86,5 milhões de habitantes, ou seja, 50% dos entrevistados gostam de ler, uma vez que pode-se confirmar um avanço significativo e até mesmo surpreendente, relacionado ao "gostar de ler do brasileiro" tão criticado na sociedade. Nessa perspectiva, alguns pesquisadores apontaram que, com o advento da internet, os livros impressos desapareceriam, o que podemos perceber que essa situação não aconteceu, pois a preferência por livros digitais atingiu pouco mais de 4,5 milhões de pessoas, perfazendo um total de apenas 3% dos habitantes. Outros tipos de leituras foram abordados no gráfico, mas os mais pertinentes, a meu ver, foram descritos.*

4.2.1.2.3.1 Análise pela RST

Unidades de informação

1. Pesquisa aponta leitura de revistas como preferência dos brasileiros.
2. Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2008, o Brasil tinha mais de 207 milhões de habitantes e dentre esses constatou-se uma média de 90,5 milhões de pessoas que preferem ler revistas a livros indicados pela escola. Esse fato pode ser comprovado em dados da pesquisa apresentados em um gráfico elaborado pelo Instituto Pró-Livro, divulgado em “Retratos de leitura no Brasil”.
3. Outro aspecto interessante de se observar é que a leitura de livros ultrapassou os 86,5 milhões de habitantes, ou seja, 50% dos entrevistados gostam de ler, uma vez que pode-se confirmar um avanço significativo e até mesmo surpreendente, relacionado ao “gostar de ler do brasileiro” tão criticado na sociedade.
4. Nessa perspectiva, alguns pesquisadores apontaram que, com o advento da internet, os livros impressos desapareceriam, o que podemos perceber que essa situação não aconteceu, pois a preferência por livros digitais atingiu pouco mais de 4,5 milhões de pessoas, perfazendo um total de apenas 3% dos habitantes.
5. Outros tipos de leituras foram abordados no gráfico, mas os mais pertinentes, a meu ver, foram descritos.

A seguir, o diagrama arbóreo da estrutura retórica de R3 M3 – GTDC, demonstrada na Figura 25.

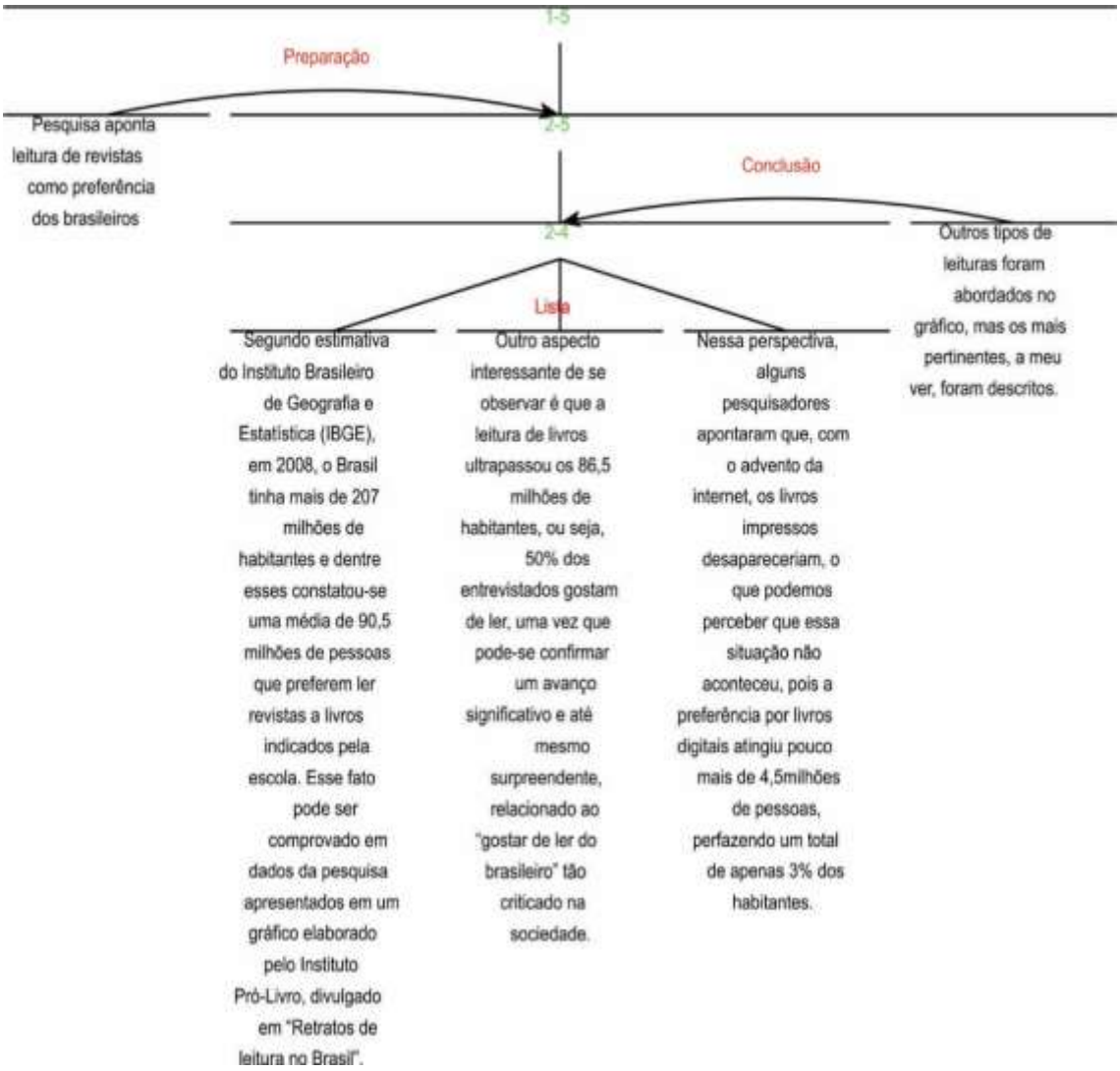


Figura 25: Diagrama da estrutura retórica de R3 M3 – GTDC

Como pode ser constatado na Figura 25, o diagrama da estrutura retórica sinaliza que a retextualização foi segmentada em cinco unidades de informação. A análise, de acordo coma a RST, nos ponta que, entre a UI (1), título, na função de satélite, e a porção (2 - 5), núcleo, emerge uma relação de *preparação*, visto que o leitor se sente convidado a ler o conteúdo do núcleo.

Ressaltamos que a porção (2 - 5) foi segmentada nas UIs (2 - 4) e UI (5). A porção (2 - 4) apresenta uma relação de dados da pesquisa sobre leitura realizada pelo Instituto de Geografia e Estatística, em 2008. Por isso, foram identificadas 3 unidades de informação: UI (2), UI (3) e UI (4), de forma que emerge, entre elas a relação multinuclear de *lista*, já definida em análises anteriores. Nesta ocorrência, a UI (2) informa que, em 2008, o Brasil tinha mais de 207 milhões de habitantes e, dentre eles, constatou-se uma média de 90,5 milhões de leitores que preferem ler revistas a livros. Na UI (3), registra-se o avanço do gosto

pela leitura ao divulgar que o número de leitores de livros ultrapassou os 85,5 milhões de habitantes, correspondendo a 50% dos entrevistados interessados pelo ato de ler. A UI (4) aponta que, com o advento da internet, os livros impressos poderiam desaparecer. Contudo, essa hipótese foi descartada, pois a preferência por livros digitais atingiu pouco mais de 4,5 milhões de leitores, perfazendo um total de 3% dos habitantes.

Como a RST trata da organização hierárquica do texto, passamos à análise da porção (2 - 4), em relação à última unidade de informação - UI (5). O critério da plausibilidade nos direciona a propor que emerge entre as UIs (2 - 4), núcleo, e a UI (5), satélite, a relação retórica do tipo núcleo-satélite de *conclusão*. Vale ressaltar que, nos dizeres de Carlson e Marcu (2001, p. 50), a relação de *conclusão* se caracteriza como aquela em que o satélite apresenta uma declaração final que encerra a situação apresentada no núcleo. Em outras palavras, no satélite, é apresentada uma inferência ou uma decisão final com relação à situação apresentada no núcleo.

Em suma, a análise de R3 M3 – GTDC, a partir da RST nos apresentou as relações retóricas registradas na Tabela 8, a seguir:

Tabela 8: Ocorrência das relações retóricas em R3 M3 – GTDC

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	preparação	1
	conclusão	1
multinuclear	lista	1
Total	**3**	**3**

4.2.1.2.3.2 Análise das operações de retextualização

Quanto às operações de retextualização, a análise nos aponta que R3 M3 – GTDC se inicia com um título “Pesquisa aponta leitura de revistas como preferência dos brasileiros” que demonstra a *operação de afirmação e de conclusão*, justificadas pelas seguintes questões: primeiro, pela presença de um verbo no presente, característico do gênero, e, depois, pois antecipar para o leitor o resultado da pesquisa. A afirmação revela o resultado final da pesquisa feita em forma de gráfico, o que conclui que a revista é a preferida dos leitores brasileiros. Esse fato pode interromper a leitura de um leitor menos curioso que pode só se interessar pela informação do título e seu conteúdo. Para outros, a leitura pode ser instigante para quem quer se aprofundar no assunto e ler as outras preferências de leitura dos brasileiros.

“Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2008, o Brasil tinha mais de 207 milhões de habitantes e dentre esses constatou-se uma média de 90,5 milhões de pessoas que preferem ler revistas a livros indicados pela escola.”

O segundo tópico é marcado pela voz da autoridade (IBGE) e de dados estatísticos ao relatar fatos que trazem sustentabilidade ao que foi informado. Além disso, o autor realiza a *operação de reafirmação e elaboração* ao afirmar que, de 207 milhões de brasileiros, uma média de 90,5 milhões preferem revistas a livros, o que também se configura numa *operação de comparação* “revistas a livros”, e leva o leitor a entender que os livros deveriam vir em primeiro lugar, no nível de preferência de leitura das pessoas.

No tópico a seguir, ‘Esse fato pode ser comprovado em dados da pesquisa apresentados em um gráfico elaborado pelo Instituto Pró-Livro, divulgado em “Retratos de leitura no Brasil”.

O aluno cita a fonte de onde foi divulgada a pesquisa e que é o objeto de sua retextualização, o gráfico. É mais um recurso utilizado para os leitores conferirem a veracidade do conteúdo de sua publicação. Neste trecho, evidencia-se a *operação de reformulação*, utilizando-se de um outro fato como reconhecimento ao que foi dito anteriormente.

Para retornar ao que fora citado sobre os dados estatísticos, o autor inicia a frase com um pronome demonstrativo ‘esse’, usando um processo de referência aos números citados acima, e mais uma vez, faz uso da voz da autoridade, no caso, a fonte onde a pesquisa foi publicada, para reafirmar as informações colhidas por ele no gráfico.

“Outro aspecto interessante de se observar é que a leitura de livros ultrapassou os 86,5 milhões de habitantes, ou seja, 50% dos entrevistados gostam de ler, uma vez que se pode confirmar um avanço significativo e até mesmo surpreendente, relacionado ao “gostar de ler do brasileiro” tão criticado na sociedade.”

Neste trecho, é possível observar um fato particularmente opinativo, o que não é usual em um texto do gênero de texto de divulgação científica, que é o uso do adjetivo ‘interessante’, que mostra um certo envolvimento do autor ao produzir o seu texto. Ele apresenta um dado novo para responder ao fato de que os livros deveriam estar em primeiro lugar na pesquisa, mas acrescenta, com dados estatísticos, que houve avanço significativo e surpreendente no aumento dos leitores de livros, dando sequência ao uso dos adjetivos, como escolha lexical.

As porções textuais divididas pela expressão ‘ou seja’ marca a *operação de elaboração*, materializada em: “... os 86,5 milhões de habitantes, ou seja, 50% dos entrevistados...”.

A expressão “... uma vez que” estabelece uma relação de explicação do assunto abordado anteriormente, utilizando, dessa forma, uma operação de *afirmação:* “... uma vez que” pode-se confirmar um avanço significativo e até mesmo surpreendente, relacionado ao gostar de ler dos brasileiros tão criticados na sociedade.

Quando o aluno faz uso do verbo ‘confirmar’ como escolha lexical, ele tem a intenção de mostrar os dados do gráfico como um recurso de sustentação do que foi dito. Além disso, ele demonstra, mais vez, a sua opinião, ao afirmar que o ato de ler do brasileiro é muito criticado, o que podemos entender como uma *operação de estruturação argumentativa.*

“Nessa perspectiva, alguns pesquisadores apontaram que, com o advento da internet, os livros impressos desapareceriam, o que podemos perceber que essa situação não aconteceu, pois, a preferência por livros digitais atingiu pouco mais de 4,5milhões de pessoas, perfazendo um total de apenas 3% dos habitantes”. Outros tipos de leituras foram abordados no gráfico, mas os mais pertinentes, a meu ver, foram descritos.

Através de um processo de *referenciação,* com a expressão ‘nessa perspectiva’, o aluno dá início a um novo dado que acrescenta uma outra informação ao fato do aumento significativo da leitura de livros, que mesmo com o surgimento da internet, o gosto pelos livros digitais, cresceu pouco, e utiliza de dados estatísticos para reforçar sua afirmação, e mostrar que esses dados provam a relevância da informação dada, o que revela a sua atenção quanto à leitura do gráfico. Percebe-se, neste ponto, que, ao dar segmento ao texto, ele não perde de vista a fonte da qual ele está buscando as informações, apresentando um grau de informatividade ao seu texto que é um dos fatos mais relevantes do gráfico.

Para finalizar o seu texto, o aluno afirma “Outros tipos de leituras foram abordados no gráfico, mas os mais pertinentes, a meu ver, foram descritos.”, o aluno recorre ao *processo de condensação* para estabelecer a certeza dos dados que publicou, e agrupa a última informação relacionada às outras leituras, condensando as ideias e mantendo grande parte da coerência do texto-base. Ou seja, ao afirmar que outras leituras foram abordadas no gráfico, mas que ele descreveu as mais relevantes, ele reforça a sua interpretação pertinente do gráfico.

Nessa atividade, a ação do aluno retextualizador não foi feita de maneira aleatória, mas de forma intencional, pois ele procurou adaptar o texto à sua interpretação e às ideias nele contidas.

4.2.1.2.4 Análise de R4 M4 - GTDC

O que os brasileiros estão lendo

Foi feita uma pesquisa pelo Instituto Pró-Livro em 2008 para saber o que os brasileiros mais gostam de ler.

A pesquisa, que é mostrada em um gráfico, revela o resultado dos estudos. Foi constatado que 52% da população gosta de ler revistas, 50% livros, 48% jornais, 34% livros indicados pela escola e 30% preferem textos escolares. As porcentagens citadas acima são as maiores registradas no gráfico, que ultrapassam as expectativas, pois o Brasil é considerado por muitos como um país de poucos leitores.

Há mais algumas informações também, com outros tipos de textos, como as histórias em quadrinhos com 22% de preferência, textos na internet com 20%, textos de trabalhos com 15%, livros digitais 3%, áudio-livros 2% e livros em braile 0,25. Esses são os menos escolhidos.

Segundo a pesquisa do Instituto Pró-Livros, no ano de 2008, um pouco mais da metade dos brasileiros têm interesse na leitura, superando opiniões negativas. De acordo com os dados, ainda é preciso melhorar muito, pois é com a leitura que se muda o índice de conhecimento e, consequentemente, a educação. Existem projetos em muitas escolas para desenvolver o importante hábito de ler, mas precisam ser estendidos e priorizados.

4.2.1.2.4.1 Análise pela RST

Unidades de informação:

1. O que os brasileiros estão lendo
2. Foi feita uma pesquisa pelo Instituto Pró-Livro em 2008 para saber o que os brasileiros mais gostam de ler.
3. A pesquisa, que é mostrada em um gráfico, revela o resultado dos estudos. Foi constatado que 52% da população gosta de ler revistas, 50% livros, 48% jornais, 34% livros indicados pela escola e 30% preferem textos escolares. As porcentagens citadas acima são as maiores registradas no gráfico, que ultrapassam as expectativas, pois o Brasil é considerado por muitos como um país de poucos leitores.
4. Há mais algumas informações também, com outros tipos de textos, como as histórias em quadrinhos com 22% de preferência, textos na internet com 20%, textos de trabalhos com 15%, livros digitais 3%, áudio-livros 2% e livros em braile 0,25. Esses são os menos escolhidos.
5. Segundo a pesquisa do Instituto Pró-Livros, no ano de 2008, um pouco mais da metade dos brasileiros têm interesse na leitura, superando opiniões negativas. De acordo com os dados, ainda é preciso melhorar muito, pois é com a leitura que se muda o índice de conhecimento e, consequentemente, a educação. Existem projetos em muitas escolas para desenvolver o

importante hábito de ler, mas precisam ser estendidos e priorizados.

A análise do R4 F4 – GTDC, à luz da RST mostra os dados que passamos a descrever. O texto apresentou cinco unidades de informação, bem como a estrutura retórica demonstrada na Figura 26, a seguir:

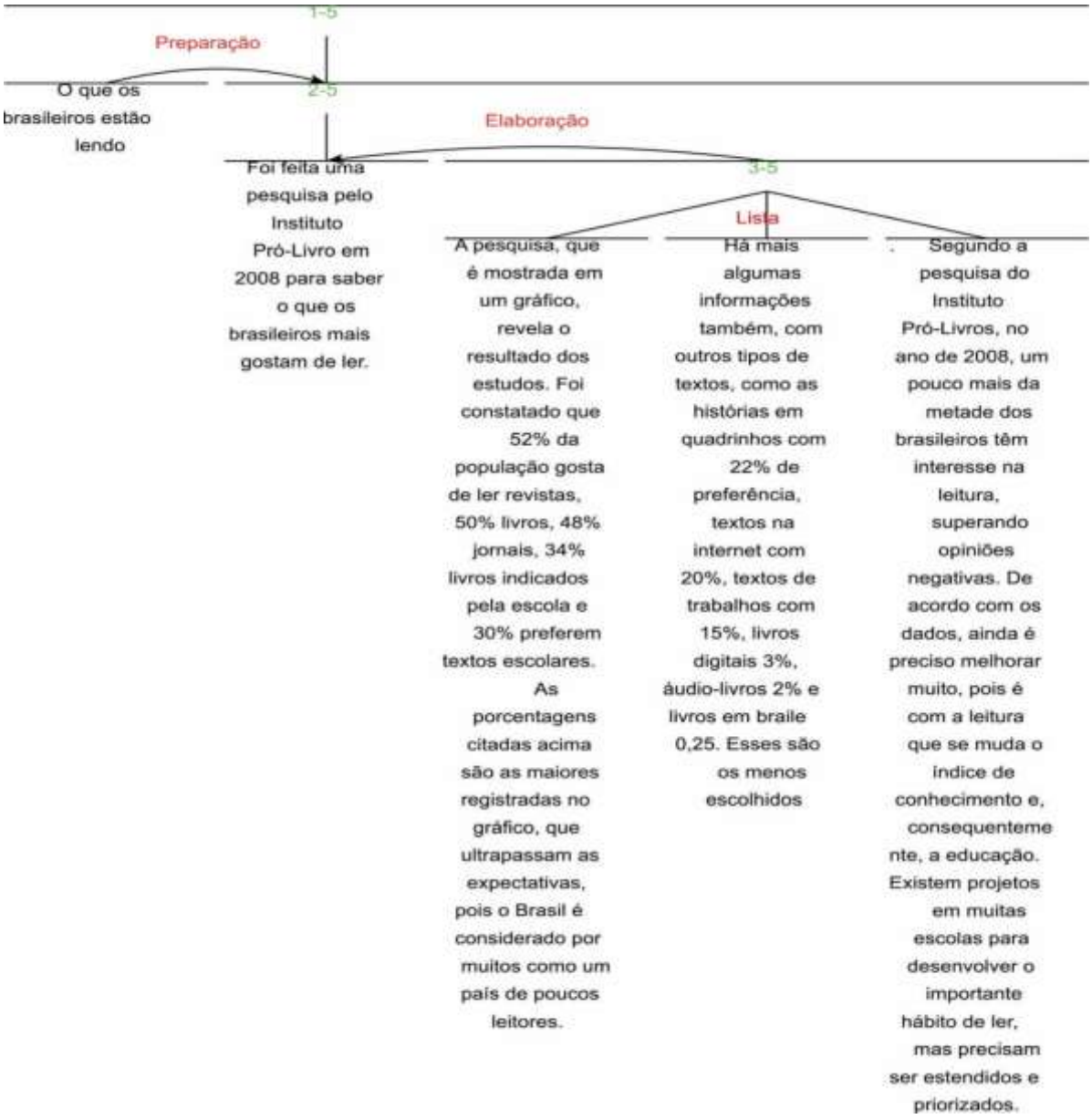


Figura 26: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R4 M4 – GTDC

Conforme exposto nesta pesquisa, para uma análise a partir da RST, o analista deve se pautar no critério da plausibilidade com a finalidade de identificar as proposições relacionais emergentes entre as porções que compõem o texto. Nesse caminho, é plausível informar que emerge entre o título, ou seja, a UI (1), satélite, e a porção constituída pelas UIs (2 - 5), no papel de núcleo, a relação retórica núcleo-satélite de *preparação*, como nos outros textos aqui

analisados.

A porção (2 - 5) é constituída por um subtítulo e todo o texto. Essa porção foi segmentada na UI (2), na função de núcleo e nas UIs (3 - 5), subsidiando N, sendo, portanto, satélite. É pertinente sugerir que emerge entre elas a relação retórica núcleo-satélite de *elaboração*, pois, a segunda porção se encarrega de apresentar dados adicionais à UI (2). Assim, a UI (2) faz referência à pesquisa sobre o que os brasileiros estavam lendo, realizada pelo Instituto Pro-Livro, em 2008, enquanto as demais unidades de informação se encarregam de situar dados advindos desta investigação.

As informações sobre as preferências de leitura dos brasileiros se materializaram na porção (3 - 5), que também foram segmentadas na UI (3), UI (4) e UI (5), sendo plausível informar que emerge entre elas uma relação retórica multinuclear de *lista*, pois, cada uma se encarrega de expor dados específicos da pesquisa.

A exposição desses dados se deu da seguinte maneira: na UI (3), é constatado "que 52% da população gosta de ler revistas, 50% livros, 48% jornais, 34% livros indicados pela escola e 30% preferem textos escolares." Essas porcentagens são as maiores registradas no gráfico, ultrapassando as expectativas, já que "o Brasil é considerado por muitos como um país de poucos leitores."

As informações contidas na UI (4) revelam outras informações e situam as menores predileções dos leitores, obtidas "com outros tipos de textos, como as histórias em quadrinhos com 22% de preferência, textos na internet com 20%, textos de trabalhos com 15%, livros digitais 3%, áudio-livros 2% e livros em braile 0,25*"*.

O texto é concluído com a UI (5), responsável por constatar que a pesquisa superou opiniões negativas ao revelar que um pouco mais da metade dos brasileiros têm interesse pela leitura. Contudo, os dados apontam que, embora as escolas desenvolvam projetos nessa área, "ainda é preciso melhorar muito, pois é com a leitura que se muda o índice de conhecimento e, consequentemente, a educação".

A análise de R4 M4 - GTDC apresentou as relações retóricas, na Tabela 9:

Tabela 9: Ocorrência das relações retóricas em R4 M4 - GTDC

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	preparação	1
	elaboração	1
multinuclear	lista	1
Total	**3**	**3**

Como pode ser verificado na Tabela 9, foram identificadas as relações retóricas do tipo núcleo-satélite de *preparação* e de *elaboração*, com uma ocorrência cada uma. Já a relação do tipo multinuclear se fez presente com uma ocorrência da relação de *lista*.

A análise nos levou a concluir que a RST, mais uma vez, possibilitou identificar as escolhas feitas pelo produtor para produzir seu texto, com fins a atingir seu propósito comunicativo que, no caso, seria relatar os dados observados em um gráfico, texto-base utilizado para a retextualização no GTDC.

4.2.1.2.4.2 Análise das operações de retextualização

No que concerne às operações de retextualização defendidas por Marcuschi (2007), o texto R4 M4 – GTDC apresentou as observações que se seguem.

O produtor usa o mesmo título do gráfico para iniciar o texto, "O que os brasileiros estão lendo", mas ele cria o seguinte subtítulo: "Foi feita uma pesquisa pelo Instituto Pró-Livro em 2008 para saber o que os brasileiros mais gostam de ler." Nesta porção textual, R4 M4 - GTDC usa de uma estratégia jornalística que tem relação com o gênero, pois antecipa para o leitor qual é o teor do assunto que virá em seguida, na forma resumida do título. O subtítulo é uma operação do tipo elaboração do título do gráfico. Realizou-se uma referenciação de ações, no caso a pesquisa, e verbalização de contextos apoiados pela locução verbal "**Foi feita...**"

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
O que os brasileros estão lendo	1.O que os brasileiros estão lendo. 2.Foi feita uma pesquisa pelo Instituto Pró-livro em 2008 para saber o que os brasileiros mais gostam de ler

No início do texto, R4 M4 - GTDC usa da operação de paráfrase ao 'falar' de uma outra maneira sobre a pesquisa realizada, em relação ao título e subtítulo; o produtor afirma, novamente, que foi realizada uma pesquisa. Mas é possível observar, também, a operação de inserção, já que é apresentada a palavra 'resultado'. "A pesquisa, que é mostrada em um gráfico, revela o resultado dos estudos.

Texto-base Gráfico	Texto-alvo Texto de divulgação científica
	3. **A pesquisa, que é mostrada em um gráfico, revela o resultado dos estudos.**

Na frase a seguir, é registrada uma afirmação, revelando os primeiros dados do gráfico "Foi constatado que 52% da população gosta de ler revistas, 50% livros, 48% jornais, 34% livros indicados pela escola e 30% preferem textos escolares", usando uma estratégia de sequência ao seguir os dados quantitativos do gráfico, onde se observa a operação de *inserção* e *evidência*, já que obedece a ordem apresentada no gráfico.

Texto-base Gráfico	Texto-alvo Texto de divulgação científica
	4. **"Foi constatado que 52% da população gosta de ler revistas, 50% livros, 48% jornais, 34% livros indicados pela escola e 30% preferem textos escolares."**

“As porcentagens citadas acima são as maiores registradas no gráfico, que ultrapassam as expectativas, pois o Brasil é considerado por muitos como um país de poucos leitores.” Nesta porção textual, R4 M4 GTDC retoma os dados anteriores, por meio da operação de *referenciação* ao trecho anterior, mas usa de conclusões, ‘são as maiores...’ ao usar o conectivo “pois” e ao fazer uso de uma *afirmação/conclusão* do senso comum, ‘pois o Brasil é considerado por muitos como um país de poucos leitores’.

Texto-base **Gráfico**	**Texto-alvo** **Texto de divulgação científica**
	5. **As porcentagens citadas acima são as maiores registradas no gráfico, que ultrapassam as expectativas, pois o Brasil é considerado por muitos como um país de poucos leitores.**

“Há mais algumas informações também, com outros tipos de textos, como as histórias em quadrinhos com 22% de preferência, textos na internet com 20%, textos de trabalhos com 15%, livros digitais 3%, áudio-livros 2% e livros em braile 0,25. Esses são os menos escolhidos.”

Nesta porção, R4 M4 - GTDC acrescenta “Há mais algumas informações também, com outros tipos de textos...” o que podemos entender como uma operação de inserção e , em seguida, “...tipos de textos, como as histórias em quadrinhos com 22% de preferência, textos na internet com 20%, textos de trabalhos com 15%, livros digitais 3%, áudio-livros 2% e livros em braile 0,25.”, a operação que se destaca neste trecho é a de *elaboração,* pelo fato de citar quais tipos de textos são esses e apresentando os dados estatísticos do gráfico. Em seguida, vem uma afirmação com o uso de dêitico- pronome demonstrativo- “Esses” “... são os menos escolhidos.”, através da operação de transformação e, também de condensação ao se utilizar de uma estrutura sintática simples e objetiva no final da frase.

Texto-base Gráfico	Texto-alvo Texto de divulgação científica 32
	6. **"Há mais algumas informações também, com outros tipos de textos, como as histórias em quadrinhos com 22% de preferência, textos na internet com 20%, , textos de trabalhos com 15%, livros digitais 3%, áudio-livros 2% e livros em braile 0,25. Esses são os menos escolhidos."**

"Segundo a pesquisa do Instituto Pró-Livro, no ano de 2008, um pouco mais da metade dos brasileiros têm interesse na leitura, superando opiniões negativas. De acordo com os dados, ainda é preciso melhorar muito, pois é com a leitura que se muda o índice de conhecimento e, consequentemente, a educação. Existem projetos em muitas escolas para desenvolver o importante hábito de ler, mas precisam ser estendidos e priorizados." Para finalizar o texto, R4 M4 - GTDC faz uso da operação de *reformulação*, ao retomar o principal dado da pesquisa usando de uma outra estrutura sintática. Emerge, também, nesta porção textual, a operação de *elaboração*, ao verificar que a aluna faz a sua própria interpretação dos dados do gráfico, "De acordo com os dados, ainda é preciso melhorar muito, pois é com a leitura que se muda o índice de conhecimento e, consequentemente, a educação." Além disso, R4 M4 - GTDC finaliza o seu texto com uma afirmação que pressupõe uma sugestão do que poderia se fazer para melhorar o nível de leitura no país, fazendo emergir, assim, a operação de *conclusão*.

Texto-base Gráfico	Texto-alvo Texto de divulgação científica
	**7.** "Segundo a pesquisa do Instituto Pró-Livros, no ano de 2008, um pouco mais da metade dos brasileiros têm interesse na leitura, superando opiniões negativas. De acordo com os dados, ainda é preciso melhorar muito, pois é com a leitura que se muda o índice de conhecimento e , consequentemente, a educação. Existem projetos em muitas escolas para desenvolver o importante hábito de ler, mas precisam ser extendidos e priorizados." 8. **De acordo com os dados, ainda é preciso melhorar muito, pois é com a leitura que se muda o índice de conhecimento e , consequentemente,**

4.2.2 Segundo momento: análise dos gráficos 6, 7, 8 e das produções dos alunos

Como citamos anteriormente, percebemos a necessidade de obtenção de dados mais consistentes relacionados à ocorrência das relações retóricas e das operações de retextualização defendidas por Marcuschi (2007), tendo como parâmetro de análise 03 gráficos diferentes (gráficos 6, 7, 8) e a seleção de 18 textos produzidos por 03 alunos.

Nesta etapa, direcionamos as atividades na seguinte ordem:

1. Seleção dos gráficos 6, 7 e 8 pelo pesquisador;
2. Produção do GPD (gênero parágrafo descritivo) de cada gráfico pelos alunos;
3. Produção do GTDC de cada gráfico pelos alunos;
4. Análise dos GPDs e dos GTDCs à luz da RST pelo pesquisador;
5. Análise dos GPDs e dos GTDCs à luz das operações de retextualização (Marcuschi, 2007), pelo pesquisador.

Cabe lembrar que, primeiramente, são apresentadas as análises dos gráficos e das retextualizações (GPD e GTDC), à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST) e, depois, de acordo com as operações de retextualizações, descritas por Marcuschi (2007).

4.2.2.1 Análise do gráfico 6



Gráfico 6: Principais causas de sucesso de uma empresa
Fonte: http://wiki.ued.ipleiria.pt/wikiEducacao/index.php/Gr%C3%A1fico_de_Barras

O Gráfico 6 “Principais causas do sucesso de uma empresa, segundo pequenos empresários” foi segmentado em 16 unidades de informação, na análise sustentada pelo aporte teórico da RST, como retratado a seguir:

1. “Principais causas do sucesso de uma empresa, segundo pequenos empresários”
2. Capacidade de correr riscos
3. Aproveitamento das oportunidades
4. Preservação do dono
5. Dinheiro próprio
6. Bom conhecimento do mercado
7. Presença de um bom administrador
8. 0
9. 10
10. 20
11. 30
12. 40
13. 50
14. 60
15. Percentual de respostas
16. Fonte:http://wiki.ued.ipleiria.pt/wikiEducacao/index.php/Gr%C3%A1fico_de_Barras

Antes de descrever a organização textual do Gráfico 6, apresentamos o diagrama de sua estrutura retórica, na Figura 27.

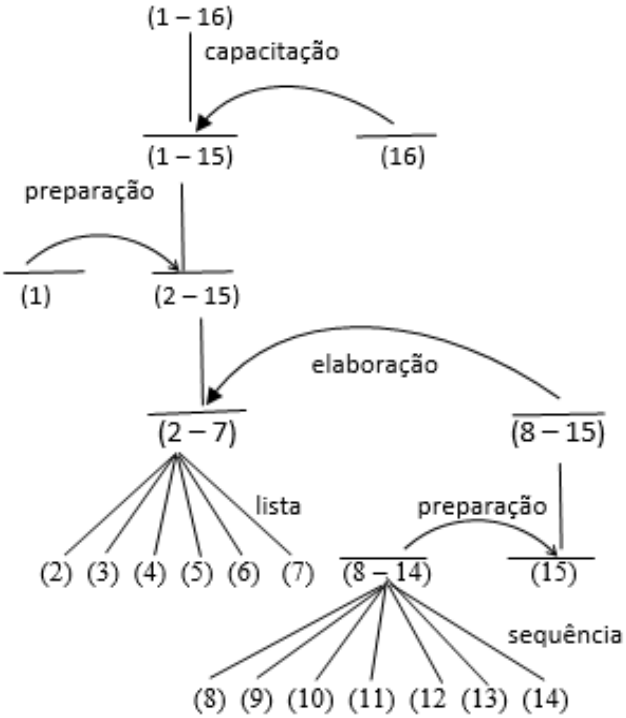


Figura 27: Diagrama da estrutura retórica do gráfico 6

A análise nos direcionou a revelar que o Gráfico 6 apresenta as características ressaltadas na descrição da organização textual a seguir.

A RST nos possibilitou segmentar o Gráfico 6 em 16 unidades de informação, resultando no Diagrama arbóreo da estrutura retórica, exposto na Figura 14. Assim, percebe-se a grande porção formada pelas UIs (1 – 15), núcleo, e a UI (16), sendo possível verificar a emergência da relação retórica de *capacitação* por informar a fonte em que se encontra o gráfico.

A porção textual formada pelas UIs (1 – 15) foi segmentada em UI (1), satélite, e a porção núcleo (2 – 15), emergindo, entre elas a relação de *preparação*, pois o leitor é convidado a ter ciência das informações sinalizadas no título “Principais causas de sucesso de uma empresa, segundo pequenos empresários.” Essas informações são concentradas no conteúdo do gráfico que, por sua vez, foi segmentado em duas outras porções a saber: UIs (2 – 7), na função de núcleo, por veicular a informação mais central e a UIs (8 – 15), satélite, por subsidiar as informações contidas no núcleo. Vale ressaltar que emerge entre essas duas porções a relação de *elaboração*, pois a segunda, no papel de satélite, se encarrega de comportar informações que vão subsidiar o conteúdo do núcleo, ao acrescentar dados que viabilizam a compreensão das informações nele contidas.

Para melhor compreensão do conteúdo da porção (2 – 7), na função de núcleo, esta foi segmentada nas UIs (2), (3), (4), (5), (6), (7), em uma relação multinuclear de *lista*, posto que, cada núcleo se encarrega de indicar o item pesquisado. Assim, foram selecionados os itens: UI (2) “Capacidade de correr riscos”; (3) “Aproveitamento das oportunidades”; (4) “Preservação do dono”; (5) “Dinheiro próprio”; (6) “Bom conhecimento do mercado”; (7) “Presença de um bom administrador”.

A porção textual formada pelas UIs (8 – 15) foi segmentada nas UIs (8 – 14) e UI (15) e emerge, entre elas a relação de *preparação*, pois o satélite (8 – 14) revela os índices percentuais indicados e deixam o leitor preparado para entender o conteúdo do núcleo (15): “percentual de respostas”.

Coube-nos, ainda, a tarefa de segmentar a porção (8 – 14) em outras sete unidades informacionais e é plausível informar que emerge entre esses núcleos a relação multinuclear de *sequência*, com a função de enumerar os índices percentuais das causas de desenvolvimento de uma empresa, segundo pequenos empresários. A indicação desse tipo de relação se justifica pelo fato de o leitor ter conhecimento, em ordem crescente, das causas do sucesso da empresa. Os indicadores são: UI (8) 0; UI (9) 10; UI (10) 20; UI (11) 30; UI (12) 40; UI (13) 50 e UI (14) 60.

Apresentamos a Tabela 10, enumerando as relações retóricas identificadas no Gráfico 6:

Tabela 10: Ocorrência das relações retóricas no Gráfico 6

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	capacitação	1
	elaboração	1
	preparação	2
multinuclear	lista	1
	sequência	1
Total	5	6

4.2.2.1.1 Análise de R1 M1 - GPD

Gráfico 6

O gráfico apresenta as principais causas do sucesso de uma empresa, segundo pequenos empresários, no qual a presença de um bom administrador e o bom conhecimento do mercado foram as respostas mais votadas, e as menos votadas foram capacidade de correr riscos e aproveitamento das oportunidades.

A análise, à luz da RST, possibilitou segmentar o texto em seis unidades de informação. Ressalta-se que, conforme já sinalizado nesta pesquisa, o conceito de unidade de informação, (*idea unit*), por nós adotado, ancora-se à concepção defendida por Chafe (1980).

As unidades de informação foram assim delimitadas:

1. Gráfico 6
2. O gráfico apresenta as principais causas do sucesso de uma empresa, segundo pequenos empresários,
3. no qual a presença de um bom administrador
4. e o bom conhecimento do mercado foram as respostas mais votadas,
5. e as menos votadas foram capacidade de correr riscos
6. e aproveitamento das oportunidades.

Antes de proceder a análise descritiva, apresentamos, na Figura 28, o Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R1 M1- GPD.

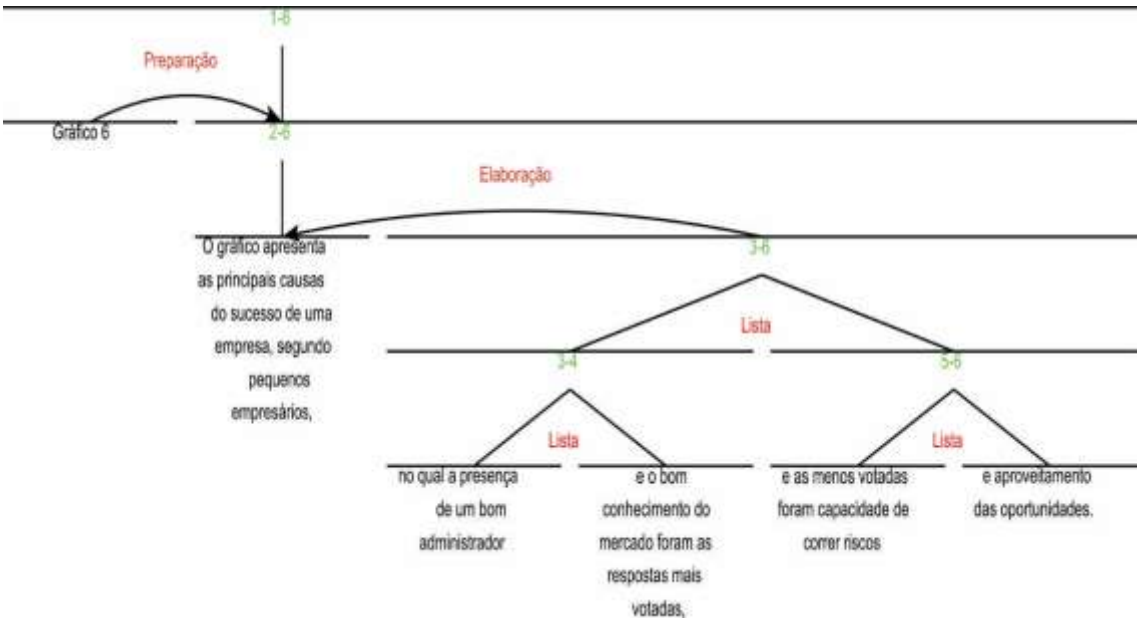


Figura 28: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R1 M1- GPD

A Figura 28 demonstra o diagrama da estrutura retórica de R1M1- GPD.

O texto foi organizado de forma que, entre a UI(1) Gráfico 6, e a porção (2 - 6) emerge uma relação núcleo-satélite de preparação, visto que a UI (1) convida o leitor a se inteirar do conteúdo do GPD. Nessa perspectiva, a UI (2) assume o papel de satélite e subsidia a porção (2 - 6), núcleo.

A porção textual (2 - 6) foi segmentada na UI (2) e a porção (3 - 6). Entendendo que a UI (2), por situar o gráfico como veiculador das causas do sucesso de uma empresa, na

avaliação de pequenos empresários, exerce a função de núcleo em relação à porção (3 - 6), que, consequentemente, se torna satélite e se ocupa de acrescentar novas informações à UI (2). Defendemos ser plausível a emergência da relação núcleo-satélite de elaboração entre UI (2) e (3 - 6), justificada pelo fato de essa porção listar as razões mencionadas na UI (2).

As causas do crescimento das empresas são descritas em dois blocos: as mais votadas e as menos votadas, o que nos direcionou a segmentar a UI (3 - 6) nas porções (3 - 4) e (5 - 6), e é plausível informar que emerge, entre elas, a relação multinuclear de *lista*, pois pode ser feita uma comparação entre esses dois blocos e verificar a diferenças entre elas: as mais e as menos votadas.

Considerando a caracterização das causas levantadas na porção (3 - 6), foram caracterizadas as causas. Assim, as causas mais votadas foram segmentadas nas UIs (3 - 4) e emerge, entre elas, a relação multinuclear de *lista*, pois é mencionada, na UI (3), a presença de "um bom administrador" e, na UI (4) o "bom conhecimento do mercado". As menos votadas - UIs (5 – 6) - também foram segmentadas em UI (5) e UI (6), de forma que emerge, entre elas também uma relação multinuclear de *lista* para informar os dois motivos que levaram a serem menos escolhidas: na UI (5), "a capacidade de correr risco" e, na UI (6), o "aproveitamento de oportunidades".

Como pode ser observado, foram identificadas, em R1 M1- GPD, relações retóricas do tipo núcleo-satélite e multinucleares, registradas na Tabela 11, a seguir:

Tabela 11: Ocorrência das relações retóricas em R1 M1- GPD

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	elaboração	1
	preparação	1
multinuclear	lista	3
Total	**3**	**5**

4.2.2.1.2 Análise de R2 M2 – GTDC

Pequenas empresas: o futuro do Brasil

> *A criação de pequenas empresas tem se tornado cada vez mais recorrente no país. É uma situação que se deu principalmente na atual crise que apresenta altos índices de desemprego e, para escapar da situação, alguns empresários se reinventaram como autônomos ou microempresários.*
>
> *Por isso, pensando em ajudar os novatos da área empresarial, o Mundo Educação realizou uma pesquisa com pequenos empresários sobre o que eles consideram causas de sucesso de uma empresa. Especialistas no assunto elaboraram um gráfico em que alertam para as seis principais causas de sucesso de uma empresa de acordo com a opinião de pequenos empresários.*

> *A pesquisa disponibilizou 6 causas da prosperidade empresarial e relacionou-as com a porcentagem de respostas: capacidade de correr riscos, aproveitamento das oportunidades, perseverança do dono, dinheiro próprio, conhecimento do mercado, presença de um bom administrador.*
>
> *Entre as respostas mais votadas, numa escala de 0 a 60, encontram-se a presença de um bom administrador, aproximadamente, (55%), bom conhecimento do mercado (38%) e capital próprio para evitar o endividamento (18%).*
>
> *Além disso, outras respostas menos votadas, mas importantíssimas para validação da pesquisa são perseverança do dono de correr riscos (12%), aproveitamento de oportunidades (15%).*
>
> *Dessa forma, ao seguir a última resposta da pesquisa, a empresa criada para superar a crise, torna-se um empreendimento próspero e duradouro.*
>
> *Segundo as informações apresentadas, a caraterística que mais se destaca é a presença de um bom administrador, o que conclui-se que possuí-la faz com que as outras causas sejam dominadas, uma vez que um indivíduo bem capacitado abre portas para a empresa se firmar no mercado de trabalho.*
>
> *Neste cenário, o indivíduo caracterizado como um bom administrador – aquele que possui habilidade e competência adequada de administrar - é essencial para tornar a empresa um grande negócio. Não custa recapitular: de 0 a 60 atingiu um percentual de respostas de mais de 55%.*

O aporte teórico da RST nos orientou a segmentar o texto em oito unidades de informação:

1. Pequenas empresas: o futuro do Brasil

2. A criação de pequenas empresas tem se tornado cada vez mais recorrente no país. É uma situação que se deu principalmente na atual crise que apresenta altos índices de desemprego e, para escapar da situação, alguns empresários se reinventaram como autônomos ou microempresários.

3. Por isso, pensando em ajudar os novatos da área empresarial, o Mundo Educação realizou uma pesquisa com pequenos empresários sobre o que eles consideram causas de sucesso de uma empresa. Especialistas no assunto elaboraram um gráfico em que alertam para as seis principais causas de sucesso de uma empresa de acordo com a opinião de pequenos empresários.

4. A pesquisa disponibilizou 6 causas da prosperidade empresarial e relacionou-as com a porcentagem de respostas: capacidade de correr riscos, aproveitamento das oportunidades, perseverança do dono, dinheiro próprio, conhecimento do mercado, presença de um bom administrador.

5. Entre as respostas mais votadas, numa escala de 0 a 60, encontram-se a presença de um bom administrador, aproximadamente, (55%), bom conhecimento do mercado (38%) e capital próprio para evitar o endividamento (18%).

6. Além disso, outras respostas menos votadas, mas importantíssimas para validação da pesquisa são perseverança do dono de correr riscos (12%), aproveitamento de oportunidades

(15%). Dessa forma, ao seguir a última resposta da pesquisa, a empresa criada para superar a crise, torna-se um empreendimento próspero e duradouro.

7. Segundo as informações apresentadas, a caraterística que mais se destaca é a presença de um bom administrador, o que conclui-se que possuí-la faz com que as outras causas sejam dominadas, uma vez que um indivíduo bem capacitado abre portas para a empresa se firmar no mercado de trabalho.

8. Neste cenário, o indivíduo caracterizado como um bom administrador – aquele que possui habilidade e competência adequada de administrar - é essencial para tornar a empresa um grande negócio. Não custa recapitular: de 0 a 60 atingiu um percentual de respostas de mais de 55%.

Como na análise dos outros textos, apresentamos, na Figura 29, o diagrama que retrata a estrutura retórica da R2 M2 – GTDC.

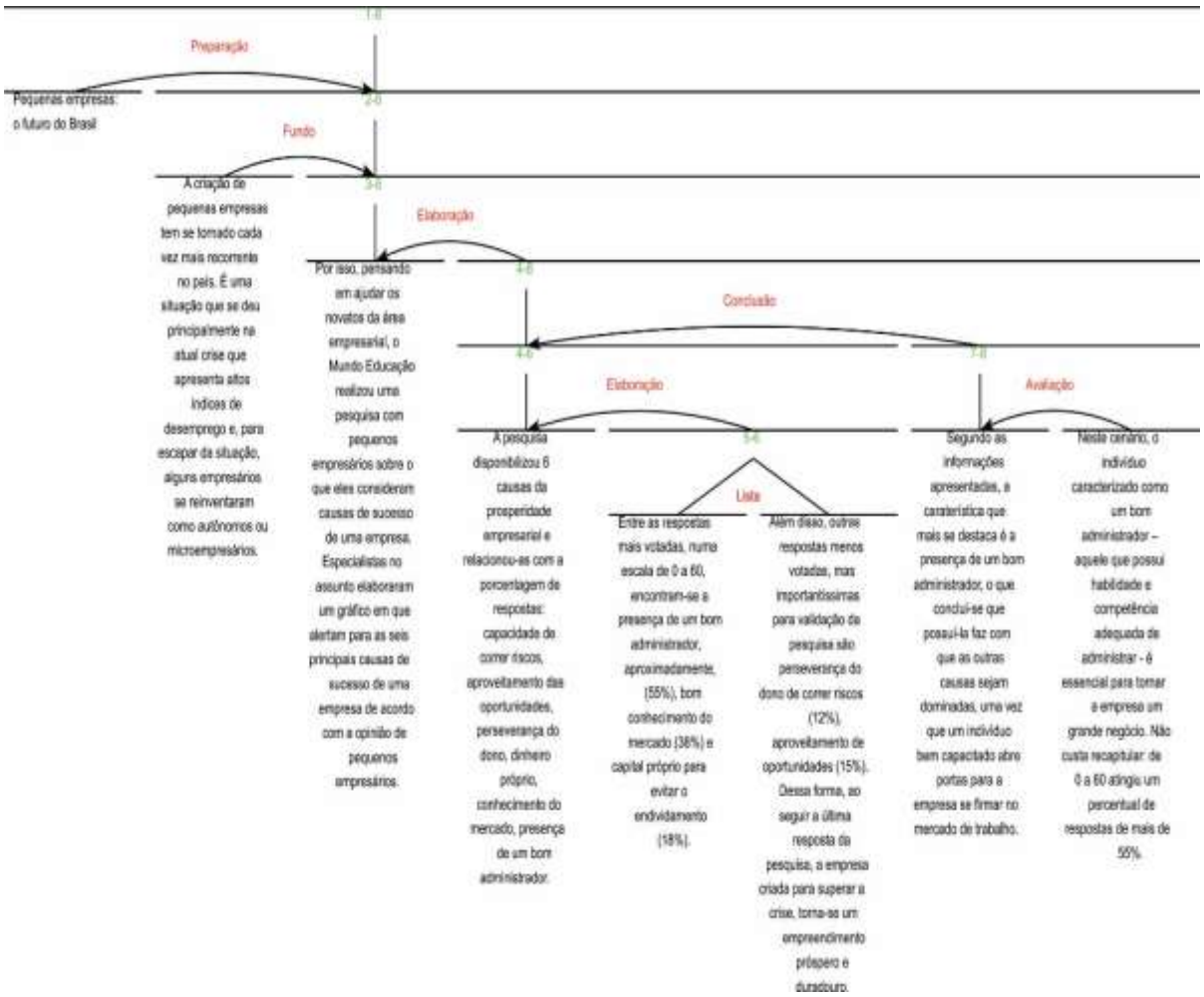


Figura 29: Diagrama da estrutura retórica de R2 M2 – GTDC

Conforme exposto na Figura 29, o texto foi segmentado em oito UIs, que são descritas a seguir:

O título, “Pequenas empresas: o futuro do Brasil”, satélite, subsidia a grande porção (2 – 8), núcleo, e é plausível sugerir que emerge, entre elas, a relação núcleo-satélite de *preparação*, pois a UI (1) deixa o leitor mais interessado ou preparado para se inteirar do conteúdo do texto.

A porção (2 - 8) foi, por sua vez, segmentada em porções menores. Assim, foram identificadas as porções (2), satélite, e (3 - 8), núcleo, de forma que a UI (2) desempenha a função de um cenário para o núcleo, ao reportar que a criação de pequenas empresas tem se tornado recorrente no país devido à crise atual, fato que impulsionou os empresários a tomarem uma atitude para reduzirem o desemprego. Essa interpretação nos direciona a indicar que emerge, entre a UI (2) e a UI (3 - 8), a relação retórica núcleo-satélite de *fundo* (*background).*

Por outro lado, a porção (3 - 8) foi segmentada na UI (3), núcleo, e a porção (4 – 8), satélite, e é plausível identificar a relação retórica núcleo-satélite de elaboração. Para justificar a relação de *elaboração*, situamos, na UI (3), a informação sobre a pesquisa realizada pelo Mundo Educação a respeito das causas de sucesso de uma empresa. Essa ação motivou os especialistas a elaborarem um gráfico, mostrando as principais causas desse sucesso, na avaliação de pequenos empresários.

A porção (3 – 8) tem como objetivo situar o gráfico e relacionar as causas do sucesso de pequenas empresas, o que possibilitou segmentá-la em duas outras unidades: a UI (3), núcleo, e a porção, (4 - 8) satélite. Cabe ressaltar que, entre elas, emerge a relação núcleo-satélite de *elaboração*, na medida que são identificados os motivos pelos quais as empresas são bem sucedidas.

Entretanto, a porção (4 - 8) ainda foi segmentada em porções menores, nas quais são sinalizadas informações a respeito das causas do sucesso das empresas. Para tanto, a porção (4 – 8) foi dividida nas UIs (4 - 6), na função de núcleo e UIs (7 - 8), como satélite, e emerge, entre elas, a relação núcleo-satélite de *conclusão* proposta por Carlson e Marcu (2011). Ancorados nos dizeres desses pesquisadores, o satélite, UI (7 - 8), apresenta um julgamento fundamentado, com relação à situação apresentada no núcleo, que, nesta ocorrência, é sinalizada pela observação a respeito da presença de um bom administrador em uma empresa.

Na porção (4 - 6) são pontuadas as seis causas da prosperidade empresarial, bem como as mais e as menos votadas. Nesse sentido, essa porção é segmentada em duas outras: a UI

(4), na função de núcleo, e as UIs (5 - 6) como satélite, em uma relação de *elaboração*, justificada pelo acréscimo, ou seja, pelo detalhamento das causas.

Colocamos em evidência a porção (5 – 6) que foi segmentada na UI (5) e UI (6) em uma relação multinuclear de *lista* por indicar, por um lado as causas mais votadas, na UI (5), e as menos votadas, na UI (6). A relação de lista é plausível porque o leitor pode fazer uma comparação e verificar uma diferença entre as UIs: as causas mais e as menos votadas.

Para finalizar a descrição do texto, situamos a porção (7 – 8) que ainda foi dividida na UI (7), núcleo e na UI (8), satélite, de forma que, entre elas, emerge a relação retórica de *avaliação*, defendida por Carlson e Marcu (2011). Nesta ocorrência, a UI (7), núcleo, se encarrega de chamar a atenção para a relevância da existência de um bom administrador em uma empresa, além de apresentar, na UI (8), na função de satélite, a avaliação do ponto de vista do produtor, ressaltando a importância da presença desse profissional e, para maior veracidade, é recapitulado o percentual de mais de 55% para esse indicador.

A Tabela 12, a seguir, indica as relações retóricas identificadas em R2 M2 – GTDC:

Tabela 12: Ocorrência da relações retóricas em R2 M2 – GTDC

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
	avaliação	1
	conclusão	1
núcleo-satélite	elaboração	2
	fundo	1
	preparação	1
multinuclear	sequência	1
Total	**6**	**7**

4.2.2.2 Análise do gráfico 7

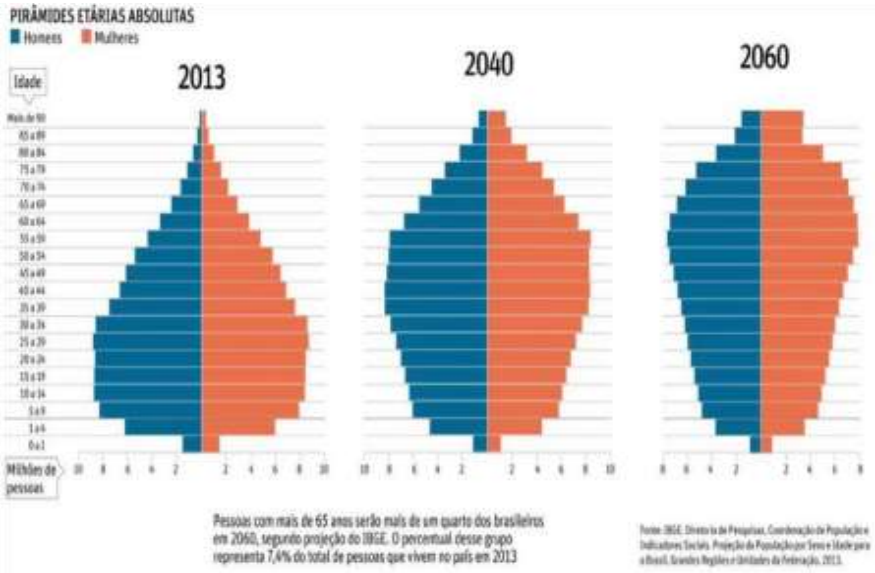


Gráfico 7: Pirâmides Etárias Absolutas
Fonte: https://www.uninorte.com.br/oficina-de-teorias-demograficas-e-piramides-etarias/

A partir deste ponto, passamos à análise do Gráfico 7 na seguinte ordem: análise à luz da RST, retextualização do gráfico em GPD e GTDC, seguidas das análises de acordo com a RST e, depois, com a operações de retextualização de Marcuschi (2007).

Considerando que o gênero gráfico pode ser lido de formas diversas, como da direita para a esquerda, de cima para baixo ou de baixo para cima, optamos por numerar as porções textuais que compõem o Gráfico 7, identificando 36 unidades de informação que serão expostas a seguir:

1. Pirâmides etárias absolutas
2. Homens
3. Mulheres
4. Idade
5. Mais de 90
6. 85 a 89
7. 80 a 84
8. 75 a 79
9. 70 a 74
10. 65 a 69
11. 60 a 64
12. 55 a 59

13. 50 a 54
14. 45 a 49
15. 40 a 44
16. 35 a 39
17. 30 a 34
18. 25 a 29
19. 20 a 24
20. 15 a 19
21. 10 a 14
22. 5 a 9
23. 1 a 4
24. 0 a 1
25. Milhões de pessoas
26. 10, 8, 6, 4, 2
27. 2, 4, 6, 8, 10
28. 10, 8, 6, 4, 2
29. 2, 4, 6, 8, 10
30. 10, 8, 6, 4, 2
31. 2, 4, 6, 8, 10
32. 2013
33. 2040
34. 2060
35. Pessoas com mais de 60 anos serão mais de um quarto dos brasileiros em 2060, segundo projeção do IBGE. O percentual desse grupo representa 7,4% do total de pessoas que vivem no país em 2013.
36. Fonte: IBGE. Diretoria de pesquisa. Coordenação de população e Indicadores Sociais. Projeção da população por Sexo e Idade para o Brasil. Grandes Regiões e Unidades da Federação. 2013.
37. Fonte:https://www.uninorte.com.br/oficina-de-teorias-demograficas-e-piramides-etarias/

A análise do Gráfico 7, de acordo com a RST, nos referendou a apresentar, na Figura 30, o Diagrama arbóreo da sua estrutura retórica.

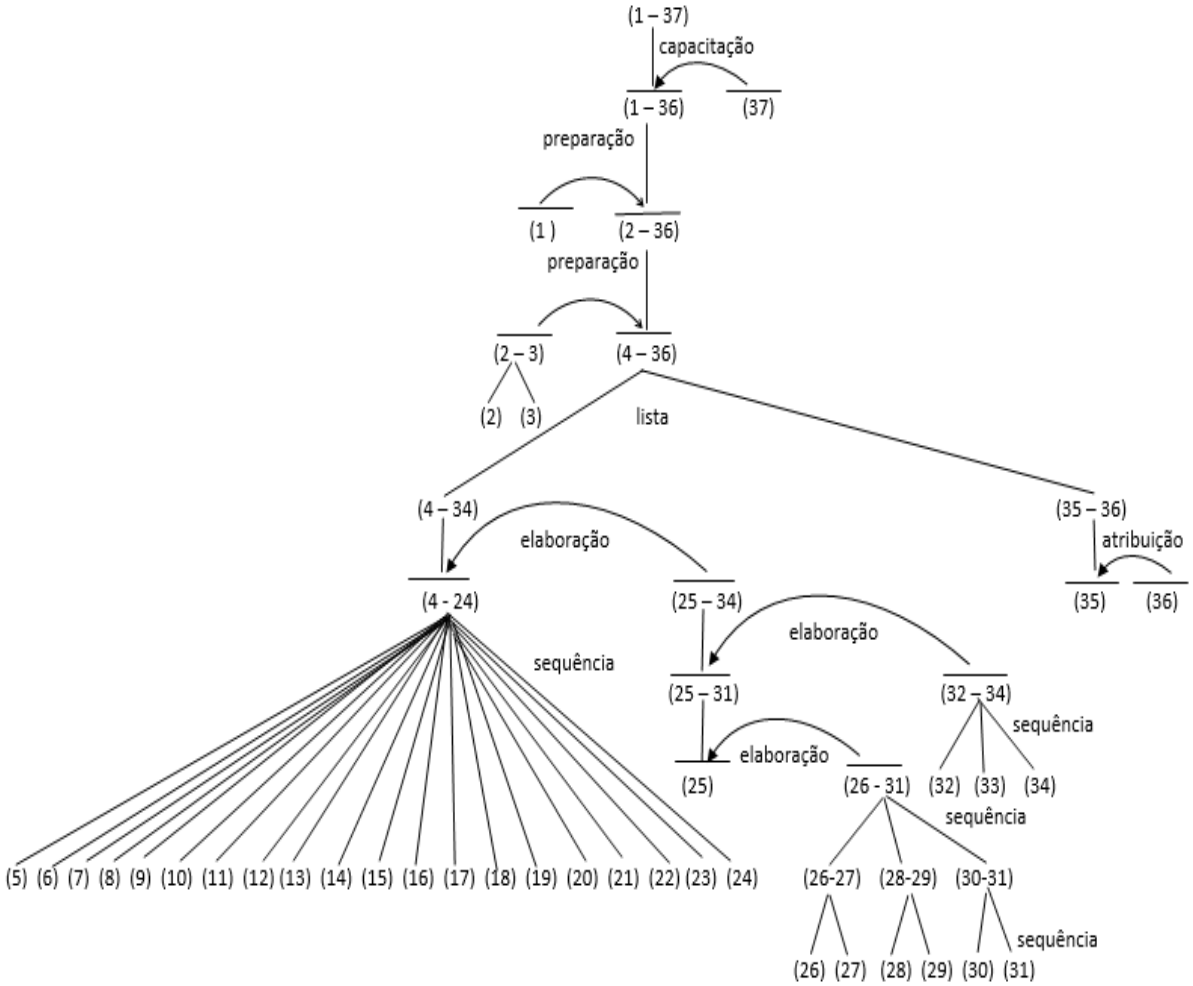


Figura 30: Diagrama arbóreo da estrutura retórica do Gráfico 7

A Figura 30 retrata que o Gráfico 7 foi segmentado em 37 unidades de informação, considerando os elementos verbais que o compõem. A RST nos possibilitou verificar que o produtor do Gráfico 7 organizou sua mensagem de forma a alcançar seu fim comunicativo, cujo objetivo seria informar aos leitores os dados referentes às Pirâmides Etárias Absolutas, no período de 2013 – 2040 – 2060.

O conteúdo do gráfico foi segmentado na grande porção (1 - 36), núcleo, e (37), satélite, em que é possível identificar a fonte na qual se encontra o Gráfico 7, emergindo, entre elas, a relação retórica de *capacitação*. A porção (1 - 36) também foi segmentadas em outras menores, como descrito a seguir. Dessa forma, foram materializadas a UI (1), título e satélite, e a UIs (2 – 36), núcleo, emergindo, entre elas a relação de preparação, pois o leitor se sente orientado a ler o conteúdo do gráfico.

A porção (2 - 36) foi segmentada em na UI (2 - 3), satélite do núcleo, constituído pela porção (4 - 36) e emerge, entre elas, a relação de *preparação*. Cabe destacar que as UIs (2 - 3) representam a legenda, o que justifica a opção pela relação de preparação, pois, por ela, o

leitor se sente orientado a ler o conteúdo do gráfico. A porção (2 – 3) foi também dividida nas UIs (2) e (3) e é plausível sugerir que emerge, entre elas, a relação multinuclear de *lista*, uma vez que a UI (2), o primeiro núcleo, na cor azul, indica os "Homens", enquanto o núcleo adjacente, UI (3), na cor laranja, aponta para as "Mulheres".

O bloco de unidades de informação formado pelas UIs (4 – 36) assume a função de reportar o conteúdo central do Gráfico 7, indicando duas outras porções: UIs (4 - 34) e UIs (35 - 36) é plausível informar que emerge, entre elas a relação multinuclear de *lista*. Essas duas porções maiores também foram segmentadas. Assim, a porção (4 - 34) deu origem à porção formada pela UI (4 - 24), e outra formada pelas UIs (25 - 34) e é plausível revelar que emerge, entre elas, a relação de *elaboração*, justificada pelo fato de, na primeira porção, serem indicadas as faixas etárias das pessoas pesquisadas, enquanto, na porção seguinte, (25 - 34), serem retratados os percentuais.

A análise nos permite segmentar, novamente, a porção (4 - 24) em duas outras: UI (4), núcleo, informando que esta parte do gráfico trata da "Idade" priorizada e a porção formada pelas UIs (5 - 24), que no papel de satélite, se encarrega da indicação das faixas etárias. Conforme, demonstrado na Figura 17, essa porção foi, ainda, segmentada em dezenove núcleos: UI (5) até a (UI) 24, de forma que emerge, entre elas, a relação multinuclear de *sequência*, pois nelas as informações obedecem a uma ordem cronológica das idades, seguindo a ordem decrescente.

Quanto à porção (25 - 34), cabe ressaltar que ela foi segmentada nas porções (25 - 31) e (32 - 34), de forma que emerge, entre elas, a relação de *elaboração*, porque a primeira, núcleo, sinaliza as faixas etárias e a segunda, satélite, acrescenta os dados complementares às idades, indicando os anos abordados no estudo.

Retomando a porção formada pelas (25 – 34), informamos que ela foi segmentada nas UIs (25), núcleo, anunciando o número de indivíduos escolhidos: "Milhões de pessoas". A porção demarcada pelas UIs (26 – 31), satélite, assume a função de demarcar a porcentagem de pessoas, separadas em homens e mulheres, o que nos direcionou a segmentá-la nas UIs (26 - 27), UIs (28 - 29) e UIs (30 - 31), emergindo, entre elas, a relação de *sequência.* Na mesma direção, cada uma dessas porções foi segmentada nos núcleos: UI (26), UI (27); UI (28), UI (29); UI (30), UI (31) e emerge, entre elas, novamente, a relação de *sequência*.

No que se refere à porção (32 - 34), anunciamos que ela foi segmentada em três núcleos distintos, indicando os anos priorizados: UI (32) 2013, UI (33) 2040 e UI (34) 2060. Cabe salientar que essas unidades de informação se relacionam de forma contígua às UIs (26 - 27), (28 - 29) e (30 - 31), respectivamente.

Para finalizar a análise, abordamos a porção formada pelas UIs (35 - 66), segmentadas na UI (35), núcleo, e UI (36), satélite, emergindo, entre elas, a relação de *atribuição*, uma vez que a segunda se encarrega, em um argumento de autoridade, indicar a "Fonte" responsável pelos dados divulgados no Gráfico 7, provocando a credibilidade do leitor. Com o intuito de enfatizar nossa observação, transcrevemos a UI (37): Fonte: IBGE. Diretoria de pesquisa. Coordenação de população e Indicadores Sociais. Projeção da população por Sexo e Idade para o Brasil. Grandes Regiões e Unidades da Federação. 2013."

Demonstramos, na Tabela 13, as relações retóricas identificadas no Gráfico 7.

Tabela 13: Ocorrência das relações retóricas no Gráfico 7

Tipo da relação	Nome da relação	Ocorrência
núcleo-satélite	atribuição	1
	capacitação	1
	elaboração	4
	preparação	2
multinuclear	lista	1
	sequência	4
Total	**6**	**13**

4.2.2.2.1 Análise de R3 M1 – GPD

Gráfico 7

> *Neste gráfico são apresentadas pirâmides etárias, do ano vigente e estimativas. A primeira apresenta base mais larga, maior número de jovens, e topo estreito, com baixa expectativa de vida, as outras apresentam base mais estreita e topo mais largo com aumento da expectativa de vida*.

A RST nos possibilitou a análise do GPG, produzido por R3 M1e nos apresentou as características a seguir.

Unidades de informação

1. Gráfico 7
2. Neste gráfico são apresentadas pirâmides etárias, do ano vigente e estimativas.
3. A primeira apresenta base mais larga, maior número de jovens, e topo estreito, com baixa expectativa de vida,
4. As outras apresentam base mais estreita e topo mais largo com aumento da expectativa de vida.

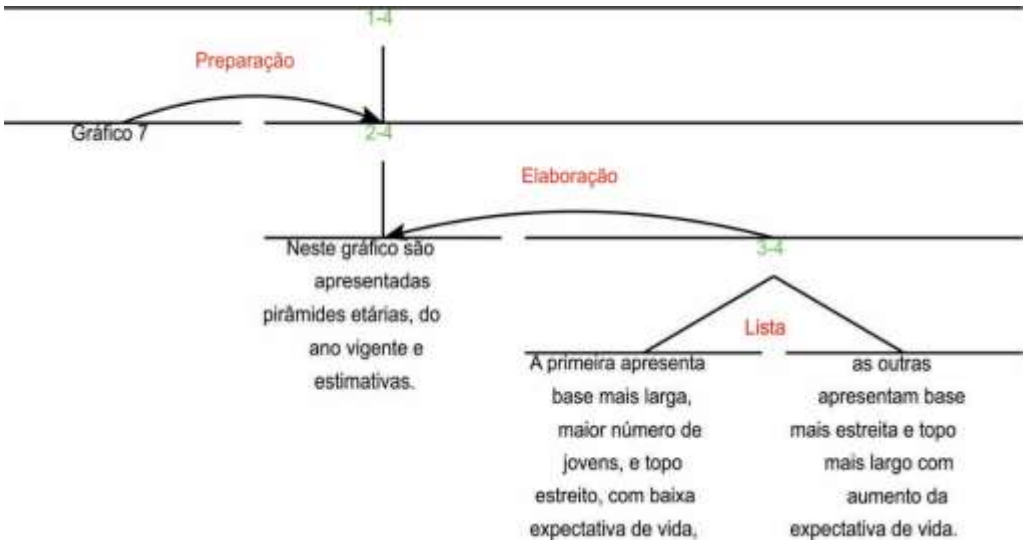


Figura 31: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R3 M1 – GPD

A Figura 31 retrata que o texto foi segmentado em quatro unidade de informação. A UI (1), na função de satélite, subsidia o núcleo, materializado pela porção (2 - 4) e emerge, entre elas a relação núcleo-satélite de *preparação*, porque prepara o leitor para a leitura do conteúdo do núcleo.

A porção (2 - 4) foi segmentada na UI (2), núcleo, e na porção (3 - 4), satélite, e é plausível informar que emerge, entre elas, a relação de *elaboração*, visto que o núcleo diz sobre o assunto do gráfico, que é a "apresentação das pirâmides etárias, do ano vigente e estimativa."

A porção (3 - 4) foi segmentada nas UIs (3) e (4), que, em uma relação multinuclear de *lista* descreve, na UI (3), a base mais larga, com número maior de jovens e, no topo estreito, a baixa expectativa de vida. Na UI (4), verifica-se que as outras apresentam base mais estreita, topo mais largo e chama a atenção para o aumento da expectativa de vida. Ao comparar as UIs (3) e (4) pode ser verificada uma diferença marcante entre elas, o que corrobora a indicação da relação de *lista*.

A seguir, a Tabela 14, indicando as relações retóricas identificadas no texto:

Tabela 14: Ocorrência das relações retóricas em R3 M1 – GPD

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	elaboração	1
	preparação	1
multinuclear	lista	1
Total	**3**	**3**

4.2.2.2.2 Análise de R4 M1 – GTDC

População brasileira das próximas quatro décadas será a maioria idosos

O envelhecimento da população brasileira está diretamente relacionado aos fenômenos genéticos e moleculares comprovados através de estudos com células e organismos vivos. Por intermédio da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constatou-se que nunca um número tão grande de pessoas viveu tanto. A projeção realizada nesta pesquisa, acerca da faixa etária da população brasileira no período de 2013, 2040 e 2060, apontou que com o passar do tempo, o Brasil apresentará uma população cada vez mais velha, ou seja, o número de idosos superará as outras faixas etárias (crianças – jovens).

Hoje há 26 milhões de idosos (12,5% da população) no Brasil. Segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pessoas com mais de 65 anos serão mais de um quarto dos brasileiros em 2060. Segundo projeção do IBGE, o percentual desse grupo representa 7,4% do total de pessoas que vivem no país em 2013. Para adaptar a essa nova realidade, todos terão de se preparar para esse novo cenário, através de criação de políticas públicas, pelos governantes, que deem acesso aos idosos à moradia, transporte, saúde, trabalho e participação social.

Outro fator preocupante pode estar ligado às doenças associadas ao idoso. Além desses aspectos, encontra-se o fato da população atual ter cada vez menos filhos, o que diminui drasticamente a taxa de natalidade perceptível nos gráficos da pesquisa. Outrossim, é notório no gráfico que a expectativa de vida crescerá, que grande parte da população brasileira atingirá ou passará dos 90 anos de idade.

As doenças associadas ao envelhecimento devem se tornar mais comuns, em paralelo a essas mudanças, ocorreu ao longo do último século um avanço jamais visto na compreensão das causas do envelhecimento. Pesquisas apontam que a genética é talvez o fator biológico mais associado à longevidade e esse resultado leva alguns biólogos moleculares e geneticistas a defender a ideia de que o envelhecimento pode ser controlado por meio de estudos.

Da mesma forma que procedemos nas análises anteriores, foram desenvolvidas observações do GTDC produzidos por R4 M1. Nessa perspectiva, apresentamos a segmentação do texto, o diagrama arbóreo e a descrição do diagrama.

Unidade de informação

1. População brasileira das próximas quatro décadas será a maioria idosos

2. O envelhecimento da população brasileira está diretamente relacionado aos fenômenos genéticos e moleculares comprovados através de estudos com células e organismos vivos. Por intermédio da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constatou-se que nunca um número tão grande de pessoas viveu tanto. A projeção realizada nesta pesquisa, acerca da faixa etária da população brasileira no período de 2013, 2040 e 2060, apontou que com o passar do tempo, o Brasil apresentará uma população cada vez mais velha, ou seja, o número de idosos superará as outras faixas etárias (crianças – jovens).

3. Hoje há 26 milhões de idosos (12,5% da população) no Brasil. Segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pessoas com mais de 65 anos serão

mais de um quarto dos brasileiros em 2060. Segundo projeção do IBGE, o percentual desse grupo representa 7,4% do total de pessoas que vivem no país em 2013. Para adaptar a essa nova realidade, todos terão de se preparar para esse novo cenário, através de criação de políticas públicas, pelos governantes, que deem acesso aos idosos à moradia, transporte, saúde, trabalho e participação social.

4. Outro fator preocupante pode estar ligado às doenças associadas ao idoso. Além desses aspectos, encontra-se o fato da população atual ter cada vez menos filhos, o que diminui drasticamente a taxa de natalidade perceptível nos gráficos da pesquisa. Outrossim, é notório no gráfico que a expectativa de vida crescerá, que grande parte da população brasileira atingirá ou passará dos 90 anos de idade.

5. As doenças associadas ao envelhecimento devem se tornar mais comuns, em paralelo a essas mudanças, ocorreu ao longo do último século um avanço jamais visto na compreensão das causas do envelhecimento. Pesquisas apontam que a genética é talvez o fator biológico mais associado à longevidade e esse resultado leva alguns biólogos moleculares e geneticistas a defender a ideia de que o envelhecimento pode ser controlado por meio de estudos.

A Figura 32, a seguir, divulga o diagrama arbóreo da estrutura retórica da retextualização do Gráfico 7, elaborada por R4 M1 – GTDC.

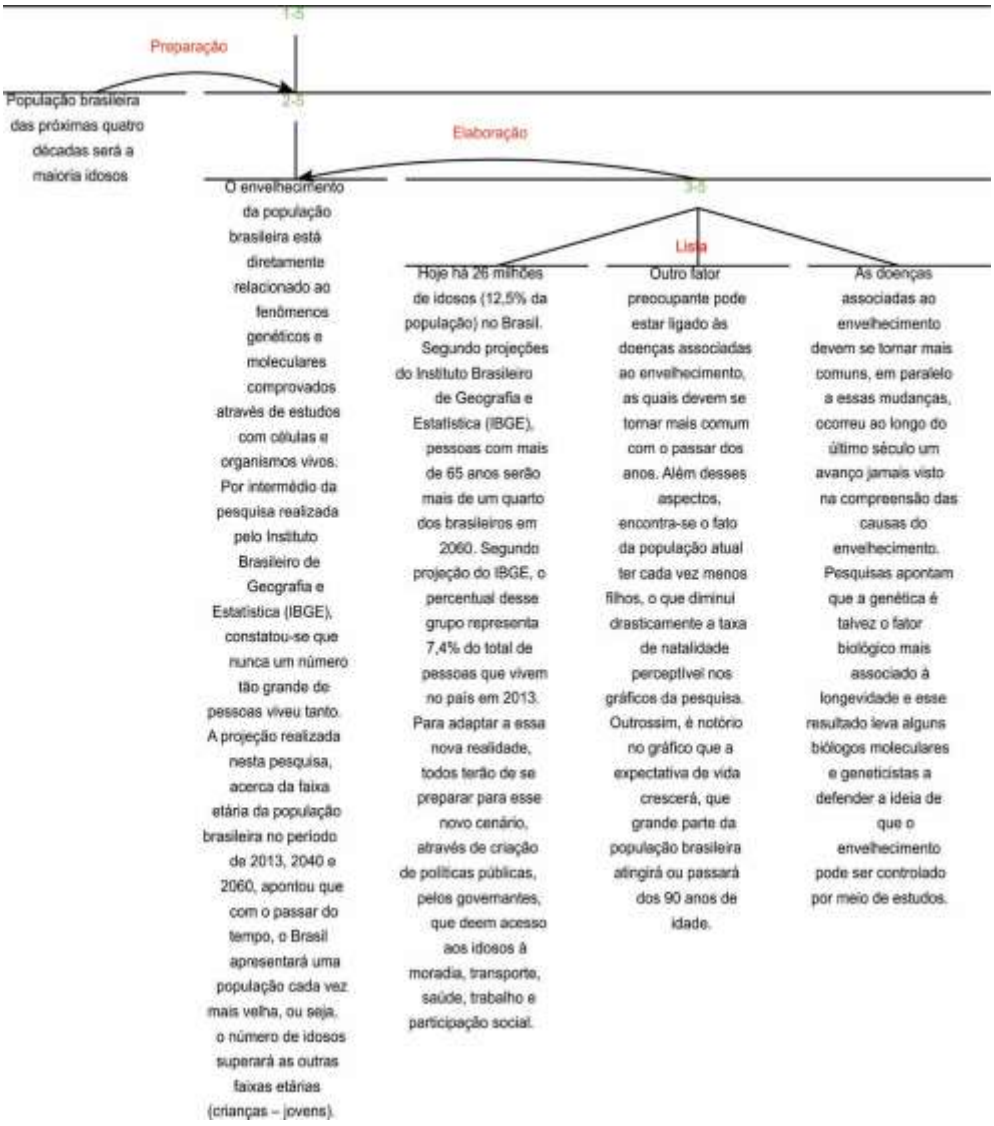


Figura 32: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R4 M1 – GTDC

Como pode ser constatado, na Figura 19, R4 M1 – GTDC foi segmentado em cinco unidades de informação. Entre a UI (1), satélite, e o núcleo formado pelas UIs (2 – 5), emerge a relação retórica de *preparação*, pois ao se inteirar do satélite, o leitor se sente convidado a ler o conteúdo do núcleo.

A porção (2 - 5) foi dividida na UI (2) e UIs (3 - 5). O núcleo - UI (2) - sinaliza que, estudos científicos apontam o fato de o envelhecimento da população brasileira estar relacionado aos fenômenos genéticos e moleculares. Além disso, a pesquisa do IBGE aponta uma projeção de envelhecimento da população no período de 2013, 2040 e 2060.

Dados específicos sobre os idosos (12% da população) são adicionados à UI (2) por meio das UIs (3 – 5), o que nos convida a indicar a emergência da relação de *elaboração* entre essas duas porções textuais.

Nessa perspectiva, a porção (3 – 5) foi segmentada nas UIs (3), (4) e (5) em uma relação multinuclear de *lista*, visto que elas apontam os dados adicionais descritos a seguir: na UI (3), é ressaltada a maneira como o país deverá se adaptar à nova realidade, criando políticas públicas que garantem qualidade de vida para a população; a UI (5) aponta para as doenças ligadas ao envelhecimento, além do número pequeno de filhos, o que diminui a taxa de natalidade Além disso, sinaliza para o fato de grande parte da população brasileira viverá mais de 90 anos de idade; a UI (6) aborda as doenças associadas à velhice, enfatizando pesquisas indicadoras de que a genética pode ser o fator biológico mais associado à longevidade, o que motiva biólogos moleculares e geneticistas a defenderem a ideia de que os estudos podem controlar o envelhecimento.

A Tabela 15 registra a ocorrência das relações retóricas no texto R4 M1 – GTDC**.**

Tabela 15: Emergência das relações retóricas em R4 M1 – GTDC

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	elaboração	1
	preparação	1
multinuclear	lista	1
Total	**3**	**3**

4.2.2.3 Ainda as análises das retextualizações

Nesta seção, 4.2.2.3, serão apresentadas as análises, com base na RST, de textos de GPD e GTDC produzidos pelos alunos. A ordem leva em conta o conjunto de textos de cada aluno-informante, em número de seis por aluno, perfazendo junto com os apresentados até aqui, um total de 18 (dezoito) textos analisados.

As descrições dos gráficos 6, 7 e 8, aos quais as retextualizações a seguir se referem, já foram apresentadas anteriormente nesta tese.

4.2.2.3.1 Análise de R5 M1 – GPD

Gráfico 8

O gráfico apresenta quais os veículos de texto mais utilizados pelos brasileiros. Os três com maior destaque são: revistas, livros e jornais. Depois desses apresentam-se textos escolares, texto na internet, textos de trabalho, etc.

Unidade de informação

1. Gráfico 8
2. O gráfico apresenta quais os veículos de texto mais utilizados pelos brasileiros.
3. Os três com maior destaque são: revistas, livros e jornais.
4. Depois desses apresentam-se textos escolares, texto na internet, textos de trabalho, etc.

O texto foi segmentado em quatro unidades de informação, como demonstrado na Figura 33:

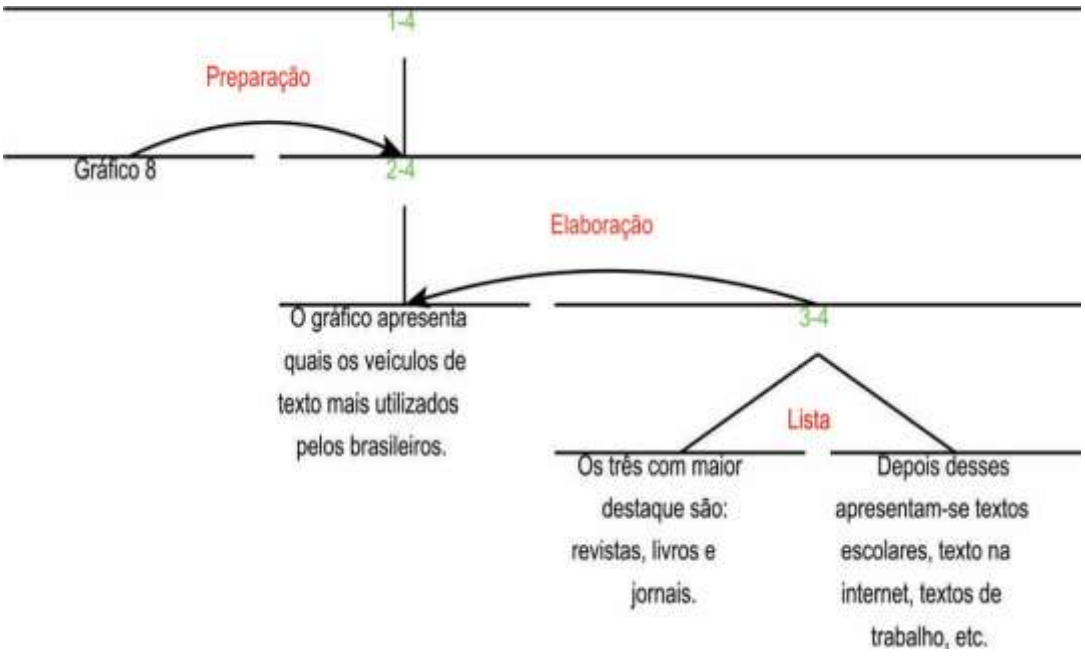


Figura 33: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R5 M1 – GPD

A RST nos direcionou a análise de R5 M1 – GPD e retratou quatro unidades de informação. Como nos outros textos, entre a UI (1), satélite, e as demais porções que formam o texto, núcleo, emerge e relação retórica núcleo-satélite de *preparação*, visto que o leitor se sente convidado a ler o conteúdo do núcleo. Assim, ao ler o título "Gráfico 8" o leitor se interessa em saber as informações sobre o gráfico, que são relatadas no texto.

A porção (2 – 4) foi segmentada na UI (2), no papel de satélite e nas UIs (3 – 4), na função de núcleo, e emerge, entre elas, a relação retórica de elaboração, justificada pelo fato de, em (2), ser situado a informação do propósito do gráfico: apresentar "quais os veículos de texto mais utilizados pelos brasileiros" e, no satélite, são enumerados esses veículos. Em vista disso, torna-se plausível informar que emerge, entre as UIs (3) e (4), a relação multinuclear de *lista*, pois, na UI (3) são listados os três veículos com maior destaque: revistas, livros e

jornais; na UI (4), iniciada pelo marcador textual “Depois”, enumera os outros veículos: “textos escolares, texto na internet, textos de trabalho, etc.”.

A título de demonstrar as relações retóricas identificadas no texto, apresentamos a Tabela 16.

Tabela 16: Ocorrência das relações retóricas em R5 M1 – GPD

Tipo da relação	Nome da relação	Ocorrência
núcleo-satélite	elaboração	1
	preparação	1
multinuclear	lista	1
Total	**3**	**3**

4.2.2.3.2 Análise de R6 M1 – GTDC

A leitura dos brasileiros

O povo brasileiro, em sua grande maioria, não cultiva o hábito da leitura por lazer quanto menos por entretenimento. Para verificar os veículos textuais mais utilizados pela sociedade brasileira, o Instituto Pró-livro realizou uma pesquisa fundamentada em dados significativos para constituir um panorama atual sobre o ato de ler no Brasil.

A falta do hábito de leitura, atualmente, é considerada um motivo de preocupação não apenas a nível nacional, mas também mundial. Quando um indivíduo não lê ele pode contrair uma síndrome crônica, de causas múltiplas com consequências do tipo depressão e alienação. Isso ocorre porque o indivíduo fica desconectado dos assuntos atuais, das discussões e perdido em qualquer contexto que se encontrar. Quem não lê fica restrito a acreditar no outro sem ter direito de contestar.

Segundo a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, o veículo mais explorado por cerca de 90 milhões de entrevistados são as revistas dos mais diversos tipos. De modo impressionante, no segundo lugar, com 50% dos entrevistados estão os livros. Impressionante porque as últimas pesquisas apontavam que o brasileiro não gosta de ler nada. Nos dados apresentados, o ranking é liderado pelas revistas e livros, que possuem respectivamente, 90,5 milhões e 85,5 milhões de consumidores. Um fator que pode influenciar isso é o fato de que em nosso país, essas modalidades são bem comuns, tendo grande número de publicações, o que facilita o acesso a elas.

Muitas vezes, seja pelo trabalho ou pela escola, estudantes e trabalhadores afirmam não ter tempo para leitura, porém são encontrados nas pesquisas. Aqueles que leem textos para fins didáticos e profissionais somam cerca de 75 milhões. Dessa forma, mesmo que não leia por lazer, o brasileiro apresenta o hábito de leitura.

Além disso, observa-se que os jornais também possuem um alto índice, o que também pode ser explicado devido a fácil acessibilidade a ele, e até mesmo pelo baixo custo, ou melhor, enquanto um jornal custa em média R$5,00, o livro custa R$ 40,00. Por outro lado, livros digitais, áudio-livros e livros em braille apresentam índices baixos, o que demonstra que ainda não conquistaram espaço no cenário nacional.

Dessa forma, percebe-se que a população brasileira opta por realizar leituras em meios mais acessíveis e mais práticos que estão presentes no cotidiano.

Embora sem ter alcançado uma porcentagem mais relevante comparada aos leitores da França, por exemplo, os leitores de livros do Brasil são representados por 86, 5 milhões de pessoas. Uma taxa que vem assumindo uma

> *melhora no índice de leitura nas últimas décadas. Estima-se que, entre 2010 a 2020, o percentual ultrapasse a 100 milhões de leitores.*

A seguir, a análise de R6 M1 – GTDC, de acordo com a RST.

1. A leitura dos brasileiros
2. O povo brasileiro, em sua grande maioria, não cultiva o hábito da leitura por lazer quanto menos por entretenimento. Para verificar os veículos textuais mais utilizados pela sociedade brasileira, o Instituto Pró-livro realizou uma pesquisa fundamentada em dados significativos para constituir um panorama atual sobre o ato de ler no Brasil.
3. A falta do hábito de leitura, atualmente, é considerada um motivo de preocupação não apenas a nível nacional, mas também mundial. Quando um indivíduo não lê ele pode contrair uma síndrome crônica, de causas múltiplas com consequências do tipo depressão e alienação. Isso ocorre porque o indivíduo fica desconectado dos assuntos atuais, das discussões e perdido em qualquer contexto que se encontrar. Quem não lê fica restrito a acreditar no outro sem ter direito de contestar.
4. Segundo a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, o veículo mais explorado por cerca de 90 milhões de entrevistados são as revistas dos mais diversos tipos. De modo impressionante, no segundo lugar, com 50% dos entrevistados estão os livros. Impressionante porque as últimas pesquisas apontavam que o brasileiro não gosta de ler nada. Nos dados apresentados, o ranking é liderado pelas revistas e livros, que possuem respectivamente, 90,5 milhões e 85,5 milhões de consumidores. Um fator que pode influenciar isso é o fato de que em nosso país, essas modalidades são bem comuns, tendo grande número de publicações, o que facilita o acesso a elas.
5. Muitas vezes, seja pelo trabalho ou pela escola, estudantes e trabalhadores afirmam não ter tempo para leitura, porém são encontrados nas pesquisas. Aqueles que leem textos para fins didáticos e profissionais somam cerca de 75 milhões. Dessa forma, mesmo que não leia por lazer, o brasileiro apresenta o hábito de leitura.
6. Além disso, observa-se que os jornais também possuem um alto índice, o que também pode ser explicado devido a fácil acessibilidade a ele, e até mesmo pelo baixo custo, ou melhor, enquanto um jornal custa em média R$5,00, o livro custa R$ 40,00. Por outro lado, livros digitais, áudio-livros e livros em braille apresentam índices baixos, o que demonstra que ainda não conquistaram espaço no cenário nacional.
7. Dessa forma, percebe-se que a população brasileira opta por realizar leituras em meios mais acessíveis e mais práticos que estão presentes no cotidiano.

8. Embora sem ter alcançado uma porcentagem mais relevante comparada aos leitores da França, por exemplo, os leitores de livros do Brasil são representados por 86, 5 milhões de pessoas. Uma taxa que vem assumindo uma melhora no índice de leitura nas últimas décadas. Estima-se que, entre 2010 a 2020, o percentual ultrapasse a 100 milhões de leitores.

Antes de iniciar a descrição de "A leitura dos brasileiros", apresentamos a Figura 34, retratando Diagrama da estrutura retórica de R6 M1 – GTDC.

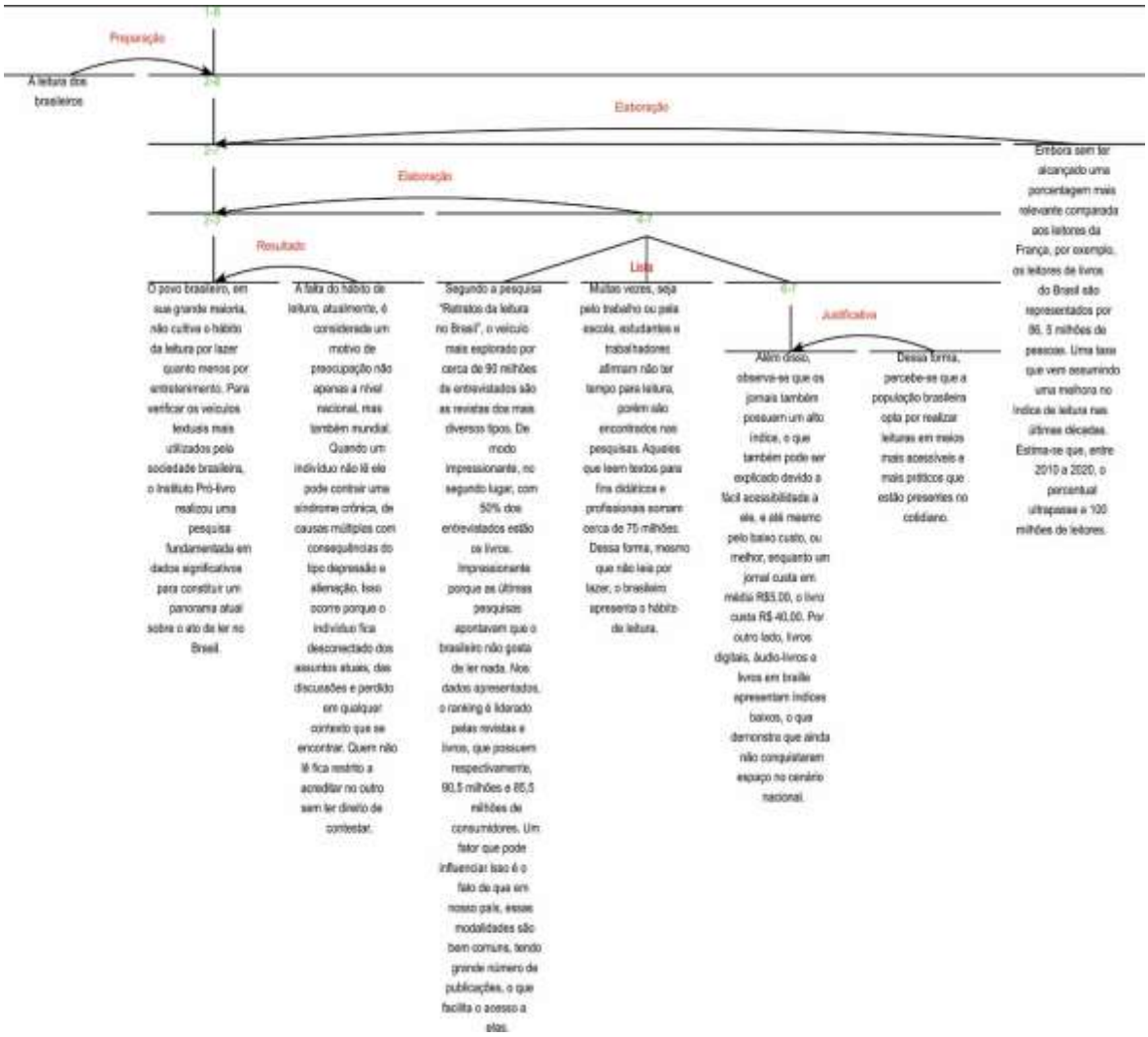


Figura 34: Diagrama arbóreo da estrutura retórica de R6 M1 – GTDC

Conforme demonstrado na Figura 21, o texto R6M1 – GTDC foi segmentado em oito unidades de informação (1 – 8).

As oito unidades identificadas foram segmentadas, primeiro, na UI (1) e a porção (2 - 8), e, mais uma vez, emerge, entre elas, a relação retórica de *preparação*. A porção (2 - 8) foi

dividida em (2 - 7), núcleo, e o satélite materializado pela UI (8), de forma que emerge, entre elas a relação retórica de *conclusão*. Mais uma vez, amparados pela proposta de Carlson e Marcu (2011), o satélite, UI (8), apresenta um julgamento fundamentado, com relação à situação apresentada no núcleo, que, nesta ocorrência, é justificada pela informação de que "...os leitores de livros do Brasil são representados por 86, 5 milhões de pessoas. Uma taxa que vem assumindo uma melhora no índice de leitura nas últimas décadas. Estima-se que, entre 2010 a 2020, o percentual ultrapasse a 100 milhões de leitores."

A porção (2 - 7) foi segmentada em (2 - 3), núcleo, e (4 - 7), satélite, e é plausível sugerir que emerge entre elas, a relação retórica de *elaboração*, pela adição de dados ou informações a respeito dos veículos de leitura utilizados pelos entrevistados durante a pesquisa "Retratos da leitura no Brasil", anunciada no núcleo. Entretanto, a porção (2 - 3) foi, ainda, dividida nas UIs (2) e (3). A primeira, na função de núcleo, situa a pesquisa sobre leitura, realizada pelo Instituto Pro-Livro com a finalidade de verificar os veículos textuais mais utilizados pelos leitores brasileiros, enquanto a UI (2), satélite, sinaliza a consequência da falta de leitura, retratada pela informação que finaliza a unidade de informação: "Quem não lê fica restrito a acreditar no outro sem ter o direito de contestar." Em vista disso, é plausível informar que emerge, entre a UI (2) e a UI (3) a relação retórica núcleo-satélite de resultado, pois, como descrito, o núcleo pode ter causado a ação desencadeada no satélite, como propõem Mann e Thompson (1988).

O bloco informacional (4 - 7) foi segmentada na UI (4), UI (5) e UI (6 - 7), em uma relação multinuclear de *lista*, uma vez que foram enumerados, em cada unidade de informação, os veículos mais ou menos utilizados pelos leitores brasileiros. Dessa forma, a UI (4) informa o público de 90,5 % de leitores que preferem ler livros e revistas; a UI (5) aborda cerca de 75 milhões de pessoas que direcionam a leitura para fins didáticos e profissionais e, por último, as UIs (6 - 7) relatam um alto índice de leitores de livros digitais, áudio-livros e livros em braille, além de justificarem essa preferência.

Por isso, foram caracterizadas a UI (6) e a UI (7), a primeira como núcleo e a segunda como satélite, além de ser identificada, como plausível, a emergência da relação retórica núcleo-satélite de *justificativa*. Essa relação foi priorizada pelo fato de, ancorados nos dizeres de Mann e Thompson (1988), ser possível verificar que a UI (7) busca explicitamente estabelecer uma aceitabilidade do conteúdo veiculado na UI (6). Em outras palavras, a opção dos brasileiros por realizar leituras em meios mais acessíveis e mais práticos (livros digitais, áudio-livros e livros em braile) é respaldada pela frequente presença desses veículos no cotidiano dos entrevistados.

A título de enumerar as relações retóricas identificadas na retextualização, elaboramos a Tabela 17.

Tabela 17: Ocorrência das relações retóricas em R6 M1 – GTDC

Tipo da relação	Nome da relação	Ocorrência
	conclusão	1
	elaboração	1
núcleo-satélite	justificativa	1
	resultado	1
	preparação	1
multinuclear	lista	1
Total	**6**	**6**

4.2.2.3.3 Análise de R7 F2 – GPD

Gráfico 6

> *Mostra o percentual das principais causas do sucesso de uma empresa, sendo que, segundo pequenos empresários que fizeram parte da pesquisa, a presença de um bom administrador é fundamental para o desenvolvimento do negócio.*

1. Gráfico 6
2. Mostra o percentual das principais causas do sucesso de uma empresa, sendo que, segundo pequenos empresários que fizeram parte da pesquisa,
3. A presença de um bom administrador é fundamental para o desenvolvimento do negócio.

Antes de iniciar a análise, apresentamos, na Figura 35, a estrutura retórica do parágrafo descritivo do Gráfico 6, produzido por R7 F2 – GPD.

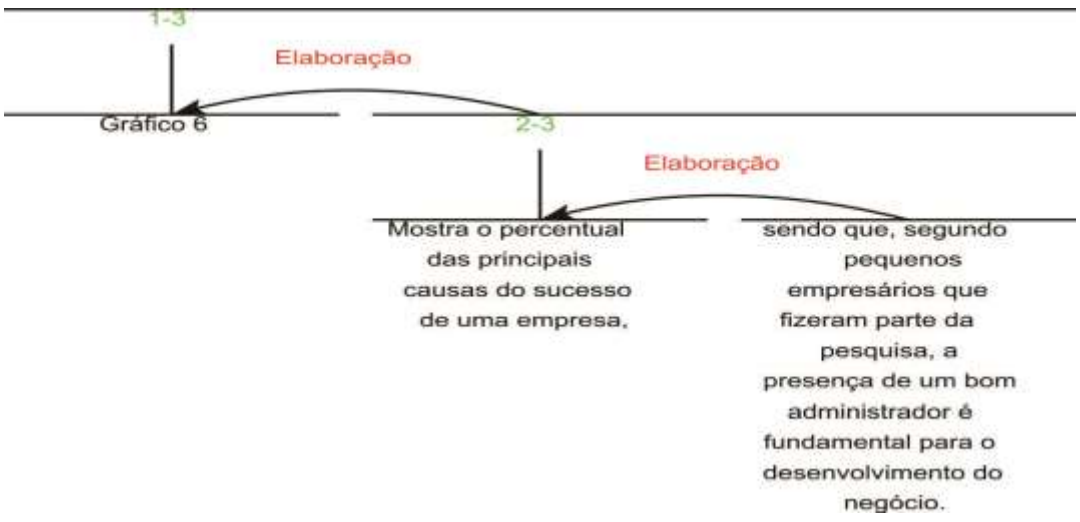


Figura 35: Estrutura retórica do Gráfico 6 - R7 F2 – GPD

A estrutura retórica do Gráfico 6, demonstrada na Figura 35, apresentou, no GPD, três unidades de informação. O produtor do texto escolheu a forma de expor suas ideias, anunciando o título “Gráfico 6” e, depois, expõe o conteúdo do GPD nas UIs (2 – 3), satélite.

Nesta análise, verifica-se que o título exerce a função de núcleo, pois, torna-se a informação centrar, que é detalhada no conteúdo do texto, sendo plausível anunciar que emerge entre as duas porções a relação retórica núcleo-satélite de *elaboração*. Essa relação retórica pode ser justificada pelo fato de a UI (2) ser iniciada pelo verbo “mostra”, deixando implícito o sujeito “Gráfico 6”, anunciado no título, e as informações sobre o gráfico apresentadas nas UIs (2 - 3).

A porção (2 - 3) foi segmentada na UI (2) e UI (3). Entendemos que é plausível anunciar que emerge, entre elas, a relação retórica núcleo-satélite de *elaboração*, motivada pelo fato de a UI (2), na função de núcleo, indicar que o gráfico tem o objetivo de relatar as principais causas do desenvolvimento de uma empresa e a UI (3), põe em relevo que “a presença de um bom administrador é fundamental para o desenvolvimento do negócio.”

A seguir a Tabela 18 em que é demonstrada a ocorrência das relações retóricas no Gráfico 6 - R7 F2 – GPD.

Tabela 18: Ocorrência das relações retóricas em R7 F2 - GPD

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	elaboração	2
Total	**1**	**2**

4.2.2.3.4 Análise de R8 F2 – GTDC

As principais causas do sucesso de uma empresa

De acordo com pesquisa divulgada no site Mundo Educação, a presença de um bom administrador é responsável por mais de 50% das causas do sucesso de uma empresa. Segundo pequenos empresários envolvidos na pesquisa vários fatores são responsáveis para um bom desenvolvimento de um negócio. Entre esses fatores, é possível citar o bom conhecimento de mercado em que se pretende atuar perfazendo um percentual de mais de 60% dos entrevistados. Ter bom conhecimento sobre negócios é ser preparado para enfrentar situações problemas e lidar com qualquer tipo de pessoa, é ter capacitação profissional, cursos de marketing, é ser um bom contador.

Alguns psicólogos costumam identificar um bom investidor por meio de testes vocacionais. Mas pesquisas apontam que muitos empresários sofrem com doença do “pânico” por não conseguirem administrar bem os seus negócios. Outra doença recorrente nesta área é a compulsão por dinheiro, o que já ocorreu com a maioria dos empresários devido ao fato de não conseguirem lidar com a situação, pois quanto mais ganham mais querem.

Um levantamento feito pela pesquisa realizada com pequenos empresários sobre o sucesso de uma empresa ainda retrata que a aplicação de dinheiro próprio

> *e a perseverança do dono também são fatores que contribuem, uma vez que o reconhecimento não é atingido logo de início, mas sim que é construído ao longo da trajetória da empresa.*
>
> *É recorrente que empresários desistam de levar o negócio para frente porque muitas vezes o mercado de trabalho não é amistoso, o que acaba gerando pessimismo. Por isso, recomenda-se que o dono acredite no seu trabalho e no potencial de sua empresa, e que ele procure meios para expandir e impulsionar sua iniciativa. Estudiosos apontam que verdadeiro sucesso se conquista aos poucos, e é atingido por aquele que acredita no seu próprio potencial.*

Unidades de informação:

1. As principais causas do sucesso de uma empresa

2. De acordo com pesquisa divulgada no site Mundo Educação, a presença de um bom administrador é responsável por mais de 50% das causas do sucesso de uma empresa. Segundo pequenos empresários envolvidos na pesquisa vários fatores são responsáveis para um bom desenvolvimento de um negócio. Entre esses fatores, é possível citar o bom conhecimento de mercado em que se pretende atuar perfazendo um percentual de mais de 60% dos entrevistados. Ter bom conhecimento sobre negócios é ser preparado para enfrentar situações problemas e lidar com qualquer tipo de pessoa, é ter capacitação profissional, cursos de marketing, é ser um bom contador.

3. Alguns psicólogos costumam identificar um bom investidor por meio de testes vocacionais. Mas pesquisas apontam que muitos empresários sofrem com doença do "pânico" por não conseguirem administrar bem os seus negócios. Outra doença recorrente nesta área é a compulsão por dinheiro, o que já ocorreu com a maioria dos empresários devido ao fato de não conseguirem lidar com a situação, pois quanto mais ganham mais querem.

4. Um levantamento feito pela pesquisa realizada com pequenos empresários sobre o sucesso de uma empresa ainda retrata que a aplicação de dinheiro próprio e a perseverança do dono também são fatores que contribuem, uma vez que o reconhecimento não é atingido logo de início, mas sim que é construído ao longo da trajetória da empresa.

5. É recorrente que empresários desistam de levar o negócio para frente porque muitas vezes o mercado de trabalho não é amistoso, o que acaba gerando pessimismo. Por isso, recomenda-se que o dono acredite no seu trabalho e no potencial de sua empresa, e que ele procure meios para expandir e impulsionar sua iniciativa. Estudiosos apontam que verdadeiro sucesso se conquista aos poucos, e é atingido por aquele que acredita no seu próprio potencial.

Como foi feito nos outros textos, apresentamos a Figura 36, na qual é exposto o diagrama da estrutura retórica do texto R8 F2 – GTDC.

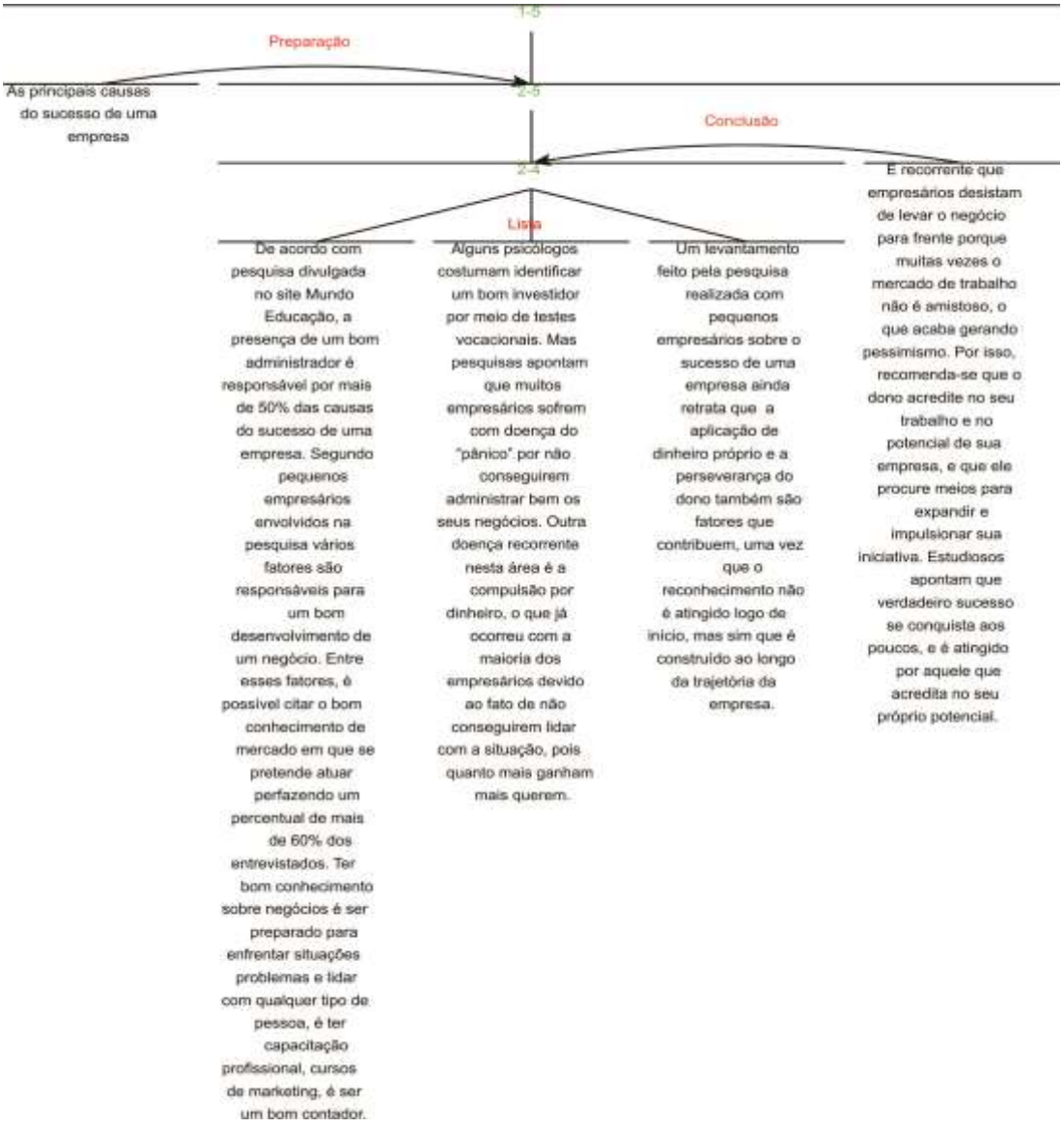


Figura 36: Diagrama da estrutura retórica de R8 F2 – GTDC

Conforme demonstrado na Figura 36, a Teoria da Estrutura Retórica nos possibilitou, na análise de "As principais causas do sucesso de uma empresa", verificar a opção do produtor na organização de suas ideias, com fins a atingir seu objetivo comunicativo. Nessa perspectiva, foi possível identificar cinco unidades de informação, em duas porções maiores: UI (1), na função de satélite e UIs (2 - 5), núcleo. Como em outras análises, emerge, entre as duas porções a relação retórica de *preparação*, visto que o leitor se sente convidado a saber quais são "as principais causas do sucesso de uma empresa", anunciadas na UI (1).

Para a exposição do conteúdo do texto, foram identificadas as UIs (2 - 4), núcleo, e a UI (5), satélite, e é plausível sugerir que emerge, entre elas, a relação retórica núcleo-satélite de *conclusão*. Fundamentados nos dizeres de Carlson e Marcu (2001), o satélite, formado pela UI (5), expõe um julgamento fundamentado, uma inferência, em relação à situação

apresentada no núcleo. Assim, o conteúdo da UI (5) chama a atenção para a questão de empresários desistirem do negócio em decorrência de um pessimismo causado por uma resposta negativa do mercado. Além disso, o texto destaca que "Estudiosos apontam que verdadeiro sucesso se conquista aos poucos, e é atingido por aquele que acredita no seu próprio negócio."

A porção (2 - 4) foi segmentada nas UI (2), UI (3) e UI (4) com o objetivo de relatar as "principais causas do sucesso de uma empresa", anunciadas na UI (1), título. Essas causas foram enumeradas em uma relação multinuclear de *lista*, em que a UI (2) diz da "pesquisa divulgada no site do Mundo Educação" e situa, dentre outras, a presença do bom administrador, com 50% de escolhas, o bom conhecimento do mercado, conhecimento sobre negócios, capacitação profissional, cursos de marketing, ser um bom contador. A UI (3) se encarrega de citar testes vocacionais, doença do pânico e compulsão por dinheiro. A UI (4) conclui a porção do texto e aborda questões sobre a aplicação do dinheiro e a perseverança do dono.

A organização do texto "As principais causas do sucesso de uma empresa" relatou a ocorrência das relações retóricas enumeradas na Tabela 19.

Tabela 19: Ocorrência das relações retóricas em R8 F2 – GTDC

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	elaboração	1
	preparação	1
multinuclear	lista	1
Total	**3**	**3**

4.2.2.3.5 Análise de R9 F2 – GPD

Gráfico 7

O gráfico 7 mostra as pirâmides etárias absolutas, comparando os índices dos homens e das mulheres, nos anos de 2013, 2040 e 2060. Chega-se à conclusão de que a população brasileira está envelhecendo, e que em 2060 as pessoas com mais de 65 anos serão mais de ¼ da população do país.

Texto segmentado em unidades de informação.

1. Gráfico 7
2. O gráfico 7 mostra as pirâmides etárias absolutas, comparando os índices dos homens e das mulheres, nos anos de 2013, 2040 e 2060.

3. Chega-se à conclusão de que a população brasileira está envelhecendo, e que em 2060 as pessoas com mais de 65 anos serão mais de ¼ da população do país.

Antes de iniciar a análise, divulgamos, na Figura 37, o Diagrama da estrutura retórica do Gráfico 7, elaborado por R9 F2 – GPD.

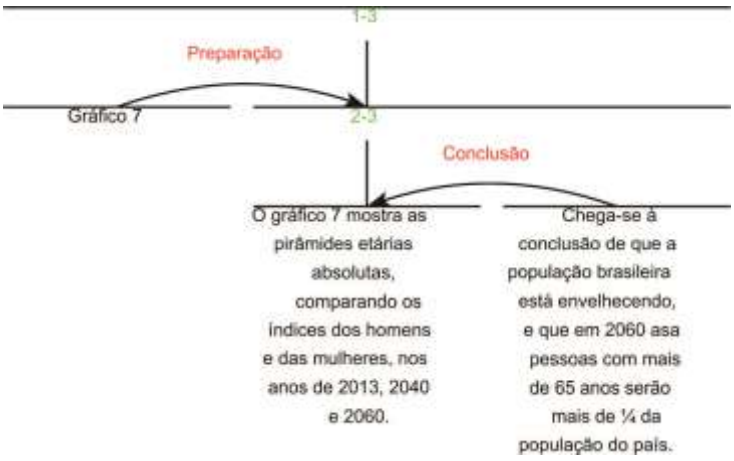


Figura 37: Diagrama da estrutura retórica de R9 F2 – GPD

O Diagrama da estrutura retórica do texto, demonstrado na Figura 37, atesta que foram identificadas três unidades de informação na organização textual. Para explicar essa organização, as UIs (1 - 3) foram segmentadas em UI (1), satélite, e UIs (2 - 3), núcleo, e, mais uma vez, é plausível anunciar que emerge a relação retórica de *preparação*, visto que o leitor se torna mais orientado para ler o conteúdo do núcleo.

A porção (2 - 3) foi desmembrada na UI (2), no papel de núcleo, e UI (3) na função de satélite. Ao analisar essas duas unidades de informação, percebe-se que a UI (3) veicula uma inferência do produtor advinda do conteúdo do núcleo, pois é declarado que uma parcela de ¼ das pessoas envelheceram, no ano de 2060. Essa asserção foi possível em decorrência do conteúdo do núcleo - UI (2) - que aborda o objetivo do Gráfico 7: "O gráfico 7 mostra as pirâmides etárias absolutas, comparando os índices dos homens e das mulheres, nos anos de 2013, 2040 e 2060." Diante disso, avaliamos ser plausível informar que emerge, entre as UIs (2) e (3), a relação retórica núcleo-satélite de *conclusão*.

A Tabela 20 demonstra a ocorrência das relações retóricas de R9F2 – GPD.

Tabela 20: Ocorrência das relações retóricas em R9 F2 – GPD

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	preparação	1
	conclusão	1
Total	**1**	**2**

Na Tabela 20, verifica-se a emergência de dois tipos de relações núcleo-satélite e nenhuma ocorrência de relações multinucleares no texto. Essa observação evidencia uma das características da RST, veiculadas por Mann e Thompson (1988), ao informarem que, em geral, os textos apresentam um número expressivo de relações retóricas do tipo núcleo-satélite e uma quantidade menor de relações multinucleares.

4.2.2.3.6 Análise de R10 F2 – GTDC

População crescente

O envelhecimento é um processo que mexe com o organismo e com a funcionalidade do ser humano e que acontece inevitavelmente com o passar dos anos. Esse processo pode não ser decorrente de doenças, pois é considerado um fenômeno natural que, geralmente, apresenta um aumento à fragilidade que está relacionada à questão biológica, temporal e social.

A pessoa idosa é aquela, conforme critério da Organização das Nações Unidas (ONU), com idade de 60 anos ou mais. Há uma diferença entre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos em relação à idade – 60 ou mais para países em desenvolvimento e 65 ou mais para países desenvolvidos. Esse fator é relevante, mas não determinante para a preocupação atual, que na verdade é o aumento da população de idosos nas próximas décadas.

Segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a população brasileira tende a envelhecer nos próximos anos, com aproximadamente um quarto dos brasileiros com mais de 65 anos em 2060. Isso pode ser explicado pelo fato de que as condições de vida têm melhorado muito ao se tratar da saúde. O acesso a tratamentos, exames e medicamentos gratuitos tem sido muito facilitado e, consequentemente, o tempo de vida das pessoas aumenta.

Além disso, as taxas de natalidade também tendem a diminuir nos próximos anos. Isso porque a conquistas dos direitos das mulheres e sua inserção no mercado de trabalho mudaram completamente a rotina da maioria das famílias brasileiras. O casal trabalhando mais, ficando menos em casa e focado em sua vida profissional acaba deixando para depois os planos de aumentar a família (ou até mesmo abandonando a ideia).

Em termos de parcela da população, enquanto em 2013 as crianças dessa faixa etária representavam mais de 30% do total de moradores do país, em 2040 serão menos de 20%. Enquanto isso, os idosos passaram a representar, em 2060, um número bem maior em relação a 2013 e 2040. A gerente do IBGE, Lúcia Lima, reforça a ideia de que, no Brasil, há menos crianças nascendo e aumenta a proporção daqueles com 60 anos ou mais. De acordo com o gráfico elaborado pelos pesquisadores do IBGE, o alargamento do topo da

> *pirâmide etária absoluta, onde se encontram as pessoas mais velhas, e o afinamento da base da pirâmide, onde se encontram as pessoas mais jovens, sistematizam o envelhecimento da população no período entre 2013 a 2060.*
>
> *Comparando as pirâmides etárias de 2013, 2040 e 2060 é notório a diferença quanto a sua forma. A pirâmide, que antes possuía corpo largo e base e topo curtos, passou a apresentar ao longo do tempo, um corpo mais uniforme, bem como o topo mais largo e afinando a sua base; indícios de que nascem menos pessoas e que o tempo de vida é maior.*

A análise, a partir do aporte teórico da Teoria da Estrutura Retórica, apontou que "População crescente" poderia ser segmentado em sete unidades de informação, conforme o texto a seguir e a Figura 38, que demonstra o Diagrama da estrutura retórica do R10 F2 – GTDC.

1. População crescente

2.O envelhecimento é um processo que mexe com o organismo e com a funcionalidade do ser humano e que acontece inevitavelmente com o passar dos anos. Esse processo pode não ser decorrente de doenças, pois é considerado um fenômeno natural que, geralmente, apresenta um aumento à fragilidade que está relacionada à questão biológica, temporal e social.

3. A pessoa idosa é aquela, conforme critério da Organização das Nações Unidas (ONU), com idade de 60 anos ou mais. Há uma diferença entre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos em relação à idade – 60 ou mais para países em desenvolvimento e 65 ou mais para países desenvolvidos. Esse fator é relevante, mas não determinante para a preocupação atual, que na verdade é o aumento da população de idosos nas próximas décadas.

4. Segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a população brasileira tende a envelhecer nos próximos anos, com aproximadamente um quarto dos brasileiros com mais de 65 anos em 2060. Isso pode ser explicado pelo fato de que as condições de vida têm melhorado muito ao se tratar da saúde. O acesso a tratamentos, exames e medicamentos gratuitos tem sido muito facilitado e, consequentemente, o tempo de vida das pessoas aumenta.

5. Além disso, as taxas de natalidade também tendem a diminuir nos próximos anos. Isso porque a conquistas dos direitos das mulheres e sua inserção no mercado de trabalho mudaram completamente a rotina da maioria das famílias brasileiras. O casal trabalhando mais, ficando menos em casa e focado em sua vida profissional acaba deixando para depois os planos de aumentar a família (ou até mesmo abandonando a ideia).

6. Em termos de parcela da população, enquanto em 2013 as crianças dessa faixa etária representavam mais de 30% do total de moradores do país, em 2040 serão menos de 20%. Enquanto isso, os idosos passaram a representar, em 2060, um número bem maior em relação a 2013 e 2040. A gerente do IBGE, Lúcia Lima, reforça a ideia de que, no Brasil, há menos crianças nascendo e aumenta a proporção daqueles com 60 anos ou mais. De acordo com o gráfico elaborado pelos pesquisadores do IBGE, o alargamento do topo da pirâmide etária absoluta, onde se encontram as pessoas mais velhas, e o afinamento da base da pirâmide, onde se encontram as pessoas mais jovens, sistematizam o envelhecimento da população no período entre 2013 a 2060.

7. Comparando as pirâmides etárias de 2013, 2040 e 2060 é notório a diferença quanto a sua forma. A pirâmide, que antes possuía corpo largo e base e topo curtos, passou a apresentar ao longo do tempo, um corpo mais uniforme, bem como o topo mais largo e afinando a sua base; indícios de que nascem menos pessoas e que o tempo de vida é maior.

Na Figura 38, retratamos a estrutura retórica do R10 F2 - GTDC

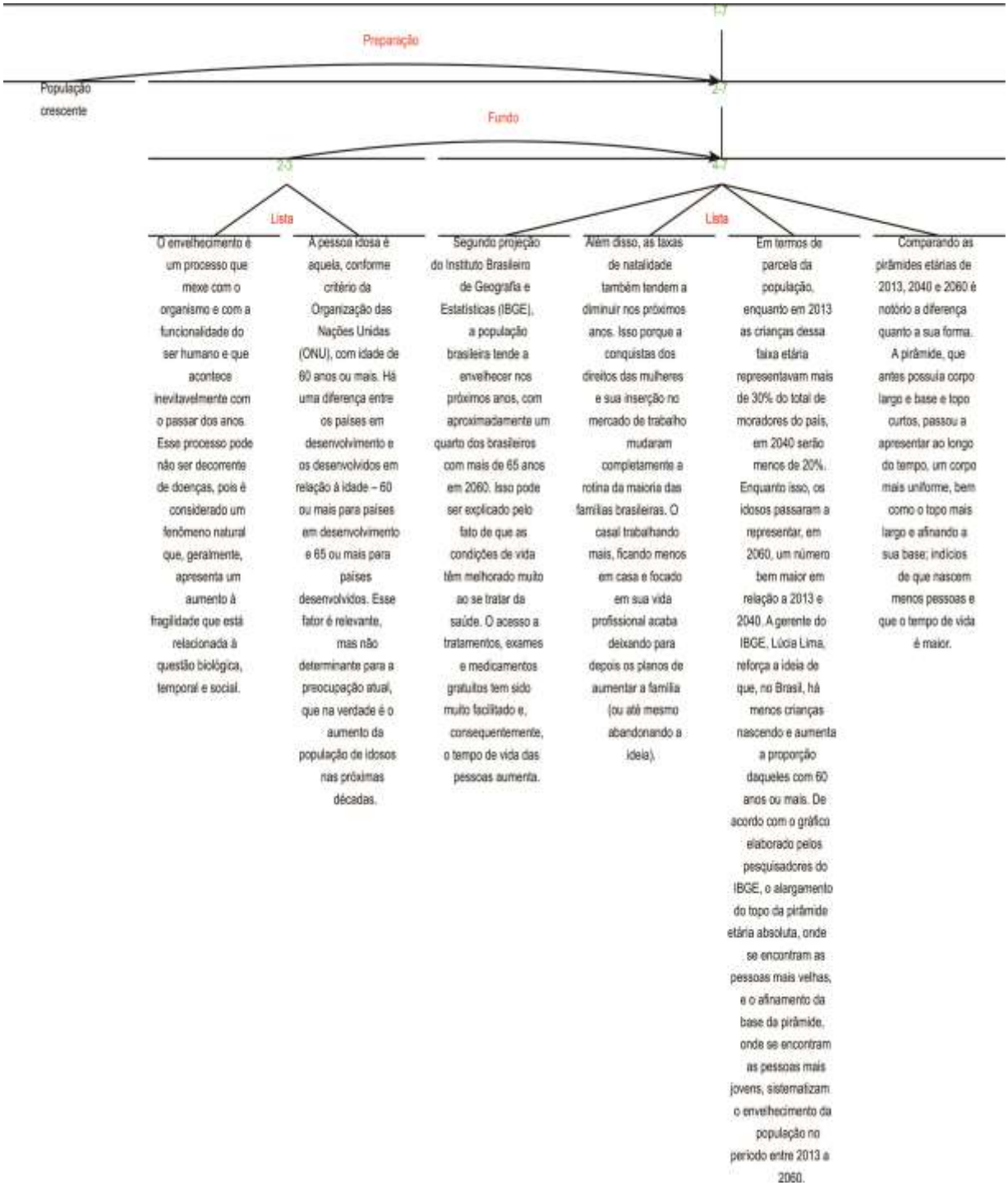


Figura 38: Diagrama da estrutura retórica de R10 F2 - GTDC

A Figura 38 expõe o diagrama da estrutura retórica de R10 F2 – GTDC, que nos direcionou a descrição do texto e, sobretudo, nos possibilitou entender que a UI (1), título e satélite, é adjacente a uma grande porção materializada pelas UIs (2 - 7), na função de núcleo, veiculando o conteúdo do texto, sendo plausível afirmar que emerge, entre elas, a relação retórica de *preparação,* justificada pelo fato de o leitor se sentir convidado a se inteirar do conteúdo do núcleo.

A grande porção formada pelas UIs (2 - 7) foi segmentada em duas outras, a saber: as UIs (2 - 3), satélite, que, como um cenário onde ocorrem as ações indicadas no núcleo, situa o leitor no texto, deixando-o mais capaz de compreender o conteúdo dessas ações. Já a porção constituída pelas UIs (4 - 7), na função de núcleo, relata as ações sinalizadas no satélite. Por essa razão, é plausível anunciar a emergência da relação retórica núcleo-satélite de *background (fundo)* entre as UIs (2 - 3) e (4 - 7).

Ao retomar a porção (2 – 3), verifica-se que ela pode ser segmentada nas UI (2) e UI (3), emergindo entre elas uma relação multinuclear de *lista*, pois é situado, em (2) o processo do envelhecimento das pessoas e, em (3), a caracterização do idoso, de acordo com o critério da Organização das Nações Unidas (ONU).

A porção (4 - 7) aborda questões relatadas da seguinte forma: na UI (4) verifica-se uma projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), anunciando que a população brasileira tende a envelhecer nos próximos anos, com aproximadamente um quarto dos brasileiros com mais de 65 anos em 2060. Essa afirmativa é justificada pela melhora das condições de vida pelo cuidado com a saúde.

A UI (5), iniciada pelo marcador discursivo “Além disso”, direciona o leitor para mais uma questão sobre o envelhecimento e aborda a diminuição da taxa de natalidade nos próximos anos. O motivo seria “as conquistas dos direitos das mulheres e sua inserção no mercado de trabalho mudaram completamente a rotina da maioria das famílias brasileiras. O casal trabalhando mais, ficando menos em casa e focado em sua vida profissional acaba deixando para depois os planos de aumentar a família (ou até mesmo abandonando a ideia).”

O fluxo do texto se mantém na UI (6), cuja função é apresentar uma observação do produtor do texto ao verificar, no gráfico 7, uma comparação entre a população de crianças e de idosos entre os anos de 2013 e 2060. Essa observação é evidenciada na passagem da UI (6): “De acordo com o gráfico elaborado pelos pesquisadores do IBGE, o alargamento do topo da pirâmide etária absoluta, onde se encontram as pessoas mais velhas, e o afinamento da base da pirâmide, onde se encontram as pessoas mais jovens, sistematizam o envelhecimento da população no período entre 2013 a 2060.”

O texto é concluído na UI (7), que assume o papel de relatar uma comparação entre as pirâmides etárias de 2013, 2040 e 2060, em que é identificada a diferença em relação à sua forma, demonstrada em: "A pirâmide, que antes possuía corpo largo e base e topo curtos, passou a apresentar ao longo do tempo, um corpo mais uniforme, bem como o topo mais largo e afinando a sua base; indícios de que nascem menos pessoas e que o tempo de vida é maior."

A partir da descrição feita das UIs (4), (5), (6) e (7), é plausível informar que emerge, entre elas, mais uma ocorrência da relação retórica multinuclear de *lista* porque o leitor reconhece a possibilidade de comparação entre os elementos dos núcleos, além de estabelecer uma diferença entre eles. Dizendo de outra forma, o texto apresenta quatro abordagens sobre o envelhecimento, anunciado na porção (2 - 3).

Como nos outros textos, apresentamos a Tabela 21 para indicar a ocorrência das relações retóricas no texto R10 F2 – GTDC.

Tabela 21: Ocorrência das relações retóricas em R10 F2 - GTDC

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	*Background*(fundo)	1
	preparação	1
multinuclear	lista	2
Total	**3**	**4**

4.2.2.3.7 Análise de R11 F2 – GPD

Gráfico 8
O gráfico 8 é apresentado por barras horizontais e traz a informação das preferências de leitura dos brasileiros, estando as revistas, livros e jornais entre os mais lidos, e livros digitais, áudio-livros e livros em braile os de menor preferência.

O R11 F2 – GPD foi segmentado em cinco unidades de informação:

1. Gráfico 8
2. O gráfico 8 é apresentado por barras horizontais
3. e traz a informação das preferências de leitura dos brasileiros,
4. estando as revistas, livros e jornais entre os mais lidos,
5. e livros digitais, áudio-livros e livros em braile os de menor preferência.

Segue a estrutura retórica de R11 F2 – GPD, demonstrada na Figura 39:

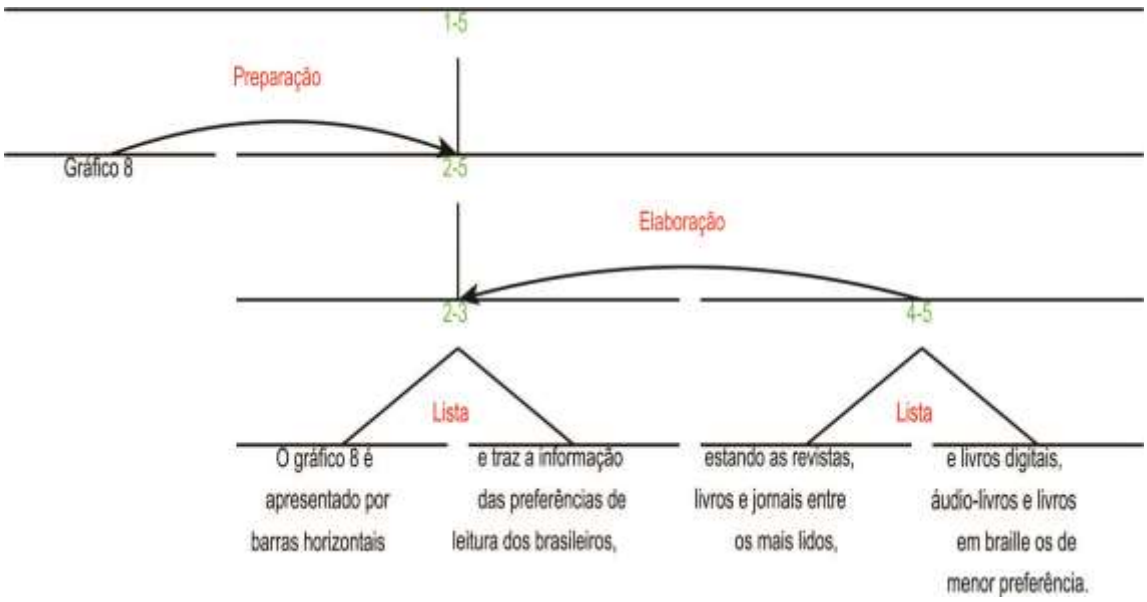


Figura 39: Diagrama da estrutura retórica de R11 F2 – GPD

A Figura 39 revela a estrutura retórica do Gráfico 8, elaborado por R11 F2 – GPD. Como pode ser observado, o parágrafo foi segmentado em 5 unidades de informação, de forma que, entre o título "Gráfico 8", UI (1), satélite, e a porção constituída pelas UIs (2 – 5), núcleo, emerge a relação retórica de *preparação*, pois o leitor se sente convidado a ler e se inteirar do conteúdo de núcleo.

Com foco na porção (2 - 5), ou seja, no conteúdo do texto, verifica-se que ela foi segmentada nas porções (2 - 3) e (4 - 5), e é plausível apontar que emerge, entre elas, a relação retórica núcleo-satélite de *elaboração*, justificada pelo fato de (2 - 3) situar o Gráfico 8 e a porção (4 - 5), satélite, veicular dados adicionais ao gráfico. Para tanto, vale ressaltar que (2 - 3) foi dividida nas UIs (2) e (3) e, entre elas, emerge a relação retórica multinuclear de *lista* com a função de, na UI (2), informar que o Gráfico 8 "é apresentado por barras horizontais" e, na UI (3), acrescentar que esse gráfico informa a preferência de leitura dos brasileiros. Ao comparar as duas unidades de informação, verifica-se que há diferença entre elas e que não há exigência de uma apresentação cronológica das informações, o que justifica a relação de *lista*.

A porção (4 - 5) também foi segmentada nas UIs (4) e (5), também em uma relação multinuclear de *lista*, cuja função é adicionar à porção (2 - 3) mais dados sobre o gráfico. De acordo com Mann e Thompson (1988), ao acrescentar mais dados, a relação de elaboração pode tornar o leitor mais habilitado a entender o conteúdo veiculado no núcleo. Em outras palavras, as UIs (4) e (5) especificam ou caracterizam o gráfico ao situar, primeiro que

“revistas, livros e jornais” - UI (4) - são os mais lidos e, na UI (5), “livros digitais, áudio-livros e livros em braile são o de menor preferência.” Nesta ocorrência, pode ser identificada, entre as UIs (4) e (5), também uma relação de lista, pois, ao serem comparadas, é claramente observada uma diferença entre as duas unidades de análise.

A recorrência da relação de *lista* parece nos direcionar para uma caracterização prototípica do gênero gráfico.

A análise do Gráfico 8, elaborado por R11 F2 – GPD, apresentou a ocorrência das relações retóricas relacionadas na Tabela 22:

Tabela 22: Ocorrência das relações retóricas em **R11 F2 – GPD**

Tipo da relação	Nome da relação	Ocorrência
núcleo-satélite	elaboração	1
	preparação	1
multinuclear	lista	2
Total	**3**	**4**

4.2.2.3.8 Análise de R12 F2 – GTDC

O que os brasileiros estão lendo

A leitura é considerada por estudiosos da área como Dom Pretii um processo que envolve uma aproximação entre o leitor e o que será lido. Esta relação se dá de acordo com as necessidades do leitor – ora pode ser para adquirir conhecimento, ora pode ser para entretenimento ou por puro prazer de viajar nas histórias lidas. De qualquer forma, o ato de ler, mais especificamente a prática de leitura está cada vez mais preocupando os pesquisadores por ser uma situação de extrema importância para a formação do indivíduo perante a sociedade.

Uma novidade apresentada em relação à leitura encontra-se nos dados obtidos pelos pesquisadores do Instituto Pró-livro.

De acordo com esse instituto, os brasileiros tendem sempre a preferir a leitura em revistas, livros e jornais, que geralmente são os mais fáceis de encontrar e servirem também como fonte de informações da atualidade. Dessa forma, além de praticar a leitura, a pessoa também acaba ficando por dentro das últimas notícias. É um duplo benefício.

Em contrapartida, os livros em braile correspondem a apenas 0,2% da leitura dos brasileiros, isso é reflexo da formação de uma sociedade sem contato com as condições enfrentadas por deficientes visuais. Esse fato é influência direta do preconceito com essa minoria, sendo que, em tese, essa deveria ser uma área dominada por todos, a fim de promove a inclusão dos deficientes na sociedade.

Leituras que de uma forma ou outra acabam sendo feitas por obrigação (textos escolares e de trabalhos) também não fazem sucesso entre os brasileiros: correspondem a aproximadamente 30% das preferências, enquanto os tipos de maior sucesso já citados no primeiro parágrafo lideram com uma média de 50% das preferências.

Um fator consideravelmente novo nesta pesquisa, é o fato da leitura de livros está entre os mais citados. Isso reflete uma mudança, uma vez que o Brasil tem apresentado níveis insatisfatórios relacionados ao ato de ler. Este resultado pode mudar a história do Brasil no ranking de não-leitores, pois este grupo representa 85,5 milhões de pessoas,50% do total de envolvidos na pesquisa.

> *Outro assunto a destacar é o fato de leituras na internet atingir menos de 22% da população, o que nega a teoria de que o computador, por meio de livros digitais, substituiria os livros impressos que para surpresa da população isso não ocorreu. A situação ainda é mais complexa porque os livros digitais apareceram na pesquisa "Retratos da leitura no Brasil" alcançando nada mais que 3% de preferência dos leitores do Brasil.*
>
> *Muito ainda há para se investigar, mas a preferência por revistas e livros retrata a realidade brasileira na contemporaneidade.*

O texto R12 F2 – GTDC foi segmentado 9 em unidades de informação:

1. O que os brasileiros estão lendo
2. A leitura é considerada por estudiosos da área como Dom Pretii um processo que envolve uma aproximação entre o leitor e o que será lido. Esta relação se dá de acordo com as necessidades do leitor – ora pode ser para adquirir conhecimento, ora pode ser para entretenimento ou por puro prazer de viajar nas histórias lidas. De qualquer forma, o ato de ler, mais especificamente a prática de leitura está cada vez mais preocupando os pesquisadores por ser uma situação de extrema importância para a formação do indivíduo perante a sociedade.
3. Uma novidade apresentada em relação à leitura encontra-se nos dados obtidos pelos pesquisadores do Instituto Pró-livro.
4. De acordo com esse instituto, os brasileiros tendem sempre a preferir a leitura em revistas, livros e jornais, que geralmente são os mais fáceis de encontrar e servirem também como fonte de informações da atualidade. Dessa forma, além de praticar a leitura, a pessoa também acaba ficando por dentro das últimas notícias. É um duplo benefício.
5. Em contrapartida, os livros em braille correspondem a apenas 0,2% da leitura dos brasileiros, isso é reflexo da formação de uma sociedade sem contato com as condições enfrentadas por deficientes visuais. Esse fato é influência direta do preconceito com essa minoria, sendo que, em tese, essa deveria ser uma área dominada por todos, a fim de promove a inclusão dos deficientes na sociedade.
6. Leituras que de uma forma ou outra acabam sendo feitas por obrigação (textos escolares e de trabalhos) também não fazem sucesso entre os brasileiros: correspondem a aproximadamente 30% das preferências, enquanto os tipos de maior sucesso já citados no primeiro parágrafo lideram com uma média de 50% das preferências.
7. Um fator consideravelmente novo nesta pesquisa, é o fato da leitura de livros está entre os mais citados. Isso reflete uma mudança, uma vez que o Brasil tem apresentado níveis insatisfatórios relacionados ao ato de ler. Este resultado pode mudar a história do Brasil no

ranking de não-leitores, pois este grupo representa 85,5 milhões de pessoas,50% do total de envolvidos na pesquisa.

8. Outro assunto a destacar é o fato de leituras na internet atingir menos de 22% da população, o que nega a teoria de que o computador, por meio de livros digitais, substituiria os livros impressos que para surpresa da população isso não ocorreu. A situação ainda é mais complexa porque os livros digitais apareceram na pesquisa "Retratos da leitura no Brasil" alcançando nada mais que 3% de preferência dos leitores do Brasil.

9. Muito ainda há para se investigar, mas a preferência por revistas e livros retrata a realidade brasileira na contemporaneidade.

O GTDC do R12 F2 "O que os brasileiros estão lendo" foi segmentado em 9 unidades de informação e apresentou a estrutura retórica demonstrada na Figura 40.

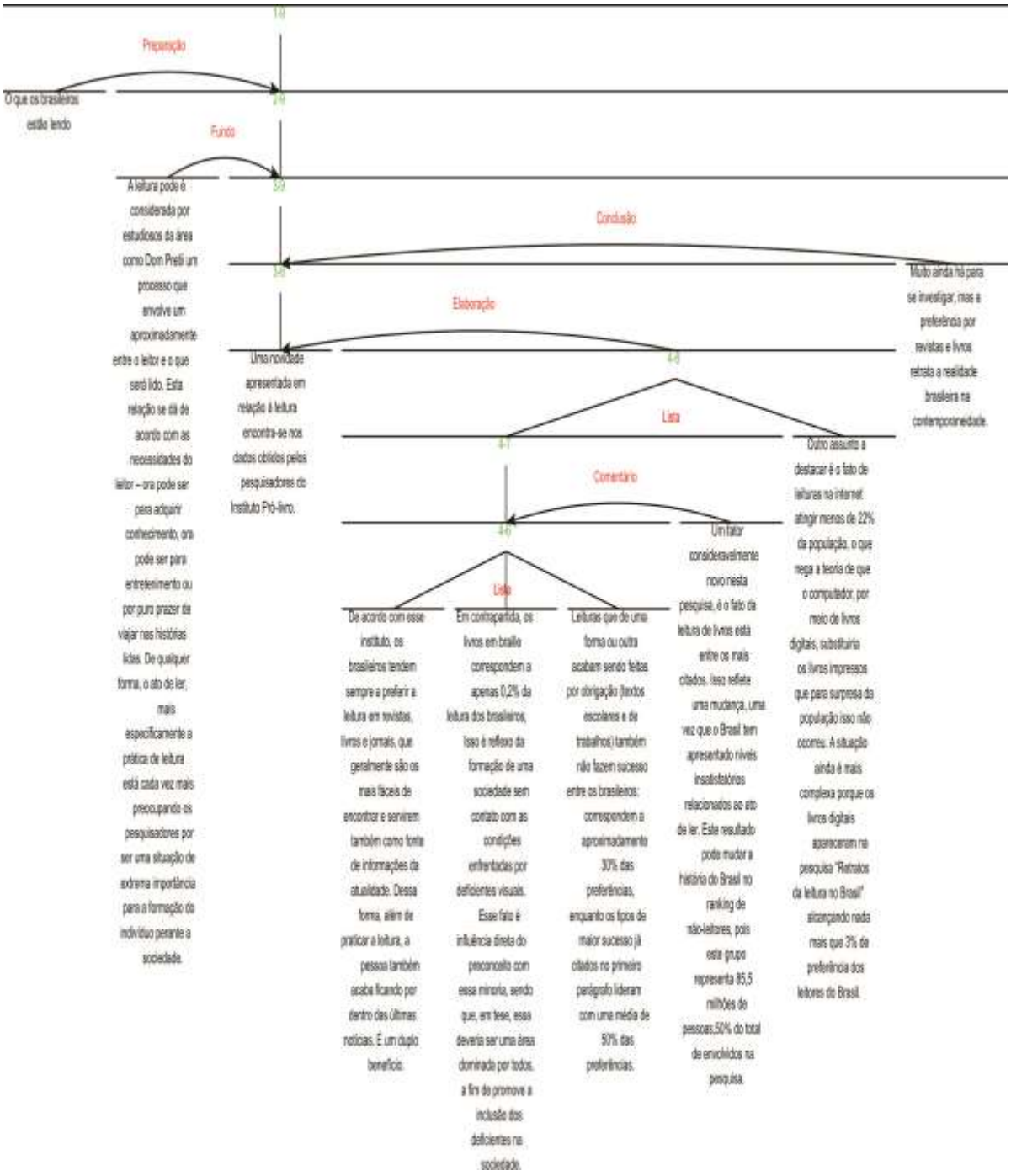


Figura 40: Diagrama da estrutura retórica do R12 F2 – GTDC

O Diagrama da estrutura retórica de R12 F2 – GTDC certifica que o texto foi segmentado em nove unidades de informação. As escolhas feitas pelo produtor para organizar o texto são descritas, à luz da RST, da seguinte maneira: a UI (1), satélite, subsidia o conteúdo do núcleo formado pelas UIs (2 - 9), e é plausível sugerir a emergência da relação de *preparação*, pois o leitor se sente interessado em saber a preferência de leitura dos brasileiros, anunciada no satélite.

A grande porção constituída pelas UIs (2 - 9) materializa o conteúdo do texto e foi segmentada na UI (2) e na porção (3 - 9). A UI (2) expõe considerações sobre as diversas formas de leitura, bem como o processo pelo qual ela pode acontecer: "ora pode ser para adquirir conhecimento, ora pode ser para entretenimento ou por puro prazer de viajar nas histórias lidas." Dessa forma, a UI (2) assume a função de subsidiar o núcleo (3 - 9), tornando, portanto, satélite, e é plausível anunciar a emergência da relação retórica de *background (fundo)*, entre elas.

A seguir, tomamos como referência a porção (3 - 9) que foi também segmentada em (3 - 8), núcleo, e a UI (9), satélite, de maneira que emerge, entre elas a relação de *conclusão*, porque é constatada, na UI (9), uma observação do produtor sobre a situação final do texto, ao informar que, embora a preferência por revistas e livros retrate a realidade brasileira na contemporaneidade, muito ainda há para se investigar.

A porção (3 - 8) foi segmentada na UI (3), núcleo, e UIs (4 - 8), satélite. Ressalta-se que a UI (3) anuncia a pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro e, sobretudo, os dados obtidos, revelando uma novidade. Por outro lado, a porção (4 – 8) se encarrega de expor os dados obtidos na pesquisa do Instituto Pró-Livro, o que nos aponta a emergência da relação retórica de *elaboração* entre esta porção e a UI (3).

Os dados são enumerados na porção textual (4 – 8), que foi segmentada nas UIs (4 - 7) e (8), de forma que, entre elas, foi identificada a relação retórica de *lista*. Entretanto, convém ressaltar que a porção (4 - 7) foi dividida nas UIs (4 - 6) e UI (7), em que, na função de satélite, a UI (7) apresenta um comentário sobre o núcleo. Ancorados nos dizeres de Carlson e Marcu (2001), a relação de *comentário* caracteriza-se como aquela, cuja função é registrar uma marca subjetiva do produtor a respeito de uma determinada porção textual. Nesta ocorrência, o comentário se refere à porção (4 - 6), núcleo, e diz da constatação de que "Um fator consideravelmente novo nesta pesquisa, é o fato da leitura de livros estar entre os mais citados. Isso reflete uma mudança, uma vez que o Brasil tem apresentado níveis insatisfatórios relacionados ao ato de ler."

Para concluir a análise do texto, passamos à descrição das UIs (4), (5), (6) e (8), que, conforme já anunciado, foi identificada, entre elas, a relação retórica de *lista*, ao enumerar os dados resultantes da pesquisa. Dessa forma, a UI (4) evidencia a confirmação de que "os brasileiros tendem sempre a preferir a leitura em revistas, livros e jornais, que geralmente são os mais fáceis de encontrar e servirem também como fonte de informações da atualidade."

A UI (5) trata dos livros em braile correspondendo a apenas 2% da preferência dos brasileiros. Na continuidade do texto, a UI (6) aborda um outro tipo de leitura, ou seja, trata das "Leituras que de uma forma ou outra acabam sendo feitas por obrigação (textos escolares e de trabalhos) também não fazem sucesso entre os brasileiros: correspondem a aproximadamente 30% das preferências(...)" Por fim, a UI (8) trata das leituras no meio digital, ao abordar que "Outro assunto a destacar é o fato de leituras na internet atingir menos de 22% da população, o que nega a teoria de que o computador, por meio de livros digitais, substituiria os livros impressos que para surpresa da população isso não ocorreu."

Como pode ser constatado nas análises, o texto R12 F2 – GTDC apresenta a ocorrência das relações retóricas registradas na Tabela 23.

Tabela 23: Ocorrência das relações retóricas em R12 F2 - GTDC

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	elaboração	1
	background(fundo)	1
	comentário	1
	conclusão	1
	preparação	1
multinuclear	lista	2
Total	**6**	**7**

4.2.2.3.9 Análise de R13 M3 – GPD

Gráfico 6

> *O gráfico 6 aborda as causas do sucesso de uma empresa. Mais de 50% de pequenos empresários afirma que a presença de um bom administrador é a principal, seguida do bom conhecimento de mercado. Por último, apenas 15% apontam a capacidade de correr riscos.*

Como nos textos anteriores, procedemos a análise fundamentados na RST que nos orientou a segmentar o parágrafo descritivo, elaborado pela aluna, em cinco unidades de informação, conforme demonstrado a seguir.

1. Gráfico 6
2. O gráfico 6 aborda as causas do sucesso de uma empresa.
3. Mais de 50% de pequenos empresários afirma que a presença de um bom administrador é a principal,
4. seguida do bom conhecimento de mercado.
5. Por último, apenas 15% apontam a capacidade de correr riscos.

A análise do R13 M3 – GPD possibilitou retratar, na Figura 41, o diagrama da estrutura retórica, descrita a partir deste ponto.

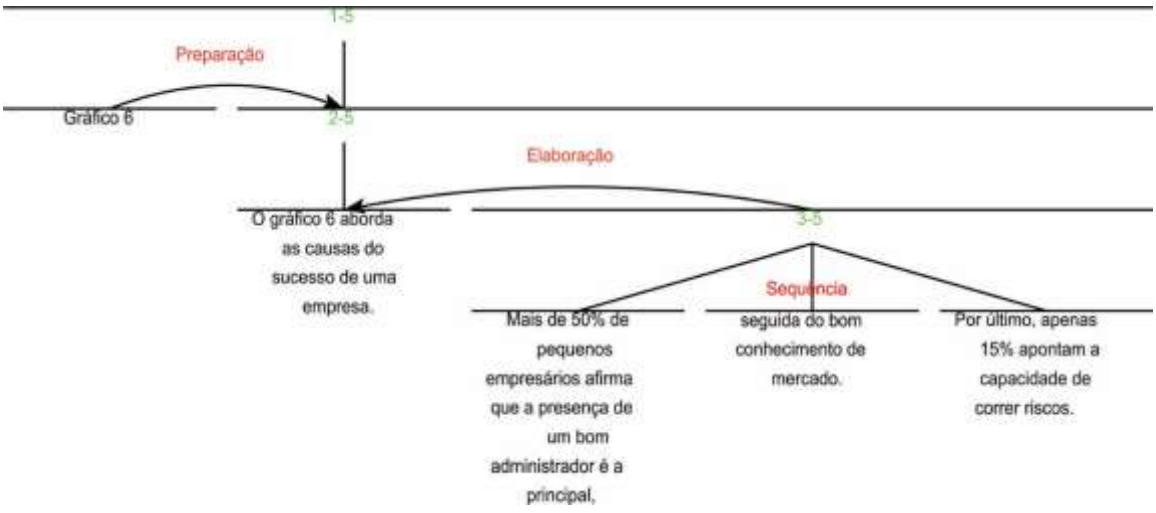


Figura 41: Diagrama da estrutura retórica de R13 M3 – GPD

A análise pela Teoria da Estrutura Retórica retratou que a UI (1), mais uma vez, torna plausível indicar a emergência da relação retórica de *preparação* entre ela e a porção (2 – 5), pois o leitor se sente preparado para ler o conteúdo do núcleo.

Continuamos a exposição, priorizando a porção (2 - 5) que foi segmentada na UI (2), na função de núcleo por veicular a informação mais central, segundo propõem Mann e Thompson (1988), e o satélite formado pela porção (3 - 5), sendo que emerge, entre elas a relação retórica núcleo-satélite de *elaboração*, pois a segunda se encarrega de enumerar dados adicionais à UI (2). Essa ação se processa da seguinte maneira: a UI (2) apresenta o conjunto "O gráfico 6 aborda as causas do sucesso de uma empresa", enquanto as unidades seguintes tratam de adicionar mais informações sobre essas causas.

Os dados adicionais foram expostos na porção (3 -5), também segmentada nas UIs (3), (4) e (5), em uma relação multinuclear de *sequência*, visto que, em cada uma é exposta uma causa do sucesso de uma empresa, além apresentarem a possibilidade de serem comparadas e

de exporem diferenças entre si. Assim, a UI (3) trata da "...que a presença de um bom administrador é a principal, no total de 50% das escolhas", a UI (4) "seguida do bom conhecimento de mercado" e a UI (5) "Por último, apenas 15% apontam a capacidade de correr riscos."

Diante da descrição de R13 M3 – GPD, torna-se pertinente apresentar a Tabela 24.

Tabela 24: Ocorrência das relações retóricas em **R13 M3 – GPD**

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	elaboração	1
	preparação	1
multinuclear	sequência	1
Total	**3**	**3**

4.2.2.3.10 Análise de R14 M3 – GTDC

As causas do sucesso no mundo empresarial

No ramo empresarial, administrar e levar uma empresa a ser bem sucedida é um desafio superado por poucos. Essa situação pode levar o empresário a se questionar: quais os principais fatores que levam uma empresa a atingir níveis de excelência?

Essa dúvida pode ser esclarecida através de uma pesquisa do Mundo Educação, baseada na opinião de pequenos empresários. De acordo com as respostas, grande parte dos entrevistados acredita que os principais fatores que levam ao êxito partem das qualidades do administrador o que pode ser constatado no índice atingido pela pesquisa, totalizando uma porcentagem de 55% numa proporção de 0 a 60.

As principais causas do sucesso de uma empresa, segundo pequenos empresários, foram relacionados numa ordem em que se percebe um percentual aumentado a medida que vão sendo enumerados os seguintes fatores: capacidade de correr riscos, aproveitamento das oportunidades, perseverança do dono, dinheiro próprio, bom conhecimento do mercado, presença de um bom administrador.

Os sistemas que controlam o mercado financeiro são mal conhecidos pela maioria dos empresários devido a poucos serem capazes de gerenciar com qualidade seus negócios. Muitos entram no mercado visando apenas lucro e não se preparam para possíveis quedas. Apenas aqueles capazes de estabelecer um equilíbrio rígido entre compras e gastos são capazes de se manterem no mercado que é altamente competitivo. Pode-se definir o gerenciamento como sendo de suma importância para o andamento e desenvolvimento dos negócios e obtenção de lucros, bem como um amplo conhecimento de mercado.

O crescimento do mercado também é outro fator considerado importante, uma vez que está diretamente ligado à questão econômica, que é a principal manutenção de uma empresa. Além disso, outros casos foram citados pelos analistas de mercado Paulo Autran e Roberto Siman, porém não foram considerados tão importantes quanto os anteriores, são eles: capacidade de correr riscos que num percentual de respostas de 0 a 60 atingiu pouco mais de 10%, apresentar inovações por exemplo, aproveitamento das oportunidades uma média de 15%, perseverança do dono em torno de 18%, dinheiro próprio para investimentos necessários em torno de 20%.

Entre as quatro causas com percentual menor, o dinheiro próprio deveria ser o mais relevante, o mais destacado, afinal é necessário ter esse capital em

> *alguma situação inesperada ou caso seja necessário realizar investimentos, os quais permitem a expansão e crescimento de uma empresa. Em contrapartida, a opção com menor percentual foi a capacidade de correr riscos, provavelmente porque dessa forma, há dois extremos: a capacidade de obter um grande sucesso ou a probabilidade de falhar e gerar dívidas para a empresa.*
>
> *Além disso, segundo 20% dos entrevistados, o capital próprio é relevante, visto que possibilita maiores investimentos e capacitações profissionais. Ademais, afirma-se que é ideal a perseverança frente a obstáculos.*
>
> *Há quatro anos pesquisadores brasileiros descobriram a melhor forma de se dar bem no mercado é ter com estimulador de lucros um bom administrador a frente das decisões da empresa. Pesquisas mostram que o nível de excelência de uma empresa gera aumento significativo de valorização no mercado e sociedade.*

A análise no caminho do aporte teórico da RST nos apontou 9 unidades de informação, para a retextualização, R14 M3 – GTDC, como exposto a seguir:

1. As causas do sucesso no mundo empresarial
2. No ramo empresarial, administrar e levar uma empresa a ser bem sucedida é um desafio superado por poucos. Essa situação pode levar o empresário a se questionar: quais os principais fatores que levam uma empresa a atingir níveis de excelência?
3. Essa dúvida pode ser esclarecida através de uma pesquisa do Mundo Educação, baseada na opinião de pequenos empresários. De acordo com as respostas, grande parte dos entrevistados acredita que os principais fatores que levam ao êxito partem das qualidades do administrador o que pode ser constatado no índice atingido pela pesquisa, totalizando uma porcentagem de 55% numa proporção de 0 a 60.
4. As principais causas do sucesso de uma empresa, segundo pequenos empresários, foram relacionados numa ordem em que se percebe um percentual aumentado a medida que vão sendo enumerados os seguintes fatores: capacidade de correr riscos, aproveitamento das oportunidades, perseverança do dono, dinheiro próprio, bom conhecimento do mercado, presença de um bom administrador.
5. Os sistemas que controlam o mercado financeiro são mal conhecidos pela maioria dos empresários devido a poucos serem capazes de gerenciar com qualidade seus negócios. Muitos entram no mercado visando apenas lucro e não se preparam para possíveis quedas. Apenas aqueles capazes de estabelecer um equilíbrio rígido entre compras e gastos são capazes de se manterem no mercado que é altamente competitivo. Pode-se definir o gerenciamento como sendo de suma importância para o andamento e desenvolvimento dos negócios e obtenção de lucros, bem como um amplo conhecimento de mercado.
6. O crescimento do mercado também é outro fator considerado importante, uma vez que está diretamente ligado à questão econômica, que é a principal manutenção de uma empresa. Além

disso, outros casos foram citados pelos analistas de mercado Paulo Autran e Roberto Siman, porém não foram considerados tão importantes quanto os anteriores, são eles: capacidade de correr riscos que num percentual de respostas de 0 a 60 atingiu pouco mais de 10%, apresentar inovações por exemplo, aproveitamento das oportunidades uma média de 15%, perseverança do dono em torno de 18%, dinheiro próprio para investimentos necessários em torno de 20%.

7. Entre as quatro causas com percentual menor, o dinheiro próprio deveria ser o mais relevante, o mais destacado, afinal é necessário ter esse capital em alguma situação inesperada ou caso seja necessário realizar investimentos, os quais permitem a expansão e crescimento de uma empresa. Em contrapartida, a opção com menor percentual foi a capacidade de correr riscos, provavelmente porque dessa forma, há dois extremos: a capacidade de obter um grande sucesso ou a probabilidade de falhar e gerar dívidas para a empresa.

8. Além disso, segundo 20% dos entrevistados, o capital próprio é relevante, visto que possibilita maiores investimentos e capacitações profissionais. Ademais, afirma-se que é ideal a perseverança frente a obstáculos.

9. Há quatro anos pesquisadores brasileiros descobriram a melhor forma de se dar bem no mercado é ter com estimulador de lucros um bom administrador a frente das decisões da empresa. Pesquisas mostram que o nível de excelência de uma empresa gera aumento significativo de valorização no mercado e sociedade.

A Teoria da Estrutura Retórica nos apontou a segmentação de R14 M3 – GTDC em nove unidades de informação, o que resultou na estrutura retórica visualizada na Figura 42, a seguir:

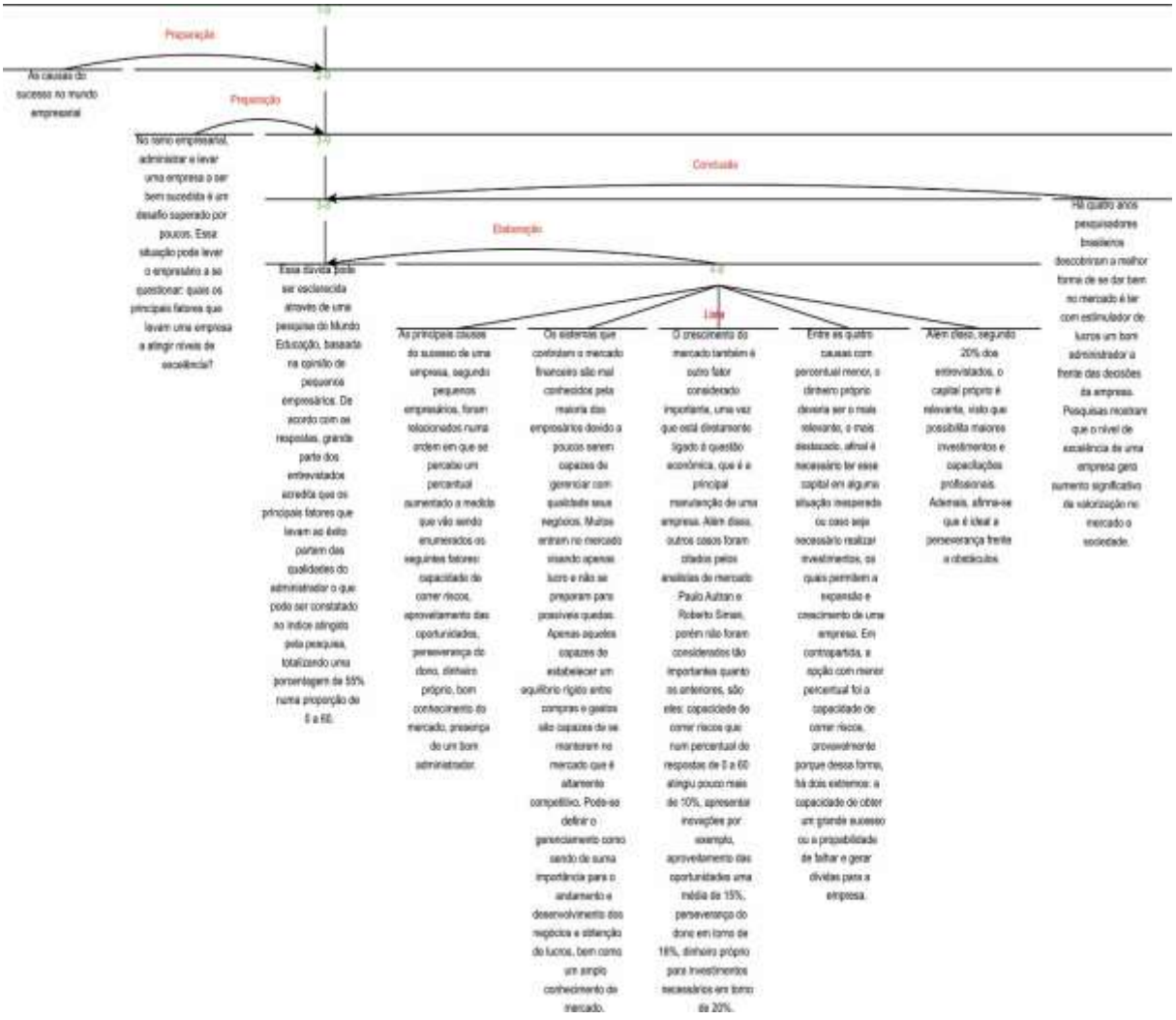


Figura 42: Diagrama da estrutura retórica de R14 M3 – GTDC

Como já exposto, a análise se filia à RST e nos orienta a informar que o produtor do texto optou por organizar suas ideias em nove unidades de informação com fins a atingir seu fim discursivo. Assim, a UI (1), satélite, formada pelo título, "As causas do sucesso no mundo empresarial", anuncia o conteúdo do texto, desenvolvido na grande porção (2 - 9), na função de núcleo, e emerge, entre elas, a relação retórica de *preparação*.

A porção (2 - 3) foi segmentada na UI (2) e na porção (3 - 9). A análise nos direciona a sinalizar que emerge, entre o satélite - UI (1) - e o núcleo (3 - 9), a relação retórica núcleo-satélite de *preparação*. Ancorados nos dizeres de Mann e Thompson (1988), essa relação retórica é justificada pelo fato de anteceder o núcleo, além de deixar o leitor mais interessado a ler o conteúdo desse núcleo. Neste texto, esse interesse é reforçado pela presença de uma pergunta que seria a indagação do empresário: "(...) quais os principais fatores que levam uma empresa a atingir níveis de excelência?"

A organização discursiva do texto continua se desenvolvendo na porção (3 - 9) que foi dividida nas UIs (3 - 8), núcleo, e UI (9), satélite, sendo que emerge, entre elas, a relação retórica de *conclusão*. Essa relação retórica é apontada pelo fato de o satélite, UI (9), subsidiar o conteúdo do núcleo, retomando informações sobre a identificação, em empresas bem sucedidas no mercado de um bom administrador e, principalmente, por situar a observação do produtor: "Pesquisas mostram que o nível de excelência de uma empresa gera aumento significativo de valorização no mercado e sociedade."

A análise se mantém na grande porção (3 - 8) que se encarrega de apresentar informações motivadas pela pergunta que conclui a unidade de informação anterior (UI 2). Essa asserção nos direciona a segmentar essa porção na UI (3) e na UIs (4 - 8), de forma que emerge, entre elas, a relação retórica de *elaboração*, justificada pelas seguintes particularidades: primeiro, a UI (3), núcleo, apresenta a informação mais centrar definida como a alusão à pesquisa desenvolvida pelo Mundo Educação, bem como a indicação do fator mais votado pelos pequenos empresários participantes dessa investigação, definida como a presença de um bom administrador como principal fator de sucesso, numa porcentagem de 55%, numa porção de 0 a 60. Segundo, porque a porção (4 - 8), satélite, subsidia o núcleo, adicionando, uma relação de fatores que contribuem para o sucesso de uma empresa, no olhar de pequenos empresários, participantes da pesquisa.

Nessa perspectiva, a porção (4 - 8) apresenta os outros fatores de sucesso de uma empresa e pode ser segmentada nas UIs (4), (5), (6), (7) e (8), em uma relação multinuclear de *lista*. Assim, após explicar a maneira como são apresentados os resultados, a UI (4) se encarrega de relatar os fatores: "capacidade de correr riscos, aproveitamento das oportunidades, perseverança do dono, dinheiro próprio, bom conhecimento do mercado, presença de um bom administrador."

A UI (5) põe em evidência outros fatores definidos como o gerenciamento dos negócios, lucros e grande conhecimentos do mercado, assim expostos: "Apenas aqueles capazes de estabelecer um equilíbrio rígido entre compras e gastos são capazes de se manterem no mercado que é altamente competitivo. Pode-se definir o gerenciamento como sendo de suma importância para o andamento e desenvolvimento dos negócios e obtenção de lucros, bem como um amplo conhecimento de mercado."

Outro fator significativo é abordado na UI (6) e trata da "(...) capacidade de correr riscos que num percentual de respostas de 0 a 60 atingiu pouco mais de 10%, apresentar inovações por exemplo, aproveitamento das oportunidades uma média de 15%, perseverança do dono em torno de 18%, dinheiro próprio para investimentos necessários em torno de 20%."

A UI (7) se ocupa de discutir aspectos entre as quatro causas do sucesso da empresa com percentual menor, salientando que “o dinheiro próprio deveria ser o mais relevante, o mais destacado, afinal é necessário ter esse capital em alguma situação inesperada ou caso seja necessário realizar investimentos, os quais permitem a expansão e crescimento de uma empresa.” Por outro lado, é evidenciada “a capacidade de correr riscos, provavelmente porque dessa forma, há dois extremos: a capacidade de obter um grande sucesso ou a propabilidade de falhar e gerar dívidas para a empresa.”

Para concluir a relação das causas listadas, é apresentada a UI (8), encabeçada pelo marcador discursivo “Além disso”, cuja função é demarcar considerações sobre o fator “(...) o capital próprio é relevante, visto que possibilita maiores investimentos e capacitações profissionais. Ademais, afirma-se que é ideal a perseverança frente a obstáculos.”

A análise do texto de R14 M3 – GTDC retratou a presença das relações retóricas enumeradas na Tabela 25.

Tabela 25: Ocorrência das relações retóricas em R14 M3 – GTDC

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	conclusão	1
	elaboração	1
	preparação	2
multinuclear	lista	1
Total	**4**	**5**

4.2.2.3.11 Análise de R15 M3 – GPD

Gráfico 7

O gráfico representa o aumento de pessoas idosas no período de 2013 a 2040. E prevê que a população de 2040 será, em sua maioria, composta por pessoas mais velhas. E ainda que as pessoas com mais de 65 anos atingirão ¼ da população brasileira.

O texto R15 M3 – GPD foi segmentado em quatro unidades de informação, conforme demonstrado a seguir.

1. Gráfico 7
2. O gráfico representa o aumento de pessoas idosas no período de 2013 a 2040.
3. E prevê que a população de 2040 será, em sua maioria, composta por pessoas mais velhas.
4. E ainda que as pessoas com mais de 65 anos atingirão ¼ da população brasileira.

A análise, a partir do aporte teórico da RST, nos facultou elaborar o Diagrama da estrutura retórica de R15 M3 – GPD, exibido na Figura 43.



Figura 43: Diagrama da estrutura retórica de R15 M3 - GPD

Como descrito na Figura 43, o texto apresenta quatro unidades de informação, organizadas na seguinte forma: a UI (1), "Gráfico 7", satélite, é adjacente à porção (2 – 4), núcleo, emergindo, entre elas, a relação retórica de *preparação*, pois o leitor pode se sentir interessado em saber do que se trata o gráfico 7.

Por outro lado, a porção (2 - 4) foi dividida nas UIs (2), (3) e (4) com a finalidade de caracterizar o Gráfico 7, anunciado na UI (1). Essa caracterização se materializa em uma relação multinuclear de *lista*, uma vez que, claramente, o analista pode verificar que, na UI (1) "o gráfico representa o aumento de pessoas idosas no período de 2013 a 2040." Já a UI (2) cita a previsão de que a população de 2040, será composta de pessoas mais velhas, em sua maioria; e, por último, a UI (4), reforçada pelo marcador discursivo "E ainda", adiciona que um quarto da população brasileira será constituída de pessoas com mais de 65 anos.

A análise nos autoriza apresentar a Tabela 26, atestando a ocorrência das relações retóricas em R15 M3 - GPD.

Tabela 26: Ocorrência das relações retóricas em R15 M3 - GPD

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	preparação	1
multinuclear	lista	1
Total	**2**	**2**

4.2.2.3.12 Análise de R16 M3 – GTDC

Como se dá, cientificamente, o processo de envelhecimento

O envelhecimento, segundo Dráuzio Varella, é um processo que requer sabedoria, saúde e paciência. Sabedoria para lidar com as adversidades, saúde para se manter vivo e paciência para encarar a vida assumindo um ritmo mais ponderado.

No século XX, a expectativa de vida girava em torno dos 40 a 50 anos. No decorrer dos anos, essa expectativa aumentou, o que gerou alguns estudos especializados sobre o assunto. Esses estudiosos, pertencentes ao grupo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística elaboraram um gráfico em que se apresenta o desenvolvimento etário da população por meio de pirâmides etárias absolutas.

A expressão Pirâmide Etária refere-se a um gráfico para identificar a população de um determinado país ou região, agrupando os habitantes em faixas de idade e dividindo-os pelo sexo. Em linhas gerais, a medida que um país se desenvolve, a sua população vai ficando mais velha.

Com o gráfico, é possível observar, portanto, que com o passar dos anos a base da pirâmide vem diminuindo, enquanto a porção superior vem se alargando, indicando a queda na taxa de natalidade e o aumento da qualidade e expectativa de vida.

Fatores como o aumento do Índice de desenvolvimento humano, elevação dos investimentos em saúde e educação contribuem para o aumento da expectativa de vida. Por sua vez, as taxas de natalidade tendem a cair em função do aumento do planejamento familiar e da inclusão da mulher no mercado de trabalho.

Dessa forma, pode-se perceber que a expectativa de vida praticamente dobrou no decorrer do século, mas trouxe consigo uma série de problemas socioeconômicos de acordo com o estudioso Marcos Sales, coordenador da pesquisa do IBGE. São muitos os que chegam hoje com 70, 80 anos em condições físicas, às vezes, muito boas, mas que se encontram aposentados desde os 50 anos, fato que obrigou a Previdência Social a pagar os benefícios por um período longo, o que não havia sido previsto antes.

Outro fator agravante é que se a população das próximas décadas, como apresentado no gráfico – 2040 a 2060 – for de pessoas mais velhas, as famílias terão que se preparar para tomar conta dessas pessoas devido ao fato de que nem todos envelhecem com saúde.

Ao analisar os dados pesquisados, percebe-se que em 2013, pessoas de 10 a 34 anos, apresentavam maior número da população atingindo mais de 8 milhões de pessoas. E aquelas com mais de noventa anos, apresentam menor população, não atingindo 2 milhões de pessoas. A partir dos 35 anos houve uma diminuição significativa no número de pessoas. Em 2040, estima-se que a população que tenha de 35 a 59 anos seja a maior. A população de 5 a 34 anos, que na primeira pirâmide etária se encontrava no topo, diminuiu e o número de pessoas com mais de 60 anos aumentou.

A análise dos dados ocorre de maneira detalhada e requer estudos específicos e científicos sobre o assunto, não sendo possível qualquer cidadão expor esses dados que são apurados por especialistas no assunto, através de pesquisas de campo. Isso pode ser comprovado na pirâmide etária estipulada para 2060, em que as pessoas com 55 a 59 anos serão maioria, quase atingindo 8 milhões.

> *É notável nas três pirâmides apresentadas que as mulheres são em maior número em quase todas as idades, porém, na 3ª o número de mulheres com mais de 85 anos ultrapassa com grande diferença em relação aos homens.*
>
> *É perceptível que em 2060 o maior número da população será constituída de pessoas mais velhas. Esse fato pode estar relacionado à melhoria da qualidade de vida no futuro, refletindo no aumento da expectativa de vida.*
>
> *Fatores como o aumento do Índice de desenvolvimento humano, elevação dos investimentos em saúde e educação contribuem para o aumento da expectativa de vida. Por sua vez, as taxas de natalidade tendem a cair em função do aumento do planejamento familiar e da inclusão da mulher no mercado de trabalho.*
>
> *Na projeção para 2060, o processo anterior se intensifica, caracterizando quase uma inversão em relação à 2013. A pirâmide tem base estreita com corpo mais afunilado e topo mais largo. Nesse viés, pessoas com mais de 65 anos serão mais de um quarto da população brasileira.*

Segue o texto R16 M3 – GTDC, segmentado em 13 unidades de informação, de acordo com a RST.

1. Como se dá, cientificamente, o processo de envelhecimento
2. O envelhecimento, segundo Dráuzio Varella, é um processo que requer sabedoria, saúde e paciência. Sabedoria para lidar com as adversidades, saúde para se manter vivo e paciência para encarar a vida assumindo um ritmo mais ponderado.
3. No século XX, a expectativa de vida girava em torno dos 40 a 50 anos. No decorrer dos anos, essa expectativa aumentou, o que gerou alguns estudos especializados sobre o assunto. Esses estudiosos, pertencentes ao grupo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística elaboraram um gráfico em que se apresenta o desenvolvimento etário da população por meio de pirâmides etárias absolutas.
4. A expressão Pirâmide Etária refere-se a um gráfico para identificar a população de um determinado país ou região, agrupando os habitantes em faixas de idade e dividindo-os pelo sexo. Em linhas gerais, a medida que um país se desenvolve, a sua população vai ficando mais velha.
5. Com o gráfico, é possível observar, portanto, que com o passar dos anos a base da pirâmide vem diminuindo, enquanto a porção superior vem se alargando, indicando a queda na taxa de natalidade e o aumento da qualidade e expectativa de vida.
6. Fatores como o aumento do Índice de desenvolvimento humano, elevação dos investimentos em saúde e educação contribuem para o aumento da expectativa de vida. Por sua vez, as taxas de natalidade tendem a cair em função do aumento do planejamento familiar e da inclusão da mulher no mercado de trabalho.

7. Dessa forma, pode-se perceber que a expectativa de vida praticamente dobrou no decorrer do século, mas trouxe consigo uma série de problemas socioeconômicos de acordo com o estudioso Marcos Sales, coordenador da pesquisa do IBGE. São muitos os que chegam hoje com 70, 80 anos em condições físicas, às vezes, muito boas, mas que se encontram aposentados desde os 50 anos, fato que obrigou a Previdência Social a pagar os benefícios por um período longo, o que não havia sido previsto antes.

Outro fator agravante é que se a população das próximas décadas, como apresentado no gráfico – 2040 a 2060 – for de pessoas mais velhas, as famílias terão que se preparar para tomar conta dessas pessoas devido ao fato de que nem todos envelhecem com saúde.

8. Ao analisar os dados pesquisados, percebe-se que em 2013, pessoas de 10 a 34 anos, apresentavam maior número da população atingindo mais de 8 milhões de pessoas. E aquelas com mais de noventa anos, apresentam menor população, não atingindo 2 milhões de pessoas. A partir dos 35 anos houve uma diminuição significativa no número de pessoas. Em 2040, estima-se que a população que tenha de 35 a 59 anos seja a maior. A população de 5 a 34 anos, que na primeira pirâmide etária se encontrava no topo, diminuiu e o número de pessoas com mais de 60 anos aumentou.

9. A análise dos dados ocorre de maneira detalhada e requer estudos específicos e científicos sobre o assunto, não sendo possível qualquer cidadão expor esses dados que são apurados por especialistas no assunto, através de pesquisas de campo. Isso pode ser comprovado na pirâmide etária estipulada para 2060, em que as pessoas com 55 a 59 anos serão maioria, quase atingindo 8 milhões.

10. É notável nas três pirâmides apresentadas que as mulheres são em maior número em quase todas as idades, porém, na 3ª o número de mulheres com mais de 85 anos ultrapassa com grande diferença em relação aos homens.

11. É perceptível que em 2060 o maior número da população será constituída de pessoas mais velhas. Esse fato pode estar relacionado à melhoria da qualidade de vida no futuro, refletindo no aumento da expectativa de vida.

12. Fatores como o aumento do Índice de desenvolvimento humano, elevação dos investimentos em saúde e educação contribuem para o aumento da expectativa de vida. Por sua vez, as taxas de natalidade tendem a cair em função do aumento do planejamento familiar e da inclusão da mulher no mercado de trabalho.

13. Na projeção para 2060, o processo anterior se intensifica, caracterizando quase uma inversão em relação à 2013. A pirâmide tem base estreita com corpo mais afunilado e topo

mais largo. Nesse viés, pessoas com mais de 65 anos serão mais de um quarto da população brasileira.

Como pode ser constatado, o texto R16 M3 - GTDC foi segmentado em 13 unidades de informação e, balizados pelo aporte teórico da RST, passamos à descrição das opções do produtor para organizar seu texto, em direção ao seu fim discursivo.

Antes da descrição do texto, apresentamos, na Figura 44, o Diagrama da estrutura retórica de R16 M3 – GTDC.

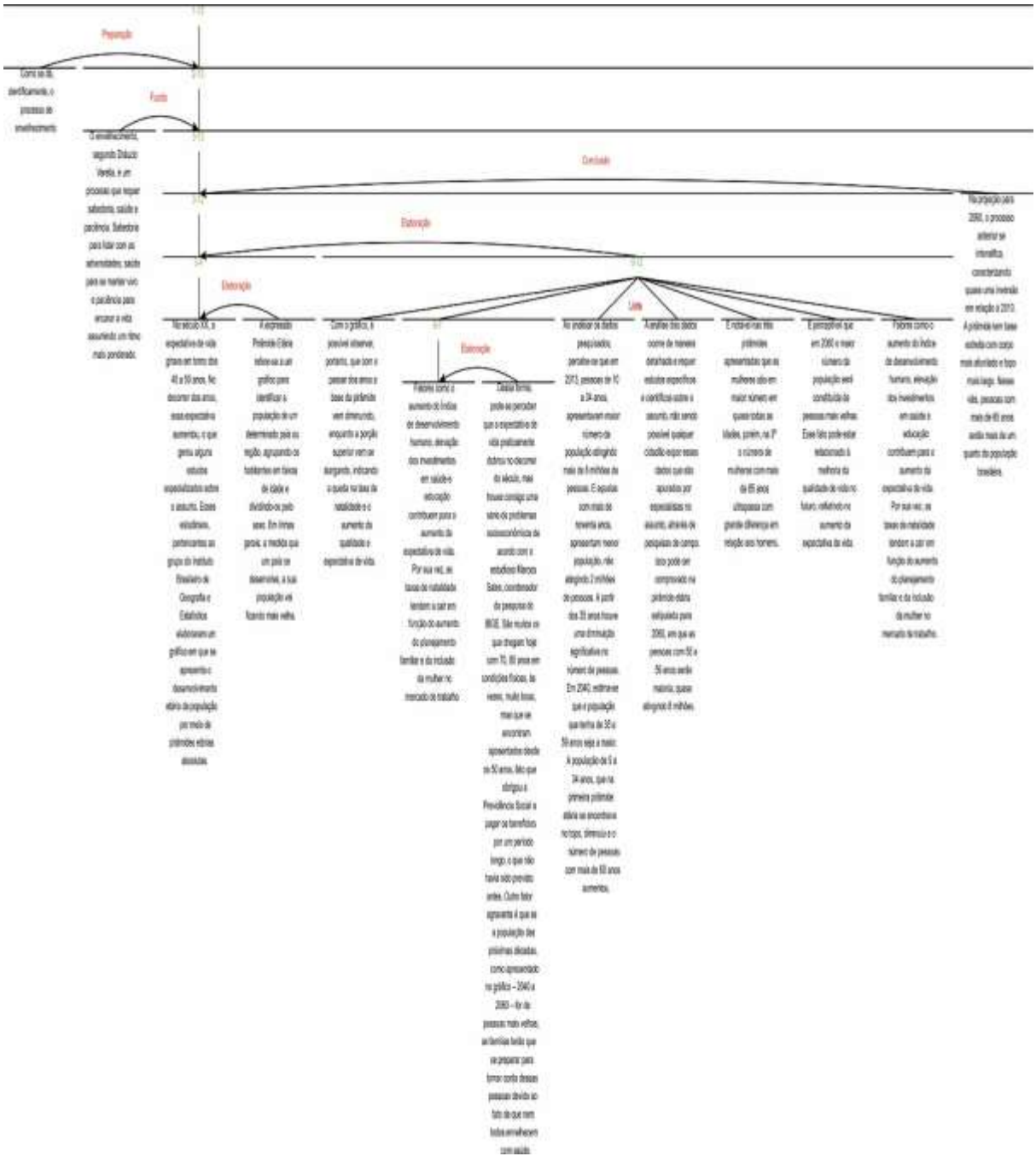


Figura 44: Diagrama da estrutura retórica de R16 M3 – GTDC

De acordo com o diagrama da estrutura retórica, visualizado na Figura 44, o texto R16 M3 – GTDC apresentou, como em outros, a UI (1), satélite, e o conteúdo do texto, nas UIs (2 - 13), emergindo, entre elas, a relação retórica de *preparação*, pois, o leitor pode se sentir interessado em saber "Como se dá, cientificamente, o processo de envelhecimento" – UI (1).

A grande porção (2 - 13) foi segmentada em UI (2), satélite, e a porção (3 - 13), em que foi identificada a relação retórica núcleo-satélite de *background* (*fundo*), com a finalidade de subsidiar o núcleo na compreensão do seu conteúdo, na medida que a UI (2) deixa o leitor mais capaz para compreender a ação de (3 - 13). Assim, o satélite, registra uma observação, segundo Dráuzio Varella, sobre o que é a velhice, chamando a atenção para o fato de que "o envelhecimento (...) é um processo que requer sabedoria, saúde e paciência. Sabedoria para lidar com as adversidades, saúde para se manter vivo e paciência para encarar a vida assumindo um ritmo mais ponderado."

A porção (3 - 13) foi segmentada na porção (3 - 12), núcleo, e o satélite – UI (13), e é plausível informar a emergência da relação retórica de conclusão, entendendo que o satélite se encarrega de apresentar, com base nos dados apresentados na pirâmide, um posicionamento do produtor no que se refere à situação de idosos, no período entre 2013 e 2060. Dessa forma, o produtor conclui que "A pirâmide tem base estreita com corpo mais afunilado e topo mais largo. Nesse viés, pessoas com mais de 65 anos serão mais de um quarto da população brasileira." A relação de *conclusão* é aqui defendida pela proposta de Carlson e Marcu (2001), para quem um satélite de *conclusão* apresenta um julgamento fundamentado ou decisão final com relação à situação proposta no núcleo.

Dando prosseguimento à análise, tomamos a porção (3 - 12) que foi segmentada em (3 - 4) e (5 - 12), emergindo, entre elas a relação núcleo-satélite de *elaboração*. Assim, a porção (3 - 4), no papel de núcleo, apresenta a informação mais central, com relação ao satélite (5 - 12), que se encarrega de, mediante o acréscimo de dados, caracterizar o núcleo.

A unidade (3 - 4) foi, ainda, segmentada na UI (3) e na UI (4). A primeira, núcleo, aborda a expectativa de vida, no século XX, 40 a 50 anos, bem como a probabilidade de aumento dessa expectativa, o que motivou estudos referentes a essa temática. Por essa razão, a UI (3) sinaliza a pesquisa que deu origem ao "gráfico em que se apresenta o desenvolvimento etário da população por meio de pirâmides etárias absolutas."

Dessa forma, a UI (4), na função de satélite, se presta à especificação do conteúdo do núcleo, e, assim, adiciona dados com fins a informar que "A expressão Pirâmide Etária refere-se a um gráfico para identificar a população de um determinado país ou região, agrupando os

habitantes em faixas de idade e dividindo-os pelo sexo. Em linhas gerais, a medida que um país se desenvolve, a sua população vai ficando mais velha."

A porção (5 - 12), conforme já exposto, acrescenta dados, ou seja, informa outros itens a respeito do envelhecimento das pessoas e suas possíveis consequências. Em decorrência disso, a porção (5 - 12) foi segmentada nas UIs (5), (6 - 7), (8), (9), (10), (11) e (12). E, devido à enumeração dos dados em cada unidade de informação, anunciamos, como plausível, a emergência da relação retórica multinuclear de *lista*, por ser viável fazer uma comparação e verificar diferenças marcantes entre elas. Para melhor descrever essa unidade, apresentamos o conteúdo de cada uma.

A UI (5) mostra, no gráfico, que, "com o passar dos anos, a base da pirâmide vem diminuindo, enquanto a porção superior vem se alargando, indicando a queda na taxa de natalidade e o aumento da qualidade e expectativa de vida."

Já a UI (6) trata de expor fatores que provocam a alteração da pirâmide, "como o aumento do Índice de desenvolvimento humano, elevação dos investimentos em saúde e educação contribuem para o aumento da expectativa de vida. Por sua vez, as taxas de natalidade tendem a cair em função do aumento do planejamento familiar e da inclusão da mulher no mercado de trabalho."

A UI (7) aborda questões sobre o aumento da expectativa de vida. Por um lado e de forma preocupante, essa questão acarreta, segundo o IBGE, o "fato que obrigou a Previdência Social a pagar os benefícios por um período longo, o que não havia sido previsto antes. Outro fator agravante é que se a população das próximas décadas, (...) as famílias terão que se preparar para tomar conta dessas pessoas devido ao fato de que nem todos envelhecem com saúde."

A exposição de ideias, ou argumentos do produtor tem continuidade na UI (8), com a finalidade de fazer uma comparação entre os dados da pirâmide em 2103 e (2040). Esses dados comprovam que "A população de 5 a 34 anos, que na primeira pirâmide etária se encontrava no topo, diminuiu e o número de pessoas com mais de 60 anos aumentou."

Na UI (9), o produtor chama a atenção para o fato de que os dados da pirâmide devem ser analisados por pessoas especializadas, visto que a exposição deles "ocorre de maneira detalhada e requer estudos específicos e científicos sobre o assunto, não sendo possível qualquer cidadão expor esses dados que são apurados por especialistas no assunto, através de pesquisas de campo. Isso pode ser comprovado na pirâmide etária estipulada para 2060, em que as pessoas com 55 a 59 anos serão maioria, quase atingindo 8 milhões."

A UI (10) se ocupa de colocar em relevo informações sobre as mulheres e, assim, relata: “É notável nas três pirâmides apresentadas que as mulheres são em maior número em quase todas as idades, porém, na 3ª o número de mulheres com mais de 85 anos ultrapassa com grande diferença em relação aos homens.”

Para dar continuidade à descrição, focalizamos a UI (11) que trata da clareza de percepção de que, em 2060, a população será constituída de grande número de pessoas mais velhas devido à melhoria da qualidade de vida no futuro, refletindo no aumento da expectativa de vida.

Concluindo a análise da porção constituída de relações multinucleares, apresentamos a UI (12) que retoma fatores como o aumento do Índice de desenvolvimento humano, elevação dos investimentos em saúde e educação focando que eles contribuem para o aumento da expectativa de vida. Faz, também, alusão às taxas de natalidade que tendem a cair em função do aumento do planejamento familiar e da inclusão da mulher no mercado de trabalho.

Após a conclusão da análise do texto R16 M3 – GTDC, registramos a ocorrência das relações retóricas na Tabela 27.

Tabela 27: Ocorrência das relações retóricas em R16 M3 – GTDC

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	fundo (*background*)	1
	conclusão	1
	elaboração	3
	preparação	1
multinuclear	lista	1
Total	**5**	**7**

4.2.2.3.13 Análise de R17 M3 - GPD

Gráfico 8

> *O gráfico “O que os brasileiros estão lendo” retrata a preferência da população por leitura de revistas, 52%, e a leitura de livros totalizando 50%. Outros tipos de suportes de leituras também foram investigados como jornais, 48%, livros indicados pela escola, 34%, entre outros.*

O texto R17 M3- GPD foi segmentado em três unidades de informação, como exposto a seguir.

1. Gráfico 8
2. O gráfico “O que os brasileiros estão lendo” retrata a preferência da população por leitura de revistas, 52%, e a leitura de livros totalizando 50%.
3. Outros tipos de suportes de leituras também foram investigados como jornais, 48%, livros indicados pela escola, 34%, entre outros.

A RST foi utilizada, mais uma vez, como aporte teórico para análise, o que possibilitou identificar a estrutura retórica do texto R17 M3 - GPD, demonstrada na Figura 45.



Figura 45: Diagrama da estrutura retórica de R17 M3 - GPD

As unidades de informação (1 - 3) foram segmentadas na UI (1), satélite, e na porção (2 - 3), núcleo e, mais uma vez, é plausível informar a emergência, entre elas, da relação retórica de *preparação*, pois o leitor se sente interessado em ler o conteúdo do núcleo.

A porção (2 - 3), com o objetivo de enumerar as duas informações veiculadas pelo Gráfico 8, foi segmentada na UI (2) e na UI (3), emergindo, entre elas a relação multinuclear de *lista*. Assim, a UI (2) assinala que o gráfico “retrata a preferência da população por leitura de revistas, 52%, e a leitura de livros totalizando 50%” e a UI (4) se restringe a informar que “Outros tipos de suportes de leituras também foram investigados como jornais, 48%, livros indicados pela escola, 34%, entre outros.”

Anunciamos, a seguir, a Tabela 28, indicando a ocorrências das relações retóricas em R17 M3- GPD.

Tabela 28: Ocorrência das relações retóricas em R17 M3 - GPD

Tipo da relação	**Nome da relação**	**Ocorrência**
núcleo-satélite	preparação	1
multinuclear	lista	1
Total	**2**	**2**

4.2.2.3.14 Análise de R18 M3 – GTDC

Considerando a Teoria da Estrutura Retórica, o texto R18 M3- GPD foi segmentado em oito unidades de informação, como demonstrado a seguir:

> *Como se dá a distribuição da leitura no Brasil*
>
> *A leitura, atualmente, além de ser uma atividade ligada à informação, também é muito relacionada ao entretenimento. Isso pode ser observado levando em consideração que a grande maioria da população lê frequentemente revistas, que assim como os jornais, apresentam uma grande variedade de conteúdo, que ultrapassa notícias e estudos científicos, uma vez que também são publicadas as fofocas, curiosidades sobre celebridades, novelas, por exemplo. Os livros também são muito lidos pelo público, já que seu conteúdo pode atingir as mais distintas faixas-etárias.*
>
> *Mesmo com a onipresença da tecnologia em nossas vidas, quando o assunto é leitura, sua influência não é tão significante – de acordo com uma pesquisa do Instituto Pró-livro divulgada em 2008, pois por mais que a tecnologia tenha conquistado seu espaço, o livro ainda é procurado pela população.*
>
> *No retrato da leitura no Brasil, as revistas assumem o primeiro lugar com uma estimativa de 52%, totalizando 9,5 milhões de preferência, seguida de livros e jornais, com 50% e 48% respectivamente. A leitura através de recursos digitais, por sua vez, aparece com o 7º lugar no ranking com apenas 20%. Sendo superada até mesmo pelos livros indicados pela escola- 34% - e textos escolares – 30%.*
>
> *Pela limitação do público alvo, textos e livros escolares, textos de trabalhos e na internet, além de história em quadrinho, acabam recebendo uma classificação mais baixa, ficando entre 15%e 34% entre os leitores.*
>
> *Por outro lado, existem também textos com uma porcentagem baixa de leitores, com destaque para o braile (0,2%) representando 409mil pessoas, por ser um recurso de leitura mais específico, porém não exclusivo de deficientes visuais, assim como os áudio-livros, ou seja, geralmente os indivíduos que não possuem deficiência optam por outros tipos de leitura. Livros digitais também são pouco explorados principalmente por apresentarem disponíveis para poucos, desmotivando o leitor a usá-los.*
>
> *Quando se trata de livros digitais, os índices são ainda menores, com apenas 2%. Porém, é necessário considerar que a pesquisa foi realizada em 2008. Logo, é seguro ressaltar que uma década depois a tecnologia fez-se muito mais presente no cotidiano dos brasileiros. Nesse viés, o índice de leitura por recursos digitais provavelmente progrediu.*
>
> *Um aspecto a ser mais investigado é a relação que se faz com leitura e escola, pois os dados resultam baixo índice de leitura de livros indicados pela escola (34%). Apesar de terem descritos tipos de leituras através de um gráfico, pouco se sabe sobre como acabar com os baixos níveis de leitura realizadas pelos brasileiros. Alguns estudiosos admitem-se que a queda dos níveis de leitura está associada a falta de tempo e de dinheiro, devido ao exaustivo tempo gasto para trabalhar e ao alto custo de um livro no Brasil.*

Segmentação do texto R18 M3 - GTDC em unidades de informação:

1. Como se dá a distribuição da leitura no Brasil

2. A leitura, atualmente, além de ser uma atividade ligada à informação, também é muito relacionada ao entretenimento. Isso pode ser observado levando em consideração que a

grande maioria da população lê frequentemente revistas, que assim como os jornais, apresentam uma grande variedade de conteúdo, que ultrapassa notícias e estudos científicos, uma vez que também são publicadas as fofocas, curiosidades sobre celebridades, novelas, por exemplo. Os livros também são muito lidos pelo público, já que seu conteúdo pode atingir as mais distintas faixas-etárias.

3. Mesmo com a onipresença da tecnologia em nossas vidas, quando o assunto é leitura, sua influência não é tão significante – de acordo com uma pesquisa do Instituto Pró-livro divulgada em 2008, pois por mais que a tecnologia tenha conquistado seu espaço, o livro ainda é procurado pela população.

4. No retrato da leitura no Brasil, as revistas assumem o primeiro lugar com uma estimativa de 52%, totalizando 9,5 milhões de preferência, seguida de livros e jornais, com 50% e 48% respectivamente. A leitura através de recursos digitais, por sua vez, aparece com o 7º lugar no ranking com apenas 20%. Sendo superada até mesmo pelos livros indicados pela escola- 34% - e textos escolares – 30%.

5. Pela limitação do público alvo, textos e livros escolares, textos de trabalhos e na internet, além de história em quadrinho, acabam recebendo uma classificação mais baixa, ficando entre 15%e 34% entre os leitores.

6. Por outro lado, existem também textos com uma porcentagem baixa de leitores, com destaque para o braile (0,2%) representando 409mil pessoas, por ser um recurso de leitura mais específico, porém não exclusivo de deficientes visuais, assim como os áudio-livros, ou seja, geralmente os indivíduos que não possuem deficiência optam por outros tipos de leitura. Livros digitais também são pouco explorados principalmente por apresentarem disponíveis para poucos, desmotivando o leitor a usá-los.

7. Quando se trata de livros digitais, os índices são ainda menores, com apenas 2%. Porém, é necessário considerar que a pesquisa foi realizada em 2008. Logo, é seguro ressaltar que uma década depois a tecnologia fez-se muito mais presente no cotidiano dos brasileiros. Nesse viés, o índice de leitura por recursos digitais provavelmente progrediu.

8. Um aspecto a ser mais investigado é a relação que se faz com leitura e escola, pois os dados resultam baixo índice de leitura de livros indicados pela escola (34%). Apesar de terem descritos tipos de leituras através de um gráfico, pouco se sabe sobre como acabar com os baixos níveis de leitura realizadas pelos brasileiros. Alguns estudiosos admitem-se que a queda dos níveis de leitura está associada a falta de tempo e de dinheiro, devido ao exaustivo tempo gasto para trabalhar e ao alto custo de um livro no Brasil.

O texto foi segmentado em 8 unidades de informação e, antes da descrição, apresentamos a estrutura retórica de R18 M3- GTDC, na Figura 46, a seguir.

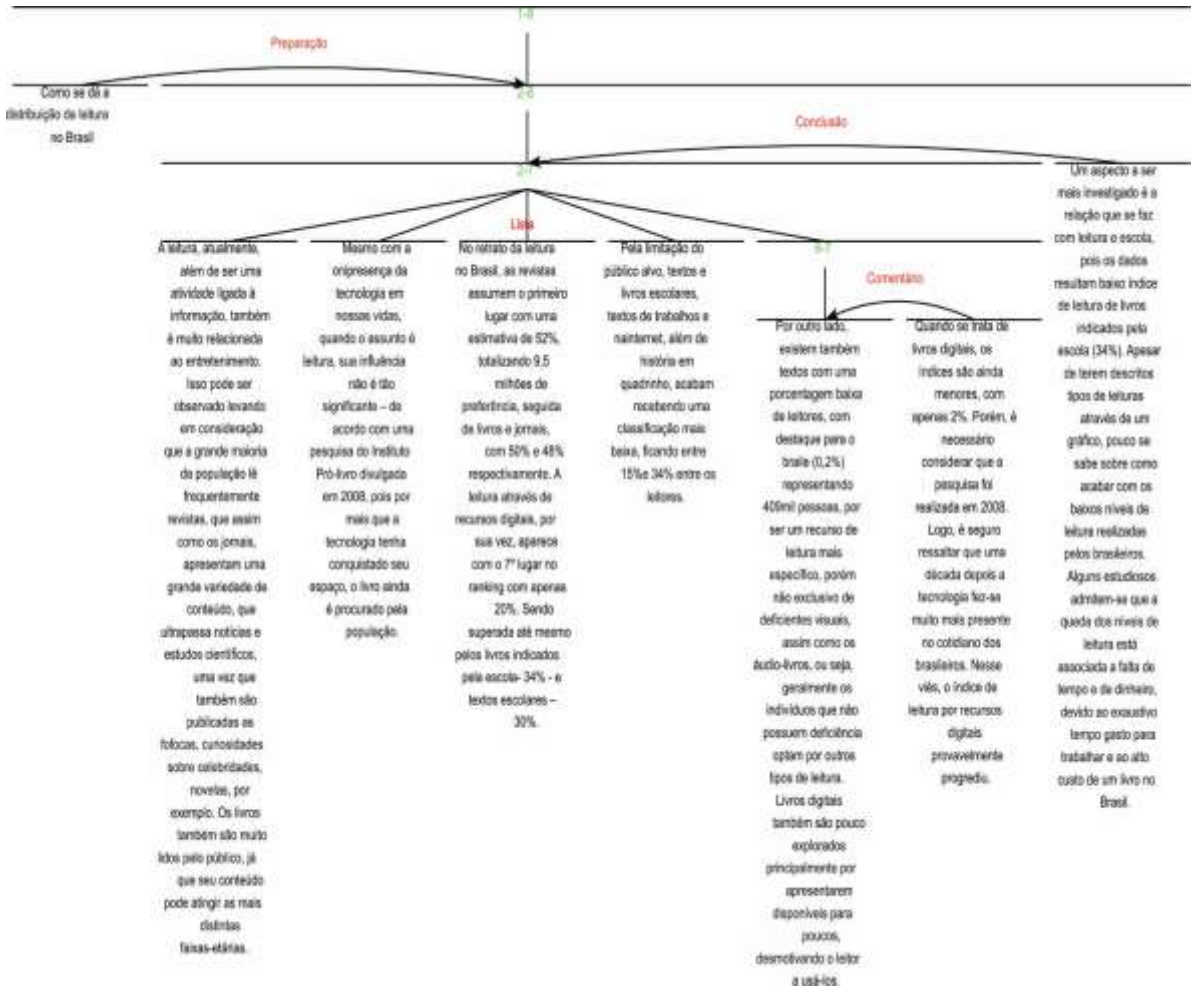


Figura 46: Diagrama da estrutura retórica de R18 M3 - GTDC

A Figura 46 retrata o diagrama da estrutura retórica do texto, em que, mais uma vez é identificada a emergência da relação retórica de *preparação* entre a UI (1), satélite e título, e a porção (2 - 8), visto que o satélite convida o leitor a ler o conteúdo do núcleo, com fins de ter conhecimento de "Como se dá a distribuição da leitura no Brasil."

O produtor do texto garantiu a exposição de suas ideias em uma porção maior, formada pelas UIs (2 - 7), núcleo, e a UI (8), satélite, emergindo, entre elas a relação retórica núcleo-satélite de *conclusão*. Essa relação retórica se torna plausível porque a UI (8) veicula uma situação de julgamento fundamentado, ou uma decisão final com relação à situação apresentada no núcleo. Nessa perspectiva, o satélite aponta que, diante dos dados obtidos, três questões precisam ser verificadas: "(...) a relação que se faz com leitura e escola, pois os dados resultam baixo índice de leitura de livros indicados pela escola (34%)"; "(...) pouco se

sabe sobre como acabar com os baixos níveis de leitura realizadas pelos brasileiros" e "Alguns estudiosos admitem-se que a queda dos níveis de leitura está associada a falta de tempo e de dinheiro, devido ao exaustivo tempo gasto para trabalhar e ao alto custo de um livro no Brasil."

Voltamos à porção (2 - 7), segmentada nas UIs (2), (3), (4), (5), (6 - 7), e é plausível sugerir que emerge, entre elas, uma relação multinuclear de *lista*, uma vez que são informadas as maneiras como se dá o processo de leitura no Brasil, de forma que a UI (2) aborda a "leitura, atualmente, além de ser uma atividade ligada à informação, também é muito relacionada ao entretenimento." A UI (3) enfatiza que, embora a tecnologia tenha se tornado onipresente na vida das pessoas, sua influência não é tão significante, porque, "de acordo com uma pesquisa do Instituto Pró-livro divulgada em 2008, (...) o livro ainda é procurado pela população."

A UI (4) relata dados a respeito da pesquisa, informando que, "no retrato da leitura no Brasil, as revistas assumem o primeiro lugar com uma estimativa de 52%, totalizando 9,5 milhões de preferência, seguida de livros e jornais, com 50% e 48% respectivamente." Além disso, enfatiza a "leitura através de recursos digitais, por sua vez, aparece com o 7º lugar no ranking com apenas 20%. Sendo superada até mesmo pelos livros indicados pela escola- 34% - e textos escolares – 30%."

Em continuidade da exposição das ideias, a UI (5) reporta que, por limitação do público alvo, a classificação mais baixa ficou por conta dos "textos e livros escolares, textos de trabalhos e na internet, além de história em quadrinho, (...) ficando entre 15%e 34% entre os leitores."

Por outro lado, a UIs (6 - 7) se ocupam dos livros em braile e dos livros digitais, o que nos direcionou a segmentá-las na UI (6) e na UI (7), de forma que a primeira, na função de núcleo, salienta "uma porcentagem baixa de leitores, com destaque para o braile (0,2%) representando 409mil pessoas, por ser um recurso de leitura mais específico", justificada pelo fato de uso "não exclusivo de deficientes visuais, assim como os áudio-livros, ou seja, geralmente os indivíduos que não possuem deficiência optam por outros tipos de leitura." Ressaltam-se, inclusive, os Livros digitais que também não são muito explorados porque, por estarem disponíveis para poucos, desmotivam o leitor a usá-los.

Ao verificar a UI (7), no papel de satélite, percebemos que ela se encarrega de apresentar uma observação do produtor, utilizando argumentos fundamentados fora do texto. Ao discorrer sobre os 2% de leitura dos livros em braile, em 2008, salienta "que uma década depois a tecnologia fez-se muito mais presente no cotidiano dos brasileiros. Nesse viés, o

índice de leitura por recursos digitais provavelmente progrediu.” Esses argumentos nos direcionam a informar a emergência da relação retórica de *comentário* entre as UIs (6) e (7).

Ao finalizar a análise, passamos a apresentação da Tabela 29, anunciando a emergência das relações retóricas no texto R18 M3 - GTDC.

Tabela 29: Ocorrência das relações retóricas em R18 M3 – GTDC

Tipo da relação	Nome da relação	Ocorrência
núcleo-satélite	comentário	1
	conclusão	1
	preparação	1
multinuclear	lista	1
Total	**4**	**4**

4.2.2.4 Síntese da análise pela RST

A Tabela 30, a seguir, tem o objetivo de demonstrar a ocorrência das relações retóricas nos textos analisados neste estudo.

Tabela 30: Ocorrência das relações retóricas no *corpus*

Relações retóricas		Gêneros			Total geral	Ordem/ Ocorrência
Tipo	Nome	Gráficos (2, 6, 7, 8, 9)	GPD	GTDC		
núcleo-satélite	antítese	-	-	1	1	7º
	atribuição	1	-	-	1	7º
	avaliação	-	-	2	2	6º
	capacitação	4	-	-	4	5º
	comentário	-	-	1	1	7º
	conclusão	-	1	6	7	4º
	elaboração	22	7	13	42	2º
	evidência	-	-	1	1	7º
	fundo (*background*)	-	-	4	4	5º
	justificativa	-	-	2	2	6º
	preparação	8	7	15	30	3º
	resultado	-	-	1	1	7º
multinuclear	lista	21	10	12	43	1º
	sequência	5	1	1	7	4º
Total		**61**	**26**	**59**	**146**	

4.2.2.5 Análise das operações de retextualização, em texto de GPD e GTDC produzidos pelos alunos

No processo de retextualização dos textos a seguir, levando em conta a transformação de um gênero com linguagem ora mista[11] (gráfico), ora verbal, para outros gêneros de linguagem verbal (parágrafo descritivo (GPD) e texto de divulgação científica (GTDC)), considerando as condições de produção (objetivos, escolhas temáticas, relação entre as partes do texto, propósito), tecemos comentários sobre a ocorrência das operações de transformação descritas por Marcuschi (2007, p.75).

Esclarecemos que optamos por apresentar, primeiro, os textos das retextualizações na íntegra a fim de facilitar a leitura e a compreensão da análise. Na sequência, tecemos os comentários acerca das operações de retextualização, justificados por ocorrências delas nos segmentos textuais.

De acordo com o funcionamento da linguagem produzida, ou seja, de acordo com a leitura dos textos identificamos e explicamos as operações. Esse processo envolveu operações de escolhas linguísticas e discursivas, além das escolhas de expressão do produtor do texto.

4.2.2.5.1 Análise de R1 M1- GPD

Gráfico 6

> *O gráfico apresenta as principais causas do sucesso de uma empresa, segundo pequenos empresários, no qual "a presença de um bom administrador" e "o bom conhecimento do mercado" foram as respostas mais votadas, e as menos votadas foram "capacidade de correr riscos" e "aproveitamento das oportunidades".*

O texto R1 M1 - GPD apresenta a retextualização, descrevendo o gráfico em sua totalidade, ou seja, em um único parágrafo são apontadas as principais informações, resultando numa *operação de reformulação* que implica em colocar linguisticamente os dados do gráfico sem fazer uso de outras fontes de pesquisa.

[11] Linguagem mista: linguagem verbal e não verbal.

4.2.2.5.2 Análise de R2 M1 – GTDC

Pequenas empresas: o futuro do Brasil

A criação de pequenas empresas tem se tornado cada vez mais recorrente no país. É uma situação que se deu principalmente na atual crise que apresenta altos índices de desemprego e, para escapar da situação, alguns empresários se reinventaram como autônomos ou microempresários.

Por isso, pensando em ajudar os novatos da área empresarial, o Mundo Educação realizou uma pesquisa com pequenos empresários sobre o que eles consideram causas de sucesso de uma empresa. Especialistas no assunto elaboraram um gráfico em que alertam para as seis principais causas de sucesso de uma empresa de acordo com a opinião de pequenos empresários.

A pesquisa disponibilizou 6 causas da prosperidade empresarial e relacionou-as com a porcentagem de respostas: capacidade de correr riscos, aproveitamento das oportunidades, perseverança do dono, dinheiro próprio, do conhecimento do mercado, presença de um bom administrador.

Entre as respostas mais votadas, numa escala de 0 a 60, encontram-se a presença de um bom administrador, aproximadamente, (55%), bom conhecimento do mercado (38%) e capital próprio para evitar o endividamento (18%).

Além disso, outras respostas menos votadas, mas importantíssimas para validação da pesquisa são perseverança do dono de correr riscos (12%), aproveitamento de oportunidades (15%). Dessa forma, ao seguir a última resposta da pesquisa, a empresa criada para superar a crise, torna-se um empreendimento próspero e duradouro.

Segundo as informações apresentadas, a caraterística que mais se destaca é a presença de um bom administrador, o que conclui-se que possuí-la faz com que as outras causas sejam dominadas, uma vez que um indivíduo bem capacitado abre portas para a empresa se firmar no mercado de trabalho.

Neste cenário, o indivíduo caracterizado como um bom administrador – aquele que possui habilidade e competência adequada de administrar - é essencial para tornar a empresa um grande negócio. Não custa recapitular: de 0 a 60 atingiu um percentual de respostas de mais de 55%.

Ao se apropriar da intertextualidade, R2 M1 iniciou o texto se apoiando em outras leituras, além do gráfico, para compô-lo. De início, é elaborada uma introdução que aponta os principais fatos para a abertura de pequenas empresas atualmente, o que gerou uma *operação de causa /consequência*, como se percebe no segmento destacado:

> *"A criação de pequenas empresas tem se tornado cada vez mais recorrente no país. É uma situação que se deu principalmente na atual crise que apresenta altos índices de desemprego e, para escapar da situação, alguns empresários se reinventaram como autônomos ou microempresários."*

Na porção a seguir, o produtor do texto faz aplicar uma *operação de conclusão*, mas ao mesmo tempo introduz o motivo pelo qual o gráfico foi criado pela revista "Mundo educação", o que podemos entender como uma ideia conclusiva e aditiva, já que apresenta o gráfico sobre as pequenas empresas.

> *"Por isso, pensando em ajudar os novatos da área empresarial, o Mundo Educação realizou uma pesquisa com pequenos empresários sobre o que eles consideram causas de sucesso de uma empresa. Especialistas no assunto elaboram um gráfico em que alertam para as seis principais causas de sucesso de uma empresa de acordo com a opinião de pequenos empresários."*

> *A pesquisa disponibilizou 6 causas da prosperidade empresarial e relacionou-as com a porcentagem de respostas: capacidade de correr riscos, aproveitamento das oportunidades, perseverança do dono, dinheiro próprio, bom conhecimento do mercado, presença de um bom administrador.*
>
> *Entre as respostas mais votadas, numa escala de 0 a 60, encontram-se a presença de um bom administrador, aproximadamente, (55%), bom conhecimento do mercado (38%) e capital próprio para evitar o endividamento (18%).*
>
> *Além disso, outras respostas menos votadas, mas importantíssimas para validação da pesquisa são perseverança do dono de correr riscos (12%), aproveitamento de oportunidades (15%). Dessa forma, ao seguir a última resposta da pesquisa, a empresa criada para superar a crise, torna-se um empreendimento próspero e duradouro."*

Ao se apropriar da intertextualidade, R2 M1 iniciou o texto se apoiando em outras leituras, além do gráfico, para compô-lo. De início, é elaborada uma introdução que aponta os principais fatos para a abertura de pequenas empresas atualmente, o que gerou uma *operação de causa /consequência*, como se percebe no segmento destacado:

> "A criação de pequenas empresas tem se tornado cada vez mais recorrente no país. É uma situação que se deu principalmente na atual crise que apresenta altos índices de desemprego e, para escapar da situação, alguns empresários se reinventaram como autônomos ou microempresários."

Na porção a seguir, o produtor do texto faz aplica uma *operação de conclusão*, mas ao mesmo tempo introduz o motivo pelo qual o gráfico foi criado pela revista "Mundo educação", o que podemos entender como uma ideia conclusiva e aditiva, já que apresenta o gráfico sobre as pequenas empresas.

> *"Por isso, pensando em ajudar os novatos da área empresarial, o Mundo Educação realizou uma pesquisa com pequenos empresários sobre o que eles consideram causas de sucesso de uma empresa. Especialistas no assunto elaboram um gráfico em que alertam para as seis principais causas de sucesso de uma empresa de acordo com a opinião de pequenos empresários.*
>
> *A pesquisa disponibilizou 6 causas da prosperidade empresarial e relacionou-as com a porcentagem de respostas: capacidade de correr riscos, aproveitamento das oportunidades, perseverança do dono, dinheiro próprio, bom conhecimento do mercado, presença de um bom administrador.*
>
> *Entre as respostas mais votadas, numa escala de 0 a 60, encontram-se a presença de um bom administrador, aproximadamente, (55%), bom conhecimento do mercado (38%) e capital próprio para evitar o endividamento (18%).*
>
> *Além disso, outras respostas menos votadas, mas importantíssimas para validação da pesquisa são perseverança do dono de correr riscos (12%), aproveitamento de oportunidades (15%). Dessa forma, ao seguir a última resposta da pesquisa, a empresa criada para superar a crise, torna-se um empreendimento próspero e duradouro."*

No trecho acima, R2 M1 o produtor descreve como se realizou a pesquisa que resultou em um gráfico. Para tanto, são citados o tema do gráfico "Prosperidade empresarial" e as causas que foram definidas para a pesquisa. Temos, neste momento, a operação de *elaboração* por descrever de que forma o gráfico foi feito. Na sequência, o texto apresenta os

dados estatísticos em que se concebe um gráfico, bem como as respostas mais votadas e menos votadas, culminando em um processo de interpretação da leitura do gráfico.

Ao dar segmento ao trecho, R2 M1 processa uma operação de *conclusão*, mediante a utilização do marcador discursivo[12] "Dessa forma" e apresenta a sua opinião, centrada na ideia do gráfico, se apropriando dos adjetivos" próspero e duradouro", como evidenciado em: *"Dessa forma, ao seguir a última resposta da pesquisa, a empresa criada para superar a crise, torna-se um empreendimento próspero e duradouro."*

O produtor dá continuidade ao texto no trecho destacado:

> "Segundo as informações apresentadas, a caraterística que mais se destaca é a presença de um bom administrador, o que conclui-se que possuí-la faz com que as outras causas sejam dominadas, uma vez que um indivíduo bem capacitado abre portas para a empresa se firmar no mercado de trabalho."

A análise dessa porção textual, verifica-se que R2 M1 traz, mais uma vez, as informações do gráfico ao fazer aplica uma operação de *conclusão*, registrada em: *"... o que conclui-se que possuí-la faz com que as outras causas sejam dominadas, uma vez que um indivíduo bem capacitado abre portas para a empresa se firmar no mercado de trabalho*."

R2 M1 finaliza o texto numa operação de *reformulação* do que foi falado anteriormente, reafirmando a sua ideia de que habilidade e competência são fundamentais para o sucesso de uma empresa, provavelmente na sua interpretação do gráfico e outras leitura realizadas, conforme evidenciado no segmento:

> "Neste cenário, o indivíduo caracterizado como um bom administrador – aquele que possui habilidade e competência adequada de administrar - é essencial para tornar a empresa um grande negócio. Não custa recapitular: de 0 a 60 atingiu um percentual de respostas de mais de 55%."

4.2.2.5.3 Análise de R3 M1 – GPD

Gráfico 7

> *Neste gráfico são apresentadas pirâmides etárias, do ano vigente e estimativas. A primeira apresenta base mais larga, maior número de jovens, e topo estreito, com baixa expectativa de vida, as outras apresentam base mais estreita e topo mais largo com aumento da expectativa de vida.*

O produtor apresenta a sua retextualização descrevendo o gráfico em sua formação estética, além de destacar os dados. O que chama atenção, nessa retextualização, é o fato de o

[12] Marcador discursivo: Segundo Koch, 2001.

texto ser formado de um único parágrafo e apresentar o tipo de gráfico utilizado, no caso, em forma de pirâmides. Em um processo de *condensação* de ideias, R3 M1 produz o seu texto.

4.2.2.5.4 Análise de R4 M1 - GTDC

> *População brasileira das próximas quatro décadas será a maioria idosos*
>
> *O envelhecimento da população brasileira está diretamente relacionado ao fenômenos genéticos e moleculares comprovados através de estudos com células e organismos vivos. Por intermédio da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constatou-se que nunca um número tão grande de pessoas viveu tanto A projeção realizada nesta pesquisa, acerca da faixa etária da população brasileira no período de 2013, 2040 e 2060, apontou que com o passar do tempo, o Brasil apresentará uma população cada vez mais velha, ou seja, o número de idosos superará as outras faixas etárias (crianças – jovens).*
>
> *Hoje há 26 milhões de idosos (12,5% da população) no Brasil. Segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pessoas com mais de 65 anos serão mais de um quarto dos brasileiros em 2060. Segundo projeção do IBGE, o percentual desse grupo representa 7,4% do total de pessoas que vivem no país em 2013. Para adaptar a essa nova realidade, todos terão de se preparar para esse novo cenário, através de criação de políticas públicas, pelos governantes, que deem acesso aos idosos à moradia, transporte, saúde, trabalho e participação social.*
>
> *Outro fator preocupante pode estar ligado às doenças associadas ao envelhecimento, as quais devem se tornar mais comum com o passar dos anos. Além desses aspectos, encontra-se o fato da população atual ter cada vez menos filhos, o que diminui drasticamente a taxa de natalidade perceptível nos gráficos da pesquisa. Outrossim, é notório no gráfico que a expectativa de vida crescerá, que grande parte da população brasileira atingirá ou passará dos 90 anos de idade.*

Para iniciar a análise de R4 M1 – GTDC, focalizamos o trecho a seguir:

> *"O envelhecimento da população brasileira está diretamente relacionado ao fenômenos genéticos e moleculares comprovados através de estudos com células e organismos vivos. Por intermédio da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constatou-se que nunca um número tão grande de pessoas viveu tanto. A projeção realizada nesta pesquisa, acerca da faixa etária da população brasileira no período de 2013, 2040 e 2060, apontou que com o passar do tempo, o Brasil apresentará uma população cada vez mais velha, ou seja, o número de idosos superará as outras faixas etárias (crianças – jovens)."*

No primeiro parágrafo, R4 M1 já apresenta os principais fatores que levam ao envelhecimento, através de um processo de antecipação para o leitor, o que não deixa de ser uma forma instigante de se iniciar um texto, pois causa curiosidade no leitor. Ao citar os fatores "genéticos e moleculares", R4 M1 opera com a voz da autoridade para que seus dados não provoquem dúvidas nos leitores. Os dados apresentados trazem informações baseadas no gráfico "Pirâmides etárias" e em outras leituras advindas dessa temática.

Neste trecho, também, é possível perceber que R4 M1 de antemão, já responde às projeções futuras sobre o número de idosos, que seria o resultado final da pesquisa. Mas numa operação de *condensação*, ela já apresenta esse dado no primeiro trecho escrito.

> *"Hoje há 26 milhões de idosos (12,5% da população) no Brasil. Segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pessoas com mais de 65 anos serão mais de um quarto dos brasileiros em 2060. Segundo projeção do IBGE, o percentual desse grupo representa 7,4% do total de pessoas que vivem no país em 2013. Para adaptar a essa nova realidade, todos terão de se preparar para esse novo cenário, através de criação de políticas públicas, pelos governantes, que deem acesso aos idosos à moradia, transporte, saúde, trabalho e participação social."*

Nessa porção textual, R4 M1 utiliza de uma operação de *reformulação* /interpretação aos dados citados anteriormente apresentando um bom grau de explicitude sobre os idosos, dados embasados, mais uma vez, na voz da autoridade, para reforçar as suas informações descritas.

Em seguida, R4 M1 apresenta soluções para nos adaptarmos a essa nova realidade em *"...todos terão de se preparar para esse novo cenário, através de criação de políticas públicas, pelos governantes, que deem acesso aos idosos à moradia, transporte, saúde, trabalho e participação social"*, trazendo uma ideia de *solução* para evitarmos problemas futuros.

Para dar continuidade à tessitura do texto, R4 M1 apresenta um outro fator que poderá acarretar problemas aos idosos, que está relacionado às doenças do envelhecimento e, neste ponto, fica marcada a ideia de *adição* de informação à temática abordada. Essa operação é exemplificada no segmento:

> *"Outro fator preocupante pode estar ligado às doenças associadas ao envelhecimento, as quais devem se tornar mais comum com o passar dos anos. Além desses aspectos, encontra-se o fato da população atual ter cada vez menos filhos, o que diminui drasticamente a taxa de natalidade perceptível nos gráficos da pesquisa. Outrossim, é notório no gráfico que a expectativa de vida crescerá, que grande parte da população brasileira atingirá ou passará dos 90 anos de idade."*

Essa ideia prossegue ao apontar, também, o fato da população atual ter menos filhos. Na frase seguinte, a leitura que ela faz do gráfico é a de que a expectativa de vida crescerá podendo chegar aos 90 anos ou mais, dando continuidade ao processo de *adição* de fatores que contribuem para o aumento de vida da população.

No parágrafo final, R4 M1 retoma o fator "doenças do envelhecimento" num processo de *reformulação* em resposta ao que fora citado no primeiro parágrafo do texto, dando uma abordagem mais detalhada e explicativa. Percebe-se que R4 M1 produziu essa retextualização

utilizando-se de um modelo típico de texto dissertativo-argumentativo, como apresentado a seguir:

> *"As doenças associadas ao envelhecimento devem se tornar mais comuns, em paralelo a essas mudanças, ocorreu ao longo do último século um avanço jamais visto na compreensão das causas do envelhecimento. Pesquisas apontam que a genética é talvez o fator biológico mais associado à longevidade e esse resultado leva alguns biólogos moleculares e geneticistas a defender a ideia de que o envelhecimento pode ser controlado por meio de estudos."*

4.2.2.5.5 Análise de R5 M1 – GPD

> *Gráfico 8 – o que os brasileiros estão lendo*
>
> *O gráfico apresenta quais os veículos de texto mais utilizados pelos brasileiros. Os três com maior destaque são: revistas, livros e jornais. Depois desses apresentam-se textos escolares, texto na internet, textos de trabalho, etc.*

O texto acima apresenta a descrição do gráfico com seus respectivos dados. Através de um processo de *condensação*, R5 M1 mostra, de forma resumida, os aspectos principais do gráfico e o resultado da pesquisa.

4.2.2.5.6 Análise de R6 M1 - GTDC

> *A leitura dos brasileiros*
>
> *O povo brasileiro, em sua grande maioria, não cultiva o hábito da leitura por lazer quanto menos por entretenimento. Para verificar os veículos textuais mais utilizados pela sociedade brasileira, o Instituto Pró-livro realizou uma pesquisa fundamentada em dados significativos para constituir um panorama atual sobre o ato de ler no Brasil.*
>
> *A falta do hábito de leitura, atualmente, é considerada um motivo de preocupação não apenas a nível nacional, mas também mundial. Quando um indivíduo não lê ele pode contrair uma síndrome crônica, de causas múltiplas com consequências do tipo depressão e alienação. Isso ocorre porque o indivíduo fica desconectado dos assuntos atuais, das discussões e perdido em qualquer contexto que se encontrar. Quem não lê fica restrito a acreditar no outro sem ter direito de contestar.*
>
> *Segundo a pesquisa "Retratos da leitura no Brasil", o veículo mais explorado por cerca de 90 milhões de entrevistados são as revistas dos mais diversos tipos. De modo impressionante, no segundo lugar, com 50% dos entrevistados estão os livros. Impressionante porque as últimas pesquisas apontavam que o brasileiro não gosta de lê nada. Nos dados apresentados, o ranking é liderado pelas revistas e livros, que possuem respectivamente, 90,5 milhões e 85,5 milhões de consumidores. Um fator que pode influenciar isso é o fato de que em nosso país, essas modalidades são bem comuns, tendo grande número de publicações, o que facilita o acesso a elas.*
>
> *Muitas vezes, seja pelo trabalho ou pela escola, estudantes e trabalhadores afirmam não ter tempo para leitura, porém são encontrados nas pesquisas. Aqueles que leem textos para fins didáticos e profissionais somam cerca de 75 milhões.*

> *Dessa forma, mesmo que não leia por lazer, o brasileiro apresenta o hábito de leitura.*
>
> *Além disso, observa-se que os jornais também possuem um alto índice, o que também pode ser explicado devido a fácil acessibilidade a ele, e até mesmo pelo baixo custo, ou melhor, enquanto um jornal custa em média R$5,00 o livro custa R$40,00. Por outro lado, livros digitais, audio-livros e livros em braile apresentam índices baixos, o que demonstra que ainda não conquistaram espaço no cenário nacional.*
>
> *Dessa forma, percebe-se a população brasileira opta por realizar leituras em meios mais acessíveis e mais práticos que estão presentes no cotidiano.*
>
> *Embora sem ter alcançado uma porcentagem mais relevante comparada aos leitores da França, por exemplo, os leitores de livros do Brasil são representados por 86, 5 milhões de pessoas. Uma taxa que vem assumindo uma melhora no índice de leitura nas últimas décadas. Estima-se que, entre 2010 a 2020 o percentual ultrapasse a 100 milhões de leitores.*

Na introdução do texto, R6 M1 apresenta uma crítica em relação à temática do gráfico sobre a leitura dos brasileiros, como exposto no trecho:

> *"O povo brasileiro, em sua grande maioria, não cultiva o hábito da leitura por lazer quanto menos por entretenimento. Para verificar os veículos textuais mais utilizados pela sociedade brasileira, o Instituto Pró-Livro realizou uma pesquisa fundamentada em dados significativos para constituir um panorama atual sobre o ato de ler no Brasil."*

Apesar de usar duas palavras sinônimas na mesma frase, "lazer e entretenimento", o sentido não é prejudicado. Em seguida, R6 M1 apresenta o motivo da crítica e utiliza um dado de origem idônea, "Instituto Pró-Livro", de onde partiu a ideia para a realização da pesquisa a fim de reforçar que se trata de uma pesquisa séria, num processo de *reafirmação* ao que foi dito anteriormente.

Para comentar mais uma operação de retextualização, tomamos, desta vez, a porção a seguir:

> *"A falta do hábito de leitura, atualmente, é considerada um motivo de preocupação não apenas a nível nacional, mas também mundial. Quando um indivíduo não lê ele pode contrair uma síndrome crônica, de causas múltiplas com consequências do tipo depressão e alienação. Isso ocorre porque o indivíduo fica desconectado dos assuntos atuais, das discussões e perdido em qualquer contexto que se encontrar. Quem não lê fica restrito a acreditar no outro sem ter direito de contestar."*

Esse segmento, constituindo o segundo parágrafo é marcado pelo processo de *justificação* à crítica feita anteriormente, a de que os brasileiros não têm o hábito de ler. Nessa porção textual, R6 M1 se apropria de estratégias textuais para conduzir à textualidade, como o operador *mas* dando ideia de adversidade "*... é considerada um motivo de preocupação não apenas a nível nacional, mas também mundial."*, bem como a ideia de temporalidade causal "*Quando um indivíduo não lê ele pode contrair uma síndrome crônica, de causas múltiplas com consequências do tipo depressão e alienação."* Depois é identificado um processo de

referenciação com o uso de pronome indefinido *isso* para justificar o que foi falado anteriormente. Para fechar o parágrafo R6 M1 faz uma reflexão que produz efeito no leitor: "*Quem não lê fica restrito a acreditar no outro sem ter direito de contestar.*"

Passamos aos comentários referentes à porção a seguir:

> *"Segundo a pesquisa "Retratos da leitura no Brasil", o veículo mais explorado por cerca de 90 milhões de entrevistados são as revistas dos mais diversos tipos. De modo impressionante, no segundo lugar, com 50% dos entrevistados estão os livros. Impressionante porque as últimas pesquisas apontavam que o brasileiro não gosta de lê nada. Nos dados apresentados, o ranking é liderado pelas revistas e livros, que possuem respectivamente, 90,5 milhões e 85,5 milhões de consumidores. Um fator que pode influenciar isso é o fato de que em nosso país, essas modalidades são bem comuns, tendo grande número de publicações, o que facilita o acesso a elas."*

A informação sobre quem realizou a pesquisa é a marca introdutória da porção textual acima, o que reforça a veracidade da pesquisa. Na mesma frase, R6 M1 já aponta o resultado da pesquisa: "*... o veículo mais explorado por cerca de 90 milhões de entrevistados são as revistas dos mais diversos tipos.*"

Através de uma expressão adverbial, "*De modo impressionante..."* em um processo de antecipação de que a informação que será dada pode causar espanto no leitor, R6 M1 afirma que os livros estão em segundo lugar. Novamente, repete o adjetivo "impressionante", no uso da operação de *elaboração* ao explicar que uma pesquisa anterior apontava que o brasileiro não gosta de ler nada. Além disso, R6 M1 recorre aos dados estatísticos numéricos para dar continuidade a sua justificativa.

O produtor dá continuidade ao texto com o segmento:

> *"Muitas vezes, seja pelo trabalho ou pela escola, estudantes e trabalhadores afirmam não ter tempo para leitura, porém são encontrados nas pesquisas. Aqueles que leem textos para fins didáticos e profissionais somam cerca de 75 milhões. Dessa forma, mesmo que não leia por lazer, o brasileiro apresenta o hábito de leitura."*

Nessa porção textual, R6 M1 utiliza aspectos do cenário da pesquisa, numa operação de *adição* "*... seja pelo trabalho ou pela escola, estudantes e trabalhadores afirmam não ter tempo para leitura...*" para mostrar, que mesmo aqueles que leem sem prazer, aparecem na pesquisa.

Mais uma vez, identificamos uma operação textual-discursiva que possibilitou ao produtor a tessitura textual na porção aqui destacada:

> *"Além disso, observa-se que os jornais também possuem um alto índice, o que também pode ser explicado devido a fácil acessibilidade a ele, e até mesmo pelo baixo custo, ou melhor, enquanto um jornal custa em média R$5,00 o livro custa R$40,00. Por outro lado, livros digitais, audio-livros e livros em braile apresentam*

> *índices baixos, o que demonstra que ainda não conquistaram espaço no cenário nacional."*

Na primeira frase do parágrafo acima, R6 M1 inicia com mais uma operação de *adição* "*Além disso, observa-se que os jornais também possuem um alto índice..."* e emprega, também, a operação de *elaboração* para explicar o aparecimento da leitura de jornais na pesquisa. *"... também pode ser explicado devido a fácil acessibilidade a ele, e até mesmo pelo baixo custo, ou melhor, enquanto um jornal custa em média R$5,00 o livro custa R$40,00."*

Ao finalizar o parágrafo, R6 M1 apresenta os dados que tiveram o resultado mais baixo do gráfico, elaborando mais uma vez o motivo de serem pouco consumidos: livros digitais, áudio-livros e livros em braile

Chegando ao fim de sua retextualização, R6 M1 revela a sua interpretação do gráfico com o segmento "*... percebe-se a população brasileira opta por realizar leituras em meios mais acessíveis e mais práticos ..."* aplicando uma operação de *condensação*, pois reúne todos os dados apresentados e condensa-os em *"...acessíveis e mais práticos ..."* em um processo de *adjetivação*.

A porção a seguir refere-se ao parágrafo que finaliza o texto:

> *"Embora sem ter alcançado uma porcentagem mais relevante comparada aos leitores da França, por exemplo, os leitores de livros do Brasil são representados por 86, 5 milhões de pessoas. Uma taxa que vem assumindo uma melhora no índice de leitura nas últimas décadas. Estima-se que, entre 2010 a 2020 o percentual ultrapasse a 100 milhões de leitores."*

Neste parágrafo, R6 M1 dispõe de mais um dado relevante da pesquisa, através de um processo de *adição/comparação* dos brasileiros com os leitores franceses "*Embora sem ter alcançado uma porcentagem mais relevante comparada aos leitores da França...*"

Observa-se, nessa retextualização, que R6 M1 utilizou com propriedade de estratégias linguísticas, textuais e discursivas para produzir o seu texto.

4.2.2.5.7 Análise de R7 F2 – GPD

> *Mostra o percentual das principais causas do sucesso de uma empresa, sendo que, segundo pequenos empresários que fizeram parte da pesquisa, a presença de um bom administrador é fundamental para o desenvolvimento do negócio.*

Neste parágrafo, R7 F2 inicia se texto com um verbo, sem mencionar de onde foram retirados os seus dados. Na segunda linha, afirma ser uma pesquisa e faz uso da operação de

condensação ao apresentar o resultado final, ou seja, o que tem o maior percentual de respostas dadas, sem se apoiar nos outros aspectos do gráfico.

4.2.2.5.8 Análise de R8 F2 – GTDC

> *As principais causas do sucesso de uma empresa*
>
> *De acordo com pesquisa divulgada no site Mundo Educação, a presença de um bom administrador é responsável por mais de 50% das causas do sucesso de uma empresa. Segundo pequenos empresários envolvidos na pesquisa vários fatores são responsáveis para um bom desenvolvimento de um negócio. Entre esses fatores, é possível citar o bom conhecimento de mercado em que se pretende atuar perfazendo um percentual de mais de 60% dos entrevistados. Ter bom conhecimento sobre negócios é ser preparado para enfrentar situações problemas e lidar com qualquer tipo de pessoa, é ter capacitação profissional, cursos de marketing, é ser um bom contador.*
>
> *Alguns psicólogos costumam identificar um bom investidor por meio de testes vocacionais. Mas pesquisas apontam que muitos empresários sofrem com doença do "pânico" por não conseguirem administrar bem os seus negócios. Outra doença recorrente nesta área é a compulsão por dinheiro, o que já ocorreu com a maioria dos empresários devido ao fato de não conseguirem lidar com a situação, pois quanto mais ganham mais querem.*
>
> *Um levantamento feito pela pesquisa realizada com pequenos empresários sobre o sucesso de uma empresa ainda retrata que a aplicação de dinheiro próprio e a perseverança do dono também são fatores que contribuem, uma vez que o reconhecimento não é atingido logo de início, mas sim que é construído ao longo da trajetória da empresa.*
>
> *É recorrente que empresários desistam de levar o negócio para frente porque muitas vezes o mercado de trabalho não é amistoso, o que acaba gerando pessimismo. Por isso, recomenda-se que o dono acredite no seu trabalho e no potencial de sua empresa, e que ele procure meios para expandir e impulsionar sua iniciativa. Estudiosos apontam que verdadeiro sucesso se conquista aos poucos, e é atingido por aquele que acredita no seu próprio potencial*

No primeiro trecho selecionado:

> *"Um levantamento feito pela pesquisa realizada com pequenos empresários sobre o sucesso de uma empresa ainda retrata que a aplicação de dinheiro próprio e a perseverança do dono também são fatores que contribuem, uma vez que o reconhecimento não é atingido logo de início, mas sim que é construído ao longo da trajetória da empresa."*

R8 F2 revela a fonte da pesquisa e já aponta o resultado com maior percentual de respostas, através do processo de *antecipação. "De acordo com pesquisa divulgada no site Mundo Educação, a presença de um bom administrador é responsável por mais de 50% das causas do sucesso de uma empresa."* Em seguida, R8 F2 afirma quem são os entrevistados e que outros fatores, também farão parte da pesquisa, sem citá-lo.

Na frase seguinte, R8 F2 expõe os fatores fazendo uso da operação de *elaboração* ao explicar os aspectos envolvidos que requerem um bom conhecimento do mercado. Os outros

fatores fazem parte da frase seguinte, numa forma de lista e que remete à operação de *adição* num período nominal em uma operação de *eliminação.*

Na porção seguinte, o produtor aborda questões referentes às doenças e, nela, foram verificadas as operações comentadas abaixo.

> *"Alguns psicólogos costumam identificar um bom investidor por meio de testes vocacionais. Mas pesquisas apontam que muitos empresários sofrem com doença do "pânico" por não conseguirem administrar bem os seus negócios. Outra doença recorrente nesta área é a compulsão por dinheiro, o que já ocorreu com a maioria dos empresários devido ao fato de não conseguirem lidar com a situação, pois quanto mais ganham mais querem."*

Na porção acima, R8 F2 constrói o parágrafo com ideias que podem ser consideradas secundárias em um texto científico que possivelmente tenha lido. São informações que trazem detalhes que não são o foco da pesquisa e nem aparecem no gráfico, mas que são de caráter informativo e geram curiosidade.

Expomos, a seguir, mais um trecho de R8 F2:

> *"Um levantamento feito pela pesquisa realizada com pequenos empresários sobre o sucesso de uma empresa ainda retrata que a aplicação de dinheiro próprio e a perseverança do dono também são fatores que contribuem, uma vez que o reconhecimento não é atingido logo de início, mas sim que é construído ao longo da trajetória da empresa."*

Neste trecho, R8 F2 retoma os fatores do gráfico que estavam sendo citados e utilizando um processo de reiteração, conta novamente os participantes da pesquisa, "*Um levantamento feito pela pesquisa realizada com pequenos empresários sobre o sucesso de uma empresa*..." como uma forma de dar continuidade aos fatores que estavam sendo expostos antes do terceiro parágrafo.

Em seguida, R8 F2 trata da reação de empresários com relação aos negócios, de forma que as ideias são externadas mediante outras estratégias discursivas, como em:

> *"É recorrente que empresários desistam de levar o negócio para frente porque muitas vezes o mercado de trabalho não é amistoso, o que acaba gerando pessimismo. Por isso, recomenda-se que o dono acredite no seu trabalho e no potencial de sua empresa, e que ele procure meios para expandir e impulsionar sua iniciativa. Estudiosos apontam que verdadeiro sucesso se conquista aos poucos, e é atingido por aquele que acredita no seu próprio potencial."*

Através de uma afirmação, parecendo não querer deixar dúvidas, fato observado pela escolha lexical, "*É recorrente*..." R8 F2 afirma que é comum os empresários desistirem de seus negócios. E através da operação de *justificação,* explica que o mercado de trabalho não é amistoso, e apresenta uma possível solução para o problema "*Por isso, recomenda-se que o dono acredite no seu trabalho e no potencial de sua empresa, e que ele procure meios para, expandir e impulsionar sua iniciativa*."

Por fim, R8 F2 fecha o texto com uma frase reflexiva: "*Estudiosos apontam que verdadeiro sucesso se conquista aos poucos, e é atingido por aquele que acredita no seu próprio potencial",* construída pela operação de *intencionalidade* que é a de fazer o leitor pensar sobre a temática da pesquisa.

4.2.2.5.9 Análise de R9 F2 – GPD

> *O gráfico 7 mostra as pirâmides etárias absolutas, comparando os índices dos homens e das mulheres, nos anos de 2013, 2040 e 2060. Chega-se à conclusão de que a população brasileira está envelhecendo, e que em 2060 as pessoas com mais de 65 anos serão mais de ¼ da população do país.*

No parágrafo acima, R9 F2 descreve na primeira frase, o tema do gráfico, os entrevistados e seus resultados. Depois, mostra a conclusão da pesquisa. As ideias são resumidas de forma a apresentar a operação de *condensação*.

4.2.2.5.10 Análise de R10 F2 – GTDC

> *População crescente*
>
> *O envelhecimento é um processo que mexe com o organismo e com a funcionalidade do ser humano e que acontece inevitavelmente com o passar dos anos. Esse processo pode não ser decorrente de doenças, pois é considerado um fenômeno natural que, geralmente, apresenta um aumento à fragilidade que está relacionada à questão biológica, temporal e social.*
>
> *A pessoa idosa é aquela, conforme critério da Organização das Nações Unidas (ONU), com idade de 60 anos ou mais. Há uma diferença entre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos em relação à idade – 60 ou mais para países em desenvolvimento e 65 ou mais para países desenvolvidos. Esse fator é relevante, mas não determinante para a preocupação atual, que na verdade é o aumento da população de idosos nas próximas décadas.*
>
> *Segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a população brasileira tende a envelhecer nos próximos anos, com aproximadamente um quarto dos brasileiros com mais de 65 anos em 2060. Isso pode ser explicado pelo fato de que as condições de vida têm melhorado muito ao se tratar da saúde. O acesso a tratamentos, exames e medicamentos gratuitos tem sido muito facilitado e, consequentemente, o tempo de vida das pessoas aumenta.*
>
> *Além disso, as taxas de natalidade também tendem a diminuir nos próximos anos. Isso porque a conquistas dos direitos das mulheres e sua inserção no mercado de trabalho mudaram completamente a rotina da maioria das famílias brasileiras. O casal trabalhando mais, ficando menos em casa e focado em sua vida profissional acaba deixando para depois os planos de aumentar a família (ou até mesmo abandonando a ideia).*
>
> *Em termos de parcela da população, enquanto em 2013 as crianças dessa faixa etária representavam mais de 30% do total de moradores do país, em 2040 serão menos de 20%. Enquanto isso, os idosos passaram a representar, em 2060, um número bem maior em relação a 2013 e 2040. A gerente do IBGE, Lúcia Lima, reforça a ideia de que, no Brasil, há menos crianças nascendo e aumenta a proporção daqueles com 60 anos ou mais. De acordo com o gráfico elaborado pelos pesquisadores do IBGE, o alargamento do topo da pirâmide etária absoluta, onde*

> *se encontram as pessoas mais velhas, e o afinamento da base da pirâmide, onde se encontram as pessoas mais jovens, sistematizam o envelhecimento da população no período entre 2013 a 2060.*
>
> *Comparando as pirâmides etárias de 2013, 2040 e 2060 é notório a diferença quanto a sua forma. A pirâmide, que antes possuía corpo largo e base e topo curtos, passou a apresentar ao longo do tempo, um corpo mais uniforme, bem como o topo mais largo e afinando a sua base; indícios de que nascem menos pessoas e que o tempo de vida é maior.*

A análise é iniciada pelo porção textual, formada pelo primeiro parágrafo do texto:

> *"O envelhecimento é um processo que mexe com o organismo e com a funcionalidade do ser humano e que acontece inevitavelmente com o passar dos anos. Esse processo pode não ser decorrente de doenças, pois é considerado um fenômeno natural que, geralmente, apresenta um aumento à fragilidade que está relacionada à questão biológica, temporal e social."*

Neste trecho, R10 F2 apresenta informações que não foram usadas pelos outros alunos que retextualizaram o mesmo texto. Antes de falar sobre a pesquisa, introduz de forma descritiva/explicativa a temática "Envelhecimento" através da operação denominada de *elaboração* no período: *"Esse processo pode não ser decorrente de doenças, pois é considerado um fenômeno natural que, geralmente, apresenta um aumento à fragilidade que está relacionada à questão biológica, temporal e social."* Nesta frase, ocorre também o processo de referenciação através do pronome demonstrativo "*esse*" relacionado à frase anterior, e dá continuidade ao processo de elaboração.

No segmento:

> *"A pessoa idosa é aquela, conforme critério da Organização das Nações Unidas (ONU), com idade de 60 anos ou mais. Há uma diferença entre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos em relação à idade – 60 ou mais para países em desenvolvimento e 65 ou mais para países desenvolvidos. Esse fator é relevante, mas não determinante para a preocupação atual, que na verdade é o aumento da população de idosos nas próximas décadas."*

R10 F2 continua com o processo de elaboração num *continuum* em relação à temática e apresenta dados que podem ser considerados secundários em um texto de caráter científico.

O produtor dá continuidade ao texto no seguinte parágrafo:

> *"Segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a população brasileira tende a envelhecer nos próximos anos, com aproximadamente um quarto dos brasileiros com mais de 65 anos em 2060. Isso pode ser explicado pelo fato de que as condições de vida têm melhorado muito ao se tratar da saúde. O acesso a tratamentos, exames e medicamentos gratuitos tem sido muito facilitado e, consequentemente, o tempo de vida das pessoas aumenta."*

Neste parágrafo, a aluna começa a apresentar os dados do gráfico usando como primeira informação a fonte de onde foi originada a pesquisa, e, também, já revela o resultado no trecho "... *a população brasileira tende a envelhecer nos próximos anos, com aproximadamente um quarto dos brasileiros com mais de 65 anos em 2060*." Em um processo

de referenciação - "*isso*" - ela emprega a operação de elaboração, ao explicar o motivo pelo qual o tempo de vida das pessoas tem aumentado.

R10 F2 continua com o processo de elaboração e utiliza, também, a operação de adição, ao adicionar mais informações sobre o aumento do tempo de vida dos idosos, conforme constatado n porção textual a seguir:

> *"Além disso, as taxas de natalidade também tendem a diminuir nos próximos anos. Isso porque a conquistas dos direitos das mulheres e sua inserção no mercado de trabalho mudaram completamente a rotina da maioria das famílias brasileiras. O casal trabalhando mais, ficando menos em casa e focado em sua vida profissional acaba deixando para depois os planos de aumentar a família (ou até para explicar o abandonando a ideia)."*

A argumentação de R10 se mantém em:

> *"Em termos de parcela da população, enquanto em 2013 as crianças dessa faixa etária representavam mais de 30% do total de moradores do país, em 2040 serão menos de 20%. Enquanto isso, os idosos passaram a representar, em 2060, um número bem maior em relação a 2013 e 2040. A gerente do IBGE, Lúcia Lima, reforça a ideia de que, no Brasil, há menos crianças nascendo e aumenta a proporção daqueles com 60 anos ou mais. De acordo com o gráfico elaborado pelos pesquisadores do IBGE, o alargamento do topo da pirâmide etária absoluta, onde se encontram as pessoas mais velhas, e o afinamento da base da pirâmide, onde se encontram as pessoas mais jovens, sistematizam o envelhecimento da população no período entre 2013 a 2060."*

Neste trecho, R10 F2 apresenta os dados estatísticos mostrados no gráfico e faz uso da operação de comparação entre os dados citados. Uma curiosidade deste texto é o fato de apresentar o formato do gráfico para explicar os dados "... *o alargamento do topo da pirâmide etária absoluta, onde se encontram as pessoas mais velhas, e o afinamento da base da pirâmide*..."

O produtor insiste na comparação das pirâmides etárias no segmento:

> *"Comparando as pirâmides etárias de 2013, 2040 e 2060 é notório a diferença quanto a sua forma. A pirâmide, que antes possuía corpo largo e base e topo curtos, passou a apresentar ao longo do tempo, um corpo mais uniforme, bem como o topo mais largo e afinando a sua base; indícios de que nascem menos pessoas e que o tempo de vida é maior."*

O mesmo acontece com essa porção textual. R10 F2 comenta a forma das pirâmides e, depois, apresenta a operação de conclusão "... *indícios de que nascem menos pessoas e que o tempo de vida é maior*."

4.2.2.5.11 Análise de R11 F2 – GPD

Gráfico 8

O gráfico 8 é apresentado por barras horizontais e traz a informação das preferências de leitura dos brasileiros, estando as revistas, livros e jornais entre os mais lidos, e livros digitais, áudio-livros e livros em braile os de menor preferência.

Neste texto, R11 F2 mostra que o gráfico foi feito "*barras horizontais*" e cita a posição dos dados revelando que as revistas, livros e jornais são os textos mais lidos pelos brasileiros. Na frase seguinte, revela as leituras que têm menor preferência. Esse registro apresenta a operação de *condensação*, pois demonstra todos os dados de maneira resumida.

4.2.2.5.12 Análise de R12 F2 – GTDC

O que os brasileiros estão lendo

A leitura é considerada por estudiosos da área como Dom Pretii um processo que envolve uma aproximação entre o leitor e o que será lido. Esta relação se dá de acordo com as necessidades do leitor – ora pode ser para adquirir conhecimento, ora pode ser para entretenimento ou por puro prazer de viajar nas histórias lidas. De qualquer forma, o ato de ler, mais especificamente a prática de leitura está cada vez mais preocupando os pesquisadores por ser uma situação de extrema importância para a formação do indivíduo perante a sociedade.

Uma novidade apresentada em relação à leitura encontra-se nos dados obtidos pelos pesquisadores do Instituto Pró-livro.

De acordo com esse instituto, os brasileiros tendem sempre a preferir a leitura em revistas, livros e jornais, que geralmente são os mais fáceis de encontrar e servirem também como fonte de informações da atualidade. Dessa forma, além de praticar a leitura, a pessoa também acaba ficando por dentro das últimas notícias. É um duplo benefício.

Em contrapartida, os livros em braile correspondem a apenas 0,2% da leitura dos brasileiros, isso *é reflexo da formação de uma sociedade sem contato com as condições enfrentadas por deficientes visuais. Esse fato é influência direta do preconceito com essa minoria, sendo que, em tese, essa deveria ser uma área dominada por todos, a fim de promove a inclusão dos deficientes na sociedade.*

Leituras que de uma forma ou outra acabam sendo feitas por obrigação (textos escolares e de trabalhos) também não fazem sucesso entre os brasileiros: correspondem a aproximadamente 30% das preferências, enquanto os tipos de maior sucesso já citados no primeiro parágrafo lideram com uma média de 50% das preferências.

Um fator consideravelmente novo nesta pesquisa, é o fato da leitura de livros está entre os mais citados. Isso reflete uma mudança, uma vez que o Brasil tem apresentado níveis insatisfatórios relacionados ao ato de ler. Este resultado pode mudar a história do Brasil no ranking de não-leitores, pois este grupo representa 85,5 milhões de pessoas,50% do total de envolvidos na pesquisa.

Outro assunto a destacar é o fato de leituras na internet atingir menos de 22% da população, o que nega a teoria de que o computador, por meio de livros digitais, substituiria os livros impressos que para surpresa da população isso não ocorreu. A situação ainda é mais complexa porque os livros digitais apareceram na pesquisa "Retratos da leitura no Brasil" alcançando nada mais que 3% de preferência dos leitores do Brasil.

Muito ainda há para se investigar, mas a preferência por revistas e livros retrata a realidade brasileira na contemporaneidade.

Vale ressaltar que R12 GTDC se pauta no processo de intertextualidade, como pode ser conferido no trecho a seguir:

> *"A leitura é considerada por estudiosos da área como Dom Pretii um processo que envolve uma aproximação entre o leitor e o que será lido. Esta relação se dá de acordo com as necessidades do leitor – ora pode ser para adquirir conhecimento, ora pode ser para entretenimento ou por puro prazer de viajar nas histórias lidas. De qualquer forma, o ato de ler, mais especificamente a prática de leitura está cada vez mais preocupando os pesquisadores por ser uma situação de extrema importância para a formação do indivíduo perante a sociedade."*

Como sinalizado, essa retextualização é orientada pelo processo de intertextualidade, pois R12 F2 oferece informações baseadas em leituras de outros textos além do gráfico. No primeiro parágrafo, o produtor constrói uma introdução discursando sobre o que significa o ato de ler e, para isso, faz uso da voz da autoridade, em: "*A leitura é considerada por estudiosos da área como Dom Pretii um processo que envolve uma aproximação entre o leitor e o que será lido*."

As informações se mantém no segmento aqui destacado:

> *"Uma novidade apresentada em relação à leitura encontra-se nos dados obtidos pelos pesquisadores do Instituto Pró-livro. De acordo com esse instituto, os brasileiros tendem sempre a preferir a leitura em revistas, livros e jornais, que geralmente são os mais fáceis de encontrar e servirem também como fonte de informações da atualidade. Dessa forma, além de praticar a leitura, a pessoa também acaba ficando por dentro das últimas notícias. É um duplo benefício."*

Nesta porção textual, R12 F2 apresenta a pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro e a considera uma "novidade" em relação à leitura. Em seguida, apresenta o resultado da pesquisa que revela que revistas, livros e jornais são as leituras prediletas dos brasileiros "*De acordo com esse instituto, os brasileiros tendem sempre a preferir a leitura em revistas, livros e jornais, que geralmente são os mais fáceis de encontrar...*". E através da operação de *justificação*, R12 F2 conclui a informação dessas preferências pelo fato de serem mais fáceis de encontrar e como fonte de notícias atuais.

No trecho:

> *"Em contrapartida, os livros em braile correspondem a apenas 0,2% da leitura dos brasileiros, isso é reflexo da formação de uma sociedade sem contato com as condições enfrentadas por deficientes visuais. Esse fato é influência direta do preconceito com essa minoria, sendo que, em tese, essa deveria ser uma área dominada por todos, a fim de promove a inclusão dos deficientes na sociedade."*

Em um processo que se opõe ao que foi dito anteriormente R12 F2 comenta a baixa leitura dos livros em Braille e usa a operação de elaboração para explicar esse resultado "*Isso é reflexo da formação de uma sociedade sem contato com as condições enfrentadas por deficientes visuais.*"

Ao abordar questões acerca de leituras de textos escolares em comparação com os dados do primeiro parágrafo, o produtor emprega mais uma estratégia, através da operação de *adição*, como registrado em:

> *"Leituras que de uma forma ou outra acabam sendo feitas por obrigação (textos escolares e de trabalhos) também não fazem sucesso entre os brasileiros: correspondem a aproximadamente 30% das preferências, enquanto os tipos de maior sucesso já citados no primeiro parágrafo lideram com uma média de 50% das preferências."*

Transcrevemos a porção:

> *"Um fator consideravelmente novo nesta pesquisa, é o fato da leitura de livros está entre os mais citados. Isso reflete uma mudança, uma vez que o Brasil tem apresentado níveis insatisfatórios relacionados ao ato de ler. Este resultado pode mudar a história do Brasil no ranking de não-leitores, pois este grupo representa 85,5 milhões de pessoas,50% do total de envolvidos na pesquisa."*

A informação deste parágrafo tem um aspecto de curiosidade e de novidade. Isso pelo fato dos livros estarem entre as leituras mais citadas na pesquisa fato que a faz concluir que este resultado pode mudar a história em relação à leitura.

Outros dados se fazem presentes no texto, como registrado no trecho:

> *"Outro assunto a destacar é o fato de leituras na internet atingir menos de 22% da população, o que nega a teoria de que o computador, por meio de livros digitais, substituiria os livros impressos que para surpresa da população isso não ocorreu. A situação ainda é mais complexa porque os livros digitais apareceram na pesquisa "Retratos da leitura no Brasil" alcançando nada mais que 3% de preferência dos leitores do Brasil."*

A baixa leitura de textos da internet e dos livros digitais é a informação que consta no penúltimo parágrafo do texto como mais uma informação que envolve a operação de adição.

R12 F2 finaliza o seu texto de modo a refletir sobre a maior preferência de leitura feita pelos brasileiros que são as revistas, livros e jornais e conclui que esse resultado revela a realidade brasileira, como informa o último parágrafo da retextualização: *"Muito ainda há para se investigar, mas a preferência por revistas e livros retrata a realidade brasileira na contemporaneidade."*

4.2.2.5.13 Análise de R13 M3 - GPD

> *Gráfico 6*
> *O gráfico 6 aborda as causas do sucesso de uma empresa. Mais de 50% de pequenos empresários afirma que a presença de um bom administrador é a principal, seguida do bom conhecimento de mercado. Por último, apenas 15% apontam a capacidade de correr riscos.*

O uso da operação de *condensação* é o que envolve este parágrafo. De modo descritivo e resumido R13 M3 apresenta os dados estatísticos do gráfico, cuja temática é o que faz o sucesso de uma empresa.

4.2.2.5.14 Análise de R14 M3 – GTDC

As causas do sucesso no mundo empresarial

No ramo empresarial, administrar e levar uma empresa a ser bem sucedida é um desafio superado por poucos. Essa situação pode levar o empresário a se questionar: quais os principais fatores que levam uma empresa a atingir níveis de excelência?

Essa dúvida pode ser esclarecida através de uma pesquisa do Mundo Educação, baseada na opinião de pequenos empresários. De acordo com as respostas, grande parte dos entrevistados acredita que os principais fatores que levam ao êxito partem das qualidades do administrador o que pode ser constatado no índice atingido pela pesquisa, totalizando uma porcentagem de 55% numa proporção de 0 a 60.

As principais causas do sucesso de uma empresa, segundo pequenos empresários, foram relacionados numa ordem em que se percebe um percentual aumentado a medida que vão sendo enumerados os seguintes fatores: capacidade de correr riscos, aproveitamento das oportunidades, perseverança do dono, dinheiro próprio, bom conhecimento do mercado, presença de um bom administrador.

Os sistemas que controlam o mercado financeiro são mal conhecidos pela maioria dos empresários devido a poucos serem capazes de gerenciar com qualidade seus negócios. Muitos entram no mercado visando apenas lucro e não se preparam para possíveis quedas. Apenas aqueles capazes de estabelecer um equilíbrio rígido entre compras e gastos são capazes de se manterem no mercado que é altamente competitivo. Pode-se definir o gerenciamento como sendo de suma importância para o andamento e desenvolvimento dos negócios e obtenção de lucros, bem como um amplo conhecimento de mercado.

O crescimento do mercado também é outro fator considerado importante, uma vez que está diretamente ligado à questão econômica, que é a principal manutenção de uma empresa. Além disso, outros casos foram citados pelos analistas de mercado Paulo Autran e Roberto Siman, porém não foram considerados tão importantes quanto os anteriores, são eles: capacidade de correr riscos que num percentual de respostas de 0 a 60 atingiu pouco mais de 10%, apresentar inovações por exemplo, aproveitamento das oportunidades uma média de 15%, perseverança do dono em torno de 18%, dinheiro próprio para investimentos necessários em torno de 20%.

Entre as quatro causas com percentual menor, o dinheiro próprio deveria ser o mais relevante, o mais destacado, afinal é necessário ter esse capital em alguma situação inesperada ou caso seja necessário realizar investimentos, os quais permitem a expansão e crescimento de uma empresa. Em contrapartida, a opção com menor percentual foi a capacidade de correr riscos, provavelmente porque dessa forma, há dois extremos: a capacidade de obter um grande sucesso ou a probabilidade de falhar e gerar dívidas para a empresa.

Além disso, segundo 20% dos entrevistados, o capital próprio é relevante, visto que possibilita maiores investimentos e capacitações profissionais. Ademais, afirma-se que é ideal a perseverança frente a obstáculos.

Há quatro anos pesquisadores brasileiros descobriram a melhor forma de se dar bem no mercado é ter com estimulador de lucros um bom administrador a frente das decisões da empresa. Pesquisas mostram que o nível de excelência de uma empresa gera aumento significativo de valorização no mercado e sociedade.

Na retextualização “As causas do sucesso no mundo empresarial”, R14 inicia o texto falando sobre o desafio de administrar e levar a empresa ao sucesso, conforme o trecho seguinte:

> *“No ramo empresarial, administrar e levar uma empresa a ser bem sucedida é um desafio superado por poucos. Essa situação pode levar o empresário a se questionar: quais os principais fatores que levam uma empresa a atingir níveis de excelência?”*

A introdução deste texto cria um cenário que leva o leitor a refletir sobre a temática “Sucesso empresarial”. A estratégia de fazer uma frase interrogativa reflexiva mostra a operação de *intencionalidade* e, também, de *antecipação*, já que bem no começo R14 M3 apresenta o assunto e os aspectos que darão continuidade ao texto.

Mais operações de retextualização foram identificadas na porção textual a seguir:

> *“Essa dúvida pode ser esclarecida através de uma pesquisa do Mundo Educação, baseada na opinião de pequenos empresários. De acordo com as respostas, grande parte dos entrevistados acredita que os principais fatores que levam ao êxito partem das qualidades do administrador o que pode ser constatado no índice atingido pela pesquisa, totalizando uma porcentagem de 55% numa proporção de 0 a 60. As principais causas do sucesso de uma empresa, segundo pequenos empresários, foram relacionados numa ordem em que se percebe um percentual aumentado a medida que vão sendo enumerados os seguintes fatores: capacidade de correr riscos, aproveitamento das oportunidades, perseverança do dono, dinheiro próprio, bom conhecimento do mercado, presença de um bom administrador.”*

Nesta parte, R14 M3 apresenta o motivo pelo qual o gráfico foi criado pela revista “Mundo educação”, o que podemos entender como uma ideia *conclusiva* e *aditiva*, já que apresenta os dados de forma crescente e listando os resultados do gráfico sobre as pequenas empresas.

Na porção seguinte, a tessitura textual foi edificada por mais uma ocorrência da intertextualidade:

> *“Os sistemas que controlam o mercado financeiro são mal conhecidos pela maioria dos empresários devido a poucos serem capazes de gerenciar com qualidade seus negócios. Muitos entram no mercado visando apenas lucro e não se preparam para possíveis quedas. Apenas aqueles capazes de estabelecer um equilíbrio rígido entre compras e gastos são capazes de se manterem no mercado que é altamente competitivo. Pode-se definir o gerenciamento como sendo de suma importância para o andamento e desenvolvimento dos negócios e obtenção de lucros, bem como um amplo conhecimento de mercado.”*

No trecho acima, R14 M3 mostra o apoio de outras leituras para desenvolver essa temática em um processo que envolve a intertextualidade. R14 M3 descreve os aspectos que levaram à realização da pesquisa. Temos, neste momento, a operação de *elaboração* pelo

desenvolvimento do aspecto de desconhecimento do mercado de trabalho por parte dos empresários.

A seguir, R14 M3 apresenta os dados estatísticos em que se concebe um gráfico e as respostas mais votadas e menos votadas, que apresenta um processo de interpretação da leitura do gráfico.

> *"O crescimento do mercado também é outro fator considerado importante, uma vez que está diretamente ligado à questão econômica, que é a principal manutenção de uma empresa. Além disso, outros casos foram citados pelos analistas de mercado Paulo Autran e Roberto Siman, porém não foram considerados tão importantes quanto os anteriores, são eles: capacidade de correr riscos que num percentual de respostas de 0 a 60 atingiu pouco mais de 10%, apresentar inovações por exemplo, aproveitamento das oportunidades uma média de 15%, perseverança do dono em torno de 18%, dinheiro próprio para investimentos necessários em torno de 20%."*

R14 M3, por meio dos dados estatísticos em que se concebeu o gráfico, mostra as respostas menos votadas, e apresenta um processo de *interpretação* da leitura de outros textos, principalmente ao citar pessoas especialistas no assunto para reforçar os dados do gráfico.

O autor continua seu texto discorrendo sobre as causas do sucesso de uma empresa:

> *"Entre as quatro causas com percentual menor, o dinheiro próprio deveria ser o mais relevante, o mais destacado, afinal é necessário ter esse capital em alguma situação inesperada ou caso seja necessário realizar investimentos, os quais permitem a expansão e crescimento de uma empresa. Em contrapartida, a opção com menor percentual foi a capacidade de correr riscos, provavelmente porque dessa forma, há dois extremos: a capacidade de obter um grande sucesso ou a probabilidade de falhar e gerar dívidas para a empresa.*
>
> *Além disso, segundo 20% dos entrevistados, o capital próprio é relevante, visto que possibilita maiores investimentos e capacitações profissionais. Ademais, afirma-se que é ideal a perseverança frente a obstáculos."*

Neste segmento do texto, R14 M3 utiliza a operação de *conclusão* "*... afinal é necessário ter esse capital em alguma situação inesperada ou caso seja necessário realizar investimentos".* Ao fazer o processo adversativo "*Em contrapartida, a opção com menor percentual foi a capacidade de correr riscos...*" apresenta os dados pouco votados na pesquisa para elaborar as consequências desses votos.

Por fim, R14 M3 fecha o texto com uma frase reflexiva construída pela operação de intencionalidade que é a de fazer o leitor pensar sobre a temática da pesquisa, além de adicionar a ideia da valorização do mercado e da sociedade se uma empresa for bem sucedida, como registrado na porção:

> *"Há quatro anos pesquisadores brasileiros descobriram a melhor forma de se dar bem no mercado é ter com estimulador de lucros um bom administrador a frente das decisões da empresa. Pesquisas mostram que o nível de excelência de uma empresa gera aumento significativo de valorização no mercado e sociedade."*

4.2.2.5.15 Análise de R15 M3 - GPD

Gráfico 7

O gráfico representa o aumento de pessoas idosas no período de 2013 a 2040. E prevê que a população de 2040 será, em sua maioria, composta por pessoas mais velhas. E ainda que as pessoas com mais de 65 anos atingirão ¼ da população brasileira.

R15 M3 apresenta a sua retextualização descrevendo os dados do gráfico que conferem ao resultado. Em um processo de *condensação de ideias*, produz o seu texto.

4.2.2.5.16 Análise de R16 M3 – GTDC

Como se dá, cientificamente, o processo de envelhecimento

O envelhecimento, segundo Dráuzio Varella, é um processo que requer sabedoria, saúde e paciência. Sabedoria para lidar com as adversidades, saúde para se manter vivo e paciência para encarar a vida assumindo um ritmo mais ponderado.

No século XX, a expectativa de vida girava em torno dos 40 a 50 anos. No decorrer dos anos, essa expectativa aumentou, o que gerou alguns estudos especializados sobre o assunto. Esses estudiosos, pertencentes ao grupo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística elaboraram um gráfico em que se apresenta o desenvolvimento etário da população por meio de pirâmides etárias absolutas.

A expressão Pirâmide Etária refere-se a um gráfico para identificar a população de um determinado país ou região, agrupando os habitantes em faixas de idade e dividindo-os pelo sexo. Em linhas gerais, a medida que um país se desenvolve, a sua população vai ficando mais velha.

Com o gráfico, é possível observar, portanto, que com o passar dos anos a base da pirâmide vem diminuindo, enquanto a porção superior vem se alargando, indicando a queda na taxa de natalidade e o aumento da qualidade e expectativa de vida.

Fatores como o aumento do Índice de desenvolvimento humano, elevação dos investimentos em saúde e educação contribuem para o aumento da expectativa de vida. Por sua vez, as taxas de natalidade tendem a cair em função do aumento do planejamento familiar e da inclusão da mulher no mercado de trabalho.

Dessa forma, pode-se perceber que a expectativa de vida praticamente dobrou no decorrer do século, mas trouxe consigo uma série de problemas socioeconômicos de acordo com o estudioso Marcos Sales, coordenador da pesquisa do IBGE. São muitos os que chegam hoje com 70, 80 anos em condições físicas, às vezes, muito boas, mas que se encontram aposentados desde os 50 anos, fato que obrigou a Previdência Social a pagar os benefícios por um período longo, o que não havia sido previsto antes.

Outro fator agravante é que se a população das próximas décadas, como apresentado no gráfico – 2040 a 2060 – for de pessoas mais velhas, as famílias terão que se preparar para tomar conta dessas pessoas devido ao fato de que nem todos envelhecem com saúde.

Ao analisar os dados pesquisados, percebe-se que em 2013, pessoas de 10 a 34 anos, apresentavam maior número da população atingindo mais de 8 milhões de pessoas. E aquelas com mais de noventa anos, apresentam menor população, não atingindo 2 milhões de pessoas. A partir dos 35 anos houve uma diminuição significativa no número de pessoas. Em 2040, estima-se que a população que tenha de 35 a 59 anos seja a maior. A população de 5 a 34 anos, que na primeira pirâmide etária se encontrava no topo, diminuiu e o número de pessoas com mais de 60 anos aumentou.

> *A análise dos dados ocorre de maneira detalhada e requer estudos específicos e científicos sobre o assunto, não sendo possível qualquer cidadão expor esses dados que são apurados por especialistas no assunto, através de pesquisas de campo. Isso pode ser comprovado na pirâmide etária estipulada para 2060, em que as pessoas com 55 a 59 anos serão maioria, quase atingindo 8 milhões.*
>
> *É notável nas três pirâmides apresentadas que as mulheres são em maior número em quase todas as idades, porém, na 3ª o número de mulheres com mais de 85 anos ultrapassa com grande diferença em relação aos homens.*
>
> *É perceptível que em 2060 o maior número da população será constituída de pessoas mais velhas. Esse fato pode estar relacionado à melhoria da qualidade de vida no futuro, refletindo no aumento da expectativa de vida.*
>
> *Fatores como o aumento do Índice de desenvolvimento humano, elevação dos investimentos em saúde e educação contribuem para o aumento da expectativa de vida. Por sua vez, as taxas de natalidade tendem a cair em função do aumento do planejamento familiar e da inclusão da mulher no mercado de trabalho.*
>
> *Na projeção para 2060, o processo anterior se intensifica, caracterizando quase uma inversão em relação à 2013. A pirâmide tem base estreita com corpo mais afunilado e topo mais largo. Nesse viés, pessoas com mais de 65 anos serão mais de um quarto da população brasileira.*

O autor da retextualização "Como se dá, cientificamente, o processo de envelhecimento" inicia o texto externando seu ponto de vista respeito do processo de envelhecimento, transcrito a seguir:

> *"O envelhecimento, segundo Dráuzio Varella, é um processo que requer L manter vivo e paciência para encarar a vida assumindo um ritmo mais ponderado. No século XX, a expectativa de vida girava em torno dos 40 a 50 anos. No decorrer dos anos, essa expectativa aumentou, o que gerou alguns estudos especializados sobre o assunto. Esses estudiosos, pertencentes ao grupo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística elaboraram um gráfico em que se apresenta o desenvolvimento etário da população por meio de pirâmides etárias absolutas."*

Como pode ser constatado, no primeiro parágrafo, R16 M3 apresenta o que requer o processo de envelhecimento e usa a voz da autoridade para fazer valer a sua afirmação. Os dados sobre a expectativa de vida do passado até o futuro, são expostos através dos processos de *antecipação* e *intencionalidade*, uma vez que causam curiosidade no leitor. Ao citar o órgão o IBGE que é o responsável pela criação do gráfico, R16 M3 faz uso da voz da autoridade para que seus dados não provoquem dúvidas nos leitores. Os dados apresentados trazem informações baseadas no gráfico "Pirâmides etárias" e em outras leituras advindas dessa temática.

Focalizamos, esta vez, a seguinte porção textual:

> *"A expressão Pirâmide Etária refere-se a um gráfico para identificar a população de um determinado país ou região, agrupando os habitantes em faixas de idade e dividindo-os pelo sexo. Em linhas gerais, a medida que um país se desenvolve, a sua população vai ficando mais velha."*

Neste trecho, também, é possível perceber que R16 M3, de antemão, responde às projeções futuras sobre o número de idosos, que seria o resultado final da pesquisa.

Na porção textual seguinte, R16 M3 faz uso das operações de reformulação/interpretação aos dados citados apresentando um bom grau de explicitude sobre o processo de envelhecimento.

> *"Com o gráfico, é possível observar, portanto, que com o passar dos anos a base da pirâmide vem diminuindo, enquanto a porção superior vem se alargando, indicando a queda na taxa de natalidade e o aumento da qualidade e expectativa de vida."*

Na porção transcrita a seguir, R16 M3 apresenta os dados estatísticos mostrados no gráfico e faz uso da operação de *comparação* entre os dados citados.

> *"Fatores como o aumento do Índice de desenvolvimento humano, elevação dos investimentos em saúde e educação contribuem para o aumento da expectativa de vida. Por sua vez, as taxas de natalidade tendem a cair em função do aumento do planejamento familiar e da inclusão da mulher no mercado de trabalho."*

R16 M3 continua com o processo de elaboração da temática e utiliza, também, a operação de adição ao adicionar mais informações sobre o aumento do tempo de vida dos idosos, como registrado no segmento abaixo:

> *"Dessa forma, pode-se perceber que a expectativa de vida praticamente dobrou no decorrer do século, mas trouxe consigo uma série de problemas socioeconômicos de acordo com o estudioso Marcos Sales, coordenador da pesquisa do IBGE. São muitos os que chegam hoje com 70, 80 anos em condições físicas, às vezes, muito boas, mas que se encontram aposentados desde os 50 anos, fato que obrigou a Previdência Social a pagar os benefícios por um período longo, o que não havia sido previsto antes."*

Passamos à análise das operações na porção de R16 M3, aqui transcrita:

> *"Outro fator agravante é que se a população das próximas décadas, como apresentado no gráfico – 2040 a 2060 – for de pessoas mais velhas, as famílias terão que se preparar para tomar conta dessas pessoas devido ao fato de que nem todos envelhecem com saúde. Ao analisar os dados pesquisados, percebe-se que em 2013, pessoas de 10 a 34 anos, apresentavam maior número da população atingindo mais de 8 milhões de pessoas. E aquelas com mais de noventa anos, apresentam menor população, não atingindo 2 milhões de pessoas. A partir dos 35 anos houve uma diminuição significativa no número de pessoas. Em 2040, estima-se que a população que tenha de 35 a 59 anos seja a maior. A população de 5 a 34 anos, que na primeira pirâmide etária se encontrava no topo, diminuiu e o número de pessoas com mais de 60 anos aumentou."*

Para dar continuidade à tessitura do texto, R16 M3 apresenta um outro fator que poderá acarretar problemas aos idosos por estar relacionado ao fato das famílias terem que se preparar para dar uma boa qualidade de vida aos idosos e, neste ponto, fica marcada a ideia de adição de informação à temática abordada. Ideia esta que prossegue ao apontar, também, os dados de pessoas mais jovens. *"E aquelas com mais de noventa anos, apresentam menor população, não atingindo 2 milhões de pessoas. A partir dos 35 anos houve uma diminuição significativa no número de pessoas. Em 2040, estima-se que a população que tenha de 35 a*

59 anos seja a maior. A população de 5 a 34 anos, que na primeira pirâmide etária se encontrava no topo, diminuiu e o número de pessoas com mais de 60 anos aumentou."

"A análise dos dados ocorre de maneira detalhada e requer estudos específicos e científicos sobre o assunto, não sendo possível qualquer cidadão expor esses dados que são apurados por especialistas no assunto, através de pesquisas de campo. Isso pode ser comprovado na pirâmide etária estipulada para 2060, em que as pessoas com 55 a 59 anos serão maioria, quase atingindo 8 milhões."

No primeiro período do trecho seguinte, destaca-se a atenção dada por R16 M3 ao explicar a importância da pesquisa realizada. Percebe-se, também fato de R16 M3 estabelecer uma continuidade ao processo de adição dos dados que contribuem para o aumento de vida da população.

> *"É notável nas três pirâmides apresentadas que as mulheres são em maior número em quase todas as idades, porém, na 3ª o número de mulheres com mais de 85 anos ultrapassa com grande diferença em relação aos homens. É perceptível que em 2060 o maior número da população será constituída de pessoas mais velhas. Esse fato pode estar relacionado à melhoria da qualidade de vida no futuro, refletindo no aumento da expectativa de vida."*

A informação de que as mulheres estão em maior número da pesquisa é construída através da operação de *adição*, como mais um dado a ser observado, e da operação de elaboração, pois R16 M3 escreveu um parágrafo apenas sobre o assunto "mulher".

No penúltimo parágrafo do texto, R16 M3 cita os fatores principais responsáveis pela *elevação da expectativa de vida em um processo de afirmação/conclusão.*

> "Fatores como o aumento do Índice de desenvolvimento humano, elevação dos investimentos em saúde e educação contribuem para o aumento da expectativa de vida. Por sua vez, as taxas de natalidade tendem a cair em função do aumento do planejamento familiar e da inclusão da mulher no mercado de trabalho."

O produtor do texto acrescenta, ainda, que as taxas de natalidade devem cair, fazendo dessa informação uma ideia secundária, mas importante de ser divulgada e, através das operações *causa/consequência*, explica o motivo.

> "Na projeção para 2060, o processo anterior se intensifica, caracterizando quase uma inversão em relação à 2013. A pirâmide tem base estreita com corpo mais afunilado e topo mais largo. Nesse viés, pessoas com mais de 65 anos serão mais de um quarto da população brasileira."

No final do texto, R16 M3 constrói a informação por meio da operação de comparação "*Na projeção para 2060, o processo anterior se intensifica, caracterizando quase uma inversão em relação à 2013"* e a explica de acordo com o formato do gráfico. Através de uma frase que pode implicar todos os dados da pesquisa "*Nesse viés...*" R16 M3 informa o dado

mais relevante do gráfico, que é o fato de pessoas com mais de 65 anos representarem mais de um quarto da população brasileira.

4.2.2.5.17 Análise de R17 M3 – GPD

Gráfico 8

> *O gráfico "O que os brasileiros estão lendo" retrata a preferência da população por leitura de revistas, 52%, e a leitura de livros totalizando 50%. Outros tipos de suportes de leituras também foram investigados como jornais, 48%, livros indicados pela escola, 34%, entre outros.*

Neste texto, R17 M3 apresenta o tema do gráfico e cita a posição dos dados, revelando que as revistas, livros e jornais são os textos mais lidos pelos brasileiros, em uma operação de *antecipação*, pois o principal resultado é mostrado de antemão. Na frase seguinte, R17 M3 revela as outras leituras que fizeram parte da pesquisa, envolvendo assim, uma operação de *adição* e *elaboração*. Esse registro demonstra a operação de condensação, pois apresenta os dados principais de maneira resumida.

4.2.2.5.18 Análise de R18 M3 – GTDC

> *Como se dá a distribuição da leitura no Brasil*
>
> *A leitura, atualmente, além de ser uma atividade ligada à informação, também é muito relacionada ao entretenimento. Isso pode ser observado levando em consideração que a grande maioria da população lê frequentemente revistas, que assim como os jornais, apresentam uma grande variedade de conteúdo, que ultrapassa notícias e estudos científicos, uma vez que também são publicadas as fofocas, curiosidades sobre celebridades, novelas, por exemplo. Os livros também são muito lidos pelo público, já que seu conteúdo pode atingir as mais distintas faixas-etárias.*
>
> *Mesmo com a onipresença da tecnologia em nossas vidas, quando o assunto é leitura, sua influência não é tão significante – de acordo com uma pesquisa do Instituto Pró-livro divulgada em 2008, pois por mais que a tecnologia tenha conquistado seu espaço, o livro ainda é procurado pela população.*
>
> *No retrato da leitura no Brasil, as revistas assumem o primeiro lugar com uma estimativa de 52%, totalizando 9,5 milhões de preferência, seguida de livros e jornais, com 50% e 48% respectivamente. A leitura através de recursos digitais, por sua vez, aparece com o 7º lugar no ranking com apenas 20%. Sendo superada até mesmo pelos livros indicados pela escola- 34% - e textos escolares – 30%.*
>
> *Pela limitação do público alvo, textos e livros escolares, textos de trabalhos e na internet, além de história em quadrinho, acabam recebendo uma classificação mais baixa, ficando entre 15%e 34% entre os leitores.*
>
> *Por outro lado, existem também textos com uma porcentagem baixa de leitores, com destaque para o braile (0,2%) representando 409mil pessoas, por ser um recurso de leitura mais específico, porém não exclusivo de deficientes visuais, assim como os áudio-livros, ou seja, geralmente os indivíduos que não possuem deficiência optam por outros tipos de leitura. Livros digitais também são pouco*

> *explorados principalmente por apresentarem disponíveis para poucos, desmotivando o leitor a usá-los.*
>
> *Quando se trata de livros digitais, os índices são ainda menores, com apenas 2%. Porém, é necessário considerar que a pesquisa foi realizada em 2008. Logo, é seguro ressaltar que uma década depois a tecnologia fez-se muito mais presente no cotidiano dos brasileiros. Nesse viés, o índice de leitura por recursos digitais provavelmente progrediu.*
>
> *Um aspecto a ser mais investigado é a relação que se faz com leitura e escola, pois os dados resultam baixo índice de leitura de livros indicados pela escola (34%). Apesar de terem descritos tipos de leituras através de um gráfico, pouco se sabe sobre como acabar com os baixos níveis de leitura realizadas pelos brasileiros. Alguns estudiosos admitem-se que a queda dos níveis de leitura está associada a falta de tempo e de dinheiro, devido ao exaustivo tempo gasto para trabalhar e ao alto custo de um livro no Brasil.*

Esta retextualização se pauta no processo de intertextualidade, uma vez que R18 M3 oferece informações centradas em leituras de outros textos-base além do gráfico.

> *"A leitura, atualmente, além de ser uma atividade ligada à informação, também é muito relacionada ao entretenimento. Isso pode ser observado levando em consideração que a grande maioria da população lê frequentemente revistas, que assim como os jornais, apresentam uma grande variedade de conteúdo, que ultrapassa notícias e estudos científicos, uma vez que também são publicadas as fofocas, curiosidades sobre celebridades, novelas, por exemplo. Os livros também são muito lidos pelo público, já que seu conteúdo pode atingir as mais distintas faixas-etárias."*

No primeiro parágrafo, aqui transcrito, R18 M3 constrói uma introdução, discursando sobre quais fatores envolvem o ato de ler e cita exemplos de cada tipo de leitura. "*...apresentam uma grande variedade de conteúdo, que ultrapassa notícias e estudos científicos, uma vez que também são publicadas as fofocas, curiosidades sobre celebridades, novelas, por exemplo. Os livros também são muito lidos pelo público, já que seu conteúdo pode atingir as mais distintas faixas-etárias."*

No segundo parágrafo, R18 M3 continua a discutir a leitura, como pode ser confirmado a seguir:

> *"Mesmo com a onipresença da tecnologia em nossas vidas, quando o assunto é leitura, sua influência não é tão significante – de acordo com uma pesquisa do Instituto Pró-livro divulgada em 2008, pois por mais que a tecnologia tenha conquistado seu espaço, o livro ainda é procurado pela população."*

Nesse trecho, R18 M3 constrói um discurso focado na importância da leitura em nossas vidas e, para isso, faz uso da voz da autoridade para reforçar o argumento de que mesmo com a presença da tecnologia, a leitura se faz presente, numa operação conclusiva.

No parágrafo:

> *"No retrato da leitura no Brasil, as revistas assumem o primeiro lugar com uma estimativa de 52%, totalizando 9,5 milhões de preferência, seguida de livros e jornais, com 50% e 48% respectivamente. A leitura através de recursos digitais, por sua vez, aparece com o 7º lugar no ranking com apenas 20%. Sendo superada até mesmo pelos livros indicados pela escola- 34% - e textos escolares – 30%."*

Nessa porção textual, R18 M3 retoma os dados do primeiro parágrafo em que demonstra o resultado dos dados. E, em um *continuum*, elabora os outros dados estatísticos do gráfico fazendo, assim, uma *elaboração* dos dados.

Através de uma operação de *justificação*, R18 M3 retrata o percentual menor das outra leituras que fazem parte da pesquisa "*Pela limitação do público alvo...*", como transcrito no quarto parágrafo:

> *"Pela limitação do público alvo, textos e livros escolares, textos de trabalhos e na internet, além de história em quadrinho, acabam recebendo uma classificação mais baixa, ficando entre 15% e 34% entre os leitores."*

A porção textual formada pelo quinto parágrafo é registrada abaixo:

> *"Por outro lado, existem também textos com uma porcentagem baixa de leitores, com destaque para o braile (0,2%) representando 409mil pessoas, por ser um recurso de leitura mais específico, porém não exclusivo de deficientes visuais, assim como os áudio-livros, ou seja, geralmente os indivíduos que não possuem deficiência optam por outros tipos de leitura. Livros digitais também são pouco explorados principalmente por apresentarem disponíveis para poucos, desmotivando o leitor a usá-los."*

Ao iniciar esse parágrafo, R18 M3 utiliza uma expressão que traz uma ideia adversativa, "Por outro lado...", que, na verdade, não se trata de uma ideia oposta e, sim, de mais um dado estatístico, através de uma operação de *elaboração*.

R18 M3 mantém a discussão sobre a influência da tecnologia em:

> *"Quando se trata de livros digitais, os índices são ainda menores, com apenas 2%. Porém, é necessário considerar que a pesquisa foi realizada em 2008. Logo, é seguro ressaltar que uma década depois a tecnologia fez-se muito mais presente no cotidiano dos brasileiros. Nesse viés, o índice de leitura por recursos digitais provavelmente progrediu."*

Nesse momento, R18 M3 se pauta muito no texto-base, aspecto observável pela escolha do vocabulário usado. "*Logo, é seguro ressaltar que uma década depois a tecnologia fez-se muito mais presente no cotidiano dos brasileiros.*" R18 M3 adiciona mais informações e continua o processo de *elaboração*.

R18 M3 conclui o texto com:

> *"Um aspecto a ser mais investigado é a relação que se faz com leitura e escola, pois os dados resultam baixo índice de leitura de livros indicados pela escola (34%). Apesar de terem descritos tipos de leituras através de um gráfico, pouco se sabe sobre como acabar com os baixos níveis de leitura realizadas pelos brasileiros. Alguns estudiosos admitem-se que a queda dos níveis de leitura está associada a falta de tempo e de dinheiro, devido ao exaustivo tempo gasto para trabalhar e ao alto custo de um livro no Brasil."*

A explicação sobre o uso da leitura escolar é a informação principal desta porção textual, juntamente com uma crítica em relação às informações apenas do gráfico, pois R18

M3 afirma que pouco se sabe sobre como desenvolver o gosto pela leitura nos brasileiros. O produtor do texto tenta buscar uma resposta se pautando nos dizeres de alguns estudiosos que afirmam ser o excesso de trabalho e o preço dos livros as prováveis causas do baixo índice de leitura. Dessa forma, R18 M3 finaliza o texto deixando uma reflexão para o leitor.

4.2.2.6 Síntese da análise das operações de retextualização

Da mesma maneira que procedemos no fim da análise de acordo com a RST, segundo Mann e Thompson (1988), apresentamos a ocorrência das operações de retextualização, descritas por Marcuschi (2007).

Tabela 31: Ocorrência das operações de retextualização no *corpus*

Nome da operação	**GPD**	**GTDC**
reformulação	4	6
condensação	5	16
substituição	1	2
estrutura argumentativa	-	3
reconstrução	-	2
inserção	-	3
eliminação	-	1
Total geral de ocorrências		
condensação	21	
reformulação	9	
estrutura argumentativa	3	
substituição	3	
inserção	3	
reconstrução	2	
eliminação	1	

4.3 Uma proposta de interface da Teoria da Estrutura Retórica com o processo de Retextualização

A Teoria da Estrutura Retórica, uma das teorias que fundamentaram esta tese, segundo Mann & Thompson (1988), tem o intuito de, com foco na coerência, possibilitar a análise da organização hierárquica do texto. Já a Retextualização, em outra perspectiva, e conforme defende Dell'Isola (2007, p.10) trata-se de uma "transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem".

Em consonância com os pressupostos inerentes às duas correntes teóricas selecionadas por nós, entendemos que há uma certa harmonia entre elas. Dessa forma, no que concerne à RST, verificamos que as unidades de informação identificadas, tanto nos gráficos quanto nas retextualizações, sinalizaram e nos conduziram à identificação da organização dos gêneros analisados, tendo como foco a intenção comunicativa do produtor do texto. Na mesma direção, a segmentação dos gráficos e das retextualizações, verificamos as operações textuais-discursivas utilizadas pelo produtor, também, com a finalidade de produzir um texto que, realmente, manifestasse seu propósito comunicativo.

Partindo do pressuposto de que a RST viabiliza a identificação da maneira como o produtor organizou seu texto e que as operações de retextualização revelam as estratégias textual-discursivas do falante/escritor na organização das ideias, entendemos que as duas teorias apresentam pontos convergentes.

Ao evidenciar a ocorrência das relações retóricas e das operações de retextualização, avaliamos que suas características justificam essa proximidade. Assim, demonstramos a seguir as características e as semelhanças entre algumas relações retóricas e operações de retextualização identificadas na análise. Decidimos apresentar as observações em um quadro que levasse a uma melhor compreensão por parte do leitor.

Quadro 8 – Relações retóricas e operações de retextualização: convergências

Relações retóricas e Operações de retextualização	**Convergências**
Relação retórica núcleo-satélite de *elaboração* e operação de *reformulação*	- A relação de elaboração e a operação de reformulação desempenham a função de acréscimo de informação: a relação de elaboração é definida como aquela em que o satélite exerce a função de registrar dados adicionais ao núcleo, aumentando a potencialidade do leitor para compreendê-lo. Na mesma direção, a operação de reformulação caracteriza-se pela introdução de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos; - As duas ocorrem entre porções textuais: a relação retórica de elaboração emerge entre porções definidas como unidades de informação, enquanto a operação de reformulação se materializa, também, entre porções, contudo, entre enunciados.
Relação retórica multinuclear de *lista* e operação de *estruturação argumentativa*	- A relação de *lista* é formada por itens denominados unidades de informação, ou seja, núcleos comparáveis, de forma que o leitor possa fazer essa comparação. Ao mesmo tempo, o leitor percebe uma enumeração de dados no texto; - A operação de *estruturação argumentativa* é uma estratégia em que o produtor apresenta, em seu texto, uma enumeração de porções textuais. Essas porções são constituídas de enunciados que noticiam dados acerca de alguém ou de um fato em discussão.
Relação multinuclear de *sequência* e operação de *inserção*	- A relação retórica multinuclear de *sequência* apresenta dois ou mais núcleos em que o leitor reconhece a relação de sucessão entre eles. - A operação de inserção visa à introdução da paragrafação, dentre outros, sem a modificação da ordem dos tópicos discursivos, o que, como a relação de sequência, pressupõe uma sucessão de fatos ou dados.
Relação retórica núcleo-satélite de *conclusão* e Operação de condensação	- A relação retórica núcleo-satélite de *conclusão* caracteriza-se como aquela em que o satélite apresenta uma declaração final que encerra a situação apresentada no núcleo. Para tanto, o produtor deve ter a habilidade de condensar as ideias desenvolvidas no texto e, ao mesmo tempo, se posicionar, concluindo o texto. - A operação de condensação é entendida como um agrupamento de argumentos condensando as ideias, justificando, pois, a proximidade entre a relação de conclusão e a relação de condensação.
Relação núcleo-satélite de fundo (*background*) e Operação de *reformulação* objetivando explicitude	- A relação de *fundo (background)* caracteriza-se como aquela em que o satélite aumenta a capacidade do leitor em compreender o conteúdo do núcleo. A relação de fundo indica o cenário ou contexto em que se passam as ações. - A operação de *reformulação* objetivando explicitude é definida como aquela que apresenta introdução de marcas linguísticas para a referenciação de ações e verbalização de contextos, o que permite a convergência com a relação de fundo.

Não estamos propondo que todas as relações retóricas apresentam convergência com a operações textual-discursivas; entretanto, a exemplificação que aqui expusemos é importante para a comprovação da existência de pontos comuns entre a Teoria da Estrutura Retórica, segundo Mann e Thompson (1988), e as operações de retextualização descritas por Marcuschi (2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos e as análises linguísticas dos mais variados gêneros textuais que circulam em nossa sociedade procuram descrever a estrutura, a sistematização da organização e funcionamento da linguagem, quer seja manifestada no discurso oral, verbal, não-verbal ou misto. A partir dessa perspectiva, podemos perceber que o estabelecimento da coerência de um determinado gênero tem apontado para a maneira como este foi organizado, construído e constituído. Assim, entender o processo de relação entre as suas diferentes porções, umas com as outras, e todas com o conteúdo, possibilita o leitor a apreender os diversos níveis de significados do texto, levando-o a ser capaz de reinventá-lo e reconstruí-lo.

Nessa perspectiva, esta Tese de Doutorado teve como foco identificar a organização do gênero textual "Gráfico", à luz da Teoria da Estrutura Retórica e do processo de Retextualização. Para tanto, foi considerada a hipótese de que esse gênero favorece a emergência de relações retóricas de *elaboração, lista* e *sequência.*

O Capítulo I expôs referencial teórico que orientou a pesquisa e apresentou a concepção de texto e de textualidade de acordo com Koch (2001, 2006), Marcuschi (1998). Já concepção de gênero foi centrada em Bakhtin (1997 [1979], ao tratar de gêneros discursivos, validada para gêneros textuais. Foram também considerados os dizeres de Bronckart (1994), de Bazerman (2005), dentre outros. A Retextualização foi conceituada a partir dos estudos de Marcuschi (1998), Dell´Isolla (2007) e Matencio (2003), e entendida como uma atividade facilitadora do processo de sistematização do gênero textual. Conceito e caracterização da Teoria da Estrutura Retórica, além do quadro das relações retóricas tiveram destaque no Capítulo I.

No Capítulo II foram traçadas considerações a respeito do objeto de estudo desta pesquisa – o gênero textual "Gráfico". Outro ponto relatado referiu-se a um panorama histórico de diferentes perspectivas de abordagem desse gênero, a origem etimológica da palavra "gráfico", pesquisas que abordam essa temática, bem como os diferentes tipos de gráficos. Por ter sido focado o processo de Retextualização, tomou-se o conceito do "gênero parágrafo descritivo" (GPD) e do "gênero texto de divulgação científica" (GTDC).

Cabe destacar que, embora o gênero gráfico possibilite ao leitor diferentes formas de leitura, a análise à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST) direciona o leitor para uma estratégia que considere a sequência das porções textuais para que sejam identificadas as relações retóricas que emergem entre elas. Avaliações sistemáticas e resultados de testes de proficiência atestam que muitos alunos demonstram dificuldade de identificar e organizar as

ideias contidas no gênero gráfico. Diante disso, acreditamos que o estudo das relações que emergem entre as partes do texto pode contribuir com a leitura e produção textual.

A multimodalidade foi evidenciada com foco na Gramática do Design Visual (GDV), proposta por Kress e van Leeuwen (1998), mais especificamente à metafunção ideacional que trata da relação entre leitor da imagem e a imagem em si. Contudo, vale ressaltar que, apesar de consideramos relevantes os aspectos multimodais, ressaltamos o aspecto do DADO/NOVO, uma vez que nosso intuito foi apresentar alguns recursos importantes para a interpretação de texto.

No Capítulo III, responsável pela Metodologia, informamos os procedimentos metodológicos que balizaram esta pesquisa, bem como o *corpus*, constituído de nove gráficos (texto-base), apresentando diferentes formas de representação, além de contemplar assuntos e temáticas diversificadas. Fizeram parte do corpus mais 23 retextualizações (texto-alvo).

Convém destacar que, embora nossa análise não tenha caráter quantitativo, efetuamos a contagem das emergências das relações retóricas e das ocorrências das operações de retextualizações para facilitar a identificação da prototicipadade do gênero "Gráfico".

As análises do *corpus* apresentaram dados que nos direcionaram para as considerações finais que aqui demonstramos. Nossa descrição é norteada pelos objetivos específicos e, depois, pelo objetivo geral.

Elencamos como primeiro objetivo específico **identificar a estrutura retórica do gênero gráfico e a das retextualizações dos alunos para fins de verificação das relações retóricas que nelas emergem**. Como sinalizado no decorrer deste trabalho, a análise priorizou a macroestrutura dos textos, assumindo como unidade de informação o conceito defendido por Chafe (1986, p. 106), que se trata de um jato de linguagem que contém toda a informação que pode ser manipulada pelo falante num único foco de "consciousness" (ou memória de curto termo) não havendo um limite quanto à quantidade de informação que a atenção do falante pode focalizar de uma única vez.

Os diagramas da estrutura retórica dos gráficos 2, 6, 7, 8, 9, dos GPD e dos GTDC, elaborados a partir da RST, à luz de Mann e Thompson (1988), apresentaram as seguintes características, destacadas em ordem decrescente: a relação retórica de *lista*, a mais recorrente, foi identificada 21 vezes nos gráficos; 10 ocorrências nos GPDs e 12 emergências nos GTDCs, totalizando 43 ocorrências. A relação retórica de *elaboração* com 22 ocorrências nos gráficos, 7 ocorrências nos GPDs e 13 nos GTDCs, perfazendo 42 ocorrências. A relação retórica de *preparação* foi marcada 8 vezes nos gráficos, 7 nos GPDs e 15 nos GTDCs, totalizando 30 emergências. A relação retórica de *sequência* foi identificada 5 vezes nos

gráficos e 1 vez no GPD e no GTDC, no total de 7 incidências. A relação de *capacitação* só foi verificada nos gráficos, com 5 ocorrências. A relação de *background* (*fundo*) com 4 emergências nos GTDCs. As relações de *avaliação* e de *justificativa* com 2 ocorrências cada uma nos GTDCs. A relação de *antítese*: uma emergência no GTDC. A relação de *atribuição* com 1 emergência nos gráficos. As relações de *comentário* e de *resultado* foram demarcadas 1 vez, nos GTDCs.

O segundo objetivo específico buscou **investigar os processos envolvidos na retextualização dos gráficos, como as operações de Marcuschi.** O resultado das análises dos processos de retextualização, com foco nas operações de retextualização propostas por Marcuschi (1998) e Dell´Isolla (2007), foram identificadas nos GPDs e nos GTDC: 21 ocorrências da operação de *condensação*; 9 incidências da *reformulação*; 3 vezes as operações de *estrutura argumentativa*, *substituição* e *inserção*; 2 ocorrências da *reconstrução* e 1 de *eliminação*.

O terceiro objetivo específico procurou **averiguar em que grau é mantido, a partir do texto-base, o conteúdo nos gêneros retextualizados**. Por meio da retextualização, observamos os gêneros, abordando aspectos específicos e gerais de produção de texto. A atividade de retextualização oferece ao produtor de texto possibilidades de apropriar-se dos aspectos do plano da expressão (como dizer), fazendo uso de mecanismos linguísticos. É importante salientar que o próprio gênero textual analisado possibilita mudanças na parte global e periférica do conteúdo, mas a informação básica mantém-se no texto-alvo da retextualização.

O quarto objetivo específico teve o foco de **identificar e analisar as diferentes marcas linguísticas usadas no estabelecimento da coerência pragmática, isto é, da coerência entre o texto-base e o gênero retextualizado.** Os dados obtidos nas análises revelaram que os alunos utilizaram marcas linguísticas que estabeleceram a coerência pragmáticas. Dentre eles, destacamos o uso de marcadores discursivos (“*Dessa forma”*), adjetivos (“*próspero”, “duradouro”*), expressão adverbial (“*De modo impressionante”*), escolha lexical (*“É recorrente...”, “Por isso, recomenda-se que...”*).

O quinto objetivo específico visou **verificar a compreensão dos gráficos por parte dos alunos, tomando como ponto de partida a retextualização dos mesmos.** A análise mostrou que foi possível observar que, ao retextualizar o gênero gráfico, o aluno foi capaz de fazer alterações, mudar estratégias linguísticas, direcionar o assunto abordado, realizando, assim, um grande esforço criativo para reconstruir as ideias apresentadas, materializá-las em um texto e não perder a coerência, desenvolvendo um verdadeiro percurso de autoria. As

práticas vivenciadas permitiram que a leitura e a produção de textos se estabelecessem com funções sociais definidas.

O último objetivo específico **teve o intuito de identificar, nos gráficos, alguns aspectos da multimodalidade que contribuem para a compreensão do gênero gráfico.** No tocante à multimodalidade, podemos dizer que o gênero gráfico se constitui na relação estabelecida entre a parte e o todo, no sentido instaurado no conteúdo e na forma, que se configura na interação com o texto/produtor/leitor e apresenta múltiplas funções e moldes. Nessa perspectiva, o consideramos não somente como um gênero multimodal, mas como um gênero **multifuncional-modal.**

Diante das considerações aqui descritas, verificamos que a prototipicidade do gênero "Gráfico" caminhou para a predominância das relações retóricas de *lista*, *elaboração*, *sequência* e *preparação*. Outro aspecto verificado refere-se à preponderância das operações de retextualização de *reformulação*, *estrutura argumentativa* e *substituição*, processo que corroborou, sobremaneira, a identificação da organização retórica do gênero "Gráfico."

Outro dado que nos encaminhou para a identificação da organização textual do "Gráfico" refere-se ao Quadro 8: **Convergências relacionadas às relações retóricas e operações de retextualização**. Nele, verificamos convergências entre a teoria funcionalista, especificamente a Teoria da Estrutura Retórica (RST), e a Linguística Textual, no que essa teoria se refere ao processo de Retextualização, duas bases teóricas que sustentaram este estudo. Explicando melhor o quadro, verificamos que há conformidade entre as relações retóricas e as operações de retextualização aqui discutidas. Exemplo disso é o paralelo que pode ser estabelecido entre a relação retórica núcleo-satélite de *elaboração* e a operação de *reformulação,* porque ambas se encarregam de agregar informações; a primeira acrescenta dados a uma porção textual, enquanto a segunda ocorre entre enunciados. Já a relação retórica multinuclear de *lista* e a operação de *estruturação argumentativa* se aproximam devido ao fato de as duas apresentarem uma enumeração de dados.

Entendemos que a relação multinuclear de *sequência* e a operação de *inserção* também se aproximam; nossa justificativa é pautada no fato de a relação de *sequência* apresentar núcleos em uma ordem sequencial e a operação de *inserção* se caracterizar pela introdução da paragrafação, na ordem dos tópicos discursivos, pressupondo uma sucessão de fatos ou dados. Há convergência entre a operação de *condensação* e a relação retórica núcleo-satélite de *conclusão* porque esta exige do produtor a habilidade de condensar as ideias apresentadas e, ao mesmo tempo, se posicionar, concluindo o texto. A operação de *condensação*, na mesma direção, possibilita um agrupamento de argumentos, condensando as ideias. Por último,

verificamos a proximidade entre a relação núcleo-satélite de *background* (*fundo*) e a operação de *reformulação* objetivando explicitude, pois a primeira situa o cenário ou contexto em que se passam as ações, e a segunda introduz marcas linguísticas para a referenciação de ações e verbalização de contextos.

Um dado, a nosso ver relevante, foi identificado na análise dos gráficos e das retextualizações no que concerne à identificação da relação retórica que emerge entre o título e o texto. Tanto nos gráficos quanto nas retextualizações foi plausível a relação retórica núcleo satélite de *preparação*, justificada pela razão de o título convidar ou preparar o leitor para se inteirar do conteúdo do texto. Dessa forma, a informação mais central se localiza no conteúdo do gráfico ou das retextualizações, que assume a função de núcleo, enquanto o título se encarrega de subsidiar a informação veiculada. Entretanto, ressaltamos que, ao analisar R7F2 – GPD, p. 144, foi mais plausível indicar a emergência da relação retórica de *elaboração* entre o título e o texto, pois a opção do produtor para organizar a retextualização do Gráfico 6 em GPD nos orientou a entender que o título assumiu a função de núcleo e o conteúdo, formado por duas unidades de informação, a função de satélite. Observamos que o texto se inicia com o verbo "Mostra", levando-nos a entender que o título "Gráfico 6" se configurou como uma informação central, mais nuclear do texto.

Embora os gráficos apresentem linguagem verbal, não verbal e linguagem mista, um dos fatores que nos levou a caracterizá-lo como *texto multifuncional-modal*, entendemos ser uma caracterização que diz respeito aos gêneros pesquisados - gráfico, GPD e GTDC - os quais levam o produtor a assumir uma forma bem definida de organizar suas ideias para atingir seu fim comunicativo.

Nos estudos linguísticos recentes, verifica-se que a interface Linguística Textual e a Teoria da Estrutura Retórica (RST) contribuiu sobremaneira não só com reflexões sobre o que é, como e por que se fazem textos, mas também com as aplicações dessas reflexões. O trabalho com o gênero gráfico proporcionou-nos observar a predominância das relações de *elaboração*, *lista* e *sequência* corroborando uma possível identificação de uma prototipicidade do gênero. Embora claramente distintas, as teorias abordadas mantêm "relações estreitas", uma vez que apresentam possibilidades de pensar o texto, de investigá-lo na situação comunicativa em que se manifesta e concebê-lo como um produto sócio-cultural.

Concluímos, a princípio, que tanto o gênero gráfico quanto a retextualização apresentaram ocorrência maior da relação de *elaboração* e de *lista*. Essa ocorrência se justifica pelo fato de a *elaboração* possibilitar o acréscimo de dados/detalhes à exposição

textual, de forma que essa relação se materializa pela adição de fatos mediante a relação de *lista*.

No que se refere à retextualização, ressaltamos, nas palavras de Grijó (2011, p. 113), que ela

> É uma atividade que envolve reproduções, paráfrases, resumos, mas não permite que o aluno fique liberado da tarefa de pensar sobre o que escrever. A atividade oferece ao produtor de texto possibilidades de apropriar-se dos aspectos do plano da expressão (como dizer) fazendo uso de mecanismos linguísticos. É importante salientar que o próprio gênero textual analisado possibilita mudanças na parte periférica do conteúdo, mas o conteúdo básico permanece nos mecanismos das operações de acréscimo.

Reiteramos que, neste trabalho, a atividade de retextualização funcionou como um instrumento eficaz para a compreensão e domínio dos gêneros abordados em situações reais, onde eles se fazem necessários para a realização dos objetivos dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

No âmbito escolar e até mesmo fora dele, a finalidade e como se produz um gênero deve se dar por meio de uma prática constante de análise e produção de textos de diferentes gêneros; mas que essas práticas sejam efetivadas em condições de produção significativas, que possam formar um aluno leitor e produtor competente capaz de identificar diferentes gêneros que circulam na sociedade. Dessa forma, o produtor do texto poderá fazer escolhas apropriadas ao propósito comunicativo e aos seus objetivos.

A prática da leitura e produção de gráficos ainda não adquiriu valor representativo como o atribuído ao texto verbal. De acordo com a Gramática do Design Visual, os elementos visuais ou signos são organizados pelo autor, da mesma forma que se organizam as frases e os parágrafos no modo verbal. Dessa maneira, um fato nos leva a questionar a orientação da BNCC (2011, p. 149-150), nas Práticas de linguagem, quanto à leitura, à "relação do verbal com outras semioses" e quanto à escrita, às "estratégias de escrita", direcionadas à multimodalidade, uma vez que sinaliza ser um recurso importante para a interpretação e até mesmo produção de textos. Todavia, ao observar as avaliações e concursos realizados como, por exemplo, o ENEM, identificamos a ocorrência de gráficos sem os devidos recursos semióticos, como as cores tão necessárias para estabelecer sentido às informações.

Constatamos, ainda, que a multimodalidade é um recurso eficiente para facilitar o entendimento das relações de sentido apresentadas no gênero gráfico e que a noção de DADO/NOVO constitui um excelente recurso para ajudar nas práticas de produção e leitura

de textos. Essas constatações não foram feitas baseadas apenas em informações; elas foram delineadas por reflexões que se fundamentam teoricamente.

Ainda no que concerne à Multimodalidade, verificamos, ao concluir as análises, que as cores assumem um papel importante para a compreensão do conteúdo do gráfico e que elas poderiam ser consideradas como unidades de informação. Entretanto, esse não era nosso objetivo de análise. Dessa forma, sinalizamos a possibilidade e, sobretudo, a relevância de ser investigada a emergência de relações retóricas entre porções textuais materializadas pelas cores e outras constituídas de textos ou de números.

Como apresentado na Introdução e reiterado no desenvolvimento desta tese, foi priorizada a macroestrutura do texto, analisada sob a égide do conceito de unidade de informação proposta por Chafe (1988), o que nos possibilitou, à luz da Teoria da Estrutura Retórica, nos postulados de Mann e Thompson (1988), principalmente, a identificar a emergência das relações retóricas entre as porções textuais, além das operações de retextualização propostas por Marcuschi (1988), bem como a relevância da Multimodalidade quanto ao aspecto da DADO/NOVO, nos gráficos e nas retextualizações. Salientamos que foi um grande desafio, sobretudo por ser uma inovação o estudo do gênero "Gráfico" à luz da RST.

Contudo, o resultado foi positivo uma vez que constatamos ter alcançado nosso objetivo geral, ao **anunciar e divulgar a organização textual do gênero gráfico, à luz da Teoria da Estrutura Retórica e do processo de Retextualização, com foco na macroestrutura**.

Almejamos que esta tese possa contribuir com o trabalho de professores em sala de aula, na compreensão de diferentes gráficos pelos alunos e na possibilidade de retextualizá-los em linguagem verbal. Embora não seja o foco trabalhar a interpretação do gráfico, as análises realizadas e a emergência das relações retóricas entre as porções textuais funcionaram como um importante recurso que propicia uma melhor interpretação de gráficos.

Consideramos que uma das contribuições do presente trabalho pode ser a ampliação do processo de retextualização inicialmente sugerido por Marcuschi (1997) a fim de incluir o estudo da imagem. E também, ampliar o conceito de gráfico como gênero multifuncional-modal.

Entendendo que a investigação não se encerra em uma tese, esperamos que outras pesquisas sobre a temática aqui priorizada sejam abordadas, como:

- A imagem como uma nova possibilidade de retextualização, tanto da imagem para a escrita quanto da escrita para a imagem;

- A relevância da multimodalidade na leitura, interpretação e na produção do gênero “Gráfico”;
- As cores como unidades de informação e a sua importância para a compreensão de um “Gráfico”;
- A abordagem do gráfico como gênero multifuncional-modal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, Juliano Desiderato. **Estrutura retórica, articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do Português.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. UNESP, Araraquara, Tese de Doutorado, 2004.

ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e prática.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ARAÚJO, C.H.; LUZIO, N.(2005). O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica do Brasil. In: ARAÚJO, C.H.; LUZIO, N; **Avaliação da Educação básica: em busca da qualidade e equidade no Brasil**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

ARAÚJO, I e VEIT, E. (2005). **Physics students' performance using computational modelling activities to improve kinematics graphs interpretation.** Computers & Education, 50 (4), 1128-1140.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Original de 1979)

BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, tipificação e interação.** São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA, L.; GUIMARÃES, G. **Compreensão de escalas representadas em gráficos por alunos adultos pouco escolarizados.** En J. M. Contreras, G. R. Cañadas, M. M. Gea y P. Arteaga (Eds.), Actas de las Jornadas Virtuales en Didáctica de la Estadística, Probabilidad y Combinatoria (p 143-148). Granada, Departamento de Didáctica de la Matemática de la Universidad de Granada, 2013.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Fundamental. Brasília: ME/SEB, 2011.

BRONCKART. **Atividade de linguagem, textos e discursos:** por um Interacionismo Sócio-Discursivo. São Paulo: EDUC, 1994.

CAIXETA, Geovane Fernandes. **"Que bom, que bom, ai, que bom!"** Da existência da relação retórica de interjeição. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

CAMPOS, T., CARVALHO, L. e MONTEIRO, C. (2010). Aspectos visuais e conceituais envolvidos na interpretação de gráficos. **Revista Iberoamericana de Educación Matemática,** 24, 135-144. Acedido em 18/1/2011

CAMPUS, Rosane Campos Santos. **Anunciou: vendeu????** O anúncio publicitário na mídia impressa e os mecanismos de sua construção como gênero: uma análise funcional-discursiva.

Tese (Doutorado). Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

CARLSON, Lynn.; MARCU, Daniel. **Discourse tagging reference manual**, 2001. Disponível em: <http://www.isi.edu/~marcu/discourse>. Acesso em 10 jun., 2016.

CARVALHAIS, Jairo. **A perspectiva textual-discursiva da linguagem no estudo de artigos jornalísticos de opinião:** abordagens na mídia e no ensino. 2017. 400 p. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CAVALCANTI. **E. Para variar:** Compreensões de estudantes dos anos iniciais diante de aspectos da variabilidade. 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica, UFPE, Recife, 2011.

CHAFE, Wallace. Linguistics diferences produced by diferences between speaking and wrinting. IN: OLSON, D.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (Ed.). **Literacy, language and learning:** the nature and consequences of Reading and writing. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 105-123.

_____. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In:(ed). **The pear stories:** cognitive, cultural, and linguistics aspects of narrative production Norwood:Ablex,1980.

_____. Some things narratives tell us about the mind. In.: B, K. BRINTON and A. D. PELLEGRINI (Eds). **Narrative Though an Narrative Language.** Hillsdale Lawrence Eerbaum Associates, Publishers, 1992.

CORREIA, Maria Risolina de Fátima Ribeiro; JAMAL, Angela Maria Alves Lemos. O critério da plausibilidade na identificação de relações retóricas na macroestrutura textual, a partir da RST: diferentes possibilidades de análise. In: **Anais Eletrônicos do III CIELLI** – Universidade Federal de Maringá (2014), ISSN 21776350.

COSTA VAL, M da G. Repensando a textualidade. In: AZEREDO, J. C (org.) **Língua portuguesa em Debate:** conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em 14 de dezembro 2017

COSTA VAL, Maria da Graça. Atividade de produção de textos escritos em livros didáticos de 5 a 8ª série do ensino fundamental. In: ROJO, Roxane e BATISTA, Antônio Augusto (Orgs.). **Livro didático de Língua Portuguesa, Letramento e Cultura Escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **Leite com manga morre –** da hipotaxe adverbial no português em uso, Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1993.

_____. Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In: MARINHO, J.H.C; SARAIVA, M.E.F. (Org.) **Estudos da Língua em uso: da gramática ao texto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. Uma abordagem funcionalista para o estudo de processos linguísticos em gêneros textuais do português em uso. **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFRJ. Vol. 8, nº 1, junho, 2012.

_____. **A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação.** Veredas on-line - Atemática, 2014/2, p. 123-135.

_____. **A plausibilidade interpretativa de relações retóricas sobrepostas na articulação de orações no português brasileiro.** Disponível em: <http//siba-esse.unisalento.it>, 2017 Universitá del Salento. Acesso em 10 nov., 2017.

DECAT, M. B. N. **Por uma abordagem de (in)dependência de cláusulas à luz da noção de "unidade informacional"**. Scripta: Lingüística e Filosofia, v. 2, n. 4, p. 2328, 1999.

_____. Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In: SARAIVA, M. E. F. & MARINHO, J. H. C. **Estudos da língua em uso**: da gramática ao texto. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1999, p.231-262.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos.** Rio de Janeiro: Lucerna. 2007.

_____. **Intergenericidade e Agência:** Quando um gênero é mais do que um gênero. Disponível em: <www.3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/112.pdf>. Acesso em set., 2009.

_____. **Gêneros textuais [recurso eletrônico]:** o que há por trás do espelho? / organizadora: Regina Lúcia Péret Dell'isola. – Belo Horizonte FALE/UFMG, 2012. 164 p.
DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. Um livro para chamar de seu. IN: Dell'Isola, Regina L.P. (Org). **Práticas de Linguagem no Ensino Fundamental.** Brasil/Argentina: Illuminare (Congreso Cognoscere). 2018.

_____. **Leitura:** inferências e contexto sócio-cultural. Belo Horizonte: FALE, UFMG, 1988.

_____. **O sentido das palavras na interação leitor/texto**. Belo Horizonte: FALE, UFMG, 2005.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret; MENDES, Eliana Amarante de Mendonça (orgs). **Reflexões sobre a língua portuguesa:** ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 1997.

DUARTE, Viviane Martins. **Textos multimodais e letramento** – habilidades na leitura de gráficos da Folha de São Paulo em um grupo de alunos do ensino médio. UFMG. 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br>. Acesso em: 02 de jul., 2013.

FUCHS, Juliana Thiesen; Giering, Maria Eduarda. **Reflexões para análise RST de textos.** Disponível em: <http://www.nilc.icmc.usp.br/til/stil2009>. Acesso em 10 mar., 2016.

GARCIA, O. M. Argumentação. In: GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna.** 18. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GARFIELD, J.; GAL, I. Teaching and Assessing Statistical Reasoning. In L. Stiff (ed.) **Developing Mathematical Reasoning in Grades K-12:** National Council Teachers of Mathematics, 1999. Yearbook, 207-219. Disponível em: <https://apps3.cehd.umn.edu/artist/ articles/ Garfield01.pdf>. Acesso em: 14 out. 2014.

GERALDI, João W. **Linguagem e ensino.** Campinas: ALB/Mercado de letras, 1996.

GIERING, Maria Eduarda. Organização Retórica do artigo de opinião autoral: configuração prototípica. In: **Círculo de Linguística Aplicada a la comunicación** (Clac). 29, 3-21. Universidade Complutense de Madrid. ISSN 1576 – 4737. 2007. Disponível em: <http//.ucm.es/info/circulo>

_____. **A organização retórica de artigos de divulgação científica:** influências externas sobre escolhas do produtor. Anais V SIGET. ISSN 1808-7655, 2009.

_____. A organização retórica de artigos de divulgação científica: influências externas sobre as escolhas do produtor. In: AZEVEDO, Tânia Maris de; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. (Org.). **Universo acadêmico em gêneros discursivos**. Caxias do Sul: Educs, 2010, v. 1, p. 59-83.

GITIRANA, J. M. de A. C.; GUERRA, S. E. M. S. e SELVA, A. C. V. **Professores construindo e interpretando gráficos de barras:** um estudo exploratório. TCC. UFPE, 2005. Disponível em: <http://www.cimm.ucr.ac.cr/ocs/index.php/xiii//341>. Acesso em: 02 abr., 2012.

GRICE, K.P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J.L. (Orgs.).**Syntax and Semantics 3**: Speech Acts. New York: Academic Press, 1975.

GRIJÓ, C. S. B. O domínio dos gêneros textuais através do processo de retextualização. 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos- POSLIN, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Divulgação científica na esfera midiática. **Revista Intercâmbio.** São Paulo: LAEL/PUC-SP. v. XV, 2006, p. 01-10.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold Publishers Ltda., 1985.

_____. **An introduction to Functional Grammar**. 2.ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M.I.M. **An introduction to Functional Grammar.** 3. ed. London: Hodder Education, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English.** New York: Longman, 1976.

_____. **Cohesion in Spoken and Written English.** London: Logmam, 1985.

_____. **Language, context, and text:** aspects of language in a Social-Semiotic perspective. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.** Indicadores de 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013/>. Acesso em: 10/07/2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Pesquisa Hábito de Leitura 2008**. 2 ed. São Paulo: IPL, 2008. Disponível em: <http://www.academia.edu/8030941/Pesquisa_Hábito_de_Leitura_2008_-_Instituto_Pró-Livro>. Acesso em 22 mar., 2017.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez,1993.

_____. **Argumentação e Linguagem.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Léxico e progressão referencial. In: **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela,** vol. 1, 2005, pag. 263-275. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4564.pdf> Acesso em: 20 out. 2011.

_____. **Os gêneros do discurso e a produção textual na escola.** Campinas, SP: UNICAMP, 2001.

_____. **A interação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2005.

KOZULIN, A. Vygotsky in context. In: VYGOTSKY, L. **Thought and language.** Transl. A. Kozulin. Massachusetts: The MIT Press, 1986.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images:** The grammar of visual design. London: Routledge, 2001.

_____. **Reading images:** The grammar of visual design. 2.ed. London: Routledge, 2002.

_____. **Reading images:** the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.

_____. **Multimodal Discourse:** The modes and media of contemporary communication. London; Arnold; New York: Oxford University Press, 2001.

KRESS, G.; LEITE-GARCIA, R.; VAN LEEUWEN, T. Semiótica Discursiva. In: van DIJK, T. A. **El discurso como estructura y processo.** Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.

LONGACRE, Robert E. *The paragraph as a Gramatical Unit*. in Givón, T. (Org.) *Syntax and Semantics*, vol. 12. Discourse and Sintax, New York. Academic Press. 1979.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Trad. Freda Indursky. 3 ed. Campinas/SP: Pontes, 1997.

MANN, Willian. **Discourse Structures for Text Generation**. California: University of Southen California, 1984.

_____. **Assertions from Discourse Structure.** ISI/RS-85-155, 1985.

MANN, Willian; MATTHIESSEN, Christian M.I.M.; THOMPSON, Sandra. **Rethoric Structure Theory and text analysis.** California: University of Southen California: ISI-89-242, 1989.

_____. A. **Relational propositions in discurse.** California: University of Southen California: 1983, p.3-9.

_____. **Rhetorical Structure Theory:** a framework for the analysis of texts. ISI/RS-87-185, 1987.

_____. **Rhetorical structure theory:** toward a functional theory of text organization. Text, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Processos de referenciação na produção discursiva.** Delta, v. 14, n. esp., p. 169-190, 1998.

_____. **Exercício de compreensão ou copiação nos manuais de Ensino de Língua?** Em aberto. Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar.,2007.

_____. **O tratamento da oralidade no ensino da língua.** Recife:
Universidade Federal de Pernambuco: 1998. (Versão preliminar, inédita).

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalismo. In: DIONÍSIO, A.P. MACHADO.A.R; BEZERRA,M.A.(org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.19-36.

_____. **Da fala para a escrita:** atividade de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____.. **O papel da linguistica no ensino da língua.** UFPE: 2002. Disponível em <http:/www.marcosbagno.com.br/conteudo/forum.htm> Acesso em: 22 de maio de 2010.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: Karwoski, Acir et al. (Orgs.). **Gêneros textuais:** reflexes e ensino. União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005, p. 17-34.

MARTIN, J.R. Process and text: two aspects of human semiosis. In: BENSON, J.D.GREAVE W.S., eds **Systemic perspective on discourse.** Norwood. Not: Blex,1985, p.250.
MARTINS, M. E. G.; PONTE, J. P. **Organização e tratamento de dados.** Ministério da Educação, Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Portugal, PT, 2010. 336p.

MATÊNCIO, M. L. M. **Atividades de retextualização em práticas acadêmicas:** um estudo do gênero resumo. Scripta (PUC Minas), Belo Horizonte, v.6, n.11, p. 25-32, 2003.

MATTHIESSEN, C. THOMPSON, S. A. **Clause combing in grammar and discourse.** Amsterdan: John Benjamins, 1988, p. 275-329.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; FREIRE, Alice Maria da Fonseca. **Locking back into an action-research project:** teaching/learning to reflect on the language. The Specialist, v.19, n.2, p.145-167, 1998.

MONTEIRO, C. E. F.; AINLEY, J. Exploring the complexity of the interpretation of media graphs. **Journal for Research in Mathematics Education,** London, v. 6, p. 115- 28, 2004.

MONTEIRO, C. E. F.; SELVA, A. C. V. **Investigando a atividade de interpretação de gráficos entre professores do ensino fundamental.** 24ª ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), 2001.

O'DONNEL, Mick. J. RSTTool 2.4: **A markup tool for Rhetorical Structure Theory.** (2000). Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/234777252>. Acesso em 20 de nov. de 2017.

OECD. **Programe for International Student Assessment (PISA).** Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264190511>. Acesso em 20/11/2014.

OLIVEIRA, J.V.C. ; GRIJÓ, C. S. B. . A atividade de retextualização na mídia impressa: uma análise sob a perspectiva da estrutura retórica. In: **3º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários**, 2014, Maringá/PR. Anais eletrônicos do 3º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá/PR: Editora da UEM, 2014. v. 01. p. 01-12.

PATROCÍNIO, A.; SILVA, D. C. J. da; GUIMARÃES, G. L. **Relação entre representações gráficas e escolarização** – IX ENEM – Encontro Nacional de Educação Matemática. Belo Horizonte – MG, 2007.

PIMENTA, S. M. O. A Semiótica Social e a Semiótica do Discurso de Kress. In: MAGALHÃES, Célia M. (Org.) **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso.** Série Estudos Linguísticos, v.2, Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p. 185-206.
REZENDE, Y. Informação para negócios, os novos agentes do conhecimento e a gestão do capital intelectual. **Ciência da Informação Online**, Brasília, v. 31, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.ibict.br/cionline>. Acesso em: 30 jun. 2014.

RUMSEY, D. Statistical literacy as goal for introductory statistics courses. **Journal of Statistics Education**, Texas, v.10, n.3, p. 1-25, 2002. Disponível em: <https://ww2.amstat.org/publications/jse/v10n3/rumsey2.html>. Acesso em: 05. Out 2016.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

_____. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, nº 11, mai/jun/jul/ago. 1999, p.5-17.

SILVA, L.C.M da.; VICTER, E, das F.; NOVIKOFF, C.(2011). Análise do rendimento escolar de turmas do 9º ano no simulado de Matemática da Prova Brasil. **Revista Práxis.** Ano 3, n.6.P.19-28.

SILVA, Marcos Noé Pedro da. **Gráficos, Brasil Escola.** Disponível: <https://brasilescola.uol.com.br/matematica/graficos.htm>. Acesso em: 26 nov. 2017.

TABOADA, Maite. *Discourse as Signal (or not) of Rhetorical Relations*. In.: **Journal of Pragmatics:** Canada, 2006.

_____. Implicit and explicit coherence relations. In: RENKEMA, J.(Ed.) **Discourse of course.** Amsterdam, John Benjamins, p. 127-140. 2009.

TABOADA, M.; MANN, W. C. **Rhetorical Structure Theory:** look bach and moving ahead. Discourse Studies. v. 8, n. 3, p. 423-459, jun. 2006. Disponível em: <http:www.dis.sage.pub.com/cgi/content/short/8/3/423.> Acesso em: 25 ago., 2009.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.

VILELA, Mário e KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Editora Almedina, 2001.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica:** subjetividade e heterogeneidade no discurso de divulgação científica. Campinas: Autores Associados, 2001.

ZANINI, Bianca Taís.; NILSSON. Bibiana.; GIERING. Maria Eduarda. **As vias de continuidade em artigos de opinião autorais** (2004). Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/>. Acesso em 10 jun. 2015.

ANEXOS (CD)